



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

ISABELLA BACHA FERREIRA

**PRÁTICA DOCENTE, ENSINO DE LITERATURA E
HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
CAMINHO PARA O LITERÁRIO**

SÃO PAULO

2023

ISABELLA BACHA FERREIRA

**PRÁTICA DOCENTE, ENSINO DE LITERATURA E HISTÓRIA EM
QUADRINHOS:**

CAMINHO PARA O LITERÁRIO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito para obtenção do título de doutor em Educação. Linha de Pesquisa e de Intervenção Educação Popular e Culturas (LIPEPCULT). Orientador: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – UNINOVE

São Paulo

2023

Ferreira, Isabella Bacha.

Prática docente, ensino de literatura e história em quadrinhos: caminho para o literário. / Isabella Bacha Ferreira. 2023.

242 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2022.

Orientador (a): Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.

1. Educação. 2. Multissemiose. 3. Quadrinhos. 4. Prática pedagógica. 5. Ensino de literatura.

I. Silva, Maurício Pedro da.

II. Título.

CDU 37

ISABELLA BACHA FERREIRA

**PRÁTICA DOCENTE, ENSINO DE LITERATURA E HISTÓRIA EM
QUADRINHOS:**

CAMINHO PARA O LITERÁRIO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito para obtenção do título de doutor em Educação. Linha de Pesquisa e de Intervenção Educação Popular e Culturas (LIPEPCULT).

Orientador: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – UNINOVE

São Paulo, 22 de março de 2023.

Presidente: Prof. Maurício Pedro da Silva, Dr. – Orientador (UNINOVE)

Membro interno: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE)

Membro externo: Profa. Dra. Dalva de Souza Lobo (UFLA)

Membro interno: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira (UNINOVE)

Membro externo: Profa. Dra. Raquel Rosan Christino Baptista (UNOESTE)

Suplente interno: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE)

Suplente externo: Diana Navas (PUCSP)

**São Paulo
2023**

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Ser aprovada em um processo seletivo para doutorado, já é motivo para celebrar e agradecer. Concluir essa etapa me causa sentimentos que são quase impossíveis descrever, mas o maior deles é a gratidão. É também a sensação de dever cumprido. Sou grata por todos os momentos que vivi durante o curso, pelos bons e descontraídos, e pelos que, em um primeiro momento, me causaram insegurança e incertezas, mas que apesar disso, me fizeram mais forte e contribuíram para minha formação pessoal, acadêmica e profissional.

Sou grata, primeiramente, a Deus, por ter me ajudado a realizar mais um sonho e por não soltar minha mão quando questioneei meus merecimentos e minhas capacidades. Sou grata também a mim, por, em meio às minhas tantas batalhas internas, que, muitas vezes, não consegui externar, não ter desistido de um sonho pelo qual tanto lutei. Agradeço-me por ter investido na minha carreira e por sonhar com uma educação que seja emancipadora para os que cruzarem minha jornada.

Agradeço de todo meu coração, ao meu orientador, professor Maurício Pedro da Silva, por acreditar em mim e por me incentivar até aqui, por abraçar a minha pesquisa e contribuir para que meus conhecimentos fossem ampliados.

Agradeço, de maneira geral, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), por me proporcionarem momentos de aprendizado e de troca. Consequentemente, agradeço à CAPES-PROSUP (Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares), pelo incentivo à minha formação. Sou grata, também, aos membros da banca, que contribuíram para o aperfeiçoamento da pesquisa.

Embora eu reconheça os meus tantos esforços, a colaboração dos meus professores, e, sobretudo, do meu orientador, grande parte dessa conquista se deve àqueles que, externos à academia, me proporcionaram força e acolhimento.

Aos meus pais, Mirna e Laércio, agradeço por sonharem comigo e por seguirem sendo minha maior fonte de motivação, meu refúgio nos momentos de desespero e minha maior plateia para celebrar as vitórias. À minha mãe, porque representa para mim uma força imensa e porque sua firmeza me sustenta quando tudo parece desmoronar. Ao meu pai, contrariando os padrões sociais, porque sua doçura e sua alegria me contagiam, tornando meus dias mais leves e bonitos.

Aos meus irmãos, Octávio, Giovani e Davi, agradeço por serem os melhores parceiros que poderia ter nesta jornada chamada vida. Junto a eles, agradeço a minha prima e irmã, Paula, por compartilhar comigo não apenas um lar, mas tantas histórias.

À minha tia Fanne, agradeço por todas as orações, por ter me ligado inúmeras vezes para afirmar e reafirmar que “vai dar tudo certo”. Obrigada por acreditar em mim, quando, muitas vezes, eu mesma não acreditei.

Agradeço à minha família, em geral, pela cumplicidade e pelo amor dispensados a mim e a todos a que ela pertence.

Li, um dia desses, em um dos tantos mergulhos nos escritos de Paulo Freire, que “amar é um ato de coragem”. Por isso, agradeço ao meu amor, Gustavo, por ter me proporcionado essa coragem e por abraçar meus sonhos, por me motivar a ser melhor para mim e para os outros, e por vibrar comigo pelas conquistas até aqui alcançadas.

Existe um ditado popular, que é de conhecimento geral, que diz que “quem tem amigo, tem tudo”. Por isso agradeço aos meus amigos e amigas, que tornaram o caminho até aqui mais leve. Amigos e amigas que carrego comigo desde criança, outros e outras que conheci ao longo da vida e também na academia. Em especial, agradeço à Mariana, à Natália, por terem sido meu apoio durante esses três anos. À Nayane, amiga que conheci na academia, porque me acolheu desde o primeiro encontro em São Paulo e, em meio à pandemia de COVID -19, continuou me auxiliando nas atribuições do dia a dia de uma vida acadêmica. Eu costumo dizer que os alunos e alunas do PPGE tem um anjo dentro da Uninove, a Magali. À ela, agradeço porque se deslocava de seu ambiente de trabalho para nos ajudar com questões que a distância muitas vezes dificultava. E por me oferecer um lar, caso eu precisasse ir a São Paulo. É por causa de amigos e amigas como ela, que existe um outro ditado que diz: “nunca abra mão dos poucos e bons”.

Com proporcional gratidão que dedico aos mencionados acima, agradeço à Helena, que foi minha professora orientadora no mestrado, por me orientar a seguir a carreira acadêmica e porque me incentivou a prestar o processo seletivo de doutorado na Uninove. Para além das paredes da academia, me mostrou as inúmeras possibilidades e bonitezas que a vida tem a oferecer.

Agradeço, por fim, a todos os colegas de profissão que colaboraram para a realização desta pesquisa.

RESUMO: Considerando as constantes mudanças da sociedade, seja em questões tecnológicas, seja nos modos de interação, no modo de pensar e de agir e, conseqüentemente, no modo de consumir e de compreender a literatura, novos gêneros textuais têm circulado cada vez mais na sociedade, uma vez que os ambientes digitais permitem a circulação de textos que são compostos de imagens, sejam elas estáticas ou em movimento, recursos sonoros, etc. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a prática docente de professores e professoras do Ensino Médio, sujeitos desta pesquisa, que utilizam as Histórias em Quadrinhos como estratégia para o ensino de literatura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin, uma vez que foram realizadas entrevistas semiestruturadas (*online*) com cinco professores e professoras que utilizam os quadrinhos em suas práticas para o ensino de literatura. Como referencial teórico, foram utilizadas as obras de autores que pesquisam a prática docente, como Paulo Freire (2011) e Maurice Tardif (2014). No que diz respeito ao letramento e ao letramento literário, os conceitos foram pautados em Magda Soares (2009) e Rildo Cosson (2006). A teoria da multissemiose/multimodalidade foi fundamentada à luz de Kress, respaldada pela Semiótica Social proposta por Hodge e Kress (1988). Por fim, as Histórias em Quadrinhos e, posteriormente os quadrinhos na educação foram à luz de Waldomiro Vergueiro (2017) e Paulo Ramos (2019) e em obras que discutem sobre o tema. Foi possível confirmar a hipótese deste trabalho de que a utilização dos quadrinhos em sala de aula facilita a inserção do aluno no universo formal da literatura, na direção de fomentar a formação de leitores e leitoras para as obras clássicas que são propostas na disciplina.

Palavras-chave: Educação; Multissemiose; Quadrinhos; Prática pedagógica; Ensino de literatura.

ABSTRACT: Considering the constant changes in society, whether in technological matters, or in modes of interaction, in the way of thinking and acting and, consequently, in the way of consuming and understanding literature, new textual genres have been circulating more and more in the society, since digital environments allow the circulation of texts that are composed of images, whether static or moving, sound resources. The research aimed to investigate the teaching practice of high school teachers, subjects of this research, who use Comics as a strategy for teaching literature. This is a qualitative research, with the technique of content analysis by Laurence Bardin, since semi-structured interviews (online) were carried out. As a theoretical framework, the works of authors who research teaching practice, such as Paulo Freire (2011) and Maurice Tardif (2014), were used. With regard to literacy and literary literacy, the concepts were based on Magda Soares (2009), and Rildo Cosson (2006). The theory of multisemiosis/multimodality was founded in the light of Kress, supported by the Social Semiotics proposed by Hodge and Kress (1988). Finally, comics and, later, comics in education were discussed in the light of Waldomiro Vergueiro (2017) and Paulo Ramos (2019), in the works that discuss the themes. The hypothesis of this work is that the use of comics in the classroom facilitates the insertion of the student in the formal universe of literature, in the direction of promoting the formation of readers for the classic works that are proposed in the discipline.

Keywords: Education; Multisemiosis; Comics; Pedagogical practice; Literature teaching.

RESUMEN: Ante los constantes cambios en la sociedad, ya sea en materia tecnológica, como en los modos de interacción, en la forma de pensar y actuar y, en consecuencia, en la forma de consumir y entender la literatura, nuevos géneros textuales han ido circulando cada vez más en la sociedad, ya que los entornos digitales permiten la circulación de textos que están compuestos por imágenes, ya sean estáticas o en movimiento, recursos sonoros, etc. La investigación tuvo como objetivo investigar la práctica docente de profesores de enseñanza media, sujetos de esta investigación, que utilizan la Historieta como estrategia para la enseñanza de la literatura. Se trata de una investigación cualitativa, con la técnica de análisis de contenido de Laurence Bardin, ya que se realizaron entrevistas semiestructuradas (online). Se utilizaron como marco teórico los trabajos de autores que investigan la práctica docente, como Paulo Freire (2011) y Maurice Tardif (2014). En cuanto a alfabetización y alfabetización literaria, los conceptos se basaron en Magda Soares (2009) y Rildo Cosson (2006). La teoría de la multisemiosis/multimodalidad se fundó a la luz de Kress, sustentada en la Semiótica Social propuesta por Hodge y Kress (1988). Finalmente, se discutió el cómic y, más tarde, el cómic en la educación a la luz de Waldomiro Vergueiro (2017) y Paulo Ramos (2019), en los trabajos que abordan los temas. La hipótesis de este trabajo es que el uso de la historieta en el aula facilita la inserción del estudiante en el universo formal de la literatura, en la dirección de promover la formación de lectores para las obras clásicas que se proponen en la disciplina.

Palabras llave: Educación; Multisemiosis; Historietas; Práctica Pedagógica; Enseñanza de la literatura.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Primeiro texto de humor publicado no Brasil
- Figura 2 – O Diabo Coxo
- Figura 3 – Charge Ministério do Império
- Figura 4 – Logotipo de O Tico-Tico
- Figura 5 – Personagem Chiquinho
- Figura 6 – Reco-Reco, Bolão e Azeitona
- Figura 7 – Capa da primeira edição de o Tico-Tico
- Figura 8 – Superman na capa da Gazetinha
- Figura 9 – Tarzan na Suplemento Infantil
- Figura 10 – Revista Gibi
- Figura 11 – Coleções Coloridas
- Figura 12 – Mulher Maravilha
- Figura 13 – Machado de Assis em Grandes Figuras
- Figura 14 – O Guarani na Edição Maravilhosa
- Figura 15 – Memória de um Sargento de Milícias
- Figura 16 – Popeye
- Figura 17 – Capitão Marvel
- Figura 18 – O Menino Maluquinho
- Figura 19 – Revista Mônica
- Figura 20 – Zé Carioca edição nº 10
- Figura 21 – Revista Pererê 1ª edição
- Figura 22 – O Alienista em quadrinhos
- Figura 23 – Robinson Crusoe em HQ
- Figura 24 – O Cortiço adaptado para HQ
- Figura 25 – Frankenstein em HQ
- Figura 26 – Memórias de um Sargento de Milícias em HQ
- Figura 27 – Frankenstein em Quadrinhos
- Figura 28 – Hamlet em mangá
- Figura 29 – Monólogo
- Figura 30 – Solilóquio
- Figura 31 – Balão-fala

Figura 32 - Balão-berro
Figura 33 – Balão-cochicho
Figura 34 – Balão-faíscas elétricas
Figura 35 – Balão-trêmulo
Figura 36 – Balão-vibrado
Figura 37 – Balão-glacial
Figura 38 – Balão-especial
Figura 39 – Balão-sonho
Figura 40 – Balão-uníssonos
Figura 41 – Balão-composto
Figura 42 – Balão-mudo
Figura 43 – Balão-zero
Figura 44 – Narrador onisciente
Figura 45 – Narrador personagem
Figura 46 – Voz alta em negrito
Figura 47 – Ênfase em sublinhado
Figura 48 - Características da língua
Figura 49 –Turnos simétricos
Figura 50 –Turnos assimétricos
Figura 51 – Assalto de turnos
Figura 52 – Fala silabada
Figura 53 – Fala com espanto
Figura 54 – Marcador conversacional
Figura 55 – Palavras de baixo calão
Figura 56 – Balão indicando silêncio
Figura 57 – Blá-blá-blá
Figura 58 – Segredo
Figura 59 - Risada
Figura 60 - Surpresa
Figura 61 - Reclamação
Figura 62 –Batidas na porta
Figura 63 – Teclado do computador
Figura 64 – Antes e depois
Figura 65 –Tempo meteorológico

Figura 66 – Plano panorâmico

Figura 67 – Primeiro plano

Figura 68 – Plano médio

Figura 69 – Plano em perspectiva

Figura 70 – Cose up

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

HQ - História em Quadrinhos

IF – Instituto Federal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNBE – Plano Nacional Biblioteca da Escola

SiSU – Sistema de Seleção Unificada

SS – Semiótica Social

SUMÁRIO

MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	14
1.1 Caminhos da pesquisa	14
1.2 Categorias.....	15
1.3 Revisão da Literatura	20
CAPÍTULO 2	23
2.1 Fatos que marcaram o Ensino Médio no Brasil.....	23
2.2 Trajetória do ensino de literatura na educação brasileira.....	32
2.3 Dos semanários às Editoras: 191 anos de Histórias em Quadrinhos no Brasil	41
2.4 Quadrinhos nas escolas	66
CAPÍTULO 3	76
3.1 Prática docente	76
3.2 Letramento	79
3.3 Letramento Literário	81
3.4 Pressupostos da Semiótica Social e da Multimodalidade	84
3.5 Decifrando as Histórias em Quadrinhos: Os diversos recursos semióticos do gênero	93
3.5.1 Balões e Apêndices	95
3.5.2 Legendas	105
3.5.3 Letreiramento	107
3.5.4 Oralidade e Onomatopeias	109
3.5.5 Espaço e Tempo	120
3.6 Quadrinhos e Ensino de Literatura	126
CAPÍTULO 4	132

4.1 Contextos do sujeito e universo.....	132
4.2 Da teoria à prática	133
4.3 Sob a ótica dos/das docentes	135
4.4 Efeitos na aprendizagem	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICES	150
ANEXOS.....	151

MEMORIAL

Minha trajetória acadêmica teve início em 2012, quando fui aprovada para o curso de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas, na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Durante a graduação, sempre foram de meu interesse os estudos voltados para a leitura e produção textual. Apesar disso, participei de um projeto de extensão que tinha como intuito analisar os livros didáticos de língua inglesa na área de pronúncia.

Posteriormente, para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi trabalhar com um tema que estivesse voltado para a área que sempre despertou meu interesse: pesquisei, então, as marcas da oralidade nos textos do *Facebook*. Ao concluir a pesquisa, senti uma necessidade de seguir na área acadêmica e me debruçar sobre a linguística textual. Formei-me na graduação, no ano de 2016, e comecei a me preparar para o processo seletivo do mestrado.

No final do mesmo ano, participei do processo seletivo para o mestrado da mesma universidade e fui selecionada para o primeiro semestre de 2017. Ainda no final de 2016, fui selecionada para trabalhar como corretora de redações do Processo de Avaliação Seriada (PAS), que acontece na UFLA.

Ingressei no mestrado profissional em Educação, na linha de pesquisa da Linguística Aplicada, e trabalhei com os textos imagéticos em quatro gêneros: meme, charge, GIF e videoanimação. Pensando nas constantes transformações sociais e nos modos de interação e comunicação, os gêneros para o trabalho com os textos imagéticos foram selecionados a partir das vivências na atualidade, uma vez que cada vez mais os textos imagéticos são inseridos nos veículos de comunicação e informação.

Para esse trabalho, aprofundi-me na teoria da multissemiose e multimodalidade. Conheci o que é denominado de Gramática do Design Visual (GDV), uma teoria postulada por Kress e Van Leeuwen (1996), que desvenda uma série de elementos visuais que produzem sentido para a construção e compreensão textual. Essa teoria foi a base para a construção da minha dissertação, uma vez que desenvolvi uma proposta de matriz de capacidades de leitura que se alinhasse à GDV. Após a construção da matriz, foram elaboradas atividades de leitura a partir da matriz desenvolvida e, posteriormente, uma análise dessas atividades.

Conhecer a GDV abriu-me novas portas e horizontes, uma vez que as leituras dos textos em imagem começaram a fazer mais sentido para mim. Pude compreender as intenções do produtor e as relações entre produtor, produto e leitor. Além disso, compreender que as novas

tecnologias demandam o contato com textos multissemióticos contribuiu para o desenvolvimento de estratégias que auxiliassem na formação do pensamento crítico dos alunos e das alunas.

Defendi a dissertação do mestrado em fevereiro de 2019. Do trabalho realizado no mestrado profissional, resultou o livro *Leitura de textos multissemióticos: (re)visitando habilidades*, publicado em janeiro de 2022, em parceria com a orientadora do trabalho, na Universidade Federal de Lavras.

Ainda em 2019, prestei o processo seletivo da Uninove para o doutorado. Depois de aprovada, comecei o doutorado em março de 2020 sob a orientação do professor Maurício Silva. Embora na área da Literatura, optei por continuar pesquisando os textos não verbais.

A escolha de pesquisar o ensino de literatura nas escolas deveu à minha própria desmotivação com a essa disciplina, quando eu cursava o Ensino Médio (EM). Antes de iniciar as séries finais, eu imaginava que teria um contato profundo e de certa forma “belo” com a literatura e com todo universo literário. Nos primeiros meses de disciplina, mantive um encantamento e interesse pelas obras e pelo o que me era ensinado, mas, conforme os meses foram passando, vi-me inteiramente desinteressada pela disciplina que eu acreditava que seria um “marco” na minha vida. Via-me “trapaceando” a professora – na verdade, ludibriando meus próprios interesses –, quando preferia entrar em *sites* de resumos e comentários acerca das obras clássicas que eram de leitura obrigatória no colégio em que eu estudava.

Por essa razão, quando refleti sobre uma pesquisa voltada ao ensino de literatura no Ensino Médio no Brasil, pensei, automaticamente, em professores que utilizam as imagens em suas práticas pedagógicas, uma vez que a atual conjuntura social e educacional, envolta por textos não verbais em suas mais variadas esferas de comunicação, propicia diferentes compreensões sobre uma determinada temática.

Como estudante bombardeada por textos imagéticos nas ruas, nos equipamentos eletrônicos, na televisão e no cinema, em uma época de grande consumo de entretenimento audiovisual, fazia-me falta uma prática de ensino que dialogasse com a realidade na qual eu estava inserida.

Posterior a isso, foi chegado o momento de ponderar qual seria o gênero textual multissemiótico a ser estudado. Após uma avaliação dos mais variados gêneros, optei pelas Histórias em Quadrinhos (HQ), pois apesar de ser um gênero propagado no Brasil desde o século XIX, foi inserido no âmbito escolar há apenas duas décadas, sendo, ainda, motivo de muita resistência por profissionais docentes.

A escolha se deu, também, pelo interesse em demonstrar que o gênero não atua apenas como “apoio” aos textos verbais (como “exemplos”), mas pode ter resultados positivos ao ser utilizado como estratégia para introdução às obras originais.

Na minha experiência pessoal, ao me entregar à leitura dos clássicos adaptados para as Histórias em Quadrinhos, senti o desejo de retomar as leituras das obras originais. Um exemplo recente foi com a obra *Senhora*, de José de Alencar, e com *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Sobre *Senhora*, a leitura da adaptação permitiu-me voltar alguns anos no passado e “visualizar” cenários que antes eu não havia conseguido enxergar. (Re)ver Aurélia, agora em quadrinhos, gerou-me uma sensação de acolhimento e de empatia para com a personagem e, ao final, um sentimento de frustração com o desfecho da obra, pois, no decorrer dela, foi possível perceber, a partir dos diálogos e das expressões faciais das personagens, um “amor” vingativo e fragilizado, insustentável ao se deparar com dinheiro e poder. Já na experiência com *O Cortiço*, a sensação de indignação e de “choque” com a morte de Bertoleza pareceu-me exatamente a mesma quando li a obra original, cujo texto original tocou-me de maneira profunda e me fez sentir raiva de João Romão, ao mesmo tempo que tristeza pela escravização e morte de Bertoleza. Já com a leitura da versão adaptada para HQ, o uso das escolhas não verbais, juntamente com os diálogos dos balões, causou-me o mesmo sentimento mencionado, mas com uma “visualização” mais clara do cenário.

Além das sensações mencionadas, a minha experiência com a leitura de quadrinhos é de uma leitura fluida, prazerosa e, ao mesmo tempo, rica em recursos que possibilitam e potencializam a formação de sentido da obra.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo de constantes mudanças, seja em questões tecnológicas, seja nos modos de interação social. Mudanças no modo de pensar e agir. Mudanças sociais, econômicas e culturais. As mudanças são comuns e fundamentais para que a humanidade avance e se desenvolva.

A literatura também se transforma. Pensar a literatura requer que pensemos também em como ela produziu comunicação e interação no decorrer dos anos. Assim como o mundo passou por diferentes e inúmeras transformações, a literatura não ficou para trás. O modo de compreender e questionar a literatura também sofreu alterações no convívio social. Não falamos aqui apenas das escolas literárias que acompanharam os mais diversos contextos sociais e econômicos, mas sim do modo como as pessoas enxergavam e como enxergam a literatura nos dias atuais, bem como as formas de linguagens que faziam parte da literatura em determinado contexto.

Sabe-se que a literatura está presente na sociedade há milhares de anos, contudo de forma distinta em cada época, passando por alterações em termos de estilo, abordagens sociais e até público consumidor. Além disso, ao longo dos anos, a literatura desempenhou “funções” distintas na sociedade e, por muito tempo, assumiu o papel de uma das principais formas de entretenimento social.

Nos dias atuais, em razão do grande avanço tecnológico, as mídias digitais assumiram a tarefa de gerar entretenimento para grande parte da população, que enxergam em seus aparelhos eletrônicos (como *tablets*, celulares, computadores, etc.) a possibilidade de interagir, de várias formas, com o mundo. Portanto, “é preciso reconhecer que a literatura não desempenha mais o papel de mediar a socialização” (DURÃO, 2020, p. 16). A literatura é um produto cultural, por isso a importância de (re)pensarmos o papel que ela desempenha na sociedade atual, com todos os mecanismos de comunicação e informação proporcionados pelas mídias digitais e pela maneira como essas mídias são utilizadas pela sociedade.

Nessa perspectiva, é importante¹ que existam novos tipos de letramentos¹, como é o caso do *letramento literário*, pois as diversas práticas de linguagem supõem multiplicidade cultural, que atende diversas realidades sociais, visto que existem diferentes formas de comunicação e

¹ O conceito de letramento neste trabalho é definido a partir da definição de Magda Soares (1996) e será discutido nos próximos capítulos da pesquisa.

interação na sociedade contemporânea; e também multiplicidade semiótica, que são os diferentes recursos sonoros e visuais que fazem parte da composição do texto imagético.

No sentido de pensar a atualidade, presente nas características do letramento literário, as Histórias em Quadrinhos contemplam uma série de recursos multissemióticos que propiciam efeitos de sentido, como cores, expressões faciais e corporais, balões, falas etc. Além disso, compõem-se de textos que dialogam com a atualidade e propiciam o pensamento crítico. No campo da literatura, as adaptações para HQ têm como proposta apresentar a ideia central da obra original, como enredo, diálogo e personagens, com os recursos disponibilizados pelo gênero.

Uma questão que deve ser levada em consideração é que, no Brasil, os textos de humor gráfico começaram a circular em jornais e folhetins, como forma de crítica à sociedade, em meados do século XIX, mas só foram incorporados ao contexto escolar no final dos anos 1990, a partir da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Essa resistência, por parte de professores e professoras e demais profissionais que estudam e se dedicam à educação, em inserir as HQ como estratégia de ensino de literatura e de outras disciplinas não se deu apenas nas primeiras tentativas de incluir o gênero nas práticas docentes, mas ainda hoje podemos perceber a não aceitação de muitos profissionais docentes no que diz respeito aos quadrinhos como estratégias de ensino para a literatura.

Desse modo, a relevância deste trabalho está em refletir sobre o ensino de literatura, em um determinado contexto de escolarização, por meio de textos multissemióticos, produzidos sob a forma de HQ, os quais, apesar de integrarem o cotidiano social de boa parte dos alunos, ainda não receberam a devida atenção no contexto escolar e acadêmico.

CAPÍTULO 1: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

1.1 Caminhos da Pesquisa

A fim de construir um estudo minucioso acerca das Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura no Ensino Médio no Brasil, este trabalho busca, em um primeiro momento, fazer um detalhamento dos conceitos teóricos, bem como dos contextos que delineiam a pesquisa. Dessa forma, é importante esclarecer que, para compreender a Educação brasileira na atualidade, é preciso entender também a sua história. Este trabalho segue uma ordem linear dos acontecimentos que marcaram época na educação brasileira, principalmente no âmbito do ensino de literatura no Ensino Médio, mapeando os períodos mais expressivos desde a vinda dos jesuítas.

Percorrer tais caminhos requereu buscas em documentos oficiais que são disponibilizados para acesso em *sites* e plataformas oficiais do país, além de um levantamento detalhado em obras de pesquisadores da educação, com vistas a compreender as diretrizes dos anos finais da educação básica.

Para contar a história do Ensino Médio, foi preciso seguir uma ordem linear dos fatos. Nessa direção, a discussão foi iniciada a partir da chegada dos jesuítas no Brasil e dos métodos educacionais utilizados pela Companhia de Jesus, visando uma educação pautada nos princípios da fé católica – religião imposta pelos invasores portugueses. Pinto (2007) alerta que a educação durante o período colonial era exclusivamente elitista. Após o fim da educação jesuítica, diversas mudanças aconteceram na educação e, conseqüentemente no Ensino Médio. Por isso, serão delineados momentos que marcaram os anos finais da educação básica, passando pelo período colonial, com as aulas régias e os colégios provinciais; pelo período pós-colonial, com a reforma de Capanema na Era Vargas; e pelo golpe militar implantado em 1964. O período de democratização do Brasil, a partir da Constituição de 1988, também será apresentado, uma vez que nele aconteceu a democratização da Educação. Finalmente, serão apresentadas as criações de Leis e de Diretrizes que nortearam o Ensino Médio nas últimas décadas, além da menção do Novo Ensino Médio, instaurado em 2022.

À medida que as mudanças aconteciam no Ensino Médio, o ensino de literatura também se alterava. Rildo Cosson (2020) delinea seis paradigmas que caracterizavam épocas

específicas da história do Brasil, bem como modelos de ensino que estão presentes na educação atual: os dois primeiros padrões de ensino elencados por Cosson tratam do ensino de literatura voltado para a formação do “cidadão de bem” com valores conservadores e que se encaixavam na fé cristã; o autor os define como *paradigma moral gramatical* e *paradigma histórico nacional*: o primeiro utilizava obras cânones da cultura europeia, enquanto o segundo valorizava a produção nacional. A primeira ruptura aconteceu com a quebra do ensino de literatura pautado na construção de padrões conservadores, com o paradigma denominado por Cosson como *analítico textual*. Posteriormente, os paradigmas *social identitário* e *formação do leitor* apresentavam, respectivamente, práticas de ensino voltadas para uma sociedade igualitária e formação do senso crítico. O *letramento literário*, uma das categorias de análise desta pesquisa, é o último paradigma mencionado por Cosson, e considera não só os textos cânones, mas também novas formas de produção textual, como os textos imagéticos (produzidos por meio das imagens), como fotos e vídeos.

Uma vez que este estudo pretende tratar do ensino de literatura a partir do trabalho com as Histórias em Quadrinhos, justamente por acoplar diferentes recursos multissemióticos que permitem a produção de sentido do texto, torna-se fundamental investigar as primeiras publicações do gênero no Brasil e sua inserção no ambiente escolar. Nesse sentido, foi realizada uma busca para compreender os quase duzentos anos dos quadrinhos no Brasil.

Dessa forma, o levantamento das informações inicia-se com a publicação do primeiro texto de humor publicado no Brasil, de autoria desconhecida, perpassando pelas primeiras sequências de quadrinhos, até as editoras e publicações de revistas específicas do gênero, incluindo os clássicos literários adaptados para os quadrinhos. No sentido de construir esse levantamento, foram utilizadas obras de autores que se dedicam às Histórias em Quadrinhos, como Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos.

Para contextualizar a pesquisa, foi realizado um levantamento de documentos oficiais para a Educação, a fim de investigar as primeiras menções dos quadrinhos como estratégias de ensino para o Ensino Médio. Os principais documentos de busca foram os PCN e PCNEM, a BNCC e os editais e acervos do PNBE.

1.2 Categorias

Quando tratamos de educação é comum que as pesquisas se centrem em discutir algumas práticas que deveriam ser utilizadas pelos professores e professoras em sala de aula, sem considerar as práticas que já são desenvolvidas e os contextos reais da educação brasileira. Por

isso, a prática docente será a primeira categoria desta pesquisa. Para tratar do tema em questão, os autores que serão usados como referência serão Maurice Tardif e Paulo Freire. De acordo com Maurice Tardif (2014, p. 120),

Na medida em que um dos objetivos do professor é criar condições que possibilitem a aprendizagem de conhecimentos pelos alunos, num contexto de interação com eles, a gestão da matéria torna-se um verdadeiro desafio pedagógico. A tarefa do professor consiste, grosso modo, em transformar a matéria que ensina para que os alunos possam compreendê-la e assimilá-la.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (2011, p. 19) esclarece que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Em outras palavras, ensinar significa criar possibilidades de compreensão, a fim de que alunos e alunas possam assimilar o lhes foi ensinado. No sentido de compreender que a educação deve ser emancipadora, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2011, p. 21). Nessa direção, é importante que seja esclarecido que professores e professoras utilizam, em suas práticas, técnicas que são fundamentadas em saberes cotidianos e conhecimentos comuns e sociais (TARDIF, 2014).

Uma vez que compreendemos que é preciso levar em consideração a realidade dos alunos e alunas, entendemos, também, que para isso é necessário utilizar de práticas que dialogam com o contexto social e com as diversas formas de interação, comunicação e informação que fazem parte da sociedade atual, uma vez que os textos que circulam nos contextos digitais apresentam recursos visuais e sonoros (no caso dos vídeos) que contribuem para a construção de sentido do texto.

Por isso, trataremos do conceito de multissemios/multimodalidade, à luz de Kress (2010), apoiando-se, ainda, na teoria da Semiótica Social, fundamentada por Hodge e Kress (1988). Cabe esclarecer que nem sempre ocorre uma distinção entre multimodalidade e multissemiose entre os autores que pesquisam o conceito. Nesse sentido, tomaremos os conceitos como sinônimos. Lima e Santos (2009, p. 43) defendem que

Na multimodalidade, a maioria dos textos atualmente envolve um complexo jogo entre textos escritos, imagens cores e outros elementos gráficos e sonoros, com predominância de um ou de outro modo, de acordo com a finalidade da comunicação e do contexto no qual esta se insere.

Dessa forma, compreende-se que os textos multissemióticos possuem recursos para além dos textos verbais que contribuem para que o leitor construa sentido a partir dos elementos visuais (ou sonoro, no caso dos vídeos). Nessa direção, Rojo e Barbosa (2015, p. 108) esclarecem que o texto multissemiótico (ou multimodal),

recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeo, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais.

Uma vez que os textos multissemióticos integram os mais variados ambientes de uma sociedade, torna-se necessário incluí-los nas práticas de ensino. Ora, se os professores e professoras devem garantir que a realidade de seu alunado seja respeitada, é fundamental que os textos que fazem parte do cotidiano de alunos e alunas sejam trazidos para o ambiente escolar.

Pensar a sociedade atual, portanto, requer pensar os recursos visuais e sonoros que compõem o “estilo de vida” que é levado pela população, que consome entretenimento e cultura por meio de recursos audiovisuais que precisam ser analisados também no contexto da escolarização formal.

É importante que seja realizada uma discussão acerca do letramento literário, uma vez que o conceito se configura como uma peça-chave para compreender as diversas transformações sociais que impactaram a literatura nos últimos tempos e, conseqüentemente, seu ensino escolar.

Mas, antes de tratar do conceito mencionado, é importante esclarecer a origem e as características acerca do que é letramento. Nesse sentido, essa explanação será à luz de Magda Soares, que define o letramento como o resultado que se obtém a partir do aprendizado da leitura e da escrita. Já o conceito de letramento literário será fundamento pelos estudos de Rildo Cosson.

Segundo Fábio Durão (2020, p. 15),

a literatura já se deu por meio da transmissão oral e coletiva do mito; já foi parte constitutiva dos rituais religiosos; já participou da vida na corte, misturando-se com a política e a diversão; já alimentou as conversas dos salões, as discussões nos cafés e as polêmicas nas revistas e jornais; no século

XIX, firmou-se no ambiente escolar e, no XX, foi acolhida pelo sistema universitário.

A partir dessa explicação, percebemos que a literatura esteve presente das mais variadas formas e nos mais diferentes contextos da sociedade, desde os tempos mais remotos, seja sob a forma de mitos divulgados oralmente, seja por meio de textos escritos, em seus diversos gêneros. Nessa perspectiva, Cândido (2006, p. 147) elucida que

a literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação".

O uso contínuo de aparelhos tecnológicos renovou o interesse pela leitura de livros, antes impressos e, agora, igualmente digitais. Sobre o uso das tecnologias, associadas às práticas de leitura, Durão (2020, p. 16) afirma que “a literatura não é capaz de competir de igual para igual, no mundo do entretenimento, com a televisão, o cinema, a internet ou o universo dos games, e as constantes tentativas de equacionar literatura e diversão estão fadadas ao fracasso”.

Cabe aqui fazer uma diferenciação entre entretenimento e cultura, que com frequência é disseminada de maneira equivocada. Santaella (2003, p. 31) elucida que cultura

é a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisto está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto duplo, o habitat natural e seu ambiente social. A definição também implica que a cultura é mais do que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta.

A cultura, portanto, diz respeito ao reconhecimento do sujeito dentro do meio social e do meio natural no qual está inserido. Entretanto, existe uma popularização a respeito do significado da palavra cultura, que caiu no senso comum indicando a cultura como sinônimo de “gosto”.

Nas palavras de Santaella (2003, p. 31), “um conceito popular de cultura é o de refinamento, implicando na habilidade que alguém possui de manipular certos aspectos da nossa civilização que trazem prestígio”. Em outras palavras, podemos perceber que se popularizou definir uma pessoa “com cultura”, aquela que consome entretenimento considerado

refinado. Ora, na nossa sociedade, é considerado “culto” o sujeito que consome entretenimento acessível apenas para a classe rica da sociedade. A grande diferença entre a cultura e o entretenimento é que o entretenimento não incomoda, no sentido de não trazer uma reflexão profunda acerca das questões da sociedade. O entretenimento satisfaz o consumidor.

Dito isso, o letramento literário diz respeito ao uso social da leitura e da escrita, uma vez que remete a como o sujeito utiliza as habilidades dessas práticas em um cenário específico de interação e como esse uso se relaciona com as práticas sociais desse sujeito (SOARES, 2001). Dessa forma, entende-se que a partir da teoria do letramento, todo texto desempenha um papel cultural para o leitor, pois é compreendido a partir das vivências do sujeito leitor.

Já dizia Paulo Freire (1989) que leitura de mundo precede a leitura da palavra. Dessa forma, podemos considerar que, do ponto de vista da prática docente, essas novas configurações textuais precisam ser exploradas de acordo com os contextos sociais de comunicação e informação de seu alunado.

Na direção de considerar a realidade social de alunos e alunas, é importante compreender que “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo” (BOFF, 1997, p. 9) O autor nos esclarece ainda que “sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita” (IDEM, 1997, p. 9)

É sob esse ponto de vista que o trabalho com as Histórias em Quadrinhos se tornou objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que esse gênero permite explorar diferentes recursos visuais que contribuem para a produção de sentido do texto, além de se compor de recursos que fazem parte do cotidiano de alunos e alunas, que, cada vez mais, entram em contato com os textos imagéticos. Além disso, o trabalho justifica-se por relacionar o ensino de literatura em sala de aula por meio de Histórias em Quadrinhos que, muitas vezes, são utilizadas de maneira informal por seus usuários, em momentos de interação e entretenimento.

Para tratar das Histórias em Quadrinhos, serão consultadas obras de pesquisadores como Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, com vistas a desvendar as características que compõem o gênero.

Ramos (2019, p. 17) esclarece que os quadrinhos “gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. O autor explica que as HQ apresentam tendências que são comuns do gênero, como os balões de fala, escolha de cores, onomatopeias etc. Para Ramos (2017, p. 30),

ler quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la, mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre os quadrinhos.

Em outras palavras, entendemos que a leitura dos quadrinhos necessita de compreensão dos elementos que constituem o gênero, como os recursos visuais escolhidos pelo autor para dar sentido às histórias. A importância de compreender os conceitos não é fundamental apenas para alunos e alunas, mas também para professores e professoras que mediarão as leituras.

Vale ressaltar que este trabalho não visa à substituição dos clássicos literários para as adaptações em HQ, mas a inserção dos quadrinhos como um caminho para introduzir as obras originais no contexto escolar. De acordo com pesquisadores do tema, “as traduções quadrinísticas de textos literários estabelecem com eles uma intertextualização que lhes dá visibilidade” (PINA, 2014, p. 215). A autora ressalta ainda que os textos canônicos “estão distantes do universo tecnológico, visual e informatizado que cerca as crianças e os jovens” (IDEM, 2014, p. 216).

A pesquisa parte da hipótese de que a utilização do gênero em questão, na sala de aula, facilita a inserção do aluno no universo formal da literatura, no sentido de potencializar a formação de leitores para as obras clássicas que são trabalhadas na disciplina.

1.3 Revisão da literatura

Na direção de investigar quais os trabalhos e pesquisas acerca do trabalho com Histórias em Quadrinhos no ensino de literatura já foram publicados, foi realizada uma busca nas principais bases de dados acadêmicas, entre elas o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. De antemão, é preciso ressaltar que pouco foi discutido o uso de HQ no currículo de literatura. Entre as poucas pesquisas encontradas, foram selecionadas seis, cujo tema mais se aproxima deste trabalho.

Seguindo uma ordem cronológica dos trabalhos publicados, em 2008, Valéria Aparecida Bari, da Universidade de São Paulo, pesquisou acerca da possibilidade de instigar o “gosto pela leitura” por meio das Histórias em Quadrinhos. Na tese intitulada *O potencial das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*, a pesquisadora realizou parte da pesquisa na Espanha, onde as HQ são amplamente difundidas. A autora objetivou verificar a efetividade das HQ na formação de leitores, além de demonstrar a validade cultural do gênero e mostrar a possibilidade de evolução

da prática de leitura por meio das Histórias em Quadrinhos. Uma questão apontada pela autora, que será discutida nesta pesquisa, foi a pouca aceitação por parte de professores e professoras para o trabalho com as HQ.

No mesmo ano e na mesma universidade, Maria Cristina Xavier de Oliveira defendeu a tese *A arte dos quadrinhos e o literário: a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura*, que tinha como objetivo verificar qual a contribuição das Histórias em Quadrinhos no fazer cultural contemporâneo. Embora o estudo tenha contemplado obras clássicas adaptadas os quadrinhos, a pesquisa voltou-se para o campo da dialogia, tornando-se uma referência para pesquisadores da área de Estudos Comparados da Literatura e da Língua Portuguesa. A pesquisadora tinha como pergunta de pesquisa se as Histórias em Quadrinhos possibilitam a criação de novos cânones.

Na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2015, a tese *Literatura em Quadrinhos: Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto* foi defendida por Tânia Regina Ferreira e teve como principal motivação a falta de professores que trabalham com as Histórias em Quadrinhos. A proposta do trabalho foi de fazer uma análise sobre o diálogo entre as duas formas artísticas: a literária e a dos quadrinhos. A pesquisadora afirma que a adaptação dos clássicos para os quadrinhos garante uma democratização da leitura, além de contribuir para a divulgação da obra original. Para a autora, as duas artes ajudam a (re)pensar a literatura e os quadrinhos como diálogos possíveis.

A pesquisadora Elaine Mendes Mota defendeu a dissertação *Literatura em Quadrinhos: percurso e possibilidades na formação do leitor literário*, na Universidade de São Paulo, em 2016. No estudo proposto, a autora buscou investigar as estratégias utilizadas para a formação do leitor literário. Nesse sentido, analisou uma obra: *Sr. William Shakespeare – teatro*. A pesquisa aponta para possibilidades de uma formação literária com vistas a contribuir para uma leitura menos automatizada e que permite dinamicidade e curiosidade, uma vez que o leitor se sente mais ambientado. O enfoque do trabalho foi o Ensino Fundamental II.

Em razão disso, a presente pesquisa justifica-se pela carência de pesquisas voltadas para o ensino de literatura a partir dos cânones adaptados para as Histórias em Quadrinhos. Além disso, o trabalho assume relevância no sentido de investigar as práticas dos professores de literatura do Ensino Médio, no que diz respeito ao uso dos textos de literatura adaptados para HQ como caminho para chegar às obras originais.

Este trabalho parte das seguintes questões de pesquisa: a) quais habilidades de leitura podem ser desenvolvidas a partir de textos não verbais? b) quais são os supostos benefícios encontrados

e as supostas dificuldades enfrentadas por professores de literatura ao usar textos imagéticos?
c) que métodos são eficazes para o ensino de literatura utilizando HQ?

Os professores de literatura do Ensino Médio de escolas públicas serão o sujeito desta pesquisa, que deverá voltar-se para os seguintes elementos/ações, presentes e desenvolvidos no âmbito escolar; a) obras literárias adaptadas para História em Quadrinhos; b) práticas docentes de ensino de leitura por meio de HQ; c) desempenho de leitura dos alunos que tiveram contato com a adaptação das obras clássicas para HQ.

Foram entrevistados cinco professores que lecionam literatura no Ensino Médio, que responderam a um formulário com cinco perguntas descritivas, direcionadas ao uso de História em Quadrinhos em suas práticas docentes. A técnica de análise utilizada nessa entrevista será a *análise de conteúdo*, fundamentada em Laurence Bardin. Para tanto, será realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevista semiestruturada (*online*), devido ao isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19.

Pensando nisso, esta pesquisa tem como objeto de análise o desempenho de alunas e alunos do Ensino Médio na disciplina de literatura, que passaram pela experiência de leitura de HQ resultantes da adaptação de obras literárias que fazem parte da seleção de obras elencadas para o currículo escolar.

CAPÍTULO 2:

CONTEXTOS QUE ALICERÇAM A PESQUISA

2.1 Fatos que marcaram o Ensino Médio no Brasil

Para elucidar esta pesquisa, faz-se necessário uma contextualização histórica acerca do Ensino Médio brasileiro, uma vez que este trabalho se volta para a educação de alunos que se encontram nessa etapa educacional. Para isso, é fundamental que façamos um mapeamento dos principais fatores que marcaram o Ensino Médio do Brasil desde sua formação até os dias atuais. Não serão elencadas aqui todas as mudanças que aconteceram durante a história do país, mas uma seleção de feitos que norteiam o leitor para a compreensão do que foi e é o Ensino Médio brasileiro. Para fundamentar esse assunto, foram mobilizadas principalmente as obras de José Marcelino de Rezende Pinto (2007) e de Acácia Kuenzer (2009), bem como de outros pesquisadores da história da educação e do EM.

Quando pensamos na educação básica brasileira, precisamos entender que os primeiros traços da escolarização em instituições formais de ensino tiveram início a partir da chegada da família real ao Brasil, no início do século XIX. Antes do período mencionado, a educação das crianças era jesuítica e, posteriormente, ocorria no âmbito familiar, com tutores contratados pelas próprias famílias. Ao tratamos da educação pública no Brasil logo nos primeiros anos da chegada dos portugueses, é importante salientar que a discriminação entre as camadas da população era explícita, uma vez que os grupos sociais eram posicionados em diferentes “esferas” de educação.

O surgimento do Ensino Médio no Brasil se deu em um contexto de colonização. Nesse período, a metrópole não possuía interesses no país, pois a exploração de ouro e metais não havia sido iniciada. A educação da colônia se caracterizava pelas mesmas perspectivas da metrópole. Pinto (2002, p. 47) explica que, em ambos os reinos, a educação “organizava-se sob uma forma que poderíamos chamar de, usando uma terminologia atual, ‘terceirizada’”. Essa denominação pode ser explicada porque o rei entregou o ensino para os jesuítas, e assim não era responsabilidade da corte custear a educação.

A chegada dos jesuítas no Brasil aconteceu em 1549, período em que a religião oficial da colônia e da metrópole, bem como de vários outros países Europeus, era o catolicismo. Nesse sentido, havia uma necessidade de “educar” as pessoas para a conversão de suas crenças e

religiosidades para o catolicismo. Dessa forma, o ensino voltava-se para a formação de caráter social, a partir das premissas religiosas. Isso significa que a educação pretendia formar moralmente cidadãos de acordo com os princípios da fé católica.

Nessa direção, Pinto (2002, p. 48) afirma que a formação realizada pelos jesuítas “era essencialmente escolástica, de caráter literário, baseada nos textos clássicos, essencialmente Aristóteles na versão filtrada de São Tomás de Aquino”. O autor comenta ainda que “valorizava a repetição como instrumento de aprendizagem e a disciplina rígida como elemento de formação de caráter” (PINTO, 2002, p.48). No mesmo ano da chegada dos jesuítas nas terras da colônia portuguesa, foi fundado um seminário-escola, em São Vicente, São Paulo, que serviu de modelo para o ensino médio durante dois séculos:

Essa forma de ensino era denominada *Ratio Studiorum* e baseava-se nos estudos de Retórica, Humanidades, Gramática Latina, Lógica, Metafísica, Moral, entre outros. Como seu nome indica, o objetivo básico destas escolas era a formação de sacerdotes, que se completava no nível superior. Contudo, elas se apresentavam também como a única oportunidade de os filhos da elite local obterem uma formação adequada que os preparasse para o ingresso nos cursos superiores a serem feitos na Europa (PINTO, 2007, p. 48).

Isto posto, o acesso ao ensino era destinado apenas para a elite do país, caracterizando uma educação seletiva, a fim de formar aqueles que possuíssem condições de realizar o ensino superior em países europeus. Enquanto isso, a educação para a classe proletária não era objetivada. O autor relembra-nos que algumas características desse padrão de educação permanecem até os dias atuais, como a memorização e a disciplina.

O sistema de educação jesuítico foi extinto em 1759, após dois séculos de um modelo de ensino que estava consolidado no Brasil. O fim dessa organização de ensino ocorreu devido à expulsão dos jesuítas das terras da colônia e da metrópole por ordem da coroa (PINTO, 2002, p. 48). Como substituição desse paradigma educacional, foram introduzidas as chamadas aulas régias, que contavam com professores indicados (politicamente) para o cargo, para lecionar disciplinas como Latim, Grego, Filosofia, entre outras. Essas aulas aconteciam de maneira isolada, geralmente nas próprias fazendas dos alunos. No entanto, muitos alunos continuaram a frequentar os seminários-escola que continuaram a funcionar sob os cuidados de outros grupos religiosos (PINTO, 2002).

Seguindo uma ordem linear, a primeira metade do século XIX foi marcada por dois grandes acontecimentos na história do Brasil: 1) a chegada da família real em 1808 e 2) a Independência do país em 1822. Nesse contexto, o ensino médio passou por poucas alterações

no sentido de práticas pedagógicas, uma vez que tinha por objetivo a preparação da elite para o Ensino Superior, que passava por mudanças consideráveis em relação aos cursos oferecidos, uma vez que deveriam atender os interesses políticos e econômicos da corte. Pinto (2002, P. 49) explica que

uma Emenda à Constituição de 1824 (Ato Adicional), promulgada em 1834, gerou uma divisão na responsabilidade sobre a oferta do ensino, ficando as províncias (atuais Estados) responsáveis pelo ensino primário e secundário, e o poder central responsável, basicamente pelo ensino superior e pelo ensino no município da Corte (Rio de Janeiro).

Nessa fase, foram criados colégios provinciais nos Estados e, na corte, foi criado o Colégio Pedro II, que serviu de modelo para a criação de outros colégios. Além disso, os alunos que concluíssem os estudos no Colégio Pedro II poderiam ingressar no Ensino Superior sem a necessidade de prestar os exames parcelados, que eram obrigatórios para os estudantes das demais escolas de ensino secundário.

Já no século XX, durante a Era Vargas², foi implantada a reforma de Capanema³ ou Lei Orgânica do Ensino Secundário, que dividia o Ensino Médio em duas etapas: a) ginásio, com duração de quatro anos e b) colegial, com extensão de três anos.

Ao passo que a elite usufruía de uma educação voltada para o intelectual e preparação para graus elevados da educação e acesso às universidades, para as classes trabalhadoras foi estabelecido um decreto que ficou conhecido como Lei Orgânica do Ensino Industrial⁴, que pretendia a formação profissional de alunos do ensino secundário para o trabalho instrumental.

Dessa forma, o 2º ciclo, para essa parte da população, era composto por “o agrotécnico, o comercial técnico, o industrial técnico e o normal, que não davam acesso ao ensino superior” (KUENZER, 2009, p. 28). Em outras palavras, enquanto a elite do país desfrutava de um ensino totalmente voltado para o ingresso e formação no Ensino Superior, aos pobres cabia o ensino profissionalizante, voltado para a formação técnica, visando a inserção no mercado de trabalho industrial, comercial ou rural. Tal privação “só foi abolida integralmente em 1961, com a primeira LDB (lei nº 4.026/61)” (PINTO, 2002, p. 50),

Pouco mais tarde, em 1964 foi instaurado o golpe militar no Brasil, que perdurou por vinte e um anos. Diante das mudanças em relação às políticas sociais e econômicas, a educação

² Período de 1930 a 1945, em que o Brasil foi governado por Getúlio Vargas.

³ Segunda reforma da Era Vargas, implantada em 1942; foi elaborada por Gustavo Capanema, então ministro da Educação e Saúde.

⁴ Decreto-Lei nº 4.073 de 30 de janeiro de 1942.

também sofreu alterações que marcaram em alto grau o sistema de educação brasileira. No que diz respeito ao Ensino Médio, foi aprovada – sem discussão – uma lei⁵ que

unificou o antigo ginásio (que correspondia ao primeiro ciclo do ensino médio) com o antigo primário, criando o primeiro grau, com oito anos de duração, obrigatório e gratuito nas instituições públicas. Em segundo lugar, transformou o antigo colegial em segundo grau, sem alterar sua duração de três anos. Contudo, a mais radical mudança implantada por esta lei no ensino médio foi a profissionalização compulsória. Assim, pela lei, todas as escolas de segundo grau deveriam assegurar uma qualificação profissional (PINTO, 2002, p. 50).

Essas mudanças atendiam às necessidades daqueles que estavam no comando do Brasil, dado que essa medida, além de formar cidadãos que se inseririam no mercado profissional, também reduzia “a demanda para o ensino superior”. O autor complementa ainda que se tratava de uma tentativa de “aplacar o ímpeto das manifestações estudantis que exigiam mais vagas nas universidades” (PINTO, 2002, p. 50).

Isto posto, nota-se que o regime ditatorial não aspirava a que o acesso ao Ensino Superior fosse alcançado pelas camadas populares. Podemos pensar por esse aspecto, tendo em vista que o ensino das escolas particulares garantia maior acesso às universidades.

Embora o regime da época tenha tomado algumas medidas para transformar o Ensino Médio em profissionalizante, essa implantação não obteve sucesso, uma vez que as empresas preferiam qualificar seus funcionários ao invés de pagar por técnicos formados. Além disso, os cursos não correspondiam às necessidades do mercado de trabalho da época (PINTO, 2002, p. 50).

Ainda no período ditatorial, que assolou o país por duas décadas, a lei mencionada acima caiu por terra quando os ditadores perceberam que não conseguiram o apoio nem das indústrias, nem da elite (que não se interessava pelo ensino profissionalizante). Dessa forma, a lei foi revogada, e a educação voltou a caminhar como era no período anterior. Embora o ensino profissionalizante não tenha se perpetuado como fora objetivado, o caráter seletivo da educação sempre esteve presente na realidade do Brasil.

Quando finalmente o país voltou a ser uma democracia, novas demandas surgiram no âmbito da educação, bem como em toda esfera política da época. Com a então nova Constituição Federal (CF) de 1988, vieram também modificações importantes para o Ensino Médio.

⁵ Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.

Pela primeira vez foi considerada a abrangência do Ensino Médio no sentido de democratização da educação. Pinto (2002, p. 52) esclarece que a CF

estabelecia que o dever do Estado com a educação escolar pública seria efetivado mediante a garantia de “ progressiva e extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio” (Art. 208, inciso II). Isso significa uma posição de universalização do ensino médio por parte do legislador constituinte. Este preceito, aliado aos §§ 1º e 2º do mesmo artigo, que estabelecem que “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo” (o que significa que pode ser pleiteado no Judiciário) e que o não-oferecimento do ensino obrigatório “importa responsabilidade da autoridade competente”, representavam instrumentos importantes para que o estabelecido na Lei Maior fosse de fato cumprido”.

A partir disso, percebemos que a medida tornou possível a maior inserção dos alunos no Ensino Médio, isso porque garantir o acesso da população a esse nível de ensino tornou-se um dever do Estado, bem como um direito dos cidadãos.

Se estamos falando em direitos garantidos pela constituição, Antônio Cândido anunciava, nesse período, a necessidade da literatura como um direito ao ser humano. O autor nos convida a refletir sobre os direitos assegurados pela Constituição e, para além disso, sobre os que não foram garantidos. Nas palavras de Cândido (2011, p. 174), “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.

Embora a Constituição assegure o direito à educação aos cidadãos e cidadãs do país, notamos, ainda hoje, a discrepância da desigualdade entre a elite e aos pobres, no que diz respeito ao Ensino Básico e, conseqüentemente, ao ensino de literatura. Seguindo o pensamento de Cândido, se uma educação de qualidade, voltada para a formação intelectual do estudante, é fundamental para os ricos, por que razão não haveria de ser também para os pobres?

Cândido (2011, p. 193) sinaliza, ainda, que

é revoltante o preconceito segundo o qual as minorias que podem participar das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las – o que não é verdade. As classes dominantes são freqüentemente desprovidas da percepção e interesse real pela arte e a literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo, porque este ou aquele autor está na moda, porque dá prestígio gostar deste ou daquele pintor (...) A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o

respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Essa é uma discussão que, ainda hoje, após quase trinta e cinco anos de democracia no Brasil, precisa ser reafirmada, uma vez que, embora a educação esteja garantida pela Constituição Federal, é comum ouvirmos que a leitura literária é destinada aos ricos, quando na verdade não é (ou não deveria ser). Como professores e professoras, é fundamental que tenhamos em mente as palavras de Cândido, que nos alerta para o papel da educação enquanto ferramenta para evitar o pensamento de que os direitos da elite são mais urgentes que os direitos do pobre.

Adiante na história do Ensino Médio, a LDB 9.394/96, sancionada no governo FHC⁶, tem como principal alteração a validação do Ensino Médio como etapa final da Educação Básica (CALÔNICO JÚNIOR, 2015). É preciso ter em mente que todos os ajustes realizados na educação possuem fins lucrativos. Isso significa que as várias alterações que dizem respeito às leis para a educação são relacionadas aos interesses econômicos do Estado.

Com o processo de globalização, novas demandas surgiram para que a economia tivesse êxito. Viamonte (2012, p. 33) explica que “em 1995, o Banco Mundial indicou a educação, sobretudo a educação básica, como chave para o aumento sustentável de taxas de crescimento econômico”. Diante disso, a década de 90 foi marcada por discussões acerca do cenário econômico mundial.

Nessa direção, Estevão (2019, p. 82) complementa que

todo o debate da década de 1990 gira em torno da necessidade de reformar as políticas educacionais, formar as novas “competências” requeridas pelo mercado que exige agora uma “qualidade total”, ou seja, a produção da mercadoria (trabalhador), no menor tempo possível, dentro dos padrões e ao menor custo.

Isto posto, é importante reconhecermos que a vontade de garantir que a educação corresponda à uma qualidade total e que as demandas globais fossem asseguradas, não se dava a partir da boa vontade daqueles que governavam o Brasil na época, mas se tratava de uma urgência em atender os requisitos que atenderiam ao sistema econômico mundial.

Também nos anos 90, foram criados o DCNEM⁷ (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) e o PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), que

⁶ Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil entre 1996 e 2002.

⁷ Texto completo disponível em anexo.

tenham como objetivo orientar os professores para as reformas do Ensino Médio desse período (ESTEVÃO, 2019, p. 87).

Ainda nessa década, houve a criação da LDBEN (Lei de Diretrizes e Base para a Educação Nacional), responsável por transformar o Ensino Médio na etapa final da escolarização básica, bem como por alterar o nome “Segundo Grau” para “Ensino Médio” (ESTEVÃO, 2019, p. 83). A autora explica ainda que

a partir desta nova legislação, há um aumento da demanda pela educação básica, em especial, pelo ensino fundamental, porém apresenta também um salto de qualidade nas matrículas para o ensino médio, o que exigia um aumento de recursos por parte do Estado (ESTEVÃO, 2019, p. 83).

Vale ressaltar que a situação político-econômica do Brasil, nessa fase, não cooperava com os investimentos de alto custo. Todavia, a economia exigia controle de gastos. Dessa forma, medidas foram tomadas para que um “equilíbrio” fosse alcançado:

o Decreto nº 2.208/1997 instituiu a Reforma do Ensino Médio e da Educação Profissional ao separar a oferta da educação básica – principalmente o ensino médio – do ensino técnico, passando este a ser ofertado de forma complementar, paralela ou sequencial (ESTEVÃO, 2019, p. 83).

A medida mencionada também abriu portas para que as instituições privadas atuassem livremente no ensino técnico, o que acarretou em “uma enorme expansão da oferta privada de cursos profissionalizantes de nível básico” (ESTEVÃO, 2019, p. 83). Além disso, “apesar do caráter formativo profissional, são cursos sem vinculação com conhecimento científico, de curta duração e sem garantia ou avaliação da qualidade” (ESTEVÃO, 2019, p. 83). Segundo a mesma autora, como consequência da livre atuação das instituições privadas para o ensino profissional, a mesma modalidade do ensino público sofreu com o desinteresse por parte do Estado.

Essa situação perdurou até 2004, quando, no governo Lula⁸, começou uma discussão acerca da integração entre Ensino Médio e Ensino Profissional. Mesmo com o decreto assinado pelo governo⁹, emitido com o intuito de criar um compromisso do Estado com a integração do Ensino Médio, abriram-se brechas para que isso acontecesse de forma desconjuntada, visto que essa integração estava a critério das escolas e dos sistemas de ensino. (ESTEVÃO, 2019).

No que se refere ao decreto citado anteriormente, Estevão (2019, p. 84) postula que

⁸ Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2011.

⁹ Decreto nº 5.154/2004.

Somente após três anos da instituição do Decreto nº 5.154/2004, é que se pode observar certa tentativa de materialização da integração do ensino médio à educação profissional técnica, por meio da reorganização da Rede Federal de Educação Tecnológica com a promulgação do Decreto nº 6.095/2007 e, no ano seguinte, a Lei nº 11.892/2008. Ambos trataram da constituição dos Institutos Federais de Educação Tecnológica (IFs) e da reorganização da Rede Federal de Educação Tecnológica a partir da integração de instituições federais de educação tecnológica já existentes, como os CEFETs e escolas agrotécnicas.

Além dos cursos de Ensino Médio técnico, os IFs contam com cursos de Ensino Superior nos campos de bacharelado, tecnólogos e licenciaturas, nas mais diversas áreas de conhecimento.

Em 2009, foi instituído o novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cuja principal função é a “indução da organização curricular do ensino médio, além de cumprir a função de vestibular unificado, em associação ao Sistema de Seleção Unificado (SiSU)” (ESTEVÃO, 2019, p. 90).

No primeiro ano de governo Dilma¹⁰, deu-se início ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). O programa visava à ampliação dos cursos técnicos, mas o que o difere dos demais cursos técnicos do Estado é a possibilidade de, além dos estudantes do Ensino Médio, o curso ser acessado pelos adultos que tiveram o Ensino Médio cursado integralmente em escolas públicas ou como bolsistas em escolas privadas.

Voltando à discussão iniciada anteriormente, que diz respeito ao investimento do Estado na educação pública para o interesse da economia global, Estevão (2019, p. 86) discorre que

a orientação para o setor público é concentrar na expansão da oferta da educação básica e, ao mesmo tempo, fomentar a transferência da oferta dos cursos de formação profissional para a iniciativa privada, sendo esses cursos de nível básico, de formação específica, voltados às demandas do mercado.

Nesse viés, é importante que tenhamos o senso crítico para perceber que a tentativa de ampliação do acesso ao Ensino Médio técnico não pressupõe apenas a democratização do ensino público, mas também a tentativa de atender aos interesses econômicos do mercado mundial.

Um documento que norteia a educação no momento atual é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi aprovada em 2014, a partir da “necessidade de implementação de

¹⁰ Dilma Rousseff, presidente do Brasil entre 2011 e 2016.

uma grande reforma do ensino médio”; além disso, tinha como propósito a definição de “competências, metas e prazos a serem cumpridos” (ESTEVÃO, 2019, p. 103). O documento serve de base para professores e equipe gestora das escolas, constando que

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2018, p. 70).

A reforma do Ensino Médio¹¹, ou o Novo Ensino Médio, que aconteceu em 2017, sob a justificativa de uma política de impulsionar o Ensino Médio em tempo integral, trouxe um aumento de 400 horas na carga horária. Segundo Teixeira (2018, p. 32), a lei 13.415

É mais uma demão de pintura em cima de tantas outras, com agravante de ser anunciada como medida provisória. Apesar de ser uma prerrogativa do presidente da república, em caso de urgência ou alta relevância, contraria o princípio da educação nacional o artigo 206 da Constituição Federal, inciso VI, que reza a gestão democrática do ensino público.

A última mudança do Ensino Médio ocorreu ainda no início de 2022, propndo o acréscimo de novas de disciplinas na grade curricular. De acordo com os documentos oficiais, “todas as habilidades da BNCC foram definidas tomando-se como referência o limite de 1.800 horas do total da carga horária da etapa (LDB, Art. 35-A, § 5º)” (BRASIL, 2022, p. 470) Além disso, permite que alunos e alunas tenham suas grades curriculares “flexíveis”, uma vez que podem escolher para qual área da educação se dedicará.

É de se refletir que essa flexibilização não acontece na realidade. Se é permitido aos alunos e alunas escolherem as disciplinas que melhor se encaixam nas carreiras que querem seguir e a “migração” para outras escolas que oferecem a disciplina em horário que não é oferecida nas escolas nas quais estão regularmente matriculados, como os alunos se locomovem? Quem se responsabiliza por essa locomoção?

Ora, se essa flexibilização visa ao aprofundamento em disciplinas que são base para as futuras profissões escolhidas, significa que serão formados cidadãos e cidadãs para o mercado de trabalho, diminuindo a procura para o ingresso no Ensino Superior. Trata-se, na verdade, de

¹¹ Lei nº 13.415/2017.

formar profissionais para atender a demanda do mercado, como o que aconteceu na Era Vargas – exposto anteriormente – de uma forma “maquiada”.

Se, enquanto profissionais docentes, pretendemos uma educação democrática, precisamos levar em consideração que essa democratização “só será plenamente possível em uma sociedade em que todos desfrutem igualmente das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos” (KUENZER, 2007, p. 37).

Trazendo para o campo da literatura, foco deste trabalho, é importante pensar a literatura enquanto um direito de todos e todas, para que exista um ensino democrático. Assim sendo, precisamos ter em vista que

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CÂNDIDO, 2011, p. 188).

Diante dessa questão trazida por Cândido, uma importante reflexão que podemos fazer é a de que a literatura pode servir como emancipação do homem – da mente humana –, porque, embora os textos sejam ficcionais, funcionam como denúncia das mazelas sociais que marcaram a sociedade da época em que o texto foi produzido, mas, com frequência, dialogando com a sociedade atual. Dessa forma, a literatura é fundamental para que todos e todas tomem consciência dos lugares que ocupam na sociedade, bem como da necessidade de lutar pelos direitos básicos que deveriam ser assegurados a toda a população, tal como a própria literatura.

Após um compilado de fatos que delinearam a história do Ensino Médio brasileiro, nos debruçaremos, na sessão a seguir, nos principais tópicos que moldaram o ensino de literatura no Brasil.

2.2 Trajetória do ensino de literatura na educação brasileira

Neste tópico será realizada uma discussão sobre as principais características que marcaram as fases do ensino de literatura no Brasil. Para que essa argumentação seja possível, as obras de Maria do Rosário Martatti Magnani (2001) e de Rildo Cosson (2020) serão norteadoras do caminho a ser trilhado aqui.

Quando tratamos do ensino de literatura no Brasil, precisamos voltar 500 anos na história, nos tempos da colonização. Além disso, precisamos nos lembrar que as alterações no ensino de literatura, bem como todas as alterações no sistema educacional, como visto anteriormente, são resultados de interesses políticos. Desse modo, Magnani (2001, p. 11) nos lembra que

As tentativas de mudanças no contexto educacional e cultural, como se deu também nos campos político, econômico e social, caracterizam-se, de certo modo, por rupturas parciais com a tradição, por renovações (e não inovações) num movimento histórico mais de recuos que de avanços.

Nesse sentido, a partir dos diferentes padrões de ensino que veremos nesse tópico, perceberemos que apesar de acontecerem mudanças no sistema de ensino, muitas delas significam um retrocesso no que diz respeito à educação literária.

Como foi visto no tópico anterior, os jesuítas vieram ao Brasil com o propósito de catequizar os indígenas, em 1549. É nessa época que se inicia o ensino de literatura no país. Seguindo, então, uma ordem linear, o primeiro fato a ser narrado aqui será acerca do ensino jesuítico nesse período.

Como o ensino jesuítico tinha como principal objetivo a propagação da fé cristã, outra questão que é preciso compreender é que no ensino de literatura da época tratava da “universalidade, da formação do “homem perfeito”, do “bom cristão”, que pretendia uma isenção ideológica acima das diferenças de nação, da raça e da classe” (MAGNANI, 2001, p. 14).

Nesse período, as práticas pedagógicas se limitavam à utilização de textos canônicos (europeus), utilizados para se trabalhar a memorização e a oralidade. Para Cosson (2020, p. 21), esse método de ensino é denominado paradigma moral-gramatical. Nesse padrão de ensino, “a literatura é *um corpo de obras dadas pela tradição*”. A escolha dos textos se dava a partir do que era tido como clássico e erudito, considerando “a autoridade de seus autores, e o caráter duplamente modelar que cada texto assume” (COSSON, 2020, p. 22). Os textos literários que serviriam de pilares para a prática pedagógica eram escolhidos a partir do que era tido como legado da humanidade, universais e atemporais.

O autor esclarece-nos que

O que permite a reunião desses textos heterogêneos em um todo mais ou menos coeso é, a um só tempo, a autoridade de seus autores e o caráter

duplamente modelas que cada texto assume na coletânea destinada ao uso escolar. (COSSON, 2020, p. 22).

Nessa direção, Magnani (2001, p. 16) declara que essa universalidade e uniformidade do pensamento “se colocam acima de uma realidade social” e dessa forma “tornam o discurso do dominador interno manipulado pela metrópole”. Nesse sentido, entendemos que a seleção de textos nesse padrão de ensino, além de distanciar alunos e alunas de uma formação para enfrentamentos dos problemas cotidianos e sociais, coloca a realidade europeia em uma posição de superioridade.

Além de se tratar de textos que não preparavam os alunos para problemas reais, os textos selecionados objetivavam ensinar o que era considerado certo pela Igreja Católica, religião oficial da época. Esses textos permitiam “extrair mais facilmente lições sobre o certo e o errado, o bem e o mal, os vícios e as virtudes, sobretudo quando são dirigidos às crianças menores” (COSSON, 2020, p. 24). O autor conta que “em relação à leitura, se integra aos ensinamentos religiosos ou sociocomportamentais para o direcionamento correto da formação virtuosa dos alunos (COSSON, 2020, p. 25).

É importante ressaltar que as obras escolhidas para o ensino de literatura nesse período não eram trabalhadas por completas, mas a partir de fragmentos selecionados pelos dirigentes das escolas. Esses fragmentos, ou textos pequenos, eram aproveitados não apenas para o ensino da moral da fé cristã, mas também como exemplos para o ensino da escrita da língua. Tratava-se, portanto, de textos clássicos da literatura europeia com uma linguagem erudita. Nesse viés, compreendemos que “a literatura é um conteúdo que está inserido no ensino da escrita, ou seja, ela faz parte de ensinar a ler e escrever, do acesso e do domínio da escrita” (COSSON, 2020, p. 30).

Uma das referências utilizadas para o ensino da época, foi a obra do padre José Inácio Roquette (1873), com o título *Ornamentos da Memória*. Salino (2012, p. 90) revela que a obra indica, principalmente, os textos de Camões, Vieira e Bernardes, como forma de educar os jovens:

Os pais e os mestres que, durante a educação de seus filhos e alunos, lhes fizerem aprender todos os dias alguns pedaços bem escolhidos de nossos clássicos, dar-lhes-ão um tesouro de eloquência, cuja utilidade ao diante conhecerão, e saberão apreciar quando houverem de compor ou falar no pátrio idioma; e lhes darão ao mesmo tempo o melhor antídoto contra a peste de linguagem peregrina, mormente francesa, que impunemente tem desfigurado a formosa língua que nos legaram Barros, Camões, Luiz de Souza, Vieira e Bernardes. (ROQUETTE, 1873, *apud* SALINO, 2012, p. 90).

Cabe, aqui, trazer um dos textos dos autores sugeridos como estratégia de ensino daquilo que era considerado bom para a comunidade jesuítica, uma vez que, para os indígenas, os textos cânones europeus, bem como a catequização, foram impostos:

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae. Ide, e pregai a toda a criatura. Como assim, Senhor? Os animais não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas? Pois não os Apóstolos de pregar às pedras? Não de pregar aos troncos? Não de pregar aos animais? Sim, diz S. Gregório depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas; haviam de achar homens; haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores Evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça! (VIEIRA, 1665) de Padre Antônio Vieira)

O que causa maior estranhamento à pesquisadora é a utilização de textos que enaltecem “heróis” portugueses, em uma terra onde eles desempenharam um papel oposto ao de herói, uma vez que realizaram invasão e imposição de costumes e crenças. No trecho apresentado, é ordenado que se pregue o evangelho a toda criatura, o que levou aos invasores, de forma opressora, a “catequizar” os povos indígenas.

A queda desse sistema de ensino implicou a perda de alguns aspectos para o ensino da literatura, como o contato intenso com os textos do passado. Contudo, abriu vantagem para o que Cosson explica ser o paradigma histórico-nacional no final do século XIX e início do século XX.

Vale atentarmos para o grande espaço de tempo entre o primeiro padrão de ensino de literatura do Brasil e sua ruptura para o histórico-nacional. Foram mais de 300 anos seguindo um modelo de ensino, que, embora tenha sido substituído, deixou traços no ensino da disciplina.

A principal diferença entre os modelos de ensino moral-gramatical e histórico-nacional está na seleção dos textos para o ensino. Enquanto o primeiro enaltecia a cultura erudita europeia, esse último buscava valorizar a literatura nacional e colocar em evidência as “brasileiridades”. Tratava-se, portanto, de “elencar, bem como defender, as características ou os elementos que são peculiares ao Brasil” (COSSON, 2020, p. 41). O mesmo autor esclarece ainda que

Dentro dessa concepção de literatura, determinados autores e obras são eleitos representantes do país, garantindo na absorção de modelos estéticos europeus o que era próprio do Brasil e limitando e legitimando, por essa diferença, a representação literária da identidade nacional (...) A marca definidora desse paradigma é o nacionalismo que faz a ponte entre a literatura e a história na história literária e entre esta e a escola, ou seja, *o paradigma histórico-nacional é resultado da interligação do nacionalismo com a história literária e a escola* (COSSON, 2020, p. 42).

Isto posto, é importante compreendermos que, embora as características do que era considerado uma “brasilidade” partissem da absorção dos modelos europeus, as diferenças que se observavam entre esse e aquele marcavam os critérios e as singularidades de nacionalidade. Dessa maneira, o maior objetivo era destacar as peculiaridades do Brasil.

Nessa direção, a partir do intuito de valorizar as “brasilidades”, os textos selecionados para o ensino de literatura apresentavam um

valor puramente documental do período colonial, ou como é o caso da Carta de Caminha e dos cronistas quinhentistas, ou uma produção claramente didático-religiosa, como a do padre Anchieta. O que importa aqui é menos o valor estético que a obra possa ter e mais o seu aspecto documental ou testemunhal de uma brasilidade que preexiste até mesmo à independência política do país (COSSON, 2020, p. 44).

Em razão disso, é importante que tenhamos ciência de que há semelhanças com os dois primeiros paradigmas citados anteriormente, uma vez que, no paradigma histórico-nacional, os textos selecionados também exerciam a função de formar moralmente e ensinar a língua portuguesa considerada culta na época. Dessa forma, salienta-se a distinção social marcada historicamente no ensino de literatura brasileiro. Em outras palavras, Cosson (2020, p. 45) diz que o ensino da literatura, a partir desse paradigma, desempenha um papel de “tradutor cultural, filtrando no conjunto das obras selecionadas o que merece ser guardado e louvado como nacional”.

É fundamental mencionar que as obras selecionadas para estudo tornaram-se de grande sucesso editorial, no sentido de serem usadas como material didático, embora não fossem trabalhadas com “uso diário e sistemático na sala de aula” (COSSON, 2020 p. 57). Dessa maneira, cabe uma reflexão no sentido de questionar o quanto o mercado editorial manipula a escolha das obras que devem ou não devem ser ensinadas como estratégias de ensino, ao invés de essa escolha se dar unicamente pelo potencial de formação do alunado.

Os textos que eram elencados para uso pedagógico nesse período eram os considerados canônicos da literatura brasileira. Dessa forma, era bastante utilizada a *Carta*, de Caminha, e

alguns outros textos de produção jesuítica. Posteriormente, foram utilizados as obras literárias artísticas (COSSON, 2020).

Vejamos, a seguir, um trecho da *Carta*, de Caminha, sobre a descrição das terras e dos povos nativos do Brasil:

(...) Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar (...)

É, no mínimo, curiosa a presunção de considerar salvadores aqueles que invadem a terra e oprimem os povos nativos. Outra questão que causa inquietação à pesquisadora, é que utilizar os registros jesuíticos para o ensino de literatura, naquele contexto, pode reafirmar uma ideia de heroísmo do colonizador.

A partir da segunda metade do século XX, principalmente nos anos 1970, os cursos de pós-graduação foram inspirados por correntes teóricas, como Formalismo russo e o Estruturalismo; algumas mudanças no sistema educacional ocorreram e, conseqüentemente, estenderam-se ao ensino de literatura. A partir disso, foi estabelecido um novo padrão de ensino da disciplina, o *analítico-textual*. É a partir desse modelo de ensino que ocorre a primeira quebra dos padrões conservadores.

Nesse período, os textos determinados como padrões para uma boa literatura deveriam apresentar grande preocupação no que diz respeito à linguagem literária. Dessa forma, os textos selecionados para o ensino eram aqueles que apresentavam “maior grau de elaboração estética” (COSSON, 2020, p. 73). Embora houvesse uma ruptura com os padrões conservadores dos modelos anteriores de ensino, podemos perceber ainda um caráter elitista, visto que o que era considerado como essencial era uma linguagem esteticamente elaborada e que fugia aos padrões populares. Para Cosson (2020, p. 77),

há, assim, na própria base conceitual desse valor estético da obra literária, um caráter inegavelmente elitista, que se reflete em distinções valorativas, como acontece entre obras de entretenimento e obras estéticas, assim como em mecanismos de leitura analíticos mais rigorosos que demandam a um só tempo sensibilidade e conhecimento técnico especializado.

Diante disso, valorizava-se um conjunto de obras que eram escolhidas e que não se baseavam pelos autores considerados canônicos, tampouco pela nacionalidade desses autores, mas pelo conjunto das obras que seriam escolhidas.

O principal objetivo desse padrão de ensino era potencializar “a consciência estética do aluno”, a fim de que ele pudesse “apreciar adequadamente os textos literários” (COSSON, 2020) Além disso, esse paradigma objetivava “instrumentalizar o aluno”, no sentido de torná-lo capacitado para a análise textual dos textos de literatura e, também, impulsionar o domínio técnico das análises literárias. Portanto, não era necessária uma compreensão para além do texto. Finalmente, buscava-se uma facilidade no sentido de conseguir contemplar as obras durante o horário da disciplina, motivo pelo qual era bastante comum optar por poemas líricos, primeiro pelo valor estético e, segundo, pela praticidade de ser trabalhado em sala de aula (COSSON, 2020).

Após esse período, começamos a perceber a participação de alunos e alunas no ensino de literatura. Com as práticas pedagógicas baseadas no padrão de ensino que chamamos de *social-identitário*, identificamos pela primeira vez que o alunado é estimulado a contribuir para uma sociedade igualitária. Nas palavras de Cosson (2020, p. 101), a literatura “é considerada um meio de humanização dos leitores”. É nesse momento que o ensino de literatura assume um viés de compreensão político-social que, nos modelos anteriores, eram ignorados e evitados. O autor salienta que “a literatura é um instrumento de resistência cultural e de luta em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária” (COSSON, 2020, p. 101).

É importante pensar que a posição e o engajamento político eram assumidos pelos leitores, não mais apenas pelo autor. Assim, as obras elencadas como essenciais, deveriam condizer com os princípios éticos da sociedade. Segundo Cosson (2020, p. 103),

o leitor do paradigma social-identitário participa ativamente do discurso literário, seja recusando obras que considere socialmente inadequadas, seja demandando e compartilhando com o autor a construção identitária que é representada na obra.

Nessa perspectiva, o ensino de literatura começa a se desprender da busca de uma compreensão puramente textual, passando a atentar para os problemas da sociedade. Assim, o ensino da disciplina começa a se voltar para o desenvolvimento de um saber crítico, a fim de que alunos e alunas possam se posicionar frente à comunidade, além de contribuir para uma

sociedade democrática. Por isso, é a partir desse padrão de ensino que os alunos e as alunas começam a desempenhar um papel colaborativo para o ensino de literatura.

Na direção de contribuir para uma sociedade mais plural, uma vez que o modelo de ensino priorizava textos que valorizassem a cultura dos povos africanos, os professores e professoras desenvolviam um papel de condutor dos debates das obras escolhidas. Daí que o paradigma apresenta um conflito: ao passo que era exigido que professores e professoras conduzissem o alunado para o pensamento crítico, essa condução deveria acontecer de forma que não houvesse “doutrinação”, pois havia a possibilidade de a família do alunado que entrar em conflito por desejar um ensino exclusivamente estético (COSSON, 2020).

No início da década 1980, em um contexto de crise do ensino de leitura, deu-se início a um novo modelo de ensino, que visava formar pessoas que usassem a literatura para trazer benefícios próprios. Assim, o paradigma da *formação do leitor* pressupunha que alunos e alunas desenvolvessem o hábito e o gosto pela leitura, além de formar leitores críticos. No que diz respeito às obras selecionadas para o ensino de literatura a partir dessa perspectiva, Cosson (2020, p. 137) explica que

o ideal libertário dessa prática de leitura é ainda reforçado pela ausência de hierarquias e pelo compartilhamento de gostos que ela proporciona, colocando alunos e professores em um mesmo ‘nível’, ainda que tenham diferentes repertórios e experiências de leitura de textos literários.

Nesse modelo de prática de ensino, os leitores e as leitoras exercem um papel ativo e contribuem para a formação. Embora esse modelo padrão de ensino busque a interação dos educandos e educandas, é importante compreendermos a contradição que ele estabelece, uma vez que não é possível que ensinemos uma aluna ou um aluno a sentir prazer nas leituras.

Vale ressaltar que apreciar o texto literário requer, para além do sentimento de prazer e da importância social, um conhecimento teórico. Não se trata apenas da leitura pelo prazer, mas de uma leitura que amplie o nível crítico do leitor. Para isso, a escola pode apresentar, pouco a pouco, diferentes tipos de textos, inclusive os clássicos, que por vezes ficam relegados ao esquecimento.

Aqui, busca-se evidenciar a interação do aluno com o texto, “que faz esse novo ensino ser essencialmente pragmático e participativo” (COSSON, 2020 p. 139). Essa prática se apoia na teoria de “Vygotsky e seus divulgadores, de onde parece emergir o conceito de mediação como instrumento do desenvolvimento do leitor” (COSSON, 2020, p. 164). Além disso, funda-

se no pensamento de Paulo Freire, visto que garante o protagonismo dos alunos e das alunas como leitores críticos.

Nessa prática de ensino, a indicação é que professores e professoras, bem como a escola, optem por utilizar textos estejam próximos à realidade do aluno: “essa proximidade pode se referir a gosto, realidade, contexto, vivência, capacidade cognitiva, faixa etária – em suma, a qualquer ponto onde o aluno se encontra em relação ao texto literário” (COSSON, 2020, p. 147).

Ainda que vise à participação do aluno e à formação de uma consciência crítica, esse paradigma se concentra no Ensino Fundamental, visto que o paradigma *histórico-nacional* apresenta maior força nas práticas pedagógicas nos anos do Ensino Médio.

Finalmente, o último modelo de prática de ensino a ser apresentado aqui é o do paradigma do *letramento literário*, termo denominado por Graça Paulino no fim da década de 1990. Cosson (2020, p. 177) salienta que esse padrão de ensino é o mais distante “das várias limitações que os outros paradigmas implícita ou explicitamente estabeleciam para o manuseio das obras literárias na escola”, pois considera os textos literários canônicos, mas também considera os textos que representam “uma comunidade e sua herança cultural” (COSSON, 2020, p. 175). Esse modelo considera, ainda, os textos imagéticos, como fotos, vídeos e filmes, como conjunto da obra a ser estudada, embora tenha o livro como suporte em maior evidência.

Os professores e professoras possuem um papel de “partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p. 35). Além disso, é importante que obras canônicas não sejam descartadas, a fim de manter herança cultural da sociedade.

É nessa perspectiva de não desconsiderar os cânones, mas de partir do ponto em que os alunos e alunas se sintam ambientador, que essa pesquisa se insere. Não se trata de abandonar os cânones literários para a substituição pelas adaptações em quadrinhos, mas de utilizar os quadrinhos para contribuir com as obras originais.

É pelo letramento literário que os conhecimentos prévios dos alunos e alunas são levados em consideração. Aqui, podemos perceber o pensamento de Paulo Freire, no que diz respeito à leitura de mundo preceder a leitura da palavra, bem como ao pensamento do educador de uma educação pautada no diálogo e na escuta, pois o letramento literário busca a comunicação entre o texto literário e os leitores e as leitoras.

No terceiro capítulo deste trabalho, será discutido mais a fundo os princípios desse paradigma. A seguir, será apresentada uma cronologia da inserção das histórias em quadrinhos no Brasil.

2.3. Dos semanários às Editoras: 191 anos de Histórias em Quadrinhos no Brasil

Quando falamos em História em Quadrinhos, é comum que o gênero textual seja relacionado ao público infantil. Para que essa imagem seja desconstruída, faremos aqui uma retrospectiva das HQ no Brasil e de como o gênero exerceu uma grande importância para o pensamento crítico na época em que chegou ao país.

Traçando um panorama linear, o início das Histórias em quadrinhos no Brasil aconteceu por meio de textos de humor gráfico ainda no século XIX. É importante ressaltar que esses textos recebiam influências de diferentes países. De acordo com Vergueiro (2017, p. 15), “o humor gráfico foi significativamente cultuado em diversos jornais brasileiros, com grandes artistas se destacando no campo da charge e da caricatura”.

Considerando o contexto político social do século XIX, compreende-se que as críticas publicadas em jornais deveriam manter-se em anonimato, uma vez que a liberdade de expressão não era garantida à sociedade.

Existem registros do primeiro texto humorístico publicado no país. Impressa em 25 de abril de 1831, no semanário pernambucano *O Carcundão*, (Figura 1), a sátira representava um político da época e medidas adotadas por ele (VERGUEIRO, 2017). O título do semanário fazia uma crítica aos cidadãos conservadores da época, que desejavam a volta de D. Pedro I. O autor utilizou da palavra “carcunda” para fazer uma referência a esses apoiadores do ex-imperador, pois a palavra insinuava que, de tanto se curvarem, ficaram corcundas, daí o nome *O Carcundão*. Nessa direção, podemos perceber, também, que o semanário adotava uma posição política contrária ao conservadorismo.

Figura 1. Primeiro texto de humor publicado no Brasil.

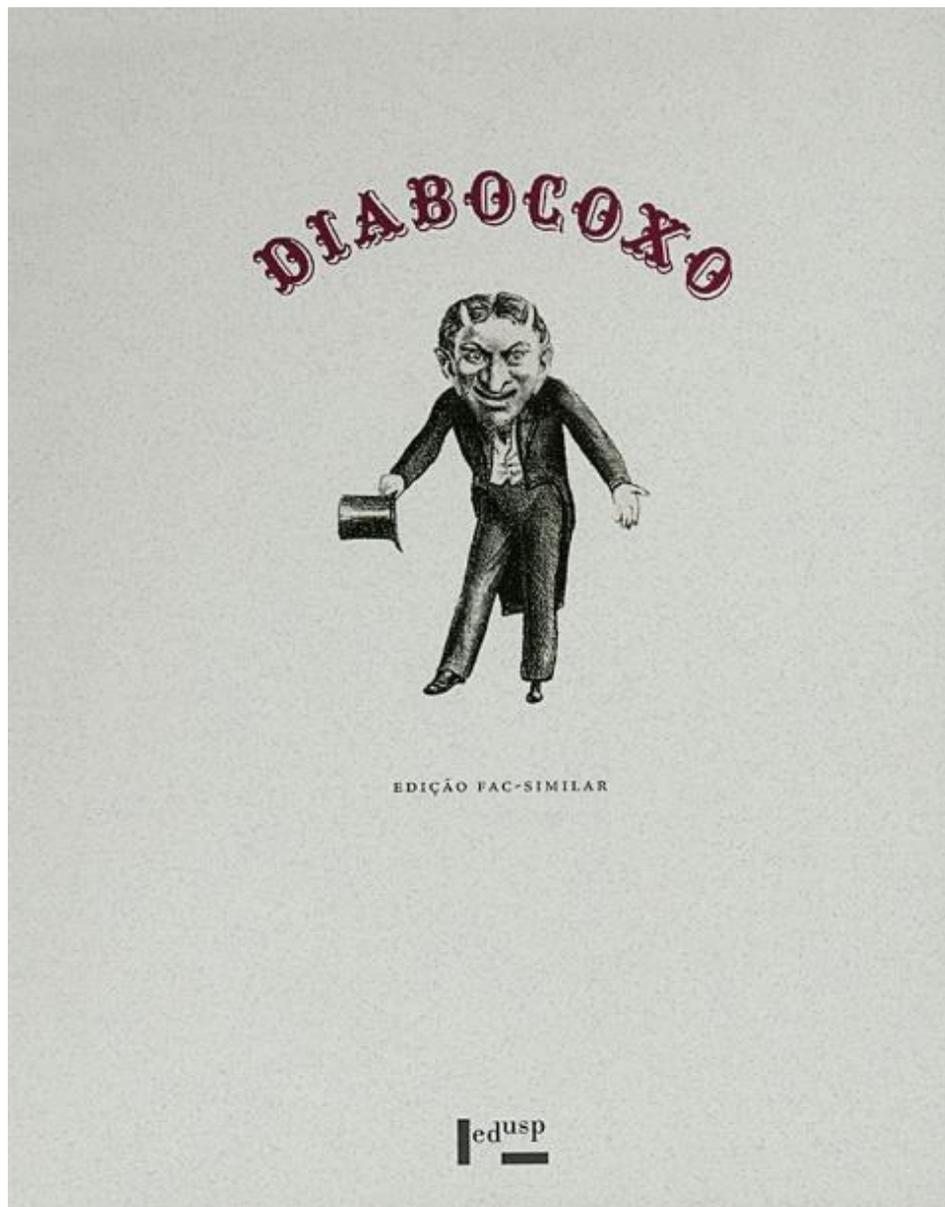


Fonte: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/conheca-tataravo-memes-pasquim-carcundao>

Embora tenham se passado quase dois séculos da publicação, percebemos a crítica político social, uma vez que o texto possui elementos que fazem referência a um homem com vestes nobres e a pilastra pode representar um local de ordem de legislação e/ou judiciário.

Trinta e três anos após a primeira publicação do texto humorístico no estado de Pernambuco, foi publicado em São Paulo o primeiro periódico que trazia ilustrações como crítica social. Intitulado *Diabo Coxo* (Figura 2), o jornal manteve seu funcionamento de 17 de setembro de 1864 até 1865. O periódico era publicado a partir de séries de 12 números. “O número 12 da 2ª série, o último conhecido, corresponde a 31-12-1865” (SANTOS, 2000, p. XXV).

Figura 2. O Diabo Coxo.



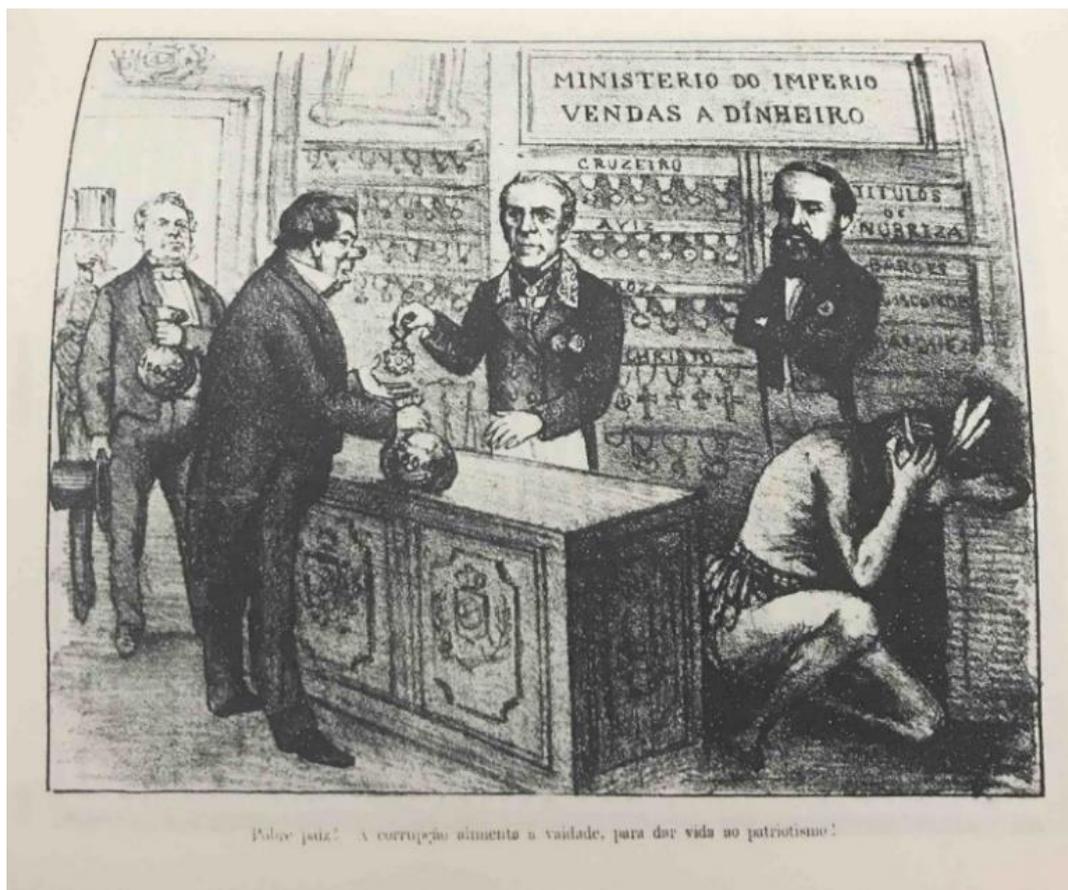
Fonte: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/conheca-tataravo-memes-pasquim-carcundao>

É importante ressaltar que as publicações do periódico mencionado eram ilustradas por Angelo Agostini, que é considerado o artista gráfico de maior importância no segundo reinado. O ilustrador foi naturalizado brasileiro e trouxe influências italianas para o texto gráfico no Brasil. Agostini “tinha um traço bastante pessoal e era dono de um humor ferino e destruidor” (VERGUEIRO, 2017, p. 21). Nas palavras contidas no semanário da época, reeditado em 2000, Angelo Agostini, “com seu espírito satírico, todas as feições ridículas do seu tempo ele as traçou, com seu lápis cintilante”.

Após pouco mais de um ano da estreia de *Diabo Covo*, e com o encerramento do jornal, Angelo Agostini participou da fundação do *Cabrião*, semanário idealizado juntamente com Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. O *Cabrião* foi considerado o mais importante periódico paulista do segundo reinado, publicado de 30 de setembro de 1866 até 29 de setembro de 1867. Vergueiro (2017) explica que o formato do jornal se dava em oito páginas, sendo quatro de textos verbais e quatro por textos não verbais (as caricaturas). O jornal publicava notícias e caricaturas de membros de cargos altos no governo, no clero e na sociedade, como atores e atrizes, cantoras e cantores e pintoras e pintores. Um exemplo naquela que é considerada uma das charges mais sarcásticas de Agostini (Figura 3) – Santos (2000, p. XXXV), na edição de 2000 do *Cabrião*, afirma que

No seu número 15, de 13-1-1867, publicou uma de suas mais ferinas “charges”, mostrando o Ministro do Império do gabinete de Zacarias de Góis e Vasconcelos, Senador José Joaquim Fernandes Torres, por trás de um balcão, vendendo a dinheiro títulos de nobreza e condecorações, sob as vistas de D. Pedro II, ao passo que o Brasil, simbolizado no índio, envergonhado, oculta o rosto.

Figura 3. Charge Ministério do Império,



Fonte: *Cabrião*, p.120

A legenda da charge apresenta uma sentença de revolta: “Pobre paiz! A corrupção alimenta a vaidade, para dar vida ao patriotismo! ”. É possível, por meio da legenda, perceber que os títulos de nobreza e o falso sentimento de patriotismo são prioridades daqueles que governavam na época, ao passo que os problemas sociais, em especial a fome, ficavam “de escanteio”, visto que o problema atingia pessoas desfavorecidas social e economicamente. O índio oprimido representando o Brasil nos diz muito sobre a invasão portuguesa em 1500. Podemos interpretar que a cultura indígena – que causava vergonha para o povo brasileiro – foi cruelmente substituída por uma cultura europeia.

É importante mencionar que o jornal humorístico *Cabrião* apresentava um viés político adepto ao Partido Liberal¹², no Segundo Reinado, por isso suas publicações assumiam um posicionamento contrário ao Partido Conservador. Dessa forma, alguns processos jurídicos foram ocasionados na época. Em 29 de setembro de 1867, o semanário alertou o público que fecharia temporariamente por falta de recursos, uma vez que seus assinantes estavam com atraso no pagamento da assinatura. O *Cabrião* nunca mais voltou a publicar desde então. (SANTOS, 2000). Após o encerramento do *Cabrião*, Angelo Agostini mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fundou as publicações humorísticas *Revista Ilustrada* e o *Dom Quixote*, além de ter colaborado para a criação de outras publicações.

Em 1883, na *Revista Ilustrada*, Agostini iniciou uma sequência humorística intitulada “Zé Caipora”, que contava as aventuras de um cidadão do interior. Essa sequência teve onze capítulos publicados no mesmo ano, sendo que “o décimo segundo sairia no ano seguinte e o décimo terceiro somente em 1886” (VERGUEIRO, 2017, p. 23). “Zé Caipora”, então, pode ser considerada como a primeira História em Quadrinhos de aventura do Brasil.

De acordo com Vergueiro (2017, p. 25):

Apesar de Agostini não utilizar balões, pois eles não eram comuns em seu tempo, suas histórias em quadrinhos deixam evidente um soberbo domínio da técnica de contar graficamente uma história. Assim, não causa surpresa que vários estudiosos considerem sua obra gráfica um marco dos quadrinhos mundiais.

Ainda de acordo com Vergueiro (2017), além das aventuras de “Zé Caipora, uma outra sequência humorística que ganhou visibilidade foram ”As aventuras de Nhô-Quim” (1869),

¹² Criado em 1831 e extinto em 1866.

publicada na *Revista Fluminense* (de uma das quais Angelo Agostini colaborou para a abertura). A história é, também, considerada uma das primeiras HQ do país e, por isso,

o dia de aniversário de lançamento de *As aventuras de Nhô-Quim*, 30 de janeiro, foi proclamado pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo, em 1984, como o Dia do Quadrinho Nacional. (VERGUEIRO, 2017, p. 25).

As obras de Agostini tornaram-se referência no país, além de o autor ter se consolidado como o primeiro e o principal quadrinhista do Brasil, participando da criação de diversas revistas da sua época, além de ter sido o responsável pela elaboração do logotipo da revista *O Tico-Tico* (Figura 4). Iniciada no início do século XX, a revista foi publicada de 1905 até 1962 e tornou-se a primeira revista brasileira a publicar Histórias em Quadrinhos de maneira regular (VERGUEIRO, 2017).

Figura 4. Logotipo de *O Tico-Tico*, em 1905.



Fonte https://www.researchgate.net/figure/Logotipo-da-revista-O-Tico-Tico-criacao-de-Angelo-Agostini-em-1905_fig1_341993438

A revista levava o nome de diversas escolas e pré-escolas da época, mas também levava o nome de um pássaro comum a muitas regiões brasileiras. É possível fazer relação às duas referências, uma vez que a revista era destinada ao público infantil, além de trazer em seu

logotipo a presença de crianças em torno das letras. Em relação ao pássaro Tico-Tico, o logotipo também traz a figura de pássaro em meio às crianças (VERGUEIRO, 2017).

Vale ressaltar o caráter formativo e a questão didática que a revista *O Tico-Tico* apresentava. Vergueiro (2017, p. 25) revela-nos que

desde o início, a revista destacou-se por uma seleção de seções, apresentando matérias com teor informativo, educativo, cívico e moral. A variedade foi, talvez, sua maior característica, dando conta dos diversos aspectos da vida social necessários ao desenvolvimento das crianças. Elaborada em tom carinhoso, com linguagem coloquial e preciosismo lingüístico, acreditava que o avanço do País dependia do compromisso com a educação das futuras gerações, ampliando seu acesso às benesses da civilização letrada.

É importante atentarmos para esse fato, pois ele mostra um movimento da revista no sentido contribuir para uma formação moral – a partir do que era considerado certo pela sociedade da época – de leitoras e leitores. Há de se considerar que, por se tratar de uma revista que também precisava atender aos “desejos” do mercado, essa contribuição para a educação era baseada no que a classe média do país julgava como “boa conduta”, com valores morais e religiosos. Na verdade, essa contribuição era de uma tentativa (que funcionou) de agradar ao público consumidor da revista, porque ensinava as crianças aquilo que os pais queriam que fosse ensinado. Vergueiro (2017, p. 31) alerta-nos que

A revista *O Tico-Tico* elegeu como seu público preferencial a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculada em instituições educacionais formais, com uma inteligência superior à média e submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira; ela assentou suas energias nos filhos da classe média urbana, pautando-se pelos interesses, desejos e gostos desse segmento social, dessa forma reforçando em suas páginas os modelos aceitáveis de comportamento que podiam colaborar para a permanência do padrão social vigente. Refletia, assim, uma concepção de infância caracterizada pela ingenuidade, em que meninos e meninas precisam ser guiados pela lucidez e sapiência dos mais velhos, evidenciando a tradição cultural brasileira do paternalismo em relação aos mais fracos, encontrada inclusive na relação do Estado com o povo humilde, que precisava ser protegido, doutrinado, conduzido pelas elites políticas e intelectuais.

Não é de causar espanto que a revista atendesse às vontades da classe média, uma vez que – ainda hoje e desde muito tempo – todas as mudanças educacionais giraram (e giram) em torno do mercado. Por que o meio editorial também não haveria de fazê-lo? Se a intenção das revistas em quadrinhos era vender seus exemplares, era preciso que fosse publicado aquilo que

era “comercial” para quem consumisse esse tipo de entretenimento. Ora, ninguém tem a pretensão de colocar à venda um produto que não atende às necessidades do público.

A revista em questão fez parte da vida dos brasileiros por cinco décadas, e contou com o personagem Chiquinho (Figura 5) – o mais famoso da revista. Apesar de muitos brasileiros acreditarem que Chiquinho fosse uma criação brasileira, a personagem foi criada dos Estados Unidos, com o nome original Buster Brown. (VERGUEIRO, 2017).

Figura 5. Personagem Chiquinho.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/chiquinho/9852>

Segundo o mesmo autor (2017), a revista foi responsável por trazer personagens famosos dos Estados Unidos para o Brasil, como Mickey Mouse, Popeye e O Gato Félix, dentre outros personagens americanos das Histórias em Quadrinhos. Além disso, foi responsável, também, pela criação de personagens que marcaram história e que foram desenvolvidos por brasileiros. Alguns desses personagens são Reco-Reco, Bolão e Azeitona (Figura 6) – criação de Luíz Sá.

Figura 6. Reco-Reco, Bolão e Azeitona.

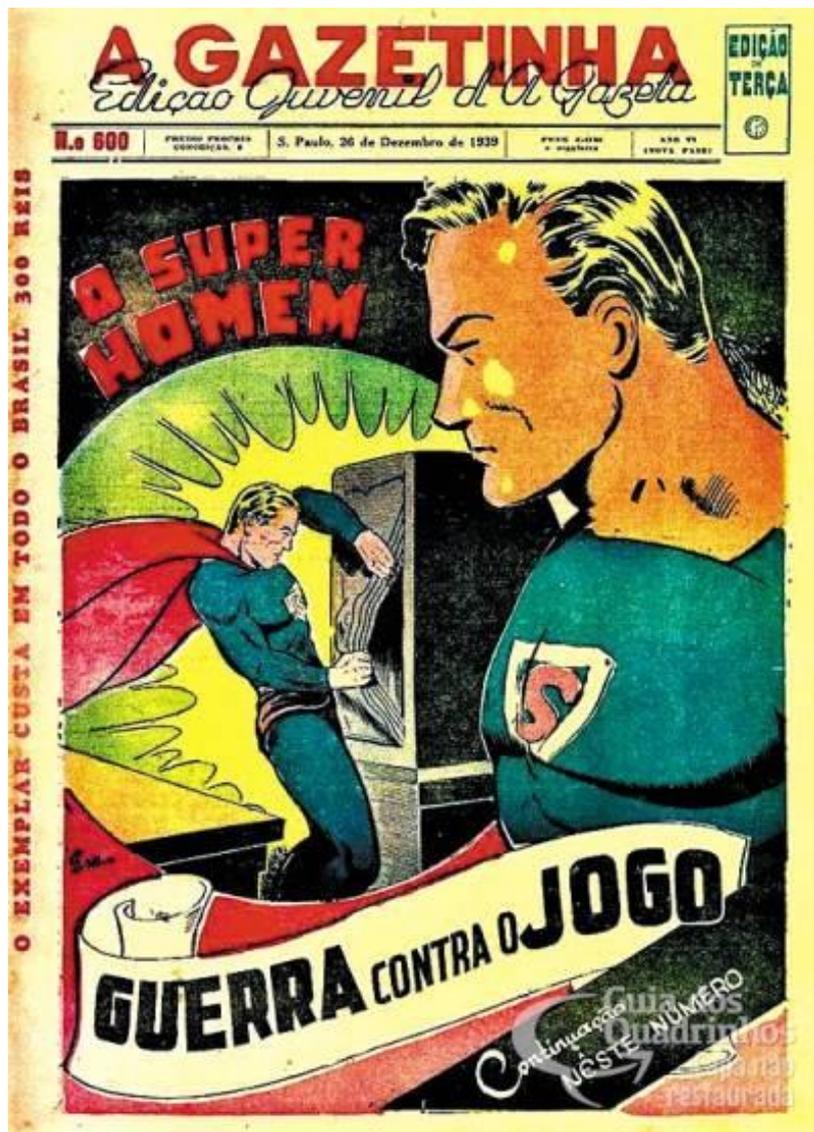


Fonte: <http://blogdogutenberg.blogspot.com/2019/11/ha-40-anos-morria-o-criador-do-reco.html>

O Tico-Tico teve sua primeira publicação em 11 de outubro de 1905, com o título “MANDA QUEM PODE” (Figura 7). Após quase cinquenta e sete anos no mercado, a revista encerrou sua publicação em fevereiro de 1962, com 2.096 edições. Em 2005, ano em que a revista completaria seu centenário, *O Tico-Tico* foi homenageada com um livro de edição comemorativa, intitulado *O Tico-Tico: cem anos de revista*.

por volta de 1929 e trouxe, além de obras brasileiras, personagens norte-americanos para serem apresentados aos leitores brasileiros. Embora houvesse a aceitação do público, o personagem com maior visibilidade da revista chegou dez anos mais tarde, quando a *Gazetinha* trouxe o Superman (Figura 8), surgido um ano antes nos Estados Unidos, para a publicação em quadrinhos. A revista foi publicada até a década de 1950. (VERGUEIRO, 2017).

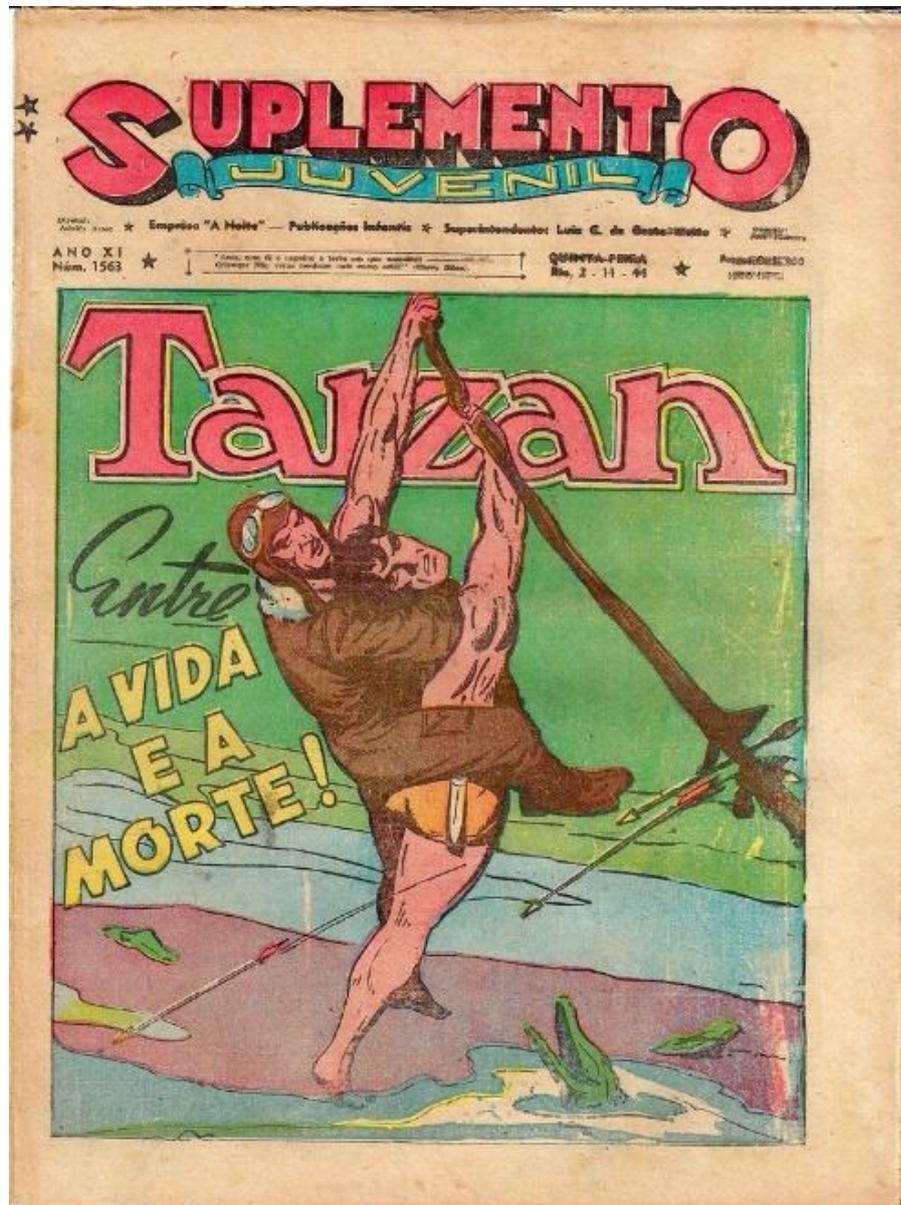
Figura 8. Superman na capa da *Gazetinha*.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/gazetinha-a-n-600/a%20179100/102038>

Já no estado Rio de Janeiro, uma das revistas com maior destaque no gosto popular era a *Suplemento Infantil*, mais tarde *Suplemento Juvenil*. A revista teve sua publicação de 1934 a 1945 e foi responsável por trazer ao Brasil personagens americanos de grande sucesso entre os leitores, como Tarzan (Figura 9) e Mickey Mouse (VERGUEIRO, 2017).

Figura 9. Tarzan, na *Suplemento Infantil*.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/komickaziinternational/50643616891>

Antes de seu encerramento, a *Suplemento Juvenil* lançou uma edição da revista em tamanho menor, com histórias em formato *comic*¹³, que foi reproduzida também por outras revistas. Uma das revistas que repetiu essa produção em formato *comic* foi a revista *Gibi* (Figura 10), cuja associação com o seu nome ainda representa tantas outras revistas de Histórias em Quadrinhos.

¹³ Formato de História em Quadrinhos. Palavra americana que caracteriza Histórias a partir do humor.

Figura 10. Revista *Gibi*.

Fonte: <http://www.gibiosfera.com.br/blog/2010/02/gibi-origem-palavra/>

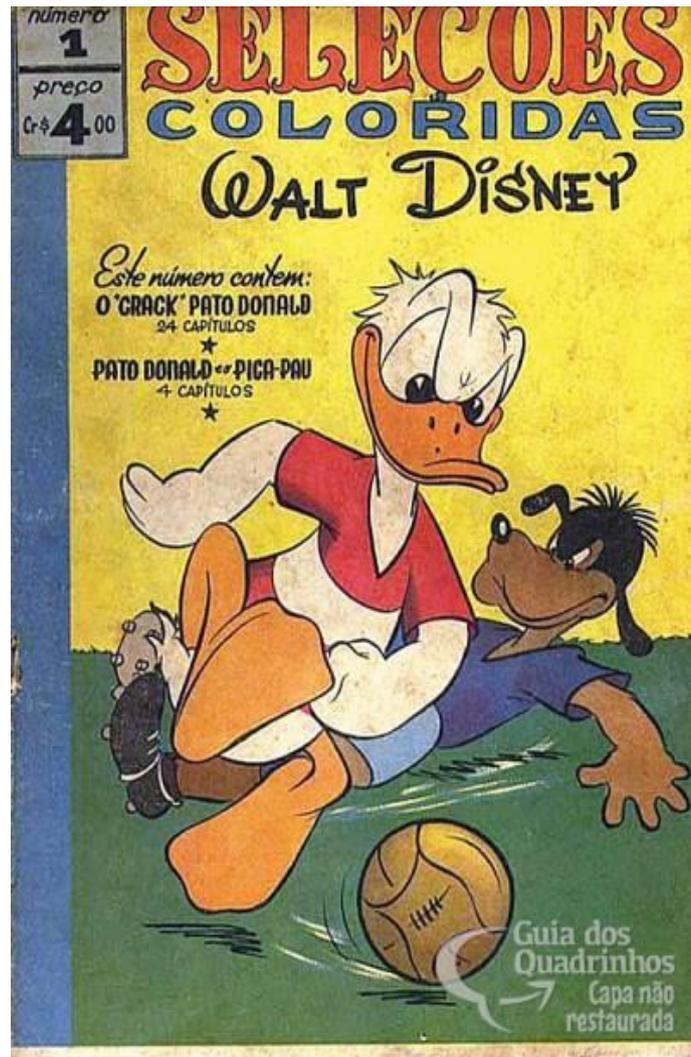
O encerramento das revistas mencionadas abriu portas para uma nova fase das HQ no Brasil. Trata-se do aparecimento de editoras que se qualificaram na publicação de Histórias em Quadrinhos, muitas delas destacando-se e permanecendo até os dias atuais, com a publicação de histórias que “caíram” no gosto popular.

Não serão apresentadas, neste trabalho, todas as editoras que já publicaram quadrinhos no Brasil, mas serão evidenciadas aquelas que marcaram a história das HQ.

Seguindo uma ordem cronológica de abertura das editoras, a primeira a ser apresentada é a editora EBAL (Editora Brasil-América Limitada), que começou sua publicação no ano de 1945 e por décadas se destacou como uma das maiores editoras de Quadrinhos da América Latina.

De acordo com Vergueiro (2017), a EBAL, além de lançar revistas com personagens e histórias produzidas por quadrinistas brasileiros, foi responsável por trazer os personagens da Disney para os Quadrinhos no Brasil, em parceria com a Editora Abril de Buenos Aires. Na sua primeira edição de *Seleções Coloridas* (Figura 11), a editora trouxe personagens como *O Pato Donald* e *Patolino*. Posterior a isso, a editora tornou-se representante dos principais super-heróis dos Estados Unidos, trazendo para suas revistas personagens que ainda permanecessem com alto índice de popularidade, como *Batman*, *Superman* e *Mulher Maravilha* (Figura 12) (personagens da National DC/Comics) e *Capitão América* e *Homem Aranha* (personagens pertencentes à Marvel).

Figura 11. Seleções Coloridas.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/selecoes-coloridas-n-1/se007101/59835>

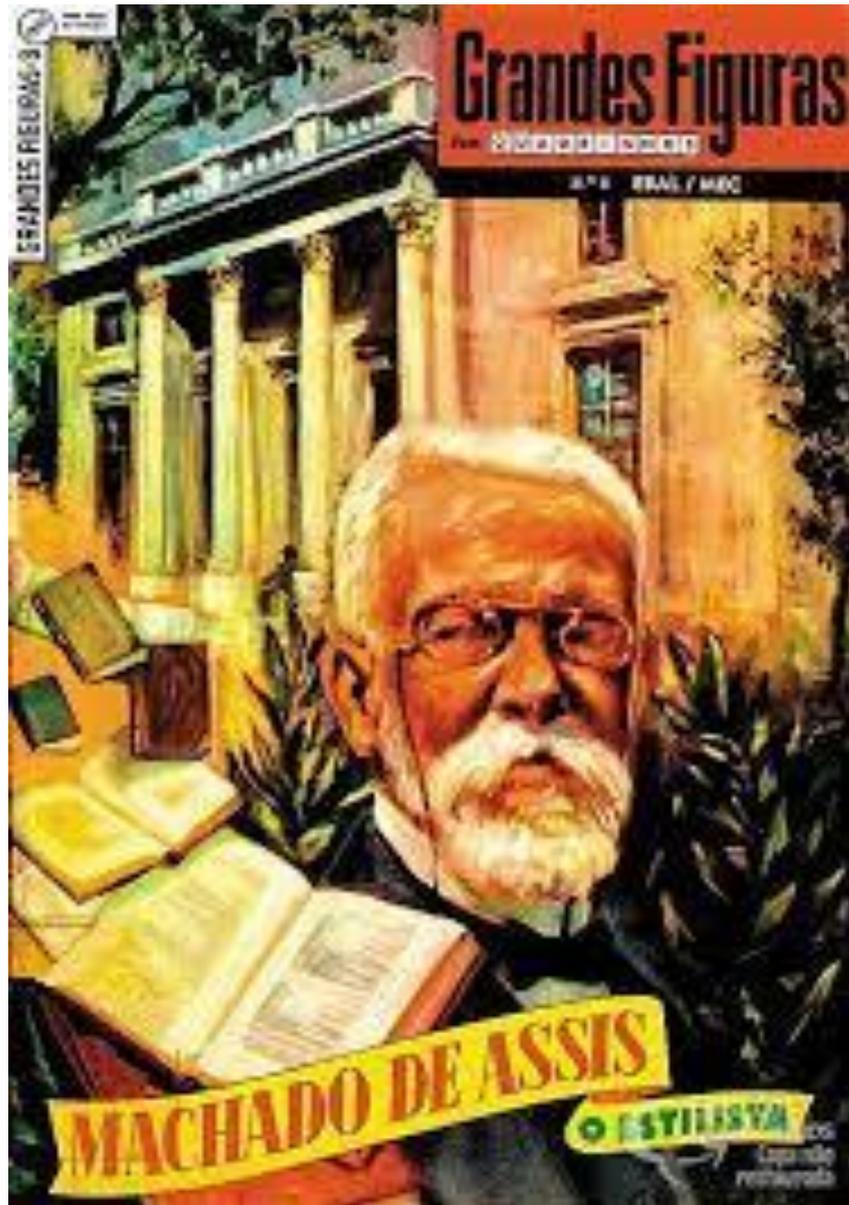
Figura 12. Mulher Maravilha.



Fonte: https://maniadegibi.com/loja/product_info.php?products_id=35673&osCsid=854c57

A EBAL não apenas publicava revistas com Histórias em Quadrinhos de personagens da ficção, mas mantinha em suas publicações a revista *Grandes Figuras em Quadrinhos*, que por meio dos Quadrinhos, narrava a biografia de grandes personalidades brasileiras. Dentre essas figuras que variavam entre grandes representantes políticos, artistas e mártires, a editora publicou acerca de poetas e autores que são estudados hoje no ensino de literatura, como Castro Alves, Machado de Assis (Figura 13) e Monteiro Lobato (VERGUEIRO, 2017).

Figura 13. Machado de Assis em *Grandes Figuras*.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/grandes-figuras-n-8/gr001102/77991>

Voltando para a publicação de ficção, mas ainda no campo literário, a editora foi responsável por adaptar obras importantes, nas revistas *Album Gigante* e *Edição Maravilhosa*, como *Iracema* e *O Guarani* (Figura 14), obras de José de Alencar; *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado; além de outras grandes obras literárias.

Figura 14. *O Guarani*, na Edição Maravilhosa.

Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/edicao-maravilhosa-1-serie-n-24/ed001100/55250>

Figura 15. Memórias de um Sargento de Milícias na *Edição Maravilhosa*.

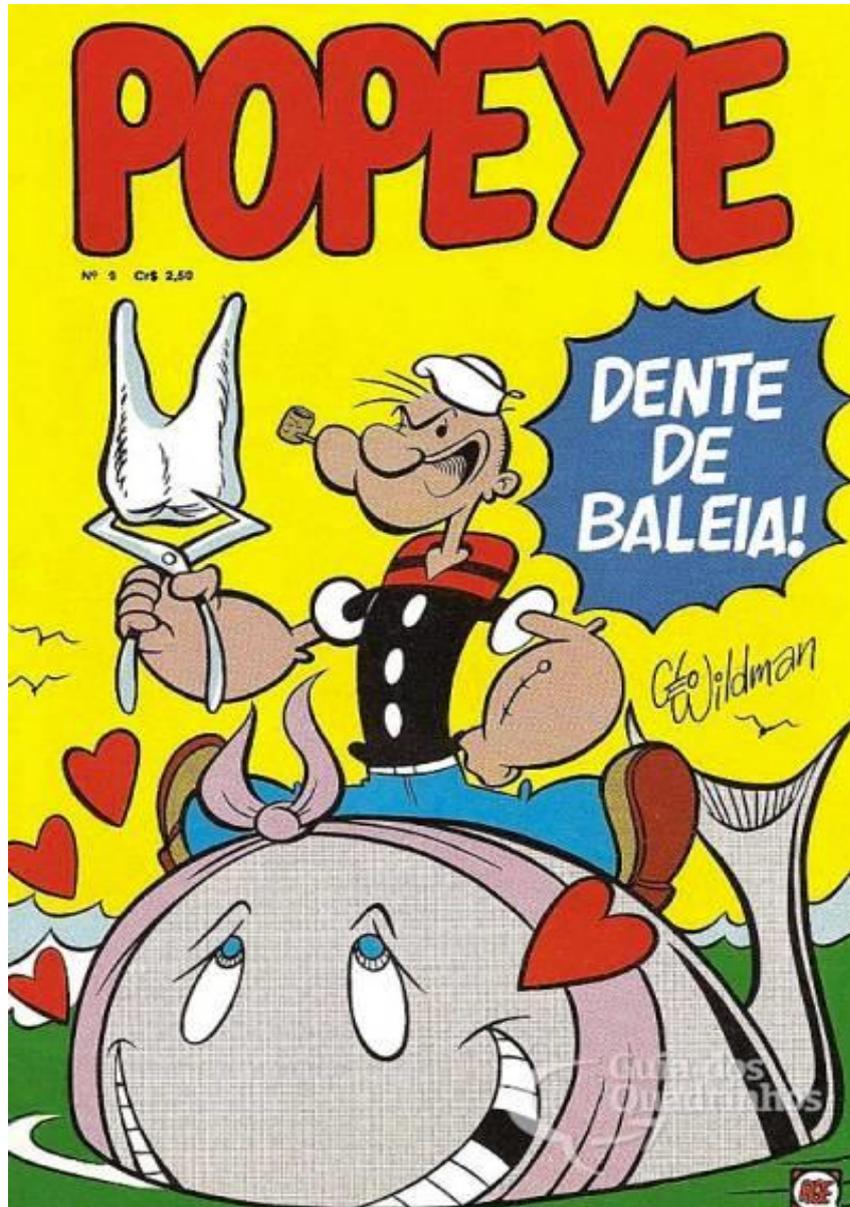


Fonte: <https://www.letravivaleiloes.com.br/peca.asp?ID=12295200>

A EBAL também manteve uma coleção que narrava a história do Brasil, além de uma revista de ordem religiosa, sendo respectivamente *História do Brasil em Quadrinhos* e *Série Sagrada*.

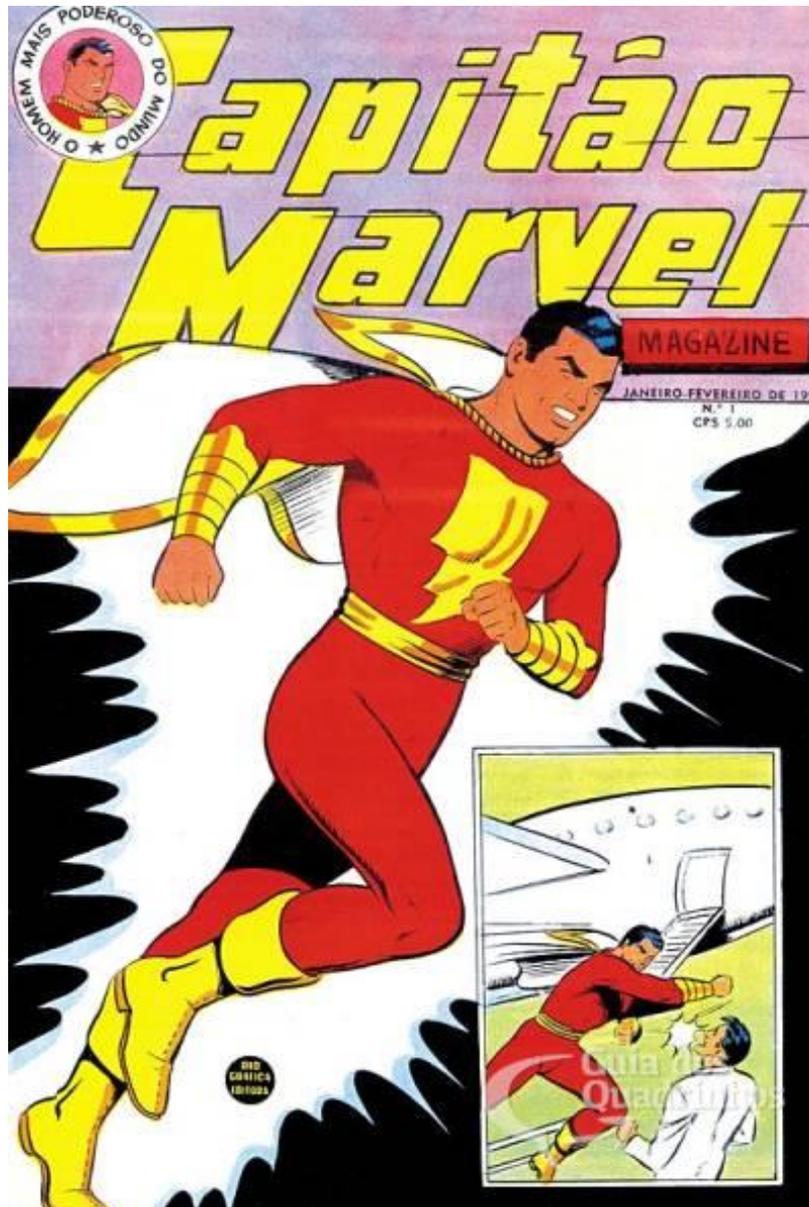
Outra editora que se tornou popular no mesmo período de funcionamento da EBAL, tornando-se, ainda, sua principal concorrente, foi a Rio Gráfica e Editora (RGE), fundada em 1952 e que teve seu nome alterado para Editora Globo, em 1986.

Entre as principais personagens que se destacavam pela editora, podemos mencionar Popeye (Figura 16) (King Features Syndicate) e Capitão Marvel (Figura 17) (Editora Fawcett) (VERGUEIRO, 2017).

Figura 16. *Popeye*.

Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/popeye-n-9/po002100/78264>

Figura 17. Capitão Marvel.

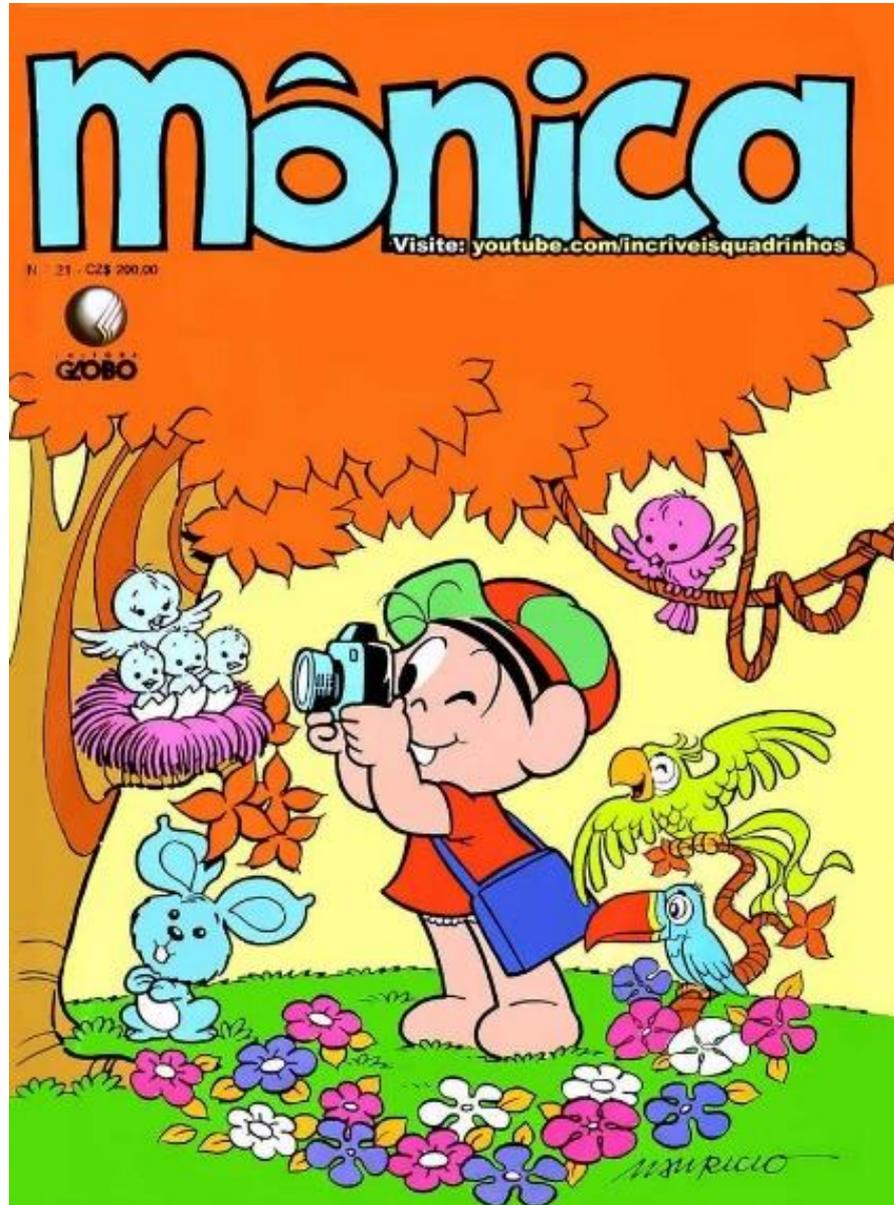


Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/capitao-marvel-magazine-n-1/ca002102/47224>

Na década de 90, a editora reduziu o número de publicações e passou a priorizar apenas os títulos para o público infantil. A editora mantinha as publicações da revista Mônica (Figura 18), do quadrinista Maurício de Souza, que ganhou popularidade e ficou conhecida

nacionalmente como A Turma da Mônica, mantendo poucos títulos, sem a mesma frequência de publicação.

Figura 18. Revista Mônica



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/773141461018492217/>

No final da década de 2010, a editora reduziu ainda mais suas publicações,

“optando por produzir materiais em quadrinhos para um público, digamos assim, mais elitizado, ou seja, concentrando sua produção na publicação de álbuns e *graphic novels* de maior qualidade gráfica destinados à distribuição exclusiva em livrarias” (VERGUEIRO, 2017, p. 55).

Alguns dos poucos títulos mantidos foram *O Menino Maluquinho* (Figura 19), *O Sítio Do Pica Pau Amarelo* e *Cocoricó*.

É importante que tenhamos em mente que as revistas em quadrinhos vendidas em livrarias possuem seu valor comercial mais alto em relação às revistas encontradas em bancas de jornais, haja vista o público consumidor. Seguindo esse viés, a editora permanece, até os dias atuais, com publicações reduzidas.

Figura 19. O Menino Maluquinho

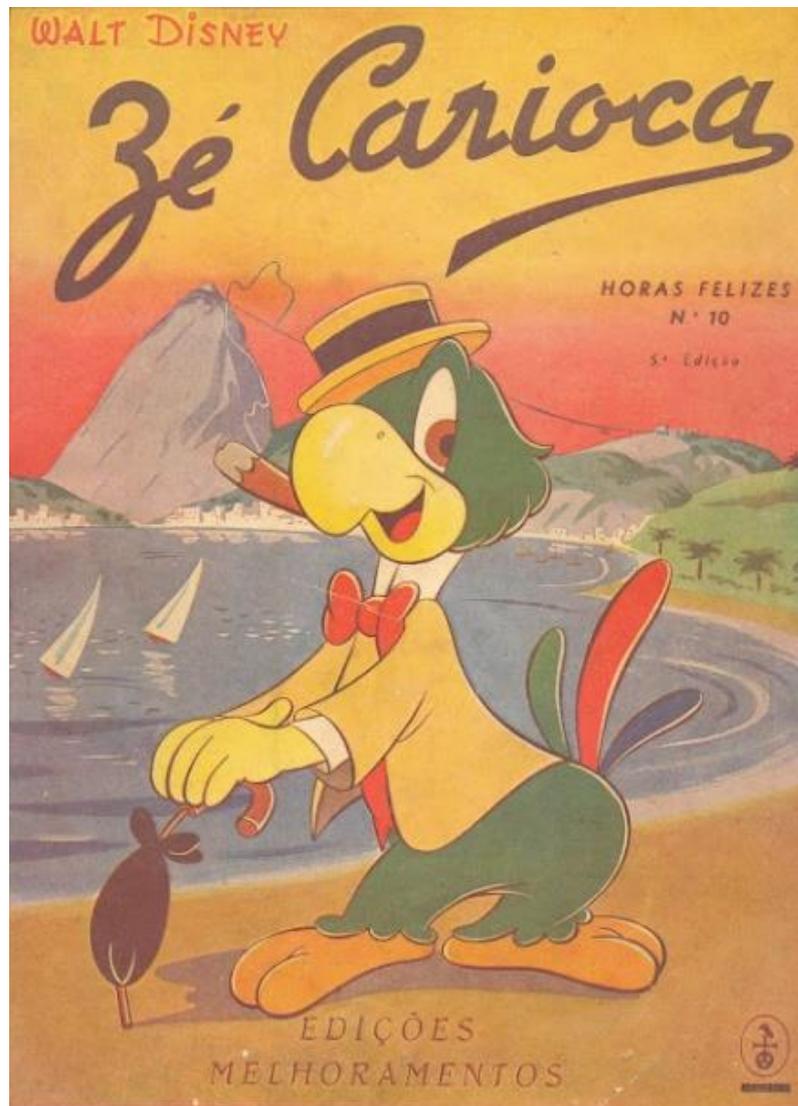


Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/menino-maluquinho-o-n-15/me005101/48125>

Além das editoras já mencionadas, duas outras que merecem destaque no ramo dos quadrinhos, são a Editora Abril e a Editora Cruzeiro. A primeira foi inaugurada em 1950 (com funcionamento até os dias atuais) e, desde sua abertura, foi responsável por manter os títulos da Disney no Brasil (VERGUEIRO, 2017). Vale lembrar que, anteriormente à Editora Abril, alguns personagens da empresa já haviam sido apresentados aos brasileiros pela EBAL, como o *Pato Donald*. A Editora também trouxe Mickey Mouse, Pateta, Tio Patinhas, entre outros.

Foi pela Editora Abril que o famoso papagaio *Zé Carioca* (Figura 20) ganhou popularidade. Apesar de ser um personagem criado pelo grupo Disney, o papagaio boêmio foi criado com identidade brasileira e, ainda hoje, é referência de personagens brasileiros que se popularizaram em diversos países.

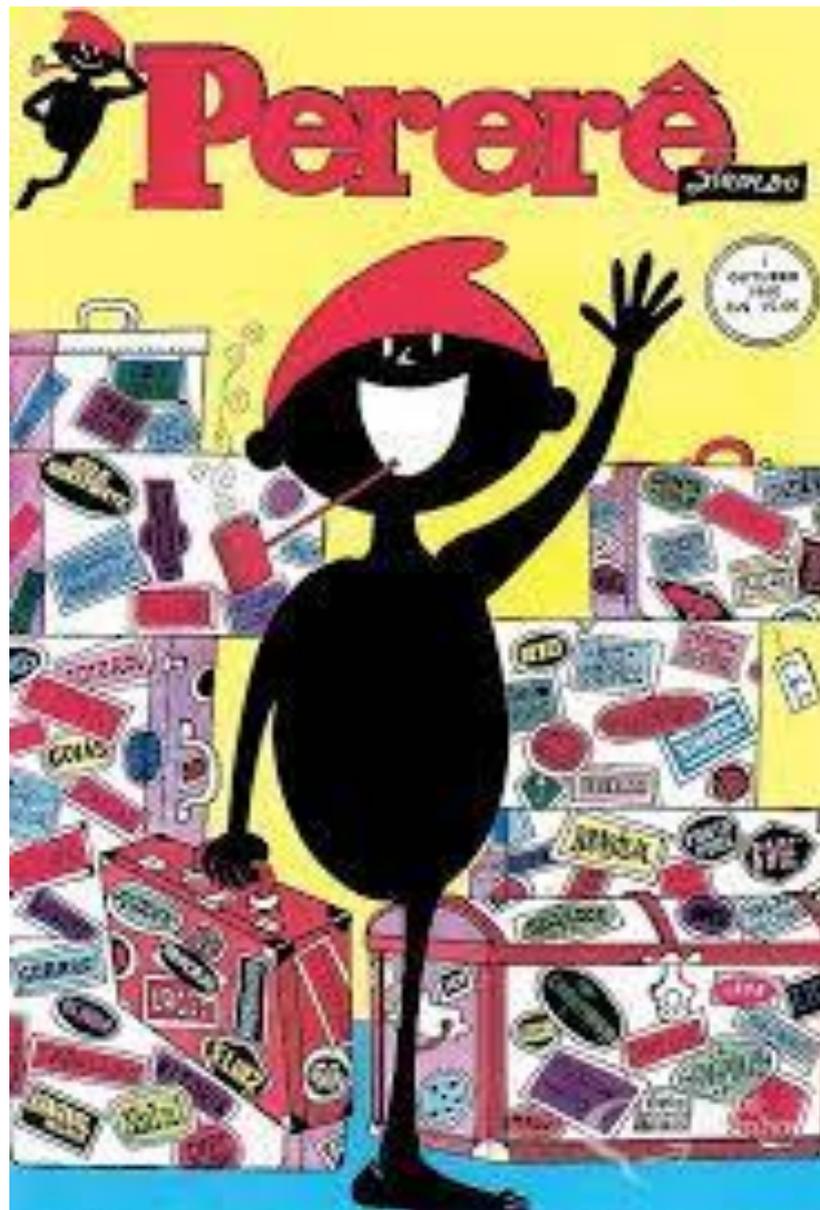
Figura 20. Zé Carioca (edição nº 10).



Fonte: <http://musedosgibis.blogspot.com/2012/01/ze-carioca-qual-foi-primeira-publicacao.html>

No que diz respeito a Editora Cruzeiro, a empresa teve sua abertura na década de 1940. Os mais populares personagens publicados pela editora foram *Luluzinha* e *Zé Colmeia*, personagens trazidos de outros países, mas que tiveram grande aceitação do público brasileiro. Tempos depois, a Editora lançou a revista *Pererê* (Figura 21), que continha personagens brasileiros do quadrinista Ziraldo.

Figura 21. Revista *Pererê* (1ª edição).



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1%281960%29/pe070100/41374>

Além das quatro editoras mencionadas neste tópico, outras editoras brasileiras também mantiveram Histórias em Quadrinhos em suas revistas. Foram reunidas aqui as que ganharam maior visibilidade no mercado de HQ e que mantiveram seus personagens populares por um longo tempo, muitos deles conhecidos por grande parte da população brasileira até os dias atuais.

Após um compilado de informações a respeito do surgimento dos textos humorísticos no Brasil e de sua trajetória, até se tornarem Histórias Quadrinhos, é importante discutir sua inserção no ambiente escolar. Por isso, a próxima seção deste capítulo tratará de como o gênero é tratado na escola, desde seu aparecimento até os dias atuais.

2.4 Quadrinhos nas escolas

Para começarmos a tratar da inserção das Histórias em Quadrinhos no contexto escolar, é importante que tenhamos em mente que, no senso comum, os quadrinhos são lembrados apenas como leituras para entretenimento. Existe, ainda hoje, uma grande rejeição, principalmente por parte de professores e professoras, em introduzir as HQ em suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, este tópico abordará o percurso dos quadrinhos no ambiente escolar e a busca pela aceitação do gênero neste contexto.

Apesar de as Histórias em Quadrinhos estarem inseridas no contexto social há quase dois séculos, Neto e Silva (2015, p. 11) elucidam que “não foi fácil mostrar que as histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação e de arte que pode tornar-se aliada no processo educativo”. Vergueiro e Santos (2015) postulam que os primeiros indícios dos quadrinhos na educação brasileira aconteceram com a criação da LDB, em 1996, quando foi sugerida uma ligação entre a educação e os produtos midiáticos, além de o documento sinalizar que se fazia necessário o trabalho com textos com outras linguagens (não especificadas).

Entretanto, a LDB não mencionava com clareza o uso dos quadrinhos para práticas educativas. Neto e Silva (2015) esclarecem que, apesar da grande insistência de muitos professores e professoras pela inserção das HQ nas escolas, o gênero só foi anunciado no âmbito escolar em 2006, com a criação do PNBE, idealizado no primeiro mandato do governo Lula¹⁴.

Vale acentuar que os primeiros editais de licitação publicados pelo PNBE, nos anos de 2006 a 2008, indicavam livros de HQ destinados aos anos da Educação Infantil e do Ensino

¹⁴ Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores.

Fundamental. Embora no ano de 2008 tenha sido criado o PNBEM, não houve menção das Histórias em Quadrinhos na publicação do edital (Vergueiro e Ramos, 2020).

No mesmo período em que o PNBE foi criado, o documento Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (PCNEM) (2006, p. 63) alertava que

Concluído o ensino fundamental, supõe-se que os alunos que ingressam no ensino médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária, que poderão ser trabalhados lado a lado com outras modalidades com as quais estão mais familiarizados, como o hip-hop, as letras de músicas, os quadrinhos, o cordel, entre outras relacionadas ao contexto cultural menos ou mais urbano em que tais gêneros se produzem na sociedade.

Foi nesse período que as HQs tiveram suas primeiras aparições nos livros didáticos e nos acervos das bibliotecas escolares. Neto e Silva (2015, p. 11) explicitam que

esse contexto favorável faz com que muitos professores e professoras, desejosos/as de encontrar novas linguagens e possibilidades pedagógicas que os/as aproximem de seus educandos e educandas, queiram trabalhar com as histórias em quadrinhos.

Dessa forma, cada vez mais professores e professoras empenharam-se para que os quadrinhos ganhassem mais visibilidade nas escolas.

Os quadrinhos começaram a ganhar espaço no Ensino Médio três anos após a implementação do PNBE, quando o edital de 2009 foi divulgado indicando que os acervos para o Ensino Médio deveriam apresentar Histórias em Quadrinhos. Para Chinen, Vergueiro e Ramos (2014, p. 29) “o PNBE passou a servir de incentivo para a edição de obras em quadrinhos, notadamente aquelas que têm um forte potencial para serem adotadas pelo programa”. Os autores esclarecem ainda que, com a finalidade de lucrar com as vendas para o governo, que busca obras em quadrinhos para o Ensino Médio, muitas editoras começaram a produzir os quadrinhos, mesmo aquelas que antes nunca os haviam publicado. Nas palavras dos autores (2014, p. 31),

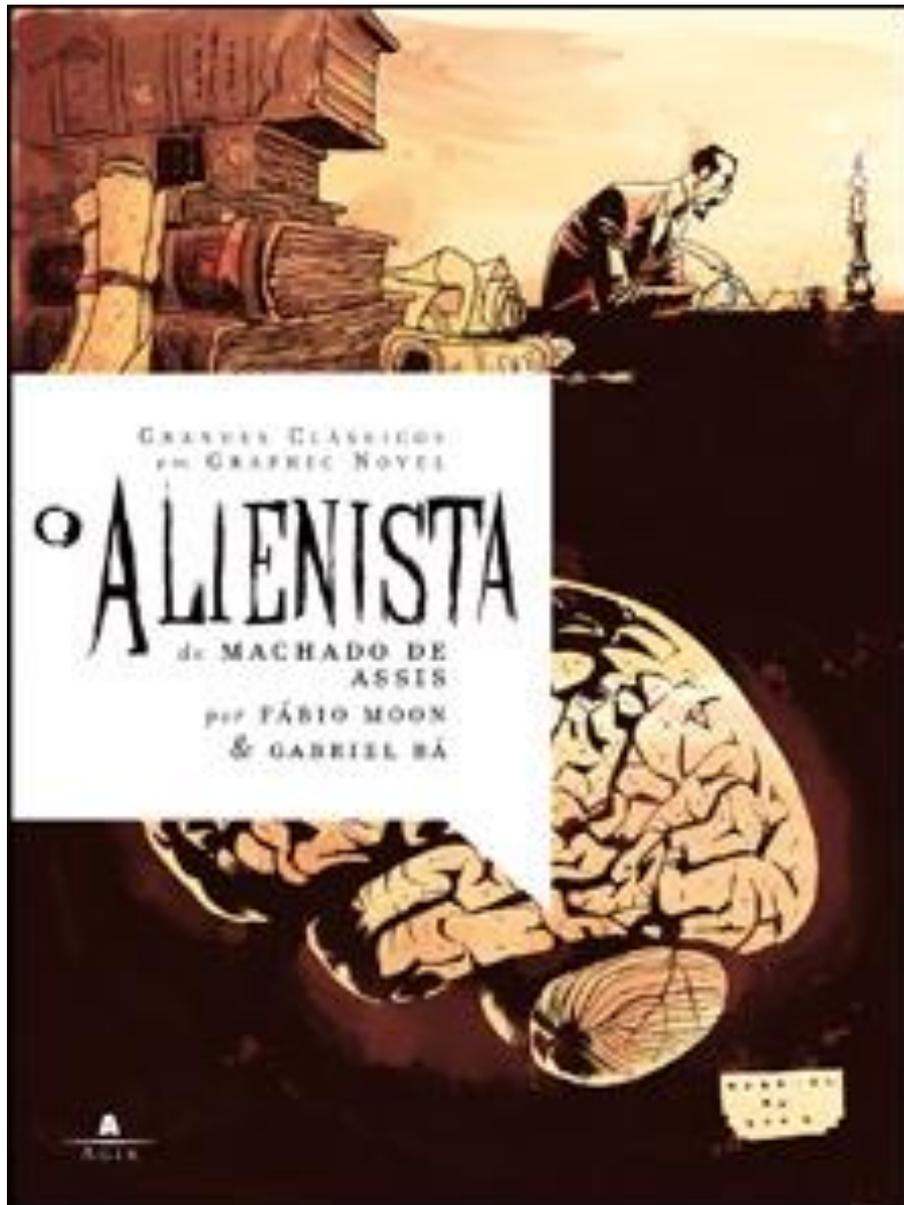
o olhar nas atraentes gordas compradas do governo federal – que segundo levantamento feito com editores e autores, variam entre 15 mil e 48 mil exemplares a depender do ano – viu nos textos machadianos uma das portas de entrada para as listas do PNBE.

Apesar de o edital apontar os quadrinhos como relevantes para a lista de livros das bibliotecas e da grande produção de clássicos adaptados para os quadrinhos nesse período, dos

três acervos dedicados ao Ensino Médio, apenas uma HQ foi indicada: *O Alienista* (Figura 22), obra de Machado de Assis, adaptada por Fábio Moon e Gabriel Sá, listado no Acervo 2 do documento.

É de se refletir que as escolas que optassem pelos Acervos 1 e 3 ainda não possuiriam Histórias em Quadrinhos voltadas para o Ensino Médio em suas bibliotecas.

Figura 22. *O Alienista* em quadrinhos.



Fonte: <https://universohq.com/noticias/o-alienista-de-machado-de-assis-por-fabio-moon-e-gabriel-ba/>

Pouco tempo depois¹⁵, no edital de 2011, os acervos do PNBE listavam cinco livros clássicos da literatura que foram adaptados para as Histórias em Quadrinhos. Consta no Acervo 1 para o Ensino Médio a obra *Robinson Crusoe* (Figura 23), de Daniel Defoe, adaptada por Christophe Gaultier. Outros dois livros elencados estavam no Acervo 2, sendo uma delas *O Cortiço* (Figura 24), de Aluísio Azevedo, com adaptação de Rodrigo Rosa e Ivan José de Azevedo Fontes. E no Acervo 3, estavam citadas a obra de Mary Shelley, *Frankenstein* (Figura 25), adaptada por Marion Mousse, além de *Memórias de um Sargento de Milícias* (Figura 26), obra original de Manuel Antonio de Almeida.

Figura 23. *Robinson Crusoe* em HQ.



Fonte: <https://universohq.com/reviews/robinson-crusoe/>

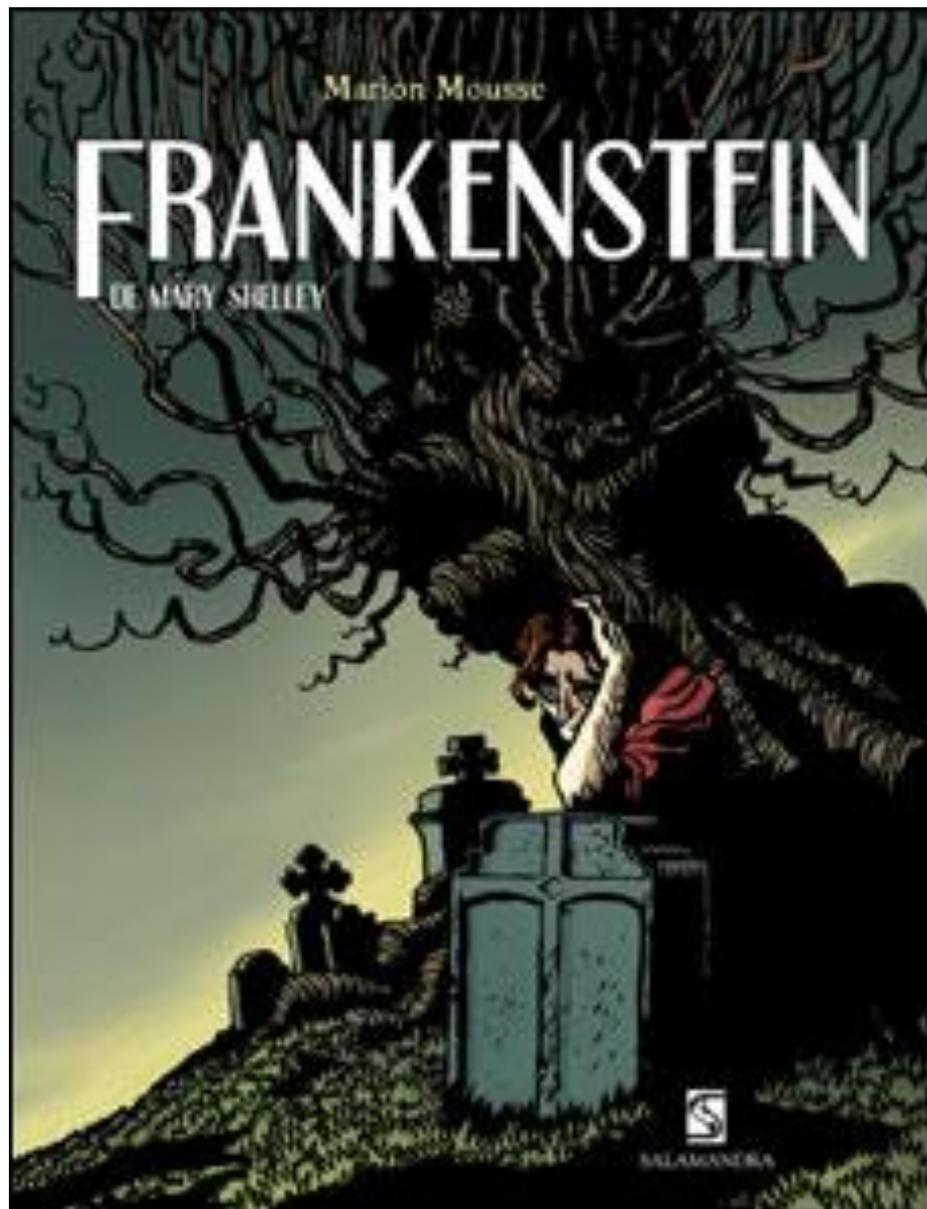
¹⁵ O edital de 2010 não apresentava acervos exclusivos para Ensino Médio, mas para o EJA.

Figura 24. *O cortiço* adaptado para HQ.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/classicos-brasileiros-em-hq-n-3/c1479100/80990>

Figura 25. *Frankenstein* em HQ.



Fonte: <https://universohq.com/noticias/salamandra-lanca-adaptacao-em-quadrinhos-de-frankenstein/>

Figura 26. *Memórias de um Sargento de Milícias* em Quadrinhos.

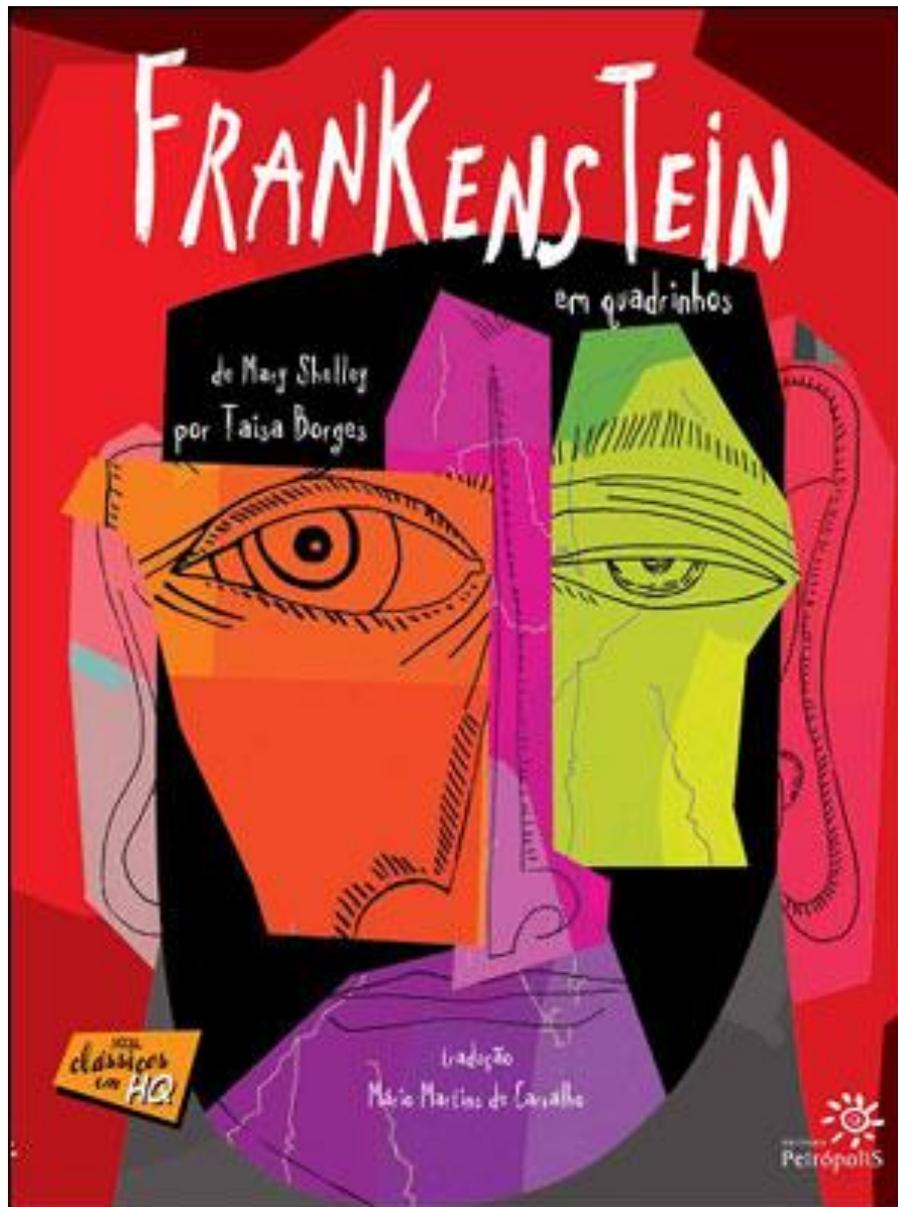


Fonte: <https://universohq.com/noticias/memorias-de-um-sargento-de-milicias-em-quadrinhos-pela-atica/> Acesso

O último edital publicado pelo programa foi em 2013, e nos acervos apareciam três obras literárias adaptadas para os quadrinhos. Eram elas: *Graphic chillers: O médico e o monstro*, da autoria de Robert Louis Stevenson, adaptada por Luciana Garcia e Jason Ho, que estava listada no Acervo 1; *Frankenstein em quadrinhos*¹⁶ (Figura 27), da autora Mary Shelley, adaptada por Taisa Borges; e, finalmente, *Hamlet* (Figura 28), de William Shakespeare, adaptada por Richard Appignanesi, Alexei Bueno e Emma Vieceli. Esta última é um mangá, variação das Histórias em Quadrinhos.

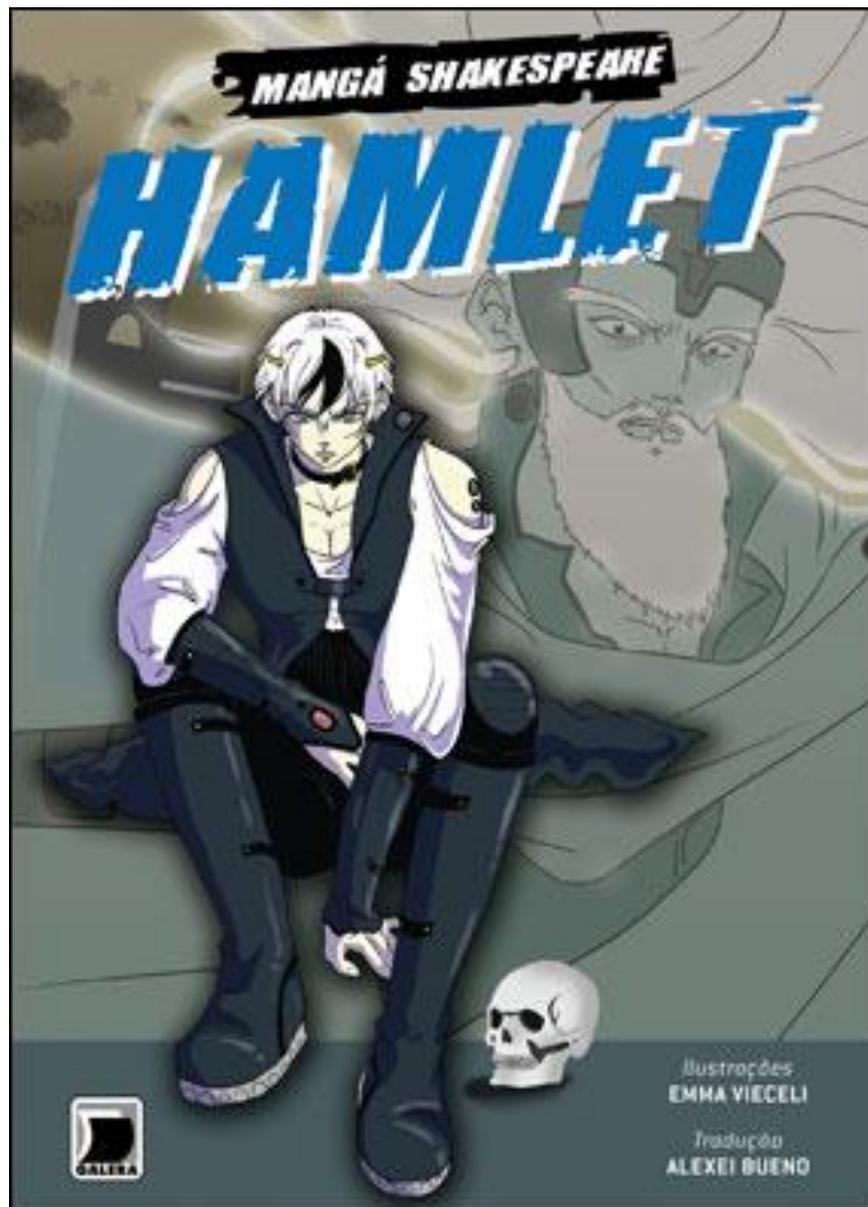
¹⁶ Obra diferente da mencionada no edital de 2011.

Figura 27. *Frankenstein* em Quadrinhos.



Fonte: <https://universohq.com/noticias/editora-peirópolis-lanca-adaptacao-em-quadrinhos-de-frankenstein/>

Figura 28. *Hamlet* em mangá.



Fonte: <https://universohq.com/noticias/galera-record-lanca-serie-que-adapta-shakespeare-em-formato-manga/>

Com a paralisação do PNBE em 2014 e, posteriormente, sua descontinuação em 2017, os acervos para as bibliotecas escolares não foram mais publicados. É importante ressaltar que houve um intervalo de quatro anos sem compra de novos livros para as escolas.

Após um breve resumo acerca dos livros elencados para comporem as bibliotecas das escolas, no que diz respeito aos clássicos literários adaptados para as HQ, é importante avaliar o que os documentos oficiais, como PCNEM e BNCC, apresentam para o Ensino Médio e o trabalho com História em Quadrinhos.

No que diz respeito ao PCNEM de 2006, embora os quadrinhos sejam mencionados, não consta no texto específico para o ensino de literatura o uso do gênero para as práticas pedagógicas. No documento, os quadrinhos estão presentes no texto que é relacionado ao conhecimento de arte. Já na BNCC (BRASIL, 2018, 511), consta no texto correspondente à Língua Portuguesa:

(EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar *playlists* comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

É necessário ressaltar que, embora os quadrinhos estejam sinalizados na BNCC, eles ainda não aparecem como estratégias pedagógicas para o ensino de literatura, por isso pode-se perceber que o gênero em questão pouco é explorado na disciplina.

Após um encadeamento dos fatos que marcaram a história do Ensino Médio e do ensino de literatura, bem como uma exposição linear da chegada dos quadrinhos no Brasil até sua inserção no Ensino Médio brasileiro, faz-se necessário discutir acerca das categorias que fundamentam este trabalho. No próximo capítulo, que se refere à fundamentação teórica, serão detalhadas as categorias de análise desta pesquisa.

CAPÍTULO 3:

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Prática Docente

Amante de uma pedagogia libertadora, que possibilita o pensamento e a criticidade, não a mecanização do saber, Paulo Freire (2011, p. 19) defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. É o que se entende por lutar por uma educação não bancária, termo que o autor esclarece ser uma prática que “despeja” no alunado o conteúdo, não colaborando para que meninos e meninas desenvolvam autonomia e criticidade.

É a partir dessa perspectiva que a discussão sobre a prática docente se dará neste trabalho, uma vez que esta pesquisa pretende investigar a prática docente de professores e professoras que utilizam as Histórias em Quadrinhos como estratégia para o ensino de literatura.

Não é atípico que, em muitas pesquisas voltadas para a educação e para a prática docente, “a maioria das pessoas que se interessam pelo ensino fale sobretudo, e até exclusivamente, daquilo que os professores deveriam ou não deveriam fazer, ao invés de se interessar pelo que fazem realmente” (TARDIF, 2014, p.116). Acontece que esse discurso deôntico não considera os diferentes contextos que integram a comunidade escolar e inviabiliza que professores e professoras tenham autonomia para realizarem práticas que considerem as mais variadas realidades com as quais se deparam.

Na perspectiva de discutir os pilares da prática docente, é fundamental esclarecer que a práxis se dá a partir da interação. De acordo com Tardif (2014, p. 118), “o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre pessoas”. Desse modo, compreendemos que a prática de ensino acontece a partir da interação entre professores/professoras e alunos/alunas, e desses últimos mutuamente.

Em outras palavras, todos nós somos “construídos” a partir das experiências que vivemos e pelos contextos nos quais estivemos e/ou estamos inseridos. Isso faz com que nossa formação enquanto cidadãos/cidadãs carregue ideologias e crenças que reflitam na prática docente de professores e professoras, conseqüentemente, nas interações da sala de aula.

Além disso, Paulo Freire (2011, p. 13) afirma que “somos seres históricos e seres inacabados”, portanto vivemos um constante processo de construção do nosso ser e, conseqüentemente, da maneira com a qual interagimos com o mundo. Ora, se estamos sempre

em construção – adquirindo novas bagagens –, e a nossa prática docente carrega as experiências pelas quais passamos, podemos inferir que a prática pedagógica também acontece em constante desenvolvimento.

Ainda de acordo com Paulo Freire (2011 p. 25), “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro”. Em concordância com isso, podemos compreender que “os professores utilizam, em suas atividades cotidianas, conhecimentos práticos provenientes do mundo vivido, dos saberes de senso comum, das competências sociais” (TARDIF, 2014, p.136).

É justamente por trazer esses conhecimentos do senso comum que a prática docente contribui para a formação de cidadãos e cidadãs atuantes no mundo. Dessa forma, os professores e professoras atuam como formadores de sujeitos críticos, que se posicionam acerca do que acontece em suas comunidades. De acordo com Freire (2021, p. 124), “uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas”. Isso implica que, enquanto profissionais docentes, atuemos diretamente na formação de indivíduos que estejam preparados para enfrentar os problemas reais da sociedade, que consigam pensar e resolver as situações que acontecem em suas comunidades e no meio em que estão inseridos.

Pensando em uma prática docente que possibilite a formação crítica de alunos e alunas, é importante compreender que “pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando” (FREIRE, 2011, p. 31). Se levamos em conta que a prática docente deve considerar a vida cotidiana do aluno, é preciso que as mudanças que acontecem na sociedade também devam ser atendidas.

Uma vez que o grande avanço das tecnologias digitais possibilitou novas formas de agir no mundo, como as formas de interação, comunicação, busca por informação, meios de trabalho etc., é importante que as práticas pedagógicas sejam pensadas para dialogarem com o cenário da sociedade atual:

Daí que uma das qualidades mais urgentes que precisamos forjar em nós nos dias que passam e sem a qual dificilmente podemos estar, de um lado, sequer mais ou menos à altura do nosso tempo, de outro, compreender adolescentes e jovens, é a capacidade crítica, jamais “sonolenta” sempre desperta à inteligência do novo. Do inusitado que, embora às vezes nos espante e nos incomode, até, não poder ser considerado, só por isso, um desvalor. Capacidade crítica de que resulta um saber tão fundamental quanto óbvio: não há cultura nem história imóveis. A mudança é uma constatação natural da cultura e da história (FREIRE, 2021, p. 32).

Essa passagem de Paulo Freire permite-nos refletir acerca da importância de uma educação que não seja estática. Para esclarecer isso, podemos pensar que as grandes mudanças tecnológicas, reponsáveis pelas mais variadas inovações que colaboram para o desenvolvimento da humanidade, em algum momento foram “novidade”. A cultura, a história, as formas de interação foram modificadas ao longo do tempo, portanto as práticas pedagógicas podem, também, não ser fadadas a “pararem no tempo”. Por esse ângulo,

a educação de que precisamos em tempos de tão rápidas e às vezes inesperadas mudanças não pode ser a que nos deixe *quietos, conformados, discretos e indiferentes*, mas pelo contrário, a que nos abra a porta à inquietação, à inconformidade, à curiosidade incontida, à impaciente paciência (FREIRE, 2021,p. 117).

É justamente essa inquietação que pode garantir que educandos e educandas desenvolvam a autonomia e o senso crítico para contribuir para a resolução dos problemas da sociedade, pois essa educação utiliza-se dos mecanismos que são oferecidos pelas novas transformações para a tomada de decisão diante dos enfrentamentos.

Pensando no ensino de literatura, foco deste trabalho, desenvolver uma prática docente que fomente o pensamento crítico requer utilizar-se de estratégias que permitam que o alunado se posicione diante dos textos e/ou obras selecionadas para o conteúdo da disciplina. É importante ressaltar que

não se lê criticamente, como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo (FREIRE, 2011, p. 29),

Em outras palavras, a verdadeira compreensão da leitura não acontece quando o leitor, de forma mecanizada, lê a maior quantidade de livros, mas quando ele participa do texto, colocando-se como sujeito.

Na direção de refletir sobre os textos que condizem com a realidade de alunos e alunas nos dias atuais, faz-se necessário uma discussão acerca dos textos multissemióticos e do conceito de letramento literário, que serão discutidos nos próximos tópicos desta pesquisa.

3.2 Letramento: breve caracterização

Antes de iniciar a discussão acerca do letramento literário, um dos “conceitos-chave” para esta pesquisa, é importante que se faça uma breve caracterização acerca do que é letramento e de como esse conceito ganhou visibilidade no âmbito escolar e acadêmico. É importante esclarecer, também, que o conceito de letramento empregado nesta pesquisa se dá à luz de Magda Soares (2011; 2009).

O conceito começou a aparecer na Educação por pesquisadores das áreas de linguísticas em meados dos anos de 1980 e seu uso tornou-se frequente entre os pesquisadores/pesquisadoras e educadores/educadoras, com sua disseminação em pesquisas das mais diversas áreas da educação, como letramento digital, letramento matemático, multiletramentos etc.

Segundo Magda Soares (2009, p. 17), o termo letramento vem da tradução da palavra inglesa *literacy*. A autora explica que “etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser”. Para ela,

implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2009, p. 17).

Uma vez que ler e escrever gera grandes avanços na vida de um cidadão, compreende-se que o termo esteja associado às mudanças ocasionadas a partir da compreensão da leitura e da escrita. Para Soares (2009, p. 18), o letramento é o “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Desse modo, pode-se compreender que o letramento é o efeito adquirido após o aprendizado da leitura e da escrita. Nessa direção, Ângela Kleiman (2005, p. 21) postula que letramento é “um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém”.

Ainda assim, não é incomum que o conceito de letramento seja confundido com o conceito de alfabetização. Por isso, faz-se necessário salientar que diferentemente da alfabetização – em que se considera alfabetizado aquele que domina a escrita e a leitura –, o letramento vai mais adiante, pois considera o ser letrado aquele que faz uso social desses dois domínios. De acordo com Soares (2009, p. 36), “há, assim, uma diferença entre saber ler e

escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado”. Assim sendo, compreende-se o letramento para além da alfabetização, uma vez que os resultados são capazes de provocar mudanças tanto nas escolas, quanto na sociedade.

Ora, o fato de um indivíduo conseguir decodificar as palavras, não implica que ele/ela consiga compreender o sentido dessa decodificação, ou seja, uma pessoa que é alfabetizada conseguirá decodificar as palavras que lê, mas essas palavras podem não produzir sentido para essa pessoa. Já uma pessoa letrada, conseguirá decodificar as palavras e, a partir dessa decodificação, fazer uso social de sua leitura.

Concluindo a definição do conceito, salienta-se que ele diz respeito ao uso social da leitura e da escrita, pois remete ao modo como o sujeito utiliza as habilidades dessas práticas¹⁷ de alfabetização em um cenário específico de interação. Além disso, relaciona a leitura e a escrita com o meio social do sujeito.

Dito isso, é fundamental que seja (re)pensada a necessidade de ensinar nossos alunos e alunas por meio de uma prática que leve em consideração o letramento: se queremos uma prática de ensino que seja emancipadora e estimule a criticidade dos/das estudantes, torna-se fundamental desenvolver práticas que auxiliem no aprendizado de leitura para o uso em comunidade. Nesse sentido, Kleiman (2007, p. 4) evidencia que

assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de competências e habilidades individuais.

Nessa direção, entendemos que toda forma de leitura e de escrita associa-se às várias realidades e identidades que integram a sociedade. Assim, entende-se que, a partir da teoria do letramento, todos os textos – sejam eles imagéticos ou escritos – desempenham um papel cultural para o leitor, pois são compreendidos a partir das vivências daquele que lê.

De acordo com Kleiman (2014, p. 88),

o impacto do letramento, nessa época de mudanças e de transformações, toma grande proporção na vida das pessoas, pois se torna imprescindível à sobrevivência do cidadão na sociedade da tecnologia e da informação, da transformação e da transitoriedade. E para acompanhar as novas demandas da sociedade contemporânea, o estudante precisa ler, interpretar e posicionar-se.

¹⁷ Práticas de leitura e escrita por meio da perspectiva de alfabetização. Sistematização de decodificação dos fonemas.

Se estamos inseridos em uma sociedade que cada vez mais se desenvolve tecnologicamente, na qual as mídias de comunicação e informação (como *sites* de notícias, redes sociais etc.) ganham espaço a cada dia na vida da população, é importante que os alunos e alunas consigam se posicionar criticamente frente aos textos que circulam nas esferas digitais, bem como é fundamental que os/as estudantes desfrutem de autonomia quando expostos a outros textos que compõem a sociedade atual (*outdoor*, gráficos, folhetos etc.).

Esclarecido o conceito de letramento e a importância de aplicar práticas que são elaboradas a partir dele, passaremos à discussão acerca do conceito de letramento literário. Será esclarecido acerca do seu surgimento, dos principais aspectos que caracterizam essa concepção e de sua importância.

3.3 Letramento Literário

Assim como o mundo passou por diferentes e inúmeras transformações, a literatura não ficou para trás. Pensar a literatura requer que pensemos também em como ela produziu comunicação e interação no decorrer dos anos. O modo de compreender e questionar a literatura também sofreu alterações no convívio social.

Daí a importância de reconhecer a literatura como um artefato para a formação social do leitor, dado que ela acompanha uma determinada época e as características que retratam o período em evidência. Nessa direção, Cosson (2006, p. 16) explica que “a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas”. É justamente essa metamorfose que elucidada o conceito de letramento literário discutido neste capítulo.

O uso contínuo de aparelhos tecnológicos dispersou o interesse pela leitura de livros impressos e pela literatura clássica. Durão (2020, p. 16), que discute o letramento como um meio para refletir o desempenho da obra enquanto objeto central da discussão no ensino, esclarece que “a literatura não é capaz de competir de igual para igual, no mundo do entretenimento, com a televisão, o cinema, a internet ou o universo dos games, e as constantes tentativas de equacionar literatura e diversão estão fadadas ao fracasso”.

No capítulo anterior, tratamos do entretenimento como um meio de interação e “distração” que não traz uma reflexão profunda sobre as pautas da sociedade, mas que satisfaz o consumidor.

São muitos os atrativos encontrados nos celulares, computadores e *tablets*: entretenimento como jogos, redes sociais, filmes, vídeos entre tantas outras possibilidades de distrações virtuais. Muitos desses atrativos exigem uma interação rápida do consumidor. Por

exemplo, existem plataformas digitais que apresentam vídeos de poucos segundos, e, logo em seguida, o consumidor já se depara com vídeos sobre outros temas. Em outras palavras, um indivíduo que, supostamente, esteja vendo um vídeo de 30 segundos de uma receita, logo se vê assistindo uma “resenha” de livro em 30 segundos.

Além disso, a internet também atua como uma grande mediadora para a busca de informações. Tempos atrás era preciso uma busca pelas enciclopédias para encontrar determinado assunto ou conceito. Hoje, basta um *click* no Google e a informação aparece diante na tela.

Pensar a sociedade atual, demanda pensar nos recursos visuais e sonoros que compõem o estilo de vida levado pela população. As ruas estão marcadas por cores e imagens que transmitem uma ideia. A população consome entretenimento pautado em recursos audiovisuais que precisam ser pensados com cuidado, para que se tornem atrativos o suficiente para “prender” o público ao que está sendo produzido e reproduzido.

Nessa perspectiva de (re)pensar a literatura na sociedade, o conceito de letramento literário tornou-se uma peça-chave para compreender as diversas transformações sociais que impactaram também na literatura e, conseqüentemente, em seu ensino.

Paulo Freire (2011, p. 34) evidencia que “se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser”.

Quando entendemos o letramento literário como uma prática social, percebemos o quanto é necessário compreender que a literatura deve fazer sentido para quem a consome. Nesse sentido, Cosson (2006, p. 27) explica que

ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro (...) É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

Mesmo que não exista concordância direta entre o leitor e as questões tratadas em uma obra, o letramento literário permite que o leitor tenha ciência de outras possibilidades e considerações para com o mundo do “outro”. Assim, a leitura passa a ter significado e formação

social. O letramento literário, então, tem a função de sistematizar intervenções que impulsionem o senso crítico dos leitores.

A leitura permite que o leitor conheça o mundo do “outro” e compreenda questões que, embora não façam parte de sua vida, fazem parte da sociedade. É importante que sejam formados leitores proficientes no sentido de compreender os diferentes textos literários.

Além disso, é fundamental que esses leitores desenvolvam capacidade de vivenciar as potencialidades que a literatura permite em relação a tornar a leitura humanizada, uma vez que, a partir do exercício da leitura de literatura, nós “podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos” (COSSON, 2006, p. 17).

O autor citado anteriormente também esclarece que “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2006, p. 17). Dito isso, fica claro o entendimento de que, a partir de um texto literário, podemos nos encontrar e encontrar o sentido da realidade em que vivemos. Em vista disso, é compreensível a relevância de mostrar ao alunado que a literatura está presente nas interações sociais, pois está implícita nas relações dos mais diversos grupos comunitários.

Se temos o propósito de formar leitores proficientes e que estejam aptos a vivenciar a missão humanizadora da literatura, precisamos ir além do “ensinar a ler” e adequar os textos literários à realidade atual. A literatura, além de ensinar a ler (no sentido de decodificação e interpretação) é atuante na formação cultural de um indivíduo. Nas palavras de Paulo Freire (2011, p. 45), não se pode contentar com um ensino de leitura que desconsidere a leitura do mundo.

É crucial que o letramento literário seja compreendido “como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética” (PINHEIRO, 2011, p. 42). É pensando por essa perspectiva que ressalto a noção de que a literatura assegura a formação social de um indivíduo.

Pensar o letramento literário implica diálogo com a realidade. Ora, se as imagens compõem o cenário social, por que não as incorporar no âmbito literário? É importante que exista diálogo com a realidade de uma comunidade, a fim de que a literatura seja ressignificada na direção de “fazer sentido” para o leitor.

De acordo com Paulo Freire (1989, p. 9),

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e

realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Vale lembrar que as mídias digitais, bem como a internet e outras fontes de comunicação e informação – com recursos visuais e/ou sonoros, como *outdoors*, propagandas etc. – não são os vilões que “confrontam” os livros tradicionais da literatura. No entanto, essas novas maneiras de perceber o mundo podem ser congruentes, no sentido de fazer com que a leitura de literatura seja mais didática e compatível com a realidade do leitor.

Na era da tecnologia digital, com os vídeos ocupando um grande espaço no corpo social, por meio das redes sociais e dos aplicativos de entretenimento, “não surpreende, portanto, que tomem a poesia como um amontoado de palavras difíceis e tenham dificuldade em distinguir a ficção de outros discursos da realidade” (COSSON, 2006, p. 11), visto que o ensino de literatura permanece estagnado nos textos escolhidos no século passado e não sejam adequado ao atual.

É por isso que o trabalho com o letramento literário se faz importante, pois lida com que é atual, não necessariamente o que é contemporâneo, porque o que é novo hoje pode não ser o novo amanhã. Cosson (2006, p. 34) pontua que é a aproximação com a realidade que provoca “a facilidade e o interesse de leitura dos alunos.

3.4 Pressupostos da Semiótica Social e da Multissemiose

Uma vez que o letramento literário trabalha com a aproximação da atualidade e a sociedade atual está “bombardeada” por imagens em todas as suas esferas, torna-se importante discutir, aqui, o conceito de multissemiose/multimodalidade.

Antes de nos debruçarmos no conceito, é fundamental que sejam discutidas, também, as teorias da imagem e da semiose. Se a multissemiose considera as várias semioses e mais de uma modalidade de linguagem (incluindo as não verbais), esses conceitos necessitam ser aprofundados.

O conceito de imagem é questionado desde o período clássico, na Grécia Antiga, quando Platão definia, em um primeiro momento, as sombras, os reflexos, e tudo aquilo que se circunscreve em uma representação (JOLY, 1994). Joly (1994, P. 16), em uma explanação, menciona que “do mito da caverna à Bíblia, aprendemos que somos nós próprios imagens, seres que se assemelham ao Belo, ao Bem e ao Sagrado”.

No mito da caverna, de Platão, a imagem é representada por meio de distorções das próprias sombras dos habitantes da caverna, projetadas com tamanhos maiores, devido ao efeito das chamas das fogueiras. Passando da filosofia para a religião, , desde muito crianças, para

quem foi criado/criada em uma doutrina Cristã, aprendemos que somos feitos/feitas à imagem e semelhança de Deus.

Se pararmos para pensar sobre o papel que as imagens ocupam em nossos espaços e em nossas histórias, notamos que estão presentes desde os primeiros sinais de comunicação da humanidade. Joly (1994, p. 18) elucida que

no início, havia a imagem. Para onde quer que nos viremos, existe a imagem. Por todo o lado através do mundo, o homem deixou vestígios das suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos feitos na rocha e que vão desde os tempos mais remotos do paleolítico até a época moderna. Estes desenhos destinavam-se a comunicar mensagens e muitos deles constituíram aquilo a que chamamos “os pré-anunciadores da escrita”, utilizando processos de descrição-representação que apenas retinham um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais. Petrogramas, se forem desenhadas ou pintadas, petroglifos, se forem gravadas ou entalhadas, estas figuras representam os primeiros meios de comunicação humana.

No que diz respeito às imagens por meio dos desenhos deixados nas rochas, como forma de comunicação e como os primeiros sinais de escrita, trata-se de um domínio de representação visual. São signos que fazem a representação do mundo visual. (SANTAELLA, 1998).

Existe, ainda, um segundo domínio das imagens que consiste na visualização mental das imagens. Nas palavras de Santella (1998, p. 15), “as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos, ou em geral, como representações mentais”. Esse domínio é denominado “imaterial”.

Vale ressaltar que ambos os domínios mencionados não acontecem de maneira desassociada, mas, ao contrário, as imagens representadas visualmente já passaram pelo domínio imaterial de quem a produziu (SANTAELLA, 1998, p. 15). Esse raciocínio torna-se evidente ao pensarmos que se alguém deseja representar algum objeto, antes de desenhá-lo, precisa imaginá-lo. Se o objetivo é representar visualmente uma casa, por exemplo, é preciso ter em mente a quantidade de traços, portas e janelas, telhado, paredes etc., antes de “passar para o papel”.

É verdade que, quando pensamos em imagem, abre-se um vasto campo de possibilidades, como imagens científicas, matemáticas, estéticas etc. Por isso, é crucial que, para o estudo da imagem, se recorra a uma teoria que a abranja de maneira mais geral e global, como é o caso da Semiótica. Ao discutir sobre a teoria da Semiótica, Joly (1994, p. 30) esclarece que ela nos possibilita “ultrapassar as categorias funcionais da imagem”.

Embora existam diferentes teorias da Semiótica, cada uma delas contempla questões que melhor se encaixam em determinados estudos. Nessa direção, pensando em uma teoria que

contemple a dimensão das HQ, em razão das escolhas semióticas, como cores, *layout*, enquadramento, balões etc., discutiremos à luz da Semiótica Social (SS), fundamentada por Hodge e Kress (1988), que se respaldaram em Halliday, ao discutirem acerca das funções sociais da linguagem. As primeiras aparições do termo Semiótica Social ocorreram obras de Halliday, como *The Social Interpretation of Language and Meaning* (1978), e mais tarde no trabalho de Hodge e Kress, *Language as Ideology* (1979).

Uma vez que a SS é apoiada nos estudos de Halliday, é importante que façamos uma breve caracterização da proposta do autor. O pesquisador propõe uma “concepção de rede de sistemas da linguagem, a partir da qual os usuários da língua fazem escolhas linguísticas e semióticas mediante seus interesses particulares” (LIMA; FERREIRA, 2022, p. 15). Na percepção de Halliday, essas escolhas acontecem a partir dos contextos nos quais esses usuários estão inseridos.

Sendo assim, as escolhas linguísticas, no momento da comunicação, não acontecem de maneira impensada, mas a partir da transmissão, por parte de seus usuários, de uma mensagem idealizada, de maneira que o receptor da mensagem possa construir sentido. Além disso, o ambiente ao qual o usuário pertence, influencia nessas escolhas, uma vez que esses sujeitos carregam vivências socioculturais, uma vez que

a partir do contexto de cultura em que um texto foi produzido, podemos dimensionar quais os potenciais significados para os signos mobilizados e as funções que eles exercem na comunicação analisada. Portanto, ver a linguagem 16 como uma semiótica social significa dizer que a semiótica é capaz de analisar os signos produzidos dentro de diferentes contextos sociais, exercendo funções específicas de comunicação (LIMA; FERREIRA, 2022, p. 15).

Vale ressaltar que, a partir da concepção da Semiótica Social, concebida por Halliday, a principal preocupação está voltada para as funções sociais da linguagem, levando-o a apresentar uma proposta denominada Linguística Sistêmico Funcional¹⁸, que oferece conhecimentos interessantes para a compreensão das escolhas linguísticas do texto escrito. Mais tarde, Halliday propõe uma gramática, denominada Gramática Sistêmico Funcional (GSF), que oferece uma série de noções teóricas que são fundamentais para a compreensão das escolhas semióticas por parte do produtor da mensagem.

¹⁸ Trabalho desenvolvido pelo autor em 1994, que compreende a língua como uma rede de sistemas que estão interligados.

No que diz respeito à teoria escolhida para fundamentar esta pesquisa, torna-se importante dizer que a SS considera os sentidos linguísticos com base no ponto de vista social, ganhando uma nova discussão, fundamentada por Hodge e Kress (1988), que ampliaram as noções anteriores e sistematizaram conceitos que corroboram para sua compreensão (LIMA; FERREIRA, 2022).

Expandindo as noções trazidas por Halliday, e na contramão da teoria semiótica de Saussure (1974)¹⁹, a SS não compreende os signos como arbitrários, mas contesta esse conceito quando considera o interesse e as escolhas linguísticas do sujeito que realiza a comunicação. Para Saussure, a linguística é a ciência do significante, que se atenta para a forma e para o significado da linguagem oral e escrita; já a Semiótica é a ciência do signo, que se caracteriza pela união do significado (forma) com o significante (sentido). (GUALBERTO, 2016). Lima e Ferreira (2022, p. 18) esclarecem que,

se para Saussure (1975) os signos são considerados arbitrários por não haver uma relação direta entre nome e a coisa significada, para Kress (2003), há uma relação que motiva a escolha por um determinado significante e, conseqüentemente, essa escolha incide sob o significado. A noção de arbitrariedade do signo na perspectiva sociosemiótica está relacionada a um interesse particular daqueles que detém o poder em manter cristalizados os significados sociais, como forma de conservar a linguagem e manter os discursos validados por uma determinada cultura, sejam esses problemáticos ou não.

É nessa perspectiva de considerar que as escolhas linguísticas, bem como as interpretações, não são prontas e absolutas, que a Semiótica Social se estabelece, ampliando as noções anteriormente mais limitadas e sugerindo algumas transformações. A SS concentra-se na produção do signo, e compreende que os signos são resultados das integrações entre a forma e o significado. Desse modo, configura-se como “o estudo do sentido dos sistemas de signos” (GUALBERTO, 2016, p. 59).

Podemos conceber a SS como uma teoria interdisciplinar, porque se manifesta na análise de diferentes esferas da comunicação humana, além de se tratar de uma teoria que procura preencher espaços “de estudos que ultrapassem a descrição do código e da estrutura, mas considerando outros fatores inerentes à produção de sentido, tais como motivação, origens, destinos e meios” (GUALBERTO, 2016, p. 57). Dessa forma, a SS conceitua que todo signo é motivado, uma vez que não são absolutos, mas são flexíveis. Flexível, porque a teoria permite

¹⁹ O autor caracteriza os signos linguísticos como uma entidade psíquica que possui duas frentes, significado e significante, que não se dividem (JOLY, 1994). Para Saussure, os signos produzidos pelo emissor de uma mensagem não podem produzir diferentes interpretações.

que o pesquisador desenvolva complementos para a análise que melhor se encaixam em seus trabalhos, já que os contextos socioculturais são levados em conta. Nessa direção, Joly (2012, p. 29) assegura que “de fato, um signo só é signo se ‘expressar ideias e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem como uma atitude interpretativa’”. O conceito de *signo motivado* será discutido, mais adiante, juntamente aos outros conceitos da teoria.

É interessante pensar que a teoria considera os destinos, porque o emissor da mensagem precisa fazer escolhas que garantam que o receptor vá compreendê-la. Ora, o modo como desejamos transmitir uma mensagem para uma criança é diferente do modo que a transmitimos para uma pessoa adulta, embora o ponto central da mensagem seja o mesmo. É por isso que pesquisadores e pesquisadoras da SS a consideram uma teoria prática.

De acordo com Santos e Pimenta (2014, p. 298), “a Semiótica Social marca o início dos estudos em Semiótica Social aplicada a textos multimodais ao considerar todos os modos semióticos que acompanham o modo verbal”. Diante disso, compreende-se a SS como uma ciência que busca englobar os modos de comunicação para além do texto verbal, abarcando também as linguagens não verbal, corporal, imagéticas, sonoras etc.

Hodge e Kress (1988, p. 261), em *Social Semiotics*, afirmam que a SS é uma ciência se atenta, principalmente, para

as semioses humanas como um fenômeno inerentemente social em suas fontes, funções, contextos e efeitos. Também se preocupa com os significados sociais construídos por meio de toda uma gama de formas semióticas, através de textos semióticos e práticas semióticas, em todos os tipos de sociedade humana, em todos os períodos da história humana. (tradução nossa)

A partir dessa definição, compreende-se que a Semiótica Social leva em consideração o processo de construção de sentido formado a partir dos vários modos de significação (fala, escrita, imagens, movimentos, sons etc.), que fazem parte das mais variadas sociedades humanas. Gualberto (2016, p. 54) esclarece que

é uma abordagem que investiga várias características inerentes à construção de sentido, colocando, no mesmo nível de importância, qualquer que seja o modo de comunicação (fala, escrita, imagem e outros) bem como os recursos semióticos (gestos, tom de voz, cores, texturas, tamanhos, entre outros) presentes na materialização do texto.

Nessa direção, é importante levar em conta que a Semiótica Social considera tantos os modos de comunicação quanto os recursos semióticos em um mesmo grau de importância. Em outras palavras, se usássemos como exemplo um texto com diferentes modos – texto verbal e

texto não verbal –, o texto não verbal não seria apenas um anexo do texto escrito, mas uma parte fundamental para a compreensão textual.

Como todas as vertentes das ciências semióticas voltam-se para o processo de significação, na SS, para além disso, “a ênfase recai sobre o processo de produção e recepção do signo” (SANTOS; PIMENTA, 2014, p. 299). Assim, entende-se que a ciência em questão atenta para o modo como os usuários aplicam os recursos semióticos, a fim de elaborar mecanismos para comunicação e para fomentar a interpretação.

Na direção de esclarecer acerca das escolhas dos signos, Santos e Pimenta (2014, p. 299) afirmam que

quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação. Essa formulação garante uma diferença reveladora entre a semiótica convencional e a Semiótica Social, aproximando esta última das leituras dos processos ideológicos e de poder, tomando a dimensão de análises políticas, historicizadas e críticas, pois procura desvendar os caminhos seguidos pelos produtores e pelos interpretantes dos textos, com base em suas escolhas e seus interesses.

Se todos/todas nós carregamos conosco vivências, crenças, ideologias etc, essas marcas estão presentes também em nossas formas de comunicação. É nesse sentido que a Semiótica Social considera as escolhas, por parte dos produtores, das semioses, escolhas firmadas nessas ideologias e em seus interesses, viado gerar sentido para os interpretantes.

Nessa direção, a SS não oferece respostas prontas para uma análise semiótica, mas oferece subsídios para buscá-las, a partir das práticas sociais dos mais variados contextos e culturas. Reforçando a concepção de não imposição de interpretações prontas, mas de fomentar a busca para a produção de sentido, Gualberto (2016, p. 59) esclarece que,

além das transformações ligadas à ação do produtor do texto, a SS também considera o princípio do círculo bakhtiniano, que se refere ao caráter dialógico dos textos, ou seja, o aspecto da não-finalização, do vir-a-ser, o que torna a inconclusividade uma característica inerente aos textos (BAKHTIN, 1997 [1929]). Portanto, o leitor se coloca como um agente de transformação, já que interage com o texto, num processo interpretativo, produzindo, portanto, (novos) sentidos a partir dele.

Considerando a flexibilidade dos signos, bem como a interação do leitor para com o texto – que pode produzir novos (e diferentes) sentidos, no que diz respeito à interpretação –, é importante destacar a noção de *signo motivado*, mencionado anteriormente.

A teoria assume o conceito, uma vez que entende que todo signo é originado nas escolhas e nos interesses do comunicador, isto é, ao transmitir a mensagem, o usuário lança mão de escolhas dos modos e dos recursos, a partir do que deseja exprimir. Essas escolhas se dão em razão tanto da mensagem a ser produzida quanto dos fatores culturais que influenciam na elaboração do *design* (criação da mensagem). Em concordância com Gualberto (2016, p. 59), é válido mencionar que “a SS assume que todo signo é socialmente motivado e que não são fixos, já que se encontram em constante transformação”.

No que diz respeito à construção do *design*, Lima e Ferreira (2022, p. 140) esclarecem que “durante o processo de design desse texto, o produtor ou designer levará em consideração as possibilidades e limitações (*affordances*) de cada modo semiótico para o gênero textual que se quer produzir e seu meio de reprodução”. Como *affordances*, consideramos as diversas potencialidades dos modos e dos recursos para a construção de um texto, bem como as limitações que podem aparecer, a depender da finalidade da comunicação.

Para esclarecer melhor essas limitações, tomamos o exemplo dos e-mails. Ao criarmos o *design*, é notável que a melhor escolha a ser feita é utilizarmos da linguagem verbal escrita, para que o receptor da mensagem possa compreendê-la, uma vez que ficaria inviável a interpretação da mensagem se estivesse representada apenas pelo texto não verbal. Por outro lado, com as potencialidades, o produtor pode fazer uso de diferentes recursos semióticos, como escolha da fonte e do tamanho dessa, cores, colocar o texto em negrito etc.

Posto que a teoria da Semiótica Social considera os diferentes modos e recursos que contribuem para a construção de sentido, é importante mencionar o conceito de multimodalidade, que trata dos vários recursos semióticos que compõem um determinado texto e que revela que a formação de sentido do texto ultrapassa a dimensão verbal.

Para Rojo e Barbosa (2015, p. 108), o texto multimodal

é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeo, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais.

Em todas as esferas da sociedade, somos expostos a diferentes textos multimodais, uma vez os grandes avanços tecnológicos, principalmente os que dizem respeito às mídias, possibilitam que tenhamos acessos a textos que contemplam diferentes modos e recursos. Os

mais variados aplicativos de comunicação permitem-nos o envio e o recebimento de textos verbais e não verbais, como figurinhas, memes²⁰, GIF, vídeos etc.

As Histórias em Quadrinhos, gênero que norteia esta pesquisa, caracteriza-se como textos multimodais, visto que contemplam as linguagens verbal e não verbal e utilizam-se de recursos visuais que possibilitam a compreensão textual.

Tendo em vista que cada vez mais os veículos de comunicação e informação fazem uso dos textos multimodais, é importante que seja realizada uma leitura que garanta a compreensão dos textos imagéticos. Nessa perspectiva, Vieira e Ferreira (2017, p. 118) esclarecem que

no processo de leitura de textos multimodais, os recursos semióticos devem ser analisados e não meramente descritos. Imagens, cores, tipos de letras, diagramação, juntamente com informações ao texto verbal, são elementos importantes para a construção de uma coerência global para a leitura, carregam valores e isso exige habilidades leitoras específicas.

Para que aconteça, então, esse processo de leitura minucioso, é importante que alguns conceitos, que são basilares para a compreensão da multimodalidade, além de evidenciarem a concepção da linguagem como prática social, sejam esclarecidos. Trata-se de sete conceitos que fundamentam a teoria da multimodalidade.

Os primeiros conceitos a serem mencionados são os modos semióticos e os recursos semióticos. É importante que esses conceitos sejam esclarecidos inicialmente, porque além de serem fundamentais para a compreensão dos demais, são noções que, sem a devida caracterização de cada uma, podem ser confundidas com outras.

Como modos semióticos, compreendem-se as formas de linguagens (oral, escrita verbal ou escrita não verbal) que são empregadas pelo produtor do texto, a fim de gerar sentido para a compreensão da mensagem. Já os recursos semióticos são os instrumentos escolhidos para a produção de sentido da mensagem. Essas escolhas são realizadas a partir do interesse do autor (produtor).

No caso das HQ, que contemplam os modos verbal e não verbal, os recursos semióticos que contribuem para a construção de sentido podem ser observados nas cores, enquadramento, balões de fala, texto verbal, desenho etc., como será detalhado como maior aprofundamento na próxima seção.

²⁰ Textos que circulam na internet com finalidade humorística. Podem ser imagens estáticas ou em movimento, que correspondem à “viralização” de uma crítica, informações, comportamentos etc.

Esclarecidos os conceitos de modos e de recursos semióticos, é importante que seja apresentado o que a teoria compreende como discurso. Na multimodalidade, o discurso “muitas vezes, está associado à linguagem verbal, no entanto, sua existência independe do modo” (PIMENTA; MAIA, 2014, p. 133). Para além disso, o discurso carrega os conhecimentos, vivências e crenças que são construídos socialmente e motiva as escolhas dos recursos semióticos por parte do autor, que visa orientar a interpretação do interlocutor. Conforme as autoras mencionadas, o discurso é caracterizado pelos “conhecimentos construídos socialmente a respeito de algum aspecto da realidade” (PIMENTA; MAIA, 2014, p. 133).

Na multimodalidade, existem outros quatro conceitos que merecem esclarecimento, porque tratam de aspectos semelhantes e que são complementares: *design*, estilo, estética e ética. O *design* assimila a maneira pela qual os recursos semióticos são selecionados. Portanto, trata-se da reunião e organização dos elementos visuais elencados pelo autor, de modo a corroborar para a criação do texto (PIMENTA; MAIA, 2014).

De acordo com as autoras citadas anteriormente, o estilo se configura como uma “série de escolhas feita no *design* da mensagem” (PIMENTA; MAIA, 2014, p.133). Trata-se de uma política de seleção, de acordo com as possibilidades de uso que o autor considere mais adequado para a comunicação.

No que se refere à estética e à ética, as autoras, apoiadas em Kress (2010), elucidam que “a estética corresponde à política do estilo, ou seja, trata-se das variadas formas relacionadas às escolhas e suas composições. Enquanto que a ética estaria relacionada à política do valor e da avaliação, isto é, àquilo que consideramos digno de destaque e importância” (PIMENTA; MAIA, 2014, p. 133). Portanto, a estética trata de certificar que as composições de escolhas criem diferentes harmonias, e a ética avalia o que consideramos digno de destaque e importância a partir dos nossos valores morais.

Apresentados os conceitos que estão contemplados na teoria da multimodalidade, percebe-se a importância de uma teoria que considere a linguagem como uma prática social, visto que cada comunidade se comunica a partir de suas próprias culturas e que cada indivíduo estabelece uma relação de interação, a partir de suas crenças, ideologias e experiências.

Após a exposição de imagem, semiótica social e multimodalidade, podemos seguir adiante no gênero História em Quadrinhos, que se caracteriza por ser um gênero multimodal, pois é constituído de textos verbais e não verbais, além de apresentar diversos recursos semióticos, como cores, enquadramento, desenho, letreiramento²¹ etc.

²¹ Recurso semiótico típico da produção de HQ.

Portanto, a seção a seguir é destinada a refletir acerca dos gêneros que englobam o hipergênero HQ, bem como detalhar os vários recursos semióticos que são característicos dos quadrinhos e que são fundamentais para a produção de sentido do texto.

3.4 Decifrando as Histórias em Quadrinhos: os diversos recursos semióticos do gênero

Após compreendermos os principais aspectos da teoria da multimodalidade e percebermos como as escolhas dos recursos visuais contribuem para a leitura dos textos imagéticos, é fundamental uma explanação acerca dos quadrinhos e, conseqüentemente, de como lê-los.

Vale ressaltar, que ao produzir quadrinhos, os autores e autoras fazem uso de escolhas que contribuem para a produção de sentido de leitores e leitoras. Por isso, neste tópico, serão apresentados os elementos que constituem o gênero HQ e que permitem que o leitor compreenda o texto não verbal.

Como foi visto no capítulo anterior, as Histórias em Quadrinhos passaram por diferentes fases ao longo do tempo, desde o texto humorístico até as revistas especializadas em HQ. Por isso, é importante mencionar que existem diferentes gêneros que compartilham da mesma linguagem e que estão agregados ao hipergênero²² HQ:

Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos. (RAMOS, 2019, p. 21).

Nessa direção, será realizada uma breve explanação acerca dos gêneros que estão reunidos dentro desse “lugar-comum” e que, embora apresentem características de linguagem semelhantes, ainda assim são diferentes entre si. As Histórias em Quadrinhos compõem-se pela linguagem verbal e pela linguagem não verbal (visual), as quais garantem interação durante o processo de leitura (GOMES, 2015).

O primeiro gênero que contempla o grande gênero HQ, a ser mencionado aqui, é a charge. As charges são representações gráficas – a partir do ponto de vista do/da desenhista, com teor humorístico – de uma determinada notícia que já é conhecida pela população. Apesar de o gênero apresentar um “caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que

²² Termo definido por Maingueneau como um rótulo que abriga outros gêneros – que dispõem de elementos em comum – e direciona-os para a formatação dos textos (RAMOS, 2019).

diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico” (MOUCO; GREGRÓRIO, 2007, p. 5).

De acordo com Ramos, “a *charge* é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário” (2019, p. 21). Por isso, é bastante comum que jornais e revistas publiquem charges que remetam à política e questões sociais que estão em evidência, a fim de fazer com o que leitores e leitoras atentem para e/ou mobilizem discussões acerca do tema.

Quando falamos em charge, é comum que o gênero seja confundido com o cartum, motivo pelo qual torna-se fundamental esclarecer que a principal diferença entre os dois gêneros é que, enquanto a charge está vinculada às notícias atuais, o cartum não está associado aos acontecimentos recentes.

Além dos gêneros mencionados, as tiras, popularizada como “tirinhas”, são bastantes popularizadas e possuem algumas maneiras de serem apresentadas a leitoras e leitores. As tiras cômicas, como sugere o nome, são textos que propiciam humor. Ramos (2019, p. 24), ao discorrer sobre o gênero, esclarece: “trata-se um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo) construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final”.

Ainda no que diz respeito às tiras, existem outros dois gêneros que se vinculam a elas: as tiras seriadas e as tiras cômicas seriadas. As primeiras são tiras que apresentam uma história narradas por partes, “é um mecanismo com o feito nas telenovelas. Cada tira traz um capítulo diário interligado a uma trama maior” (RAMOS, 2019, p. 26). Já as tiras cômicas seriadas são como uma junção entre tira cômica e tira seriada; são tiras que, além de contemplarem o humor e um final não esperado pelos/pelas espectadores, são narradas em capítulos.

Outro gênero bastante popularizado é o mangá, as Histórias em Quadrinhos orientais, que se diferem das ocidentais, principalmente pelo modo de leitura – lidas da direita para a esquerda – e pelos desenhos gráficos (GOMES, 2015). Os mangás possuem uma sequência narrativa maior do que as HQ ocidentais, garantindo aos leitores e às leitoras maior “vínculo” com a narrativa.

Embora possuam características que se diferem no que dizem respeito aos gêneros textuais, o hipergênero HQ se configura por uma linguagem que é comum entre os que o compõem. Nesse sentido, “afim de integrar a linguagem verbal à figuração narrativa, os quadrinhos desenvolveram, ainda, uma variedade de itens convencionais específicas à sua linguagem” (GOMES, 2015, p. 41).

Nessa direção, Postema (2018, p. 30) afirma que “para compreender o sentido dos quadrinhos, se faz necessário pensar nas imagens que os constituem como coleção de signos

visuais”. De acordo com a autora, leitores e leitoras, para compreenderem os quadrinhos, “devem ter em mente o todo, ou a ‘coerência global’, uma vez que são eles que fazem o trabalho de interpretação dos vários signos em uma obra em quadrinhos” (POSTEMA, 2018, p. 31).

Diante disso, trataremos, no próximo tópico desta sessão, das características específicas da linguagem das Histórias em Quadrinhos, como balões de fala e pensamento, onomatopeias, uso (ou não uso) de cores, cenários etc.

Cabe ressaltar que não se pretende um esgotamento do tema, no sentido de apresentar e analisar todos os recursos semióticos que podem ser encontrados nos quadrinhos, mas uma amostragem de possíveis elementos visuais que contribuem para a compreensão dos quadrinhos. Assim sendo, nem todos os elementos que constituem as histórias em quadrinhos serão expostos.

3.4.2 Balões e apêndices

Quando pensamos nas Histórias em Quadrinhos, é quase inevitável que pensemos em uma das características mais marcantes de sua linguagem, os balões de fala e de pensamento. É por meio dos balões que os discursos diretos são representados e, em geral, apresentam “dois elementos: continente (corpo e rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagem” (RAMOS, 2019, p. 36).

O corpo do balão é onde o discurso fica posicionado, enquanto o apêndice indica o emissor do discurso, tornando-se uma extensão do balão, que desempenha um papel de mediar a leitura entre o texto verbal e o texto não verbal.

Nesse sentido, Ramos (2019, p. 33) esclarece que

o recurso gráfico seria uma forma de representação da fala ou do pensamento, geralmente indicado por um *signo de contorno* (linha que envolve o balão), que procura recriar um solilóquio, ou um monólogo ou uma situação de interação conversacional.

O que o autor denomina como monólogo é quando o pensamento da personagem é transcrito em palavras, mas não é dividido com outras personagens. No que diz respeito ao solilóquio, podemos definir como o que chamamos, no senso comum, de “pensar em voz alta”. Nas figuras 29 e 30, respectivamente, são apresentados exemplos de monólogo e solilóquio.

Figura 29. Monólogo.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/37645268>

Uma maneira de observar a diferença entre o monólogo e o solilóquio é por meio dos balões de fala e pensamento. Na figura 29, foi usado o balão-pensamento, que possui contorno ondulado (semelhante ao formato de nuvem) e apêndice formado por pequenas bolhas.

Figura 30. Solilóquio.



Fonte: <https://twitter.com/jornalhojeemdia/status/1532326159345602560>

Na figura 30, foi utilizado o balão-fala, o mais comum dentre os balões, que também é o mais neutro. O corpo deste balão é contínuo, assim como o rabicho, embora possam apresentar os traços retos ou em curva, conforme a figura 31.

Figura 31. Balão-fala



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/sucesso-nas-redes-sociais-leandro-assis-e-triscila-oliveira-estreiam-como-chargistas-da-folha.shtml>

Na figura 31, que representa o balão-fala, o corpo e o apêndice possuem traço contínuo e reto. É possível perceber que a primeira e a terceira fala da imagem são emitidas pela personagem Ju²³, uma vez que o apêndice está direcionado para a personagem. Já o segundo balão, representa o discurso de uma personagem que não aparece na cena, pois nota-se que o apêndice aponta para o canto da cena, onde não há personagem.

Ainda na figura 31, temos a presença de balões-intercalados, que é caracterizado pela presença de um interlocutor (RAMOS, 2019), o qual, na figura, é representado pelo segundo balão. Nessa mesma figura, existe a presença do balão-cortado (balão 2), quando o apêndice não aparece na cena, porque o emissor não está presente nela.

O balão-pensamento possui o contorno ondulado, semelhante ao desenho de uma nuvem, e apresenta o rabicho (apêndice) formado por pequenas bolhas (RAMOS, 2019). Como o nome sugere, é o balão que representa o pensamento das personagens, indicando que o discurso não é emitido a outras personagens do texto.

Um dos balões bastante marcantes nas histórias em quadrinhos é o balão-berro, que indica o grito ou o tom alto da voz do personagem. Esse balão apresenta uma forma que se

²³ Personagem de *Os Santos*, obra de Leandro Assis e Priscila Oliveira.

assemelha a uma explosão e possui as extremidades para fora (RAMOS, 2019), conforme a figura 32.

Figura 32. Balão-berro



Fonte: <https://www.tudosaladeaula.com/2019/09/leia-o-texto-abaxio-e-responda-as.html>

Na figura 32, observamos dois balões-berro, o primeiro caracterizando a fala do pai, que, sem paciência, exige silêncio do filho. Já o segundo, representa o choro de Cebolinha em decorrência da fala do pai. Os dois balões possuem as extremidades para fora e se assemelham a uma imagem de explosão.

Em contrapartida ao balão-berro, existe o balão-cochicho, que indica que a fala da personagem acontece em voz baixa, como quem “cochicha” com outra pessoa. O cochicho é representado por um balão com traços pontilhados e o rabicho, em traço único ou seguindo o contorno do balão (RAMOS, 2019), como na figura 33.

Figura 33. Balão-cochicho



Fonte: <https://nanquim.com.br/baloes/>

O balão-cochicho, nesse caso, apresenta o corpo e o apêndice com linhas pontilhadas, e verbaliza o sentimento de insatisfação da funcionária para com o chefe. Como se trata de uma fala que, geralmente, não é “adequada” a um ambiente de trabalho, a personagem a exprime em voz baixa.

À medida que o mundo foi evoluindo tecnologicamente, o gênero HQ acompanhou essa mudança. Um exemplo bastante claro diz respeito ao balão de linhas quebradas, que corresponde ao discurso produzido por meio de aparelhos eletrônicos. Esse balão também é conhecido por balão-faíscas elétricas (RAMOS, 2019), conforme indica a figura 34.

Figura 34. Balão faíscas elétricas



Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/search?q=charge+celular+consumo>

Na figura 34, o balão-faíscas elétricas (ou linhas quebradas) é utilizado para representar o discurso do locutor de um possível comercial de TV. Percebe-se que o apêndice do balão aponta para a televisão, sinalizando que a fala é de alguém que se encontra na mídia digital. Percebemos, também, que o telespectador não possui seu discurso representado por um balão de linhas quebradas, porque sua fala não representa um aparelho tecnológico.

Existem dois formatos de balões que podem sugerir que o leitor os interprete como sinalizador de medo, que são os balões trêmulo e vibrado. A diferença entre os dois acontece, principalmente, no desenho do contorno e, também, em uma designação específica. Enquanto o balão-vibrado sinaliza uma voz tremida (que pode ser causada pelo medo, nervosismo e até frio), o balão-trêmulo indica voz, também, com medo ou voz que causa terror (sombria).

O balão trêmulo possui o contorno feito por linhas tortas (figura 35), já o balão vibrado possui o contorno e apêndice como se houvesse sido realizado por alguém com as mãos tremendo (figura 36).

Figura 35. Balão-trêmulo



Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/search/label/p%C3%A2nico>

Figura 36. Balão-vibrado



Fonte: <https://vacilandia.com/category/ziper-e-lisa/page/2/>

Embora nas duas figuras acima, (35 e 36) os personagens demonstrem reações de medo, a escolha dos balões se deu de maneira distinta. Na figura 35, o autor fez uso do balão-trêmulo para indicar o sentimento do sujeito que sentia medo do programa policial. Já na figura 36, o produtor da tirinha utilizou-se do balão-vibrado para indicar a voz tremida do cachorrinho com medo da mãe, que o levaria ao veterinário.

A diferença entre os dois balões acontece de maneira sutil, uma vez que o primeiro apresenta o contorno com traços mais espaçados, enquanto o segundo apresenta pequenos desenhos pontiagudos para indicar a voz tremida.

Ainda no que diz respeito aos balões que indicam estados emocionais, o balão-glacial indica o discurso direto de alguém chorando ou que apresenta desprezo. O nome dado a esse balão se deve ao seu formato, que se assemelha a um gelo derretendo (RAMOS, 2019), conforme o segundo quadrinho da figura 37.

Figura 37. Balão-glacial



Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-chororo-de-jair-por-amarildo-lima/>

Para finalizar os balões que dizem respeito aos sentimentos das personagens das HQ, não é incomum que os autores utilizem os chamados balões-especiais, que caracterizam as emoções “quando assumem a forma de uma figura e conotam o sentido visualmente representado” (RAMOS, 2019, p. 41). O balão-especial é apresentado na figura 38, como indicador de pedido de socorro com a palavra S.O.S em forma de fumaça.

Figura 38. Balão-especial



Quando uma personagem se encontra dormindo nas histórias em quadrinhos, é comum o produtor lançar mão do recurso do balão-sonho, que, com o contorno arredondado e o apêndice em bolhas, apresenta o conteúdo do sonho para o leitor, como demonstrado na figura 39.

Figura 39. Balão-sonho



Fonte: <https://muitoquadrinho2.tumblr.com/post/126610303622> Acesso em 22.

Quando um texto em quadrinhos (ou em seus variados subgêneros) apresenta duas ou mais personagens que enunciam a mesma fala, usa-se o balão-uníssonico para demonstrar ao leitor que o mesmo discurso é feito por diferentes personagens. Nas palavras de Ramos (2019, p. 39), o balão “reúne a fala de diferentes personagens”. O balão-uníssonico está representado na figura 40, representando três personagens cantando. Nota-se que o balão apresenta apenas um contorno, mas três apêndices.

Figura 40. Balão-uníssono



Fonte: <http://blogdamarlizinha.blogspot.com/2010/04/teste-charge-do-nino-nacional-para.html>

Por outro lado, existe também um balão para representar várias falas seguidas de um mesmo personagem. Chamamos de balão-composto, porque apresenta um apêndice que une dois ou mais contornos. Entretanto, também contamos com os balões-duplos, que se referem a apenas duas falas da personagem. Nesse sentido, Ramos (2019, p. 40) esclarece que

há a necessidade de rever o conceito de balão-duplo sugerido por Cagnin. O termo implica que haja dois momentos de fala, e apenas dois. Na prática, nem sempre é assim. Há situações em que ocorrem três, quatro, ou até mais sequências de fala do mesmo personagem (...) Por isso, propomos uma alteração no nome, de modo a abarcar também balões com múltiplos momentos de manifestação verbal da figura representada. Sugerimos o termo balão-composto.

No segundo quadrinho da figura 41, a personagem Magali possui dois momentos de fala – é que chamamos de balão duplo. Já no terceiro quadrinho, a professora dialoga com seus alunos com várias falas em um mesmo balão, caracterizando o que Ramos (2019) sugere como sendo o balão-composto.

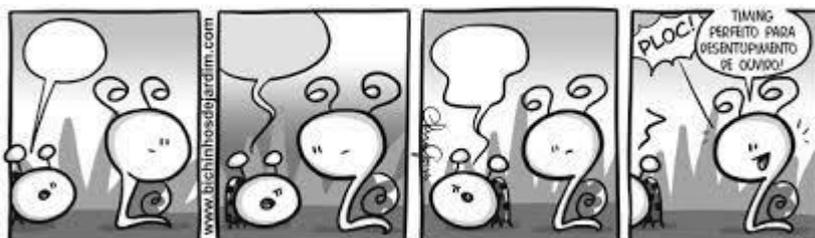
Figura 41. Balão-composto.



Fonte: <https://site.sabesp.com.br/site/interna/Default.aspx?secaoId=770>

Até aqui, tratamos de balões que dizem respeito às manifestações verbais das personagens. Entretanto, é importante destacar que, nas Histórias em Quadrinhos, podem aparecer personagens que estão em silêncio. Para isso, usa-se o balão-mudo, que possui o mesmo formato do balão-fala, mas geralmente sem nenhum texto, ou apenas com alguns pontos. Na figura 42, o balão-mudo indica o silêncio de uma das personagens a partir da ausência de conteúdo escrito em seu interior.

Figura 42. Balão-mudo



Fonte: <https://bichinhosdejardim.com/valioso-silencio/>

Finalmente, o último balão a ser apresentado neste trabalho é o chamado balão-zero, quando não há contorno, apenas o apêndice, podendo ocorrer a ausência desse também. O balão-zero é muito comum nas tirinhas de Alexandre Beck, autor do cartum Armandinho. Nessas tirinhas, observamos as falas sinalizadas apenas pelo apêndice, conforme a figura 43.

Figura 43. Balão-zero



Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-pai-do-armandinho-o-menino-de-cabelo-azul-que-reflete-sobre-arte-a-politica-e-direitos-humanos>

Nesse tópico, foi realizada uma elucidação dos tipos de balões e apêndices que representam a manifestação verbal das personagens das Histórias em Quadrinhos. Tratemos adiante das legendas que, muitas vezes, iniciam os textos quadrinísticos.

3.4.3 Legendas

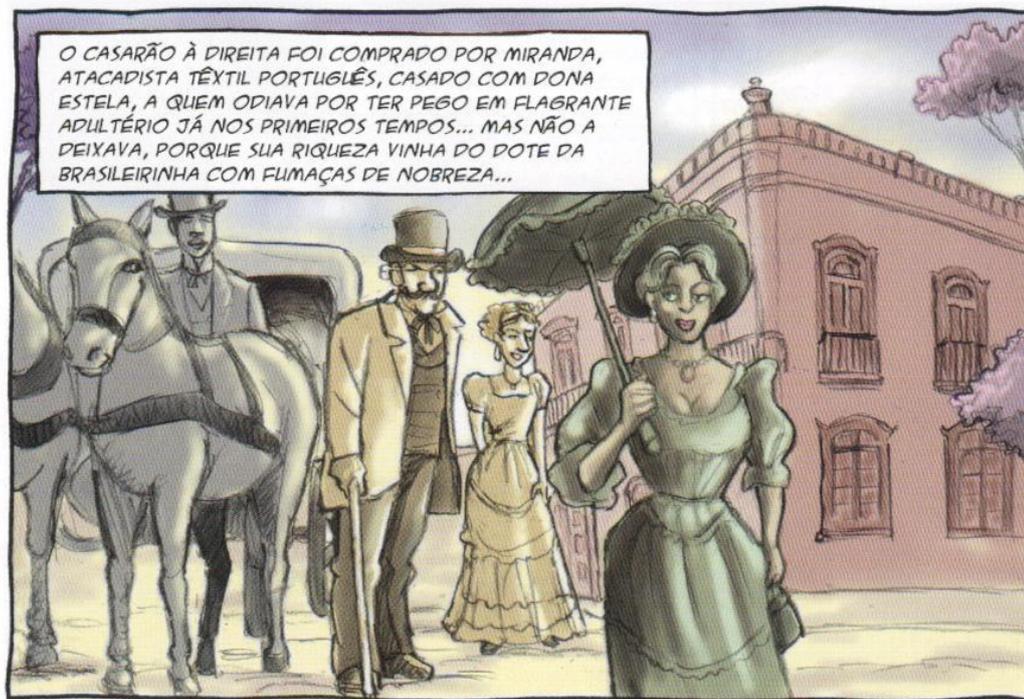
O texto verbal contido nas Histórias em Quadrinhos geralmente é associado, por muitos leitores e leitoras, apenas aos balões de fala e de pensamento. Entretanto, as legendas apresentadas em diversos quadrinhos, também representam um recurso importante para a produção de sentido do texto.

Nos quadrinhos, as legendas desempenham o papel do narrador da história. Assim, geralmente, são apresentadas no início do texto, no canto superior, podendo acontecer de o autor ou autora utilizá-las no canto inferior.

Embora seja mais frequente nos depararmos com as legendas em que o narrador é onisciente – na terceira pessoa, que conhece os sentimentos e os fatos dos personagens –, Ramos (2019, p. 50) explica que “o narrador-personagem também pode se apropriar do recurso. É comum em algumas histórias o aparecimento do rosto do personagem, de modo a identificá-lo como o narrador daquele trecho, geralmente fazendo menção a um fato no passado (ou *flashback*)”.

Nas figuras abaixo, percebemos a presença de um narrador onisciente, na adaptação de *O Cortiço*, representado na legenda no canto superior da cena, com formato retangular; e, posteriormente, a participação de um narrador-personagem (Bentinho), na adaptação de *Dom Casmurro*, representado na legenda com formato retangular.

Figura 44. Narrador Onisciente.



Fonte: <https://www.stoodi.com.br/blog/portugues/o-cortico-resumo-da-obra-realista-naturalista-de-aluisio-de-azevedo/>

Figura 45. Narrador-personagem



Fonte: <https://todateen.com.br/noticias/dom-casmurro-virou-hq.phtml>

As legendas, bem como os balões de fala e pensamento, são os elementos semióticos que “abrigam” os textos verbais, como as falas, os pensamentos e a narração das HQ. Por isso, após a apresentação desses recursos, é importante compreender as escolhas dos tipos de letras que serão inseridas em uma História em Quadrinhos. Assim, a próxima seção trata do letreiramento dos quadrinhos.

3.4.4 Letreiramento

As Histórias em Quadrinhos se configuram como um gênero multimodal, porque abarca os modos verbal e não verbal. Para representar o discurso direto das personagens, bem como do narrador (personagem ou onisciente), utiliza-se de textos verbais que contribuem para a maior produção de sentido. Sendo assim, as escolhas semióticas para a produção dos discursos diretos também são pensadas para garantir maiores possibilidades de construção de sentido por parte de leitores e leitoras.

Esse processo de escolhas semióticas para o texto verbal é denominado letreiramento, que segundo Barbiere (2017, p. 153), “é a operação da escrita material dos textos escritos nos espaços-texto, sejam balões ou legendas. Por extensão, o termo é usado também para definir o estilo com o qual foi realizada a escrita”.

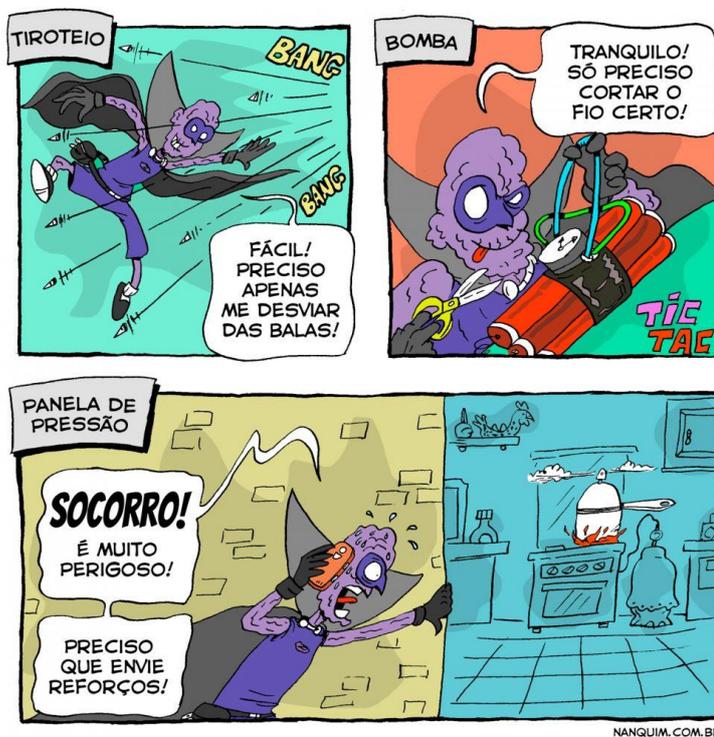
É comum que, ao lermos os quadrinhos, nos deparemos com fontes que são tradicionalmente utilizadas nos gênero, como a *comic* – palavra do inglês para denominar os quadrinhos. Entretanto, diversas são as possibilidades para autores/autoras de HQ produzirem o letreiramento de suas obras. De acordo com Postema (2018, p. 121), “a aparência das palavras e letras nos quadrinhos é manipulada com a frequência para somá-la ao sentido puramente linguístico das palavras, construindo uma fonte de significação da dimensão visual do texto”.

A maneira mais comum de encontrarmos os diálogos nos quadrinhos, é com a utilização da letra de forma tradicional, escrita na cor preta, sem uso de negrito, itálico ou sublinhado. Essa forma, além de ser a mais usada nos discursos diretos, também pode indicar neutralidade na fala das personagens, que Ramos (2019, p. 56) define como “uma espécie de grau zero”. Podemos compreender esse grau zero, porque o autor afirma que é o ponto “do qual outros vão derivar” (RAMOS, 2019, p. 56). Ora, se os diálogos se iniciam a partir de uma certa neutralidade, a alteração das letras para outros recursos linguísticos, como negrito, itálico, sublinhado etc., mostrará a mudança de tonalidade nos discursos.

No que diz respeito aos recursos mencionados anteriormente, o negrito e sublinhado podem sugerir que o personagem tenha alterado o tom da voz, bem como demonstrar um

discurso com emoção. Além disso, o uso do recurso em negrito pode significar que o/a autor/autora tenha a intenção de dar ênfase a uma determinada palavra ou expressão. Para caracterizar essas intenções, também é comum que autores/autoras lancem mão do recurso de mudar a cor da palavra ou expressão a serem enfatizadas (RAMOS, 2019), como nas figuras 46 e 47.

Figura 46. Voz alta em negrito.



Fonte: <https://nanquim.com.br/category/tirinhas/page/4/>

Figura 47. Ênfase em sublinhado.



Fonte: <https://minadehq.com.br/como-tirar-o-titulo-de-eleitor-quadrinhos/>

Na figura 46, a palavra “socorro”, no terceiro quadrinho, aparece em negrito, sinalizando que o pedido de ajuda realizado pelo personagem acontece em forma de gritos, uma vez que as demais falas do personagem encontram-se sem destaque, indicando neutralidade na fala, enquanto, na figura 47, a expressão sublinhada pode ser compreendida como sinalização de que o foco dos políticos deve ser o bem estar de seus/suas eleitores/eleitoras.

3.4.5 Oralidade e Onomatopeias

Uma característica predominante dos quadrinhos é a representação dos diálogos que são inerentes ao cotidiano. De acordo com Ramos (2019, p. 63), “os quadrinhos simulam a estrutura de uma conversação natural”. Se uma obra se passa na contemporaneidade, os diálogos serão condizentes com a maneira como nos comunicamos de forma oral, com expressões, gírias e vocabulários que nos são comuns.

Entretanto, se uma obra em HQ possui um enredo que se passa no século XIX, por exemplo, é provável os diálogos serão expostos à maneira como era costume da época. Isso significa, que os diálogos que acontecem nas histórias em quadrinhos, se assemelham aos que aconteciam na época que é representada na obra. Na figura 48, os diálogos representam as características da língua no século XIX, em 1881.

Figura 48. Características da língua.



Fonte: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em Quadrinhos.

No que diz respeito à simulação de uma conversação natural, Ramos (2019, p. 63) esclarece que “os baloes seriam uma representação dos turnos conversacionais”. Para melhor elucidar essa questão, podemos considerar que os turnos são os “momentos” de fala de quem realiza uma comunicação.

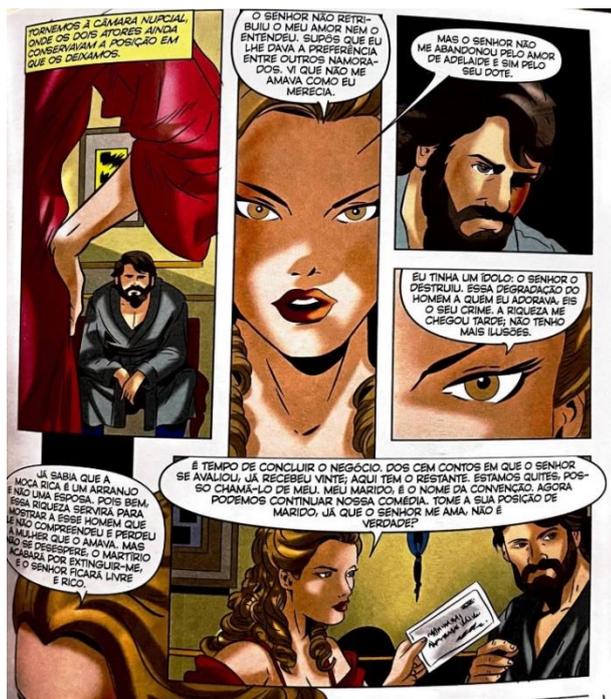
Os turnos das histórias em quadrinhos se caracterizam por *turnos simétricos*, *turnos assimétricos* e pelo *assalto de turnos*. Os turnos simétricos caracterizam-se pela alternância nos diálogos, representados por balões de fala de maneira “revezada”. Os turnos assimétricos são representados pela predominância de fala de um personagem em relação ao outro. Já o assalto de turnos acontece quando a fala de um determinado personagem interrompe a de outro, como se a fala de um fosse “atropelada” pela de outro. Os turnos alternados e o assalto de turnos serão apresentados abaixo, nas figuras 49, 50 e 51, respectivamente.

Figura 49. Turnos simétricos.



Fonte: <https://descomplica.com.br/artigo/aprenda-com-as-tirinhas-da-mafalda-sobre-politica-ecidadania/453/>

Figura 50. Turnos assimétricos.



Fonte: *Senhora*, em Quadrinhos.

Figura 51. Assalto de turnos.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/26587546>

Em concordância com Ramos (2019, p. 65), “dentro dos turnos, há uma série de recursos gráficos usada para representar outros elementos da conversação”. Em outras palavras, dentro dos balões de fala (os turnos), os autores e autoras de quadrinhos podem lançar mão de uma gama de recursos linguísticos que nos remete às características da comunicação oral, como simular risadas, engasgos, músicas, silêncio etc. Esses recursos são pensados não de maneira aleatória, mas estrategicamente, a fim de produzir sentido para a interpretação de leitores e leitoras.

As palavras silabadas, representadas pela presença de hífens que separam as sílabas, sugerem que as personagens falam de maneira lenta, e podem sugerir que leitores e leitoras façam uma leitura “alinhada” com as intenções linguísticas do/da produtor/produtora. O uso de hífen, no entanto, pode simular, também, que a personagem esteja surpresa, com medo ou impressionada, uma vez que o recurso indica a gagueira da personagem. Nesse caso, os hífens não são inseridos para separar as sílabadas, mas as letras.

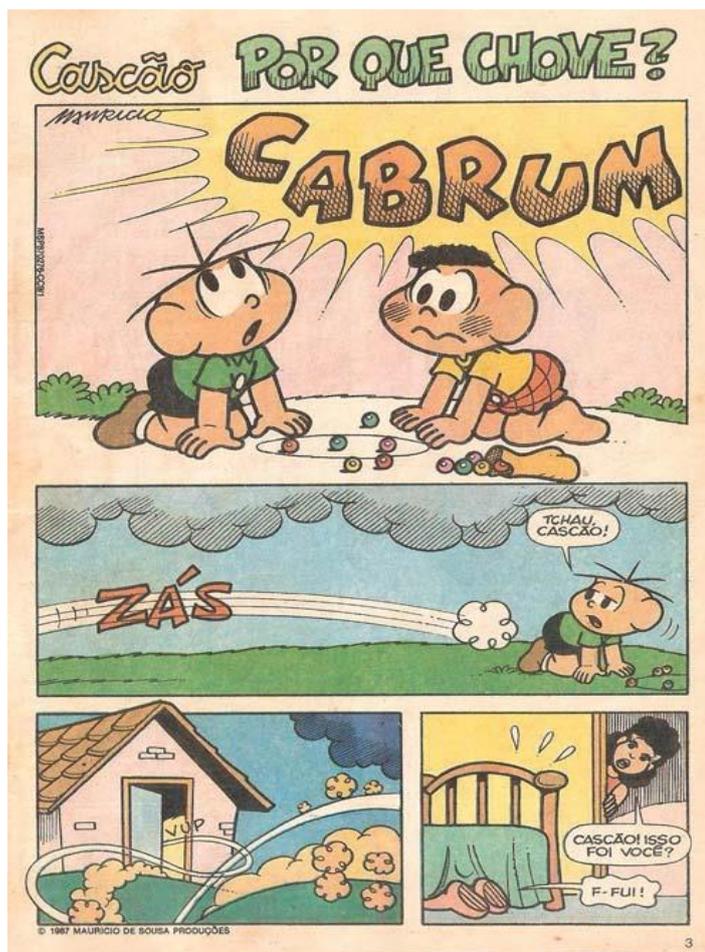
Nas figuras 52 e 53, são apresentados exemplos de fala silabada e de gagueira, respectivamente.

Figura 52. Fala silabada.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/40973199>

Figura 53. Fala com espanto.



Fonte: https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Por_Que_Chove%3F

Na figura 52, no segundo quadrinho, as palavras silabadas indicam que a ligação do celular apresenta falhas, gerando dificuldades para que “Leloca” compreenda as palavras completas. Além disso, pode indicar também a demora para que a lista de mantimentos seja entendida.

Na figura 53, no último quadrinho, a fala de Cascão apresenta o recurso de separação da consoante “f”, indicando o medo da personagem de ser molhado pela chuva, quando ouviu o som do trovão. O balão com o conteúdo “F-fui” indica que Cascão está com a voz trêmula.

Outro recurso bastante utilizado para representar marcas de oralidade é o de marcador conversacional. Ramos (2019, p. 68), apoiando-se em Urbano (1988), esclarece que os marcadores conversacionais “constituem termos marginais, que podem ser eliminados na passagem da língua oral para a escrita, mas que oralmente auxiliam no processo coesivo”. Tais marcadores são comuns nas interações orais que utilizamos no dia a dia e podem variar de acordo com as diferentes esferas sociais.

Nos quadrinhos, esses marcadores podem aparecer conforme a intencionalidade do produtor ou da produtora, bem como a partir das culturas de quem os produz e/ou do sujeito leitor. Na figura 54, é apresentado um exemplo de interação de personagens com o marcador conversacional, representado pelos marcadores “hã?!” e “Ah tá!”, no terceiro quadrinho.

Figura 54. Marcador conversacional.



Fonte: <https://nanquim.com.br/category/tirinhas/page/15/>

Além dos recursos mencionados, os quadrinhos apresentam um recurso para caracterizar as falas que contém expressões de baixo calão. Trata-se do uso de signos icônicos ou caracteres “especiais”. Para que essas expressões não sejam expostas de forma direta, os/as quadrinistas podem utilizar desses caracteres para levar o/a leitor/leitora a compreender que a fala da personagem diz respeito a um “palavrão”, conforme figura 55.

Figura 55. Balões representando palavras de baixo calão



Fonte:

<https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ1AkiG2kq1L72SYj0kerwnYsmmTfzWGjHPdQ&usqp=CAU>

Quando tratamos dos recursos semióticos que contribuem para que leitores e leitoras produzam sentido do texto, não apenas os elementos que representam as falas e os sons são possíveis. O silêncio também é um indicador que produz compreensão textual. Para representar esse recurso entre personagens em uma História em Quadrinhos, são bastante utilizados os balões-mudo, conforme exposto no tópico balões e apêndices, além de balões com reticências, conforme figura 56. Ramos (2019) sugere que o balão-mudo ou com reticências pode caracterizar, também, momentos de excitação e/ou de pausa.

Figura 56. Balão indicando silêncio



Fonte: <https://www.ilafox.com/2010/05/silencio-hiperativo.html> Acesso em 26.

Se o silêncio (a ausência do som) é um recurso que auxilia na compreensão textual, o contrário dele também acontece. É comum que encontremos nas Histórias em Quadrinhos elementos que sinalizam falas em excessos e/ou tumultos, evidenciando as falas em coro. Para representar a oralidade nesses momentos de falatório, são utilizados os recursos de “blá-blá-blá”, indicando falas em excesso. Além disso, o recurso “bzzz” pode indicar que personagens estejam falando com entonação de cochicho, em voz baixa. Os exemplos de falas em excesso e cochicho estão respectivamente nas figuras 57 e 58.

Figura 57. Blá-blá-blá.



Fonte: <https://zuzubalandia.com.br/tirinhas.html> Acesso 26.

Figura 58. “Bzzz”, representando segredo.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xT6ggyuGEiw>

No que diz respeito às marcas de oralidade, uma que aparece com frequência nas Histórias em Quadrinho são as representações das risadas. De acordo com Ramos (2019, p. 71), “ as risadas são representadas em geral de maneira análoga à forma como são emitidas verbalmente”. O autor esclarece-nos que as representações podem acontecer de maneiras diferentes, de acordo com as preferências de cada quadrinista. Uma das formas de representação está na figura 59.

Figura 59. Risada.



Fonte: <https://www.chavazada.com/2017/08/tirinhas-de-segunda.html>

Além das marcas de oralidade que são presentes nas HQ, as onomatopeias também podem indicar a representação da comunicação oral. Em concordância com Ramos (2019, p. 74), “o continente e o conteúdo do balão, no entanto, não são as únicas maneiras de representar a oralidade nos quadrinhos. A onomatopeia também exerce um importante papel”. O autor nos esclarece que

as onomatopeias podem estar dentro ou fora dos balões. Nas duas situações, o aspecto visual da letra utilizada pode indicar expressividades diferentes. Sua cor, tamanho, formato e até prolongamento adquirem valores expressivos distintos dentro do contexto em que é produzida. (RAMOS, 2019, p. 81).

Nessa direção, é válido reforçar que as onomatopeias podem expressar sentidos diferentes, de acordo com o contexto da obra e conforme os recursos utilizados para produzi-las. Um exemplo, é o uso do recurso “aaahhh”, podendo significar que uma questão foi compreendida ou sugerir um grito de desespero, como nas figuras 60 e 61.

Figura 60. Recurso indicando surpresa.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/25297873>

Figura 61. Recurso indicando reclamação.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/25297873>

No primeiro exemplo, no quadrinho terceiro, a onomatopeia sugere que Mafalda compreendeu uma função para o dedo indicador, portanto o recurso indica entonação de surpresa. No segundo exemplo, a onomatopeia está representando um teor de reclamação, que é confirmado pela fala da personagem no último quadrinho.

As onomatopeias não possuem regras, tampouco limites. Os critérios para criação de onomatopeias, a fim de representar sons e ruídos, variam de acordo com a imaginação de cada quadrinista (RAMOS, 2019). Serão expostos aqui alguns casos de onomatopeias, a fim de contribuir para melhor compreensão dos recursos.

Na figura 62, as batidas na porta são representadas por três tipos de onomatopeias, todas caracterizando o som que é emitido quando essa ação é realizada. Já na figura 63, o segundo e terceiro quadrinhos representam o barulho emitido ao digitar no teclado de computador, indicando que a personagem está trabalhando.

Figura 62. Batidas na porta.



Fonte: <https://nanquim.com.br/onomatopeia/>

Figura 63. Teclado do computador.



Fonte: <https://questoes.grancursosonline.com.br/questoes-de-concursos/lingua-portuguesa-onomatopeia.>

3.4.6 Espaço e tempo

Quando tratamos de espaço e de tempo nas Histórias em Quadrinhos, precisamos levar em consideração que ambos os elementos caminham juntos. Ao discorrer sobre o tempo, Ramos (2019, p. 128) afirma que “tempo é elemento essencial nos quadrinhos. É percebido pela disposição dos balões e dos quadrinhos. Quanto maior o número de vinhetas para descrever uma mesma ação, maior a sensação e o prolongamento do tempo. Já no que diz respeito ao espaço, o autor menciona que “o espaço varia: pode ser uma imagem de paisagem até do espaço sideral” (RAMOS, 2019, p. 136).

Tendo em mente as noções esclarecidas por Ramos, compreendemos que o tempo e o espaço nas HQ permiteM que os leitores e leitoras produzam sentido no que diz respeito À

passagem do tempo, contextos históricos/sociais etc. Isso porque os cenários podem representar diferentes épocas e lugares, e a sequência da cena pode representar passagem de tempo com maior ou menor distância.

No que diz respeito ao tempo, ele pode sugerir uma passagem de tempo de anos, bem como de alguns minutos. Além disso, pode representar uma sequência de antes e depois, períodos do dia, tempo meteorológico, entre outros. A ocorrência do espaço entre um quadro e outro leva o leitor/leitora a compreender momentos que não estão explícitos na cena como forma de desenho, mas que estão representados de maneira intrínseca.

Na figura 64 é representada a ideia de passagem do tempo, a partir do terceiro quadrinho.

Figura 64. Antes e depois.



Fonte: <https://www.giekim.com/2012/09/tirinha-0277-casorio-antes-e-depois-2.html> Acesso em 23.

Figura 65. Tempo meteorológico.

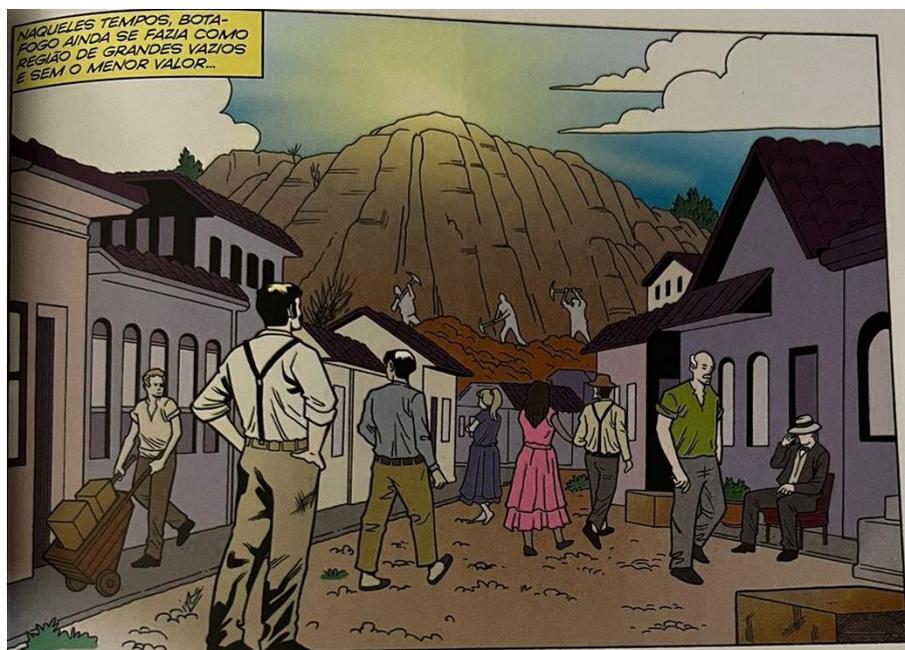


Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/162053872964/tirinha-original>

Na figura 62, a representação do tempo se dá a partir do tempo meteorológico, que, no primeiro quadrinho, é representado pelo sol, mas, no mesmo quadrinho, as nuvens claras vão escurecendo; já no segundo quadrinho, Armandinho aparece na cena com um guarda chuva e pingos de água. Além disso, a passagem do tempo é caracterizada pela alternância dos quadrinhos, que sinaliza que algum tempo se passou.

Já no que se refere ao espaço, os quadrinistas podem lançar mão de recursos como os planos que permitem a exposição do ambiente, bem como os personagens e objetos inseridos na cena. A fim de elucidar a noção de plano, serão apresentados, nas figuras 66, 67, 68, 69 e 70, os seguintes planos: panorâmico, primeiro plano, plano médio, plano em perspectiva e *close up*, respectivamente.

Figura 66. Plano panorâmico.



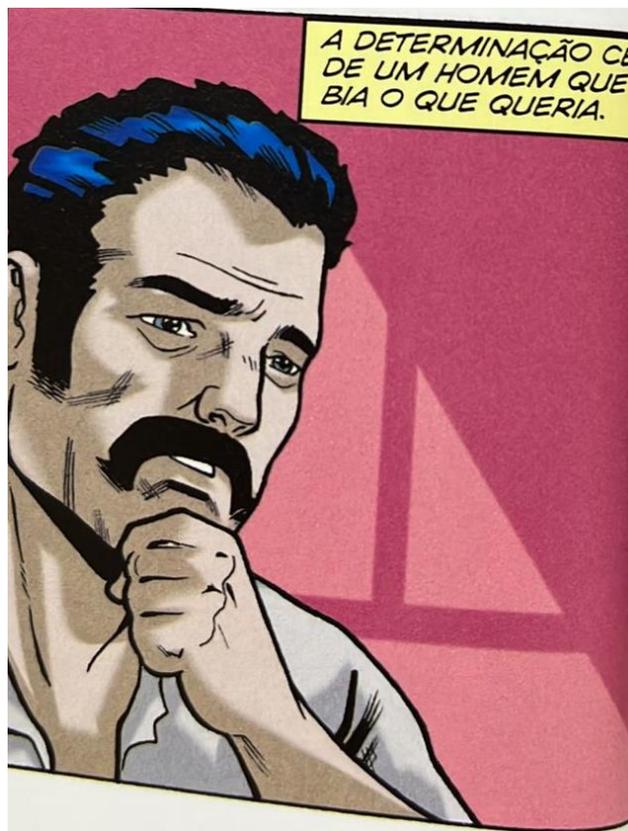
Fonte: *O cortiço*, em quadrinhos.

Na figura acima, o plano panorâmico, ou plano geral, apresenta as personagens por completo, além de apresentar elementos que potencializam a compreensão textual, como as casas e o barranco ao fundo. Ramos (2019) explica que esse plano tem a finalidade de evidenciar o cenário, portanto o autor pode sinalizar aos leitores e leitoras que o cenário é importante para a compreensão da narrativa. O foco, nesse caso, não é um personagem específico, mas toda a cena.

Além da noção de espaço, a cena também apresenta aspectos relacionados ao tempo,

que, como foi mencionado anteriormente, pode representar uma determinada época. Observando as vestimentas das personagens, bem como a arquitetura das casas ao fundo, percebemos que a cena se passa em uma época mais distante da nossa, que, no caso de *O Cortiço*, seria o século XIX.

Figura 67. Primeiro Plano.



Fonte: *O cortiço*, em quadrinhos.

Na figura 67, o plano total tem como finalidade mostrar ao/à leitor/leitora, que o foco está no personagem, não no cenário, por isso o personagem está representado dos ombros para cima, a fim de voltar a atenção do leitor para as expressões faciais (RAMOS, 2019).

Figura 68. Plano médio.



Fonte: *O cortiço* em quadrinho.

O plano médio, que também pode ser denominado plano aproximado, tem como finalidade reforçar as expressões e traços faciais dos personagens. Ramos (2019) afirma que se trata de um plano bastante utilizado para representar diálogos, além de os personagens serem representados da cintura para cima.

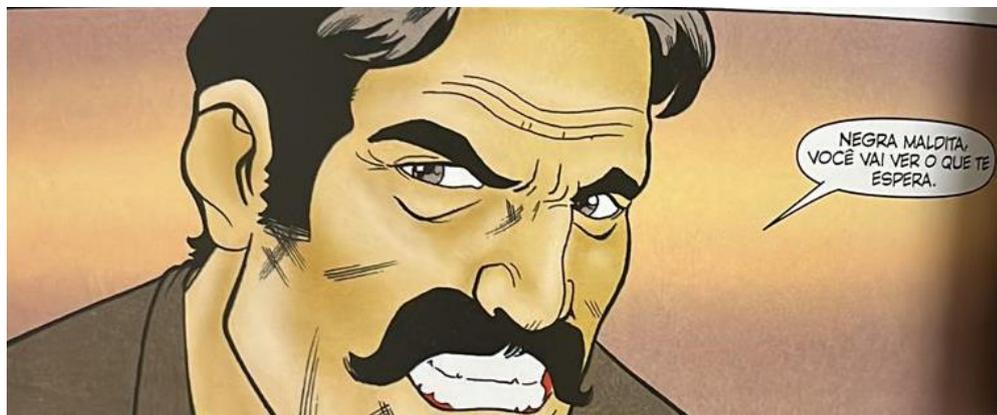
Figura 69. Plano em Perspectiva.



Fonte: *O Cortiço*, em quadrinhos.

Para dar um sentido de continuidade no cenário, e permitir que o leitor tenha uma visão ampliada do que acontece na cena, o quadrinista faz uso do plano em perspectiva. Esse plano possibilita que a leitura aconteça desde as imagens mais próximas até as mais distantes do leitor (RAMOS, 2019).

70. Close up.



Fonte: *O Cortiço*, em quadrinhos.

O *close-up* é um recurso utilizado pelos quadrinistas com o intuito de manter a atenção do leitor para os detalhes do rosto da personagem. Além disso, o recurso pode ser utilizado para voltar o olhar do leitor para um determinado objeto (RAMOS, 2019). Na figura 70, o produtor da HQ utiliza o *close-up* para fazer com que a leitura da imagem se volte para o rosto do

personagem.

Além dos planos de visão, e outros recursos explorados neste capítulo (letreiramento, oralidade e onomatopeias, balões de fala e de pensamento, legendas e espaço/tempo), as HQ possuem um vasto campo de mecanismos (*layout*, enquadramento, traços etc.), que potencializam a compreensão textual, mas que não serão esgotados nessa pesquisa, conforme mencionado no início deste tópico.

Após uma explanação acerca dos elementos que contribuem para a produção de sentido, no que diz respeito à leitura dos quadrinhos, é importante discutir as possibilidades que o gênero oferece para o ensino de literatura.

3.5 Quadrinhos e ensino de literatura

O ensino de literatura no Brasil, como visto no capítulo anterior, perpassou por diferentes modelos de ensino, que seguiu os padrões e os interesses (sociais e/ou econômicos) de cada época. Entretanto, a partir do avanço das pesquisas no campo da educação e, conseqüentemente, no ensino de literatura, podemos compreender que cada professor realiza práticas que melhores se adaptem ao seu alunado e às realidades nas quais estão inseridos.

Se temos a compreensão de que o ensino brasileiro acompanhou as exigências econômicas de cada época, precisamos levar em consideração que o acesso aos livros “acompanhou” e acompanha tais exigências. Ora, se a educação busca seguir o mercado educacional (em questões econômicas), é possível concluirmos que o acesso aos livros é mais facilitado para quem a economia favorece, a camada mais rica da sociedade. Podemos compreender esse pensamento tendo em vista o alto custo dos livros no mercado.

Além das questões econômicas, outras dificuldades podem aparecer, no que diz respeito ao acesso aos livros, principalmente em se tratando dos cânones. É comum que muitas pessoas associem a leitura de textos literários como sendo para “pessoas cultas” ou “ricas”. Isso se dá pelo valor financeiro dos livros, mas também pela falta de acesso aos cânones, haja vista que muitas escolas das rede pública de ensino sofrem com a baixa quantidade de obras clássicas em suas bibliotecas.

Em contrapartida, a acessibilidade e a linguagem dos quadrinhos “caíram no gosto” da sociedade, tendo sido popularizados entre diferentes públicos. Das crianças aos adultos, as obras em HQ estão disponíveis em diversas temáticas, de acordo com gostos e interesses dos mais variados grupos sociais.

Pensando no contexto da inacessibilidade dos cânones, tanto na questão econômica

quanto na social e, além disso, pensando na popularização dos quadrinhos, as obras clássicas adaptadas para os quadrinhos podem se tornar uma alternativa para a inserção dos alunos e alunas ao contexto dos clássicos literários. Assim sendo, “as HQ ampliam a potência do texto literário, que, muitas vezes, se restringe, por motivos diversos, ao âmbito acadêmico erudito” (CORREA, 2013, p. 74). Nessa mesmo sentido, Pina (2014, p. 218) esclarece que

os textos literários, especialmente os canônicos, pouco acessíveis ao leitor do século XXI, seja pelos usos linguísticos datados, seja pelo volume de páginas, seja pela densidade temática, ou pela ineficiência da mediação escolar e familiar vêm sendo traduzidos para outras linguagens, outras mídias. A Escola vêm tentando se adequar ao mundo jovem, mas o faz num caminho inverso, esvaziando conteúdos, desconsiderando competências, o que acarreta deixar de oferecer ao educando oportunidades de transformação e ampliação de sua visão de mundo.

A partir da explanação de Pina, percebemos a necessidade de (re)pensar o ensino de literatura nas escolas. É sabido que o ensino deve considerar a realidade do alunado, entretanto essa adequação deve acontecer de maneira a ampliar as possibilidades de estratégias de ensino, não de diminuí-las.

Dessa maneira, reforça-se a ideia de que a estratégia de ensino a partir do uso das Histórias em Quadrinhos, defendida nessa pesquisa, não busca a substituição dos cânones literários, mas uma possibilidade de contribuição para a inserção do alunado nesse contexto.

A fim de esclarecimento, tratamos, nessa pesquisa, das obras adaptadas para os quadrinhos como versões. Isso porque não compreende-se que exista literatura em quadrinhos, mas adaptações da literatura para os quadrinhos.

Na obra *Quadrinhos na educação*, de Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro (2017), no capítulo destinado à literatura, Zeni (2020, p. 132) menciona que “por mais que as histórias em quadrinhos lidem com palavras e seja possível aplicar teorias literárias para a análise de sua estrutura narrativa, elas não são literatura. Elas são histórias em quadrinhos”.

No que diz respeito às adaptações dos textos literários para os quadrinhos, Pina (2014, p. 218) salienta que

as adaptações quadrinísticas de textos literários tornam-nos divertidos, acessíveis, aproximando-os das possibilidades de compreensão e produção de sentidos das crianças e dos jovens estudantes de hoje. Os textos adaptantes, resultantes do processo dialógico, não deixam os textos adaptados serem esquecidos e se apresentam como formas artísticas inovadoras.

É importante mencionar que muitos profissionais docentes, principalmente os mais tradicionais, mantêm uma certa resistência quando questionados sobre o uso dos quadrinhos como estratégia de ensino de literatura. É comum que muitos deles afirmem que pode acontecer um esquecimento das obras originais, além de muitos justificarem que os quadrinhos não são práticas de ensino que potencializam o ensino de literatura. Esses docentes não consideram as HQ como possíveis caminhos para a inserção do alunado no contato com os cânones, mas “acreditam” que os quadrinhos poderão substituí-los, o que, mais uma vez, ressaltamos não ser a concepção dessa pesquisa.

Essa resistência, porém, não acontece unicamente por parte dos docentes, mas também de pesquisadores/pesquisadoras, pessoas que elaboram as diretrizes para educação e outros profissionais da educação. Isso pode ser percebido pela maneira com que a educação, de maneira geral, lidou com os quadrinhos desde que começaram a circular em nossa sociedade.

Foram necessários quase dois séculos para que o gênero fosse sinalizado como um recurso estratégico para a educação básica. Ora, se a resistência acontece desde à elaboração de documentos oficiais, por que não haveriam de ecoar para o ensino de literatura?

Sabemos que uma educação que emancipa os alunos das entranhas da sociedade é uma educação pensada de acordo com a realidade, com o intuito de considerar os cenários do alunado para gerar o aprendizado.

A resistência aos quadrinhos e a insistência em considerar o ensino de literatura exclusivamente pela leitura e interpretação dos cânones podem caminhar para o sentido contrário da máxima de Paulo Freire, de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, visto que não consideram que os alunos e alunas de Ensino Médio estão inseridos em sociedades “bombardeadas” por textos imagéticos.

É fundamental que essa ideia de que os quadrinhos vão substituir os cânones seja debatida de forma a salientar que “a leitura em quadrinhos recicla o cânone, rompendo com os parâmetros determinados por tais grupos: esses volumes não copiam os textos de partida, eles os atualizam” (PINA, 2014, p. 219).

Defendendo esse mesmo posicionamento, Guerini e Barbosa (2103, p. 16) esclarecem que

na transposição de de um lugar (a literatura) para o outro (a HQ) torna-se imperativo conseguir no texto alvo aquilo que se realizou imagética e poeticamente no texto de partida. Veja-se que em princípio, ao falar, de HQ como “tradução”, estamos admitindo que HQ é um texto que se equipara à

fonte. Evidentemente ela não é construída somente por “*literas, letras*”, ela não faz uso apenas do alfa e do beta, mas utiliza-se de outros signos para construir a narrativa.

Assim sendo, compreende-se que não há uma tentativa de substituição dos cânones, mas de ampliar as possibilidades para inserir o aluno nas leituras dos clássicos, a fim de colaborar para a formação de leitores que sejam críticos e que consigam compreender para além do texto verbal, o que acontece de maneira explícita, mas que estejam apto a compreender os mecanismos linguísticos presentes no texto não verbal, que possibilitam que os leitores e leitoras compreendam os elementos implícitos dos textos.

Se é importante que consideremos os contextos nos quais alunos e alunas estão inseridos – uma sociedade marcada pela cultura da comunicação e da informação com recursos multissemióticos nos vários textos que circulam na esfera digital, além dos vários textos da internet, que também apresentam a linguagem não verbal, como as propagandas –, utilizar os quadrinhos para o ensino de literatura pode potencializar a prática docente, no sentido de contribuir para uma melhor interação do aluno com os textos literários. Nessa perspectiva, Pina (2014, p. 229) salienta que a linguagem dos quadrinhos,

diferente da linguagem literária pode educar o leitor, formando-lhe o gosto pela leitura, exatamente por sua natureza lúdica. Exatamente porque são uma nova e complexa forma de arte autônoma, os quadrinhos brincam com as competências e habilidades dos leitores, amplificando-as. Sua linguagem é seu diferencial, é seu instrumento maior de contato com o leitor, porque guarda a criatividade ímpar de roteiristas, desenhistas, coloristas e demais profissionais da área.

Nota-se, portanto, que os quadrinhos podem potencializar as habilidades de leitura do alunado, haja vista que, para além da compreensão do verbal, as HQ necessitam de uma compreensão das intencionalidades dos roteiristas, no que diz respeito às escolhas dos elementos visuais, além dos conhecimentos prévios dos leitores e das leitoras. Ao produzirem uma obra em quadrinhos, os produtores levam em consideração aspectos como público alvo, temática, a mensagem que deseja passar ao leitor, suas experiências culturais e sociais, além de questões estéticas.

Barroso (2013, p. 89) salienta que as Histórias em Quadrinhos possuem

uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia, ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e, claro, por suas especificidades. A principal delas, a nosso ver, é a forma como se dá o relacionamento entre autor e leitor, sendo este último não somente um leitor,

um coadjuvante, mas um coautor.

Como foi exposto na discussão acerca das Histórias em Quadrinhos, no tópico anterior, os diferentes recursos visuais que os quadrinistas podem elencar em uma determinada obra permitem que os leitores interajam com o texto de forma a produzir diferentes produções de sentido em uma mesma obra. Isso não significa que as interpretações não terão fundamentos e se distanciarão da obra original, mas que diferentes posicionamentos poderão concorrer para possíveis diálogos.

Os quadrinhos possuem uma vasta gama (como os vistos anteriormente: balões, onomatopeias, legendas, planos etc.) de elementos que potencializam a compreensão da obra, abrangendo a linguagem verbal e a linguagem não verbal. Nessa direção, compreendemos que

não é fácil ler e entender quadrinhos. A sua leitura pressupõe um ato complexo de abstração e de síntese por parte do leitor. É o leitor quem dá movimento e continuidade em sua imaginação, uma vez que os elementos definem, compõem e integram-se nos quadrinhos são enquadramentos [...] que reforçam suas expressões (PINA, 2014, p. 229).

Reforça-se, portanto, a ideia de que os quadrinhos ampliam as potencialidades para formação de um leitor apto a resolver problemas do dia a dia, uma vez que as obras geralmente contemplam diversas questões sociais que fazem parte da contemporaneidade, bem como compreender os recursos linguísticos de textos que condizem com a realidade do século XXI.

Tendo em vista as várias potencialidades contempladas pelos quadrinhos, é fundamental que a prática docente de professores que utilizam as HQ para o ensino de literatura não incorra em um “esvaziamento”, mas que seja agregado, a fim de não desconsiderar a importância da leitura dos cânones.

Guerine e Barbosa (2013, p. 216) evidenciam que

é urgente estabelecer, sistematicamente, critérios para avaliar como os quadrinhos são aplicados em salas de aula e no dia a dia do estudante pois corremos o risco de tornar a educação algo frágil, imediato e volátil. A tudo isso acresce-se ainda o risco de não formos leitores críticos, conscientes e capazes de enfrentar as situações complexas e emaranhadas que a literatura propõe como desafios.

Ao tratarmos do ensino de literatura a partir de uma prática com o uso de Histórias em Quadrinhos, precisamos considerar que uma adaptação, ao ser utilizada como prática de ensino, pode ser encarada tanto de forma didática – quando a análise é completa, seja em relação à obra

original, seja em relação à adaptação – quanto na paradidática – que foca a análise na obra original e que considera a adaptação como um mecanismo para a inserção na obra original (ZENI, 2013).

Dessa maneira, torna-se importante refletir sobre quais são as práticas que melhor se encaixam na realidade do alunado, quais são as capacidades que cada turma deve ampliar, além de ponderar acerca das obras que serão trabalhadas.

A fim de investigar os critérios que levam a determinadas práticas em sala de aula, a partir do trabalho com as Histórias em Quadrinhos, o próximo capítulo será destinado à análise das entrevistas com professores e professoras de literatura que utilizam os quadrinhos como estratégia de ensino. Essas entrevistas (semiestruturadas) foram realizadas por meio de formulários *on-line*, em razão da pandemia da COVID-19.

CAPÍTULO 4: O QUE ACONTECE NA PRÁTICA?

4.1 Contextos dos sujeitos e universo

Assim como sinalizado anteriormente, esta pesquisa tem como objetivo investigar a prática docente de professores que utilizam os quadrinhos para o ensino de literatura. É bastante comum no meio acadêmico pesquisadores adotarem uma postura deôntica em relação a como o profissional docente deve elaborar e agir em suas práticas de ensino, mas é preciso compreender que professores/professoras carregam em suas práticas pedagógicas experiências que, ao longo da vida social e profissional, contribuíram para os/as profissionais que se tornaram.

Reforçando essa noção, “a maioria das vezes, os professores precisam tomar decisões e desenvolver estratégias de ação em plena atividade, sem poderem se apoiar num “saber-fazer” técnico-científico que lhes permita controlar a situação com toda a certeza” (TARDIF, 2014, p. 137).

É válido ressaltar que a maior dificuldade para este momento da pesquisa deu-se em razão da baixa demanda de professores que utilizam os quadrinhos como estratégias para o ensino de literatura. Em vista disso, foram entrevistados cinco professores e professoras que atuam no ensino de literatura e que, em suas práticas, utilizam-se dos quadrinhos como estratégias para o ensino de textos literários.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, foram enviados, por meio da plataforma *Google Forms*, um formulário com perguntas voltadas às práticas e às percepções dos professores que empregam os quadrinhos como recursos possíveis no ensino da disciplina. Os professores e professoras entrevistados serão denominados aqui como: Professor 1, Professor 2, Professor 3, Professor 4 e Professor 5, a fim de manter o anonimato dos docentes.

Para a elaboração desse formulário, foi pensado, em um primeiro momento, sobre a necessidade de conhecer o contexto dos sujeitos da pesquisa. Por isso, as duas primeiras perguntas dizem respeito ao nível de ensino nos quais esses profissionais atuam e à rede de ensino a que as escolas pertencem (pública ou privada).

Em unânime, os/as profissionais docentes que foram entrevistados são atuantes em escolas da rede pública de ensino; além disso, são profissionais que lecionam para o Ensino Médio. É válido ressaltar que, embora os entrevistados e as entrevistadas sejam docentes do

Ensino Médio, três atuam também em outras etapas do ensino básico.

Esclarecido o contexto dos sujeitos desta pesquisa, é importante mencionar que, a fim de obter uma melhor organização do trabalho, as perguntas e respostas foram divididas da seguinte maneira: a) Da teoria à prática – tópico destinado a apresentar e analisar quais são as práticas adotadas por professores e professoras e como trabalham os quadrinhos no ensino de literatura; b) Sob a ótica dos/das docentes – tópico voltado para a exposição e observação das percepções dos profissionais docentes sobre as possibilidades (ou não possibilidades) de a HQ representar um caminho para introduzir e contribuir para a compreensão do alunado da obra original e c) Efeitos na aprendizagem – tópico que visa observar e comentar as respostas dadas pelos docentes em relação aos resultados observados na aprendizagem dos alunos e das alunas.

4.2 Da teoria à prática

Na obra *Saberes Docentes e Formação Profissional*, Tardif (2014, p. 117) clarifica que “não existe trabalho sem técnica, não existe objeto do trabalho sem relação técnica do trabalhador com esse objeto”. Em razão disso, foi perguntado aos docentes que participaram da pesquisa quais são as práticas adotadas por eles/elas ao utilizarem os quadrinhos como estratégias de ensino de literatura e quais práticas empregam no trabalho com a literatura escrita sob a forma de HQ. Dentre os cinco respondentes, dois docentes disseram que realizam, junto às suas turmas, uma análise – no sentido de reconhecimento – dos recursos visuais que foram explorados nas obras estudadas.

De acordo com o professor 1, esse momento é, geralmente, feito com a participação dos alunos, uma listagem no quadro/lousa acerca dos elementos que caracterizam as HQ. Além disso, o profissional afirma:

Complemento a lista de características, se necessário for (normalmente alunos esquecem de mencionar os tipos de balões para representar a fala/pensamento dos personagens ou que é essencial relacionar os elementos verbais e não verbais para compreensão do texto, o papel das onomatopeias, das cores, dos traços, da pontuação e a construção de sentido por meio das figuras de linguagem).

É importante destacar, que o Professor 1 inicia sua prática elencando e despertando nos alunos uma observação das características que compõem o gênero HQ. Foi mencionado no capítulo anterior, a partir de Ramos (2017), que ler os quadrinhos implica em ler suas linguagens, ainda que essa leitura aconteça a partir do comínio de recursos mais básicos.

Outra forma de introduzir na prática essa análise dos recursos visuais é proposta nas estratégias do Professor 3, ao afirmar que “conversamos com eles [os alunos] sobre o material gráfico”. O entrevistado reitera que, a partir dessa conversa, os alunos e as alunas confirmavam (ou não) suas hipóteses, no sentido de verificar se as personagens da obra original apresentavam a mesma aparência das adaptações. Nas palavras do docente, “conversamos com eles sobre o material gráfico, com perguntas como: O que vocês acharam do livro? Imaginaram que as personagens poderiam ter a aparência representada nos livros? Se interessaram pelas histórias?”.

Essa estratégia de ensino condiz com a proposta de matriz de capacidades de leitura dos textos multissemióticos, realizada por Gomes (2017, p. 71), para quem esses textos propiciam que

ao longo da leitura, o leitor checa suas hipóteses, as quais, no caso de textos de gêneros multissemióticos, podem ser relacionadas, em uma primeira estância, somente com a semiose/linguagem verbal ou visual ou sonora, mas para confirmá-las ou refutá-las deve elaborar novas hipóteses e conjugar o conjunto de semioses/linguagens que compõem o gênero.

A prática adotada pelo Professor 3 contribui para que o alunado faça uma primeira inferência acerca dos conhecimentos de mundo que carregam em suas vivências e, depois, possam verificar se as obras adaptadas confirmam ou não essas deduções.

No que se refere a levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, discutida nessa pesquisa como fundamental para garantir uma prática de ensino que condiz com a realidade da turma, o Professor 1 diz que questiona “se os alunos conhecem ou se já leram HQ, quantos em média, como tiveram acesso etc.”.

Para além das práticas pontuadas, dois professores informaram que o debate faz parte de suas práticas. Na prática de ensino do Professor 2, é realizada uma roda de conversa. Já o Professor 5 menciona que as HQ colaboram para o debate acerca de variados temas.

Foi mencionado, ainda, pelo Professor 4, que uma estratégia adotada em sua prática de ensino se dá por meio da releitura de um determinado clássico literário, a partir da obra adaptada.

A partir dos relatos dos/das profissionais docentes, acerca da maneira como exercem suas práticas, fica evidenciado que “os professores não aplicam nem seguem os programas escolares mecanicamente; ao contrário, apropriam-se deles e os transformam em função das necessidades situacionais que encontram, das suas experiências anteriores” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 211).

4.3 Sob a ótica dos/das docentes

Após compreender a prática dos docentes que utilizam as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura, faz-se necessário analisar quais são as percepções que os professores e as professoras respondentes da pesquisa possuem em relação à migração da leitura das obras adaptadas para os clássicos, bem como sobre a compreensão de leitura dos livros originais a partir dos quadrinhos.

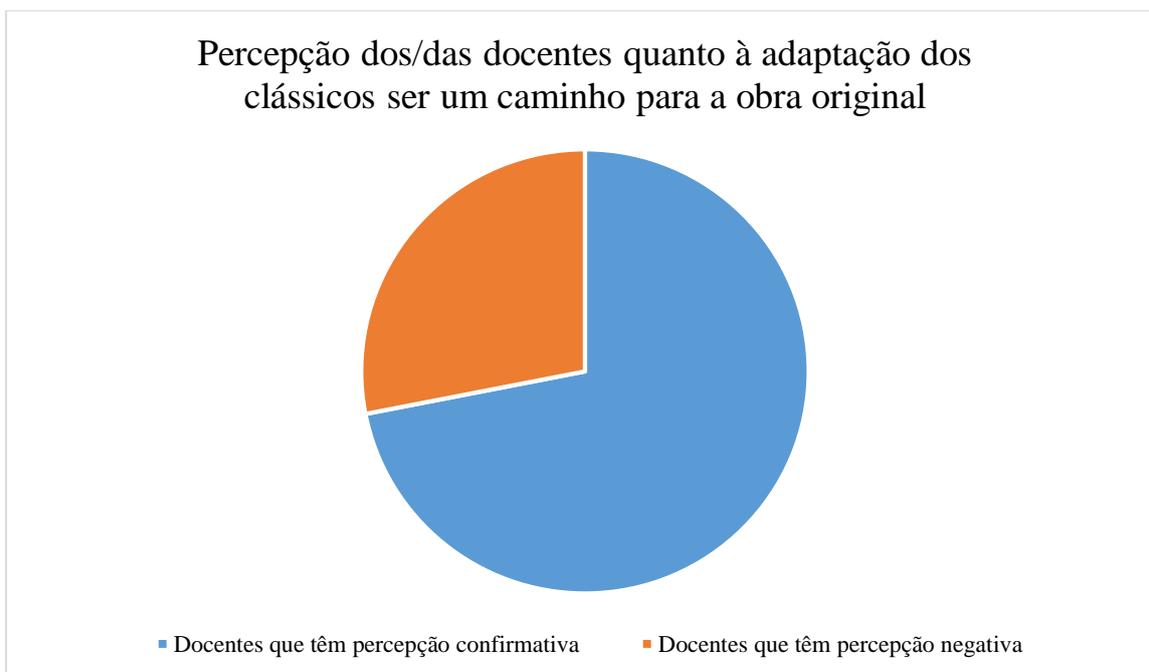
Para essa observação, duas perguntas que estão inseridas no formulário de perguntas são importantes: a) “na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa ‘migração’ das HQs para os textos literários em sua prática docente?”; b) “No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?”.

A partir das perguntas realizadas, foram percebidas respostas positivas na visão dos/das docentes em relação aos quadrinhos como estratégia para inserir o alunado no contato com as obras originais. Quatro, de cinco docentes, afirmaram que percebem a procura dos livros originais após a leitura das adaptações para os quadrinhos, entretanto um dos cinco profissionais apresentou resposta um pouco distante dos demais.

No que diz respeito à primeira parte da pergunta (“a”), os professores 2, 3, 4 e 5 responderam “sim”, enquanto o Professor 1 mencionou que poucos alunos procuram a obra original após a leitura das adaptações, porque o alunado entende que já compreendeu o que consideram importante do enredo da obra original.

Dessa maneira, para essa pergunta, o que obtivemos de resposta pode ser representado pelo gráfico a seguir:

Gráfico 1. A adaptação como caminho para o original.



Fonte: Elaboração própria, com base nas respostas dos/das entrevistados/entrevistadas.

Como a pergunta feita a esses profissionais apresentava dois momentos, a segunda parte da questão (“b”) destinava-se à percepção dos docentes quando à migração dos quadrinhos para obras originais. Todos os professores entrevistados afirmaram que observaram uma migração das HQ para os textos literários.

Quanto à resposta do Professor 1, que afirmou não perceber a procura pelos originais após a leitura das adaptações, nesse segundo momento, relata que percebeu uma migração para outros clássicos. De acordo com o docente “as HQs despertam e estimulam o interesse para outros textos literários clássicos em formato original, pois notam ser possível a diversão e o prazer no ato da leitura por meio das HQs.” Podemos compreender que, para esse professor, a leitura de uma determinada obra adaptada não faz o alunado buscar a obra original, mas potencializa a procura por outros clássicos literários.

Uma resposta que chamou a atenção da pesquisadora é a do Professor 3. Além de apresentar um ponto de vista acerca dos recursos e potencialidades oferecidas pelo gênero, também menciona a questão do acesso às obras originais, que muitas vezes é dificultado justamente pela questão social e/ou econômica mencionada em momentos anteriores dessa pesquisa. Nas palavras do docente, “na minha prática docente, os HQs são, ainda, como uma alternativa, pois, na escola pública em que realizei essa atividade, esses livros ainda não são tão abundantes”.

Como foi explicado, outra pergunta referente à percepção de cada professor entrevistado foi realizada. Trata-se da observação em relação à aprendizagem dos alunos, no que diz respeito à compreensão textual. Foi perguntado aos professores, se eles percebiam uma maior compreensão da obra literária a partir da leitura das adaptações para os quadrinhos.

Dois professores apresentaram respostas semelhantes, que se justificam pela linguagem dos quadrinhos. O professor 2 afirmou que a linguagem é “atualizada” e possibilita melhor compreensão da leitura. Já o professor 4 justificou que a linguagem verbal dos quadrinhos é mais acessível. Ainda em relação à linguagem dos quadrinhos, mas agora em se tratando da linguagem não verbal, o professor 1 relatou que os alunos se sentem familiarizados com textos imagéticos, porque estão inseridos em uma “sociedade visual”. Podemos perceber, a partir dessa menção, que os quadrinhos podem apresentar uma linguagem (tanto a verbal quanto a não verbal) que condiz com a realidade de alunos e alunas.

O professor 3 declarou que, a partir da imagem não verbal, os alunos podem ter uma visão mais clara dos personagens e do espaço da obra e, conseqüentemente, conseguem uma compreensão mais profunda da obra original.

Finalmente, o professor 5 afirmou que, em sua visão, os quadrinhos facilitam o entendimento da obra original. De acordo com o docente, os dois gêneros se complementam, ressaltando ainda que “o aluno pode ter a percepção das características de cada gênero e adquirir mais conhecimento nesse processo, aproximando-se com mais, confiança, de outros estilos e linguagens”.

Quanto à compreensão da leitura dos textos literários a partir da leitura dos quadrinhos, o gráfico se configura da seguinte maneira:

Gráfico 2. Compreensão textual.



Fonte: elaboração da pesquisadora, com base nas respostas dos entrevistados

Diante das respostas dadas pelos professores e pelas professoras, podemos considerar que os quadrinhos contribuem para uma melhor compreensão textual das obras originais, além de ampliarem as buscas por obras literárias.

A próxima etapa da análise, no tópico “Efeitos na aprendizagem”, é referente aos resultados que foram percebidos pelos docentes ao fazerem dos quadrinhos uma estratégia para o ensino de literatura.

4.4 Efeitos na aprendizagem

A fim de compreender quais resultados foram percebidos pelos docentes ao utilizarem as HQ no ensino de literatura, além de investigar se esses resultados foram positivos ou não, a última pergunta do formulário foi feita da seguinte maneira: “Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?”

Embora as justificativas se apresentem em diferentes maneiras, todos os professores notaram resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos a partir da utilização dos quadrinhos como prática de ensino.

Os professores 2 e 5 obtiveram uma percepção semelhante, no que diz respeito à compreensão dos alunos. Para o 2, os alunos apresentam melhor compreensão das obras no

sentido de interpretação. Já para o 5, a melhora do desempenho se dá pelas várias possibilidades de sentido que as HQ oferecem, contribuindo para a compreensão de determinados conceitos que são trabalhados em sala de aula.

O professor 5 menciona ainda que o uso dos quadrinhos torna o ensino mais dinâmico e prazeroso. Nessa mesma perspectiva, o professor 1 afirma que os quadrinhos contribuem para a adoção de uma leitura com diversão/prazer. Esse mesmo professor percebeu ainda outros quatro pontos que tiveram resultados positivos, relacionados à leitura dos textos não verbais: adequação à realidade do alunado, acesso aos livros clássicos, além de o trabalho com os quadrinhos colaborar para a “sensibilização dos aspectos artísticos/estéticos” (palavras do professor) e a criticidade.

Quanto à criticidade, o professor 4 também relata a observação de resultados positivos, afirmando que os alunos fazem reflexões pertinentes com o mesmo potencial que apresentam para refletir textos de outros gêneros.

A partir das respostas coletadas, o gráfico referente aos resultados na aprendizagem de alunos e alunas pode ser representado da seguinte forma:

Gráfico 3. Resultados na aprendizagem.



Fonte: elaboração própria com base nas respostas dos entrevistados

Considerando as respostas dos docentes, no que tange aos resultados percebidos pelos docentes entrevistados, fica evidenciado que todos consideram que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos.

Quando se realiza uma análise das perguntas e respostas disponibilizadas no formulário e, a partir delas, uma leitura dos gráficos retratados aqui, percebe-se que por unanimidade dos entrevistados, os quadrinhos possibilitam a inserção do alunado no contexto dos clássicos, além de potencializarem a compreensão textual dos alunos e das alunas.

Além disso, quatro, dentre os cinco entrevistados, relataram que o trabalho com as obras adaptadas para os quadrinhos ampliaram a procura pelos livros originais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve um tempo em que a humanidade se comunicava por meio de desenhos nas paredes. Conforme o ser humano foi se desenvolvendo socialmente, novas maneiras de comunicação foram criadas. Uma vez que o mundo está em constante evolução quando consideradas as questões sociais, culturais, econômicas etc., essas modificações também chegam na literatura, e, conseqüentemente, no ensino dela.

Ao longo dos mais de 500 anos da invasão no Brasil, o ensino de literatura apresentou várias fases, que, assim como o ensino em um modo geral e – como discutido especificamente nessa pesquisa, o Ensino Médio –, acompanhou as necessidades sociais e econômicas do Estado. Dessa maneira, foi discutida ao longo dessa pesquisa a importância de (re)pensarmos o papel que a literatura ocupa na sociedade atual e a maneira como as pessoas a exergam. Além disso, foi discutida também a necessidade de uma prática de ensino de literatura que dialogue com a realidade dos dias atuais, que é “marcada” pela presença de textos não verbais nas mais variadas esferas da comunicação.

Se compreendemos as várias mudanças que ocorrem nos mais variados âmbitos sociais, compreendemos também que a sociedade atual é composta por textos não verbais, que aparecem a todo momento em nosso cotidiano, seja nos dispositivos eletrônicos, por meio das tecnologias digitais, seja nas ruas, por meio de propagandas etc. Desse modo, pensar na atual sociedade de comunicação e informação requer (re)pensar os vários recursos visuais e sonoros que compõem o estilo de vida atual.

Uma vez consideradas as novas maneiras de comunicação, é fundamental termos em mente a máxima de Paulo Freire que afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. O educador brasileiro, referência para a educação de diversos países do mundo, anuncia a importância de professores e professoras levarem em consideração a realidade na qual o alunado está inserido. Assim sendo, as novas configurações textuais precisam ser exploradas, uma vez que fazem parte do atual cenário de comunicação.

Se compreendemos que os textos multissemióticos integram os vários ambientes de uma sociedade, torna-se importante incluí-los nas práticas de ensino e, conseqüentemente no ensino de literatura, foco deste trabalho.

Diante dessas reflexões, as práticas docentes de professores/professoras de literatura que utilizam os quadrinhos como estratégias de ensino tornou-se objeto de estudo desta pesquisa,

porque o gênero contempla diferentes recursos semióticos que colaboram para a produção de sentido do texto, abarcando tanto o texto não verbal quanto texto verbal.

Além dos recursos visuais potencializados pela linguagem verbal e pela linguagem não verbal, os quadrinhos estão presentes no cotidiano de muitos jovens, como forma de entretenimento.

Embora o gênero tenha “chegado” ao Brasil há quase dois séculos, e apesar de ser bastante popularizado, os quadrinhos foram inseridos no contexto escolas recentemente. Talvez por isso ainda exista uma certa resistência por parte de professores e professoras e outros profissionais que se dedicam ao ensino da disciplina, no que diz respeito ao uso de HQ para potencializar o trabalho com os cânones literários.

Em razão disso, esta pesquisa teve por objetivo investigar a prática docente de professores e professoras do Ensino Médio que utilizam as Histórias em Quadrinhos como estratégia para o ensino de literatura. O trabalho se desenvolveu a partir das seguintes perguntas: a) Quais habilidades de leitura podem ser desenvolvidas a partir de textos não verbais? b) Quais são os supostos benefícios encontrados e as supostas dificuldades enfrentadas por professores de literatura ao usar textos imagéticos? c) Que métodos são eficazes para o ensino de literatura utilizando HQ?

Nesse sentido, para a realização do trabalho, foram necessários selecionar estudos teóricos acerca dos contextos que fundamentam a pesquisa, como as trajetórias dos acontecimentos que marcaram o Ensino Médio no Brasil, bem como dos padrões do ensino de literatura no decorrer dos anos. Foi apresentado também o caminho das Histórias em Quadrinhos, desde o primeiro texto publicado no Brasil até os dias atuais. Finalmente, foi realizado um estudo sobre a inserção desse gênero no âmbito escolar.

Para essa etapa do trabalho, foram estudados autores que investigam as categorias que norteiam esta pesquisa: 1) Prática docente; 2) Letramento literário; 3) Multimodalidade; 4) Histórias em Quadrinhos; e 5) Quadrinhos e ensino de literatura.

Além dessa pesquisa teórica, foi necessária uma entrevista semiestruturada que, em razão da pandemia de COVID-19, que aconteceu durante a realização da pesquisa, realizou-se por meio do envio de formulários do *Google Forms* para cinco professores/professoras do Ensino Médio que utilizam as obras canônicas adaptadas para os quadrinhos em suas práticas do ensino de literatura. Esses/essas profissionais são atuantes em escolas da rede pública de ensino.

Os docentes responderam a perguntas que buscavam investigar quais são as práticas adotadas por eles ao fazerem uso dos quadrinhos para inserir o alunado no universo formal das obras literárias, além de mencionarem quais foram as percepções obtidas em relação à procura

pelos livros originais, por parte do alunado, após a leitura dos quadrinhos, e em relação à aprendizagem dos alunos e das alunas no que compete à obra original, seguida da leitura da obra adaptada.

A pesquisa partiu da hipótese de que a utilização do gênero HQ em sala de aula colabora para introduzir o aluno no universo formal da literatura, no sentido de potencializar a formação de leitores para as obras clássicas que são trabalhadas na disciplina.

Em relação aos resultados obtidos, foram percebidas práticas diferentes por parte dos docentes, ao utilizar os quadrinhos como estratégias de ensino, como roda de conversa, análise/listagem do texto não verbal, reflexões e debates acerca das obras, dentre outras que foram mencionadas no capítulo 4.

No que diz respeito à percepção dos docentes quanto à procura pelos livros originais, depois da leitura das obras adaptadas para os quadrinhos, quatro professores relataram que observaram um aumento da busca e um professor relatou que não percebeu aumento na procura pelos originais. Entretanto, os cinco professores relataram que perceberam melhora na compreensão textual das obras literárias após a leitura das adaptações.

Por fim, em relação aos resultados percebidos pelos professores na questão da aprendizagem do alunado, todos afirmaram que ela foi positiva, a partir da utilização dos quadrinhos como prática de ensino. Diante das entrevistas realizadas, foi confirmada a hipótese de que os quadrinhos colaboram com a inserção do alunado no contato com as obras literárias.

Espera-se, a partir dessa pesquisa, contribuir para que professoras e professoras possam refletir sobre suas práticas de ensino de literatura, a fim de colaborarem para uma educação emancipadora, que busca preparar o alunado para os enfrentamentos cotidianos, a partir de estratégias que dialoguem com a realidade de uma sociedade imersa nos textos imagéticos.

Sobre as possibilidades buscadas com essa pesquisa, as palavras de Paulo Freire (1993) são capazes de traduzi-las nos seguintes termos:

não pode existir um ser permanentemente preocupado com o vir a ser, portanto, com o amanhã, sem sonhar. É inviável. Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar, significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã. E quando tu me perguntas: A questão agora é saber qual é o sonho em torno desse amanhã? Segunda questão fundamental é saber com que sonho e contra que sonho. Porque eu não posso sonhar em favor de alguma coisa senão sonho contra outra, que é exatamente aquela que obstaculiza a realização do meu sonho. Eu não posso sonhar se eu não estou claro, também, a favor de quem eu sonho. Daí que o ato de sonhar seja um ato político, um ato ético e um ato estético. Quer dizer, não é possível sonhar sem boniteza, sem moralidade e sem opção política. E eu quero saber... com que e a favor de quem você sonha. Quer dizer, qual é o sujeito

beneficiário do teu sonho, é a burguesia que explora ou é a massa desertada que sofre?

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manoel dos. **Cabrião**: semarário humorístico 1866-1867. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. Traduzido por Thiago de Almeida Castor Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BARROSO, Fabiano Azevedo. Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho. *In: Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*. São Paulo: Peirópolis, 2013, p. 41-54.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2022.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHINEN, N.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. Literatura de Quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. *IN: FIGUEIRA, D.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W; (orgs.). Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS–Revista Científica**, Universidade Nove de Julho, São Paulo, n. 27: 81-95, 2012.

DURÃO, Fabio A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

ESTEVÃO, Larissa dos Santos. **Imperialismo e políticas educacionais para o ensino médio no Brasil**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo (Entrevista). **Museu da Pessoa**, 1993. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1909> Acesso em: 31 Jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 6ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, L. **Interdiscursividade e multimodalidade na construção do sentido textual: o ensino do gênero Mangá nas aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2015.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual**. 2016. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras., Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GUERINI, Andreia; BARBOSA, Tereza VR. HQ como tradução. *In: Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos; LEAL, Rosa Myriam Avellaneda. **Leitura e escrita na América Latina: Teoria e prática de letramento(s)**. Dourados : Ed. UFGD, 2011.

HODGE, Robert.; KRESS, Gunther Rolf. **Social Semiotics**. New York: Cornell University Press, 1988.

JOLY, M. **Introdução a uma análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1994.

JÚNIOR, CALÔNICO. F. **A democratização do Ensino Médio no Brasil:** configurações, limites e perspectiva. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

KLEIMAN, Angela B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, v. 32, n. 53: 1-25, 2007.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? V. 1, São Paulo: Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento na contemporaneidade.** *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, v. 9: 72-91, 2014.

KRESS, G. **Multimodality:** a social semiotic approach to communication. London & New York: Routledge, 2010

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino Médio:** construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Isabela Vieira; FERREIRA, Helena Maria. **Ler o vídeo:** multimodalidade, semiótica e as representações sociais em animações. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; Faria Filho, Luciano Mendes (org.). **500 anos de educação no Brasil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOUCO, M. A. T.; GREGÓRIO, M. R. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica.** Trabalho final do programa de desenvolvimento da Educação – PDE 2007. Universidade Estadual de Londrina, 2007.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico (HQ):** um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962). 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

NETO, Elydio Santos; SILVA, Marta Regina Paulo. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas:** o trabalho com universos ficcionais e fanzines. São Paulo: Criativo, 2013.

NETO, Elydio Santos; SILVA, Marta Regina Paulo. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas:** os gibis estão na escola, e agora? São Paulo: Criativo, 2015.

PIMENTA, Sônia Maria O.; MAIA, Denise Giarola. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. **Revista Desenredo**, Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 1: ???, 2014.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. *In*: RAMOS, Paulo. VERGUEIRO, Waldomiro. FIGUEIRA, Diego. **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **O ensino de literatura: a questão do letramento literário**. Leitura e escrita na América Latina: teoria e prática de letramento (s) Dourados: Ed. UFGD, p. 37, 2011.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O ensino médio. *In*: OLIVEIRA, Romualdo Portela; ADRIÃO, Theresa. **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. São Paulo: Xamã, 2007. p. 47-72.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2019.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 27-37, 2015.

SALINO, Emerson. **O século XIX abre as portas para a educação: o ensino de língua portuguesa no Colégio Pedro II**. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS ; LIMA . Contextualizando o contexto: da exterioridade estruturalista ao conceito fundamental na Semiótica social. *In*: AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira; LIMA, Cássia Helena Pereira Lima (orgs.). **Incursões Semióticas: Teoria e Prática de Gramática Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica social e Análise Crítica do Discurso**. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009, v. 1, p. 661-670.

SANTOS, Z. B.; PIMENTA, S. Da Semiótica Social à Multimodalidade: A Orquestração de Significados. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, v. 12, n. 2: 295-324, 2014.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil**, v. 2. p. 89-113, 2001

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STREET, B.; BAGNO, M. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 8: 465-488, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59767>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis- RJ: Vozes,. 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução: João Batista Kreuch. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VERGUEIRO, W. ; RAMOS, P. (Org.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VIAMONTE, P. F. V. S. **Ensino Profissionalizante e Ensino Médio**: novas análises a partir da LDB 9394/96. Educação em Perspectiva, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, v. 2, 2012.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS COMPLETAS

PROFESSOR 1

1. A escola onde você atua é da rede pública ou privada?

Pública

2. Para quais anos escolares você leciona?

3º Ano Ensino Médio

3. De que maneira você utiliza as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura?

Que práticas de ensino e quais estratégias você emprega no trabalho com literatura escrita sob a forma de História em Quadrinhos?

Em sala de aula, pergunto se os alunos conhecem ou se já leram HQ, quantos em média, como tiveram acesso etc... Sondo sobre seus conhecimentos sobre HQ, listando na lousa as características que indicam deste gênero textual (apontando os acertos e corrigindo os desvios). Complemento a lista de características, se necessário for (normalmente alunos esquecem de mencionar os tipos de balões para representar a fala/pensamento dos personagens, ou que é essencial relacionar os elementos verbais e não verbais para compreensão do texto, o papel das onomatopeias, das cores, dos traços, da pontuação e a construção de sentido por meio das figuras de linguagem). Após essa etapa, a turma é separada em grupos com até 4 integrantes, cada grupo recebe uma sequência da obra em HQ que será trabalhada/lida, mas nesta sequência não há falas/balões das personagens e, com base na linguagem não verbal, os alunos inserem os balões/falas.

Em seguida, os alunos são encaminhados para a biblioteca da escola e lá são distribuídos os HQ's da obra que será trabalhada. A depender da sala, do nível de aprendizagem dos alunos e da quantidade de páginas da HQ, são disponibilizadas de 2 a 4 aulas para leitura completa. Fazemos a comparação entre a história na HQ 'oficial' e a criada pelos alunos. Por fim, lemos um trecho do texto original e comparamos com a versão em HQ, na intenção de que os alunos percebam as diferenças entre os canais, intenção, público etc. São utilizadas de 7 a 10 aulas para essa sequência didática. Algumas obras já trabalhadas: Dom Casmurro, O guarani, Noite na taverna, O peru de natal, Macunaíma e O Alienista.

4. Na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa “migração” das HQs para os textos literários em sua prática docente?

O que percebo é que, se lida a história em formato de HQ, são pouquíssimos os alunos que leem a obra original, pois, apesar de verificarmos as diferenças entre um formato e outro, eles compreendem que já leram o clássico ou possuem uma boa noção/resumo do texto. Entretanto, percebo também que as HQs despertam e estimulam o interesse para outros textos literários clássicos em formato original, pois notam ser possível a diversão e o prazer no ato da leitura por meio das HQs.

5. No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?

Sim. As HQs se mostram como uma eficaz ferramenta na compreensão da obra original, pois são bastante apreciadas pelos adolescentes. Temos uma sociedade bastante visual, estimuladas pelas redes sociais (Instagram, por exemplo), portanto, é uma linguagem que estão mais acostumados a usarem e que ajuda a desconstruir o medo/receio das obras clássicas.

6. Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?

Os clássicos, de maneira recorrente, pairam entre os discentes como impermeáveis, inacessíveis. O uso de adaptações em HQs é uma das estratégias que possibilita a aproximação dos alunos a essas obras e de forma menos abrupta por sua proximidade com os meios de comunicação - especialmente os que estimulam/privilegiam a linguagem não verbal - já assimilados e muito usados pelos jovens. Em muitos casos, tem contribuído na incitação e formação de leitores e conciliação de leitura com diversão/prazer, na criticidade e na sensibilização dos aspectos artísticos/estéticos. São aulas menos engessadas, em que os alunos participam, se posicionam e contribuem para e no processo educativo.

PROFESSOR 2

1. A Escola onde você atua é da rede pública ou privada?

Pública

2. Para quais anos escolares você leciona?

Primeiros e segundos anos do ensino médio, e oitavos anos do ensino fundamental

3. De que maneira você utiliza as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura? Que práticas de ensino e quais estratégias você emprega no trabalho com literatura escrita sob a forma de História em Quadrinhos?

Roda de leitura, toda de conversa

- 4. Na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa “migração” das HQs para os textos literários em sua prática docente?**

HQ é um excelente caminho para introduzir os alunos ao mundo da literatura, meus alunos amaram ler Ilíada

- 5. No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?**

Sim. Porque é uma linguagem mais atualizada e de maior compreensão leitora

- 6. Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?**

Sim, resultados muito positivos quanto a análise e estudo das obras literárias, pois os alunos tem maior compreensão e interpretação das obras

PROFESSOR 3

- 1. A Escola onde você atua é da rede pública ou privada?**

Pública

- 2. Para quais anos escolares você leciona?**

Primeiro, Segundo e Terceiro anos do ensino médio

- 3. De que maneira você utiliza as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura? Que práticas de ensino e quais estratégias você emprega no trabalho com literatura escrita sob a forma de História em Quadrinhos?**

As histórias em quadrinhos foram utilizadas para estimular a leitura de clássicos pelos alunos uma vez por semana durante a aula de língua portuguesa na sala de leitura. Estas aulas fizeram parte de um projeto em que os alunos, inicialmente, tinham contato com os livros sem a interferência dos professores. Após, aproximadamente 30 minutos, conversamos com eles sobre o material gráfico, com perguntas como: O que vocês acharam do livro? Imaginaram que as personagens poderiam ter a aparência representada nos livros? Se interessaram pelas histórias? E então propunhamos a leitura de um trecho e os orientávamos a compor resenhas sobre os trechos.

- 4. Na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa “migração” das HQs para os textos literários em sua prática docente?**

Sim, na minha percepção, a adaptação dos clássicos literários para HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com a obra original, uma vez que ele se sente instigado a ler o texto na íntegra, após ler a adaptação. Na minha prática docente, os HQs são, ainda, como uma alternativa, pois, na escola pública em que realizei essa atividade esses livros ainda não são tão abundantes.

5. No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?

Sim, pois quando eles têm contato com uma visão mais concreta sobre as personagens e o espaço, eles conseguem compreender melhor o tempo em que se passa a história e relacionar com a sua própria realidade.

6. Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?

Tivemos como resultado aumento de procura por livros em nossa biblioteca, e consideramos isso uma quebra de preconceito em relação a leitura de modo geral.

PROFESSOR 4

1. A Escola onde você atua é da rede pública ou privada?

E.E. Prof^o. Eusébio de Paula Marcondes

2. Para quais anos escolares você leciona?

Ens. Fund. II , Ens. Médio e EJA Ens. Médio

3. De que maneira você utiliza as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura? Que práticas de ensino e quais estratégias você emprega no trabalho com literatura escrita sob a forma de História em Quadrinhos?

Uma das estratégias é fazer uma releitura de um clássico, também utilizado para temas das ODS e contação de histórias.

4. Na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa “migração” das HQs para os textos literários em sua prática docente?

Sim, tenho recebido um arquivo na sala de leitura e os alunos tem mais aceitação para migrarem para um clássico.

- 5. No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?**

Sim, a linguagem verbal é mais acessível e a linguagem visual é mais atraente, para leitores iniciantes

- 6. Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?**

Sim, eles fazem reflexões pertinentes tanto quanto fariam com outros gêneros.

PROFESSOR 5

- 1. A Escola onde você atua é da rede pública ou privada?**

Escola Pública

- 2. Para quais anos escolares você leciona?**

Leciono para o Ensino Fundamental II (6º e 7ºanos) e Ensino Médio (1ª e 2ª Série)

- 3. De que maneira você utiliza as Histórias em Quadrinhos para o ensino de literatura? Que práticas de ensino e quais estratégias você emprega no trabalho com literatura escrita sob a forma de História em Quadrinhos?**

Geralmente trabalho com as histórias em quadrinho para ampliar um conceito já discutido em sala de aula, ou para introduzir um assunto, que posteriormente será abordado. Inicialmente, realizo um planejamento das atividades que pretendo desenvolver para estabelecer a estratégia didática mais adequada, de acordo com a faixa etária que vou trabalhar. Esse gênero textual, por fazer parte do cotidiano do aluno, favorece o incentivo à leitura, desperta a reflexão, criticidade e propiciam o debate sobre vários temas. É uma prática pedagógica que desperta a curiosidade dos jovens e os motiva a aprender os conteúdos ofertados pelo professor. Os alunos estão inseridos em uma sociedade imagética e textual, urge então, a necessidade de se trabalhar de forma reflexiva e crítica sobre os assuntos que os rodeiam cotidianamente.

- 4. Na sua percepção, a adaptação dos clássicos literários para a HQ é um caminho para introduzir os alunos ao contato com obra original? Por quê? Você tem verificado essa “migração” das HQs para os textos literários em sua prática docente?**

Sem dúvida, pois muitos alunos se sentem familiarizados com esse gênero tão popular e ao entrarem em contato com uma obra clássica, nesse gênero, conseguem compreendê-la melhor. É muito comum, durante a seleção de livros, na sala de leitura, a procura pelo

gênero história em quadrinhos. Alguns sentem-se constrangidos, como se o gênero não fosse adequado para idade deles. Cabe ao professor, desmistificar essa ideia e explicar sobre a importância desse gênero textual.

5. No seu entendimento, as obras em HQ possibilitam que os alunos tenham maior compreensão da obra original? Por quê?

Acredito que sim. As obras em HQ facilitam a leitura e o entendimento dos livros clássicos. Acho interessante apresentar a obra original e complementar com as histórias em quadrinhos, visto que um gênero não anula o outro, mas se complementam. O aluno pode ter a percepção das características de cada gênero e adquirir mais conhecimento nesse processo, aproximando-se com mais confiança, de outros estilos e linguagens.

6. Quais resultados você percebe ao utilizar HQ no ensino de literatura? Ao analisar a sua prática docente, você considera que as HQs oferecem resultados positivos em relação à aprendizagem dos alunos?

Com certeza. Palavras e imagens juntas (Linguagem verbal e não-verbal) ensinam de forma mais prazerosa e efetiva. O processo de ensino e aprendizagem torna-se mais divertido e dinâmico, e muitas possibilidades de sentido são apresentadas ao educando, ampliando a sua compreensão dos conceitos ensinados pelo professor.

ANEXOS

ANEXO 1 – DCNEM

RESOLUÇÃO CEB Nº 3, DE 26 DE JUNHO DE 1998

Institui as Diretrizes Curriculares
Nacionais para o Ensino Médio

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no art. 9º § 1º, alínea “c”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos artigos 26, 35 e 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e tendo em vista o Parecer CEB/CNE 15/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do Desporto em 25 de junho de 1998, e que a esta se integra,

RESOLVE:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – DCNEM, estabelecidas nesta Resolução, se constituem num conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização pedagógica e curricular de cada unidade escolar integrante dos diversos sistemas de ensino, em atendimento ao que manda a lei, tendo em vista vincular a educação com o mundo do trabalho e a prática social, consolidando a preparação para o exercício da cidadania e propiciando preparação básica para o trabalho.

Art. 2º A organização curricular de cada escola será orientada pelos valores apresentados na Lei 9.394, a saber:

- I - os fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II - os que fortaleçam os vínculos de família, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca.

Art. 3º Para observância dos valores mencionados no artigo anterior, a prática administrativa e pedagógica dos sistemas de ensino e de suas escolas, as formas de convivência no ambiente escolar, os mecanismos de formulação e implementação de política educacional, os critérios de alocação de recursos, a organização do currículo e das situações de ensino aprendizagem e os procedimentos de avaliação deverão ser coerentes com princípios estéticos, políticos e éticos, abrangendo:

- I - a Estética da Sensibilidade, que deverá substituir a da repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, e a afetividade,

bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável.

II - a Política da Igualdade, tendo como ponto de partida o reconhecimento dos direitos humanos e dos deveres e direitos da cidadania, visando à constituição de identidades que busquem e pratiquem a igualdade no acesso aos bens sociais e culturais, o respeito ao bem comum, o protagonismo e a responsabilidade no âmbito público e privado, o combate a todas as formas discriminatórias e o respeito aos princípios do Estado de Direito na forma do sistema federativo e do regime democrático e republicano.

III - a Ética da Identidade, buscando superar dicotomias entre o mundo da moral e o mundo da matéria, o público e o privado, para constituir identidades sensíveis e igualitárias no testemunho de valores de seu tempo, praticando um humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade, da responsabilidade e da reciprocidade como orientadoras de seus atos na vida profissional, social, civil e pessoal.

Art. 4º As propostas pedagógicas das escolas e os currículos constantes dessas propostas incluirão competências básicas, conteúdos e formas de tratamento dos conteúdos, previstas pelas finalidades do ensino médio estabelecidas pela lei:

I - desenvolvimento da capacidade de aprender e continuar aprendendo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, de modo a ser capaz de prosseguir os estudos e de adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento;

II - constituição de significados socialmente construídos e reconhecidos como verdadeiros sobre o mundo físico e natural, sobre a realidade social e política;

III - compreensão do significado das ciências, das letras e das artes e do processo de transformação da sociedade e da cultura, em especial as do Brasil, de modo a possuir as competências e habilidades necessárias ao exercício da cidadania e do trabalho;

IV - domínio dos princípios e fundamentos científico-tecnológicos que presidem a produção moderna de bens, serviços e conhecimentos, tanto em seus produtos como em seus processos, de modo a ser capaz de relacionar a teoria com a prática e o desenvolvimento da flexibilidade para novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

V - competência no uso da língua portuguesa, das línguas estrangeiras e outras linguagens contemporâneas como instrumentos de comunicação e como processos de constituição de conhecimento e de exercício de cidadania.

Art. 5º Para cumprir as finalidades do ensino médio previstas pela lei, as escolas organizarão seus currículos de modo a:

I - ter presente que os conteúdos curriculares não são fins em si mesmos, mas meios básicos para constituir competências cognitivas ou sociais, priorizando-as sobre as informações;

II - ter presente que as linguagens são indispensáveis para a constituição de conhecimentos e competências;

III - adotar metodologias de ensino diversificadas, que estimulem a reconstrução do conhecimento e mobilizem o raciocínio, a experimentação, a solução de problemas e outras competências cognitivas superiores;

IV - reconhecer que as situações de aprendizagem provocam também sentimentos e requerem trabalhar a afetividade do aluno.

Art. 6º Os princípios pedagógicos da Identidade, Diversidade e Autonomia, da Interdisciplinaridade e da Contextualização, serão adotados como estruturadores dos currículos do ensino médio.

Art. 7º Na observância da Identidade, Diversidade e Autonomia, os sistemas de ensino e as escolas, na busca da melhor adequação possível às necessidades dos alunos e do meio social:

I - desenvolverão, mediante a institucionalização de mecanismos de participação da comunidade, alternativas de organização institucional que possibilitem:

a) identidade própria enquanto instituições de ensino de adolescentes, jovens e adultos, respeitadas as suas condições e necessidades de espaço e tempo de aprendizagem;

b) uso das várias possibilidades pedagógicas de organização, inclusive espaciais e temporais;

c) articulações e parcerias entre instituições públicas e privadas, contemplando a preparação geral para o trabalho, admitida a organização integrada dos anos finais do ensino fundamental com o ensino médio;

II - fomentarão a diversificação de programas ou tipos de estudo disponíveis, estimulando alternativas, a partir de uma base comum, de acordo com as características do alunado e as demandas do meio social, admitidas as opções feitas pelos próprios alunos, sempre que viáveis técnica e financeiramente;

III - instituirão sistemas de avaliação e/ou utilizarão os sistemas de avaliação operados pelo Ministério da Educação e do Desporto, a fim de acompanhar os resultados da diversificação, tendo como referência as competências básicas a serem alcançadas, a legislação do ensino, estas diretrizes e as propostas pedagógicas das escolas;

IV - criarão os mecanismos necessários ao fomento e fortalecimento da capacidade de formular e executar propostas pedagógicas escolares características do exercício da autonomia;

IV - criarão mecanismos que garantam liberdade e responsabilidade das instituições escolares na formulação de sua proposta pedagógica, e evitem que as instâncias centrais dos sistemas de ensino burocratizem e ritualizem o que, no espírito da lei, deve ser expressão de iniciativa das escolas, com protagonismo de todos os elementos diretamente interessados, em especial dos professores;

V - instituirão mecanismos e procedimentos de avaliação de processos e produtos, de divulgação dos resultados e de prestação de contas, visando desenvolver a cultura da responsabilidade pelos resultados e utilizando os resultados para orientar ações de compensação de desigualdades que possam resultar do exercício da autonomia.

Art. 8º Na observância da Interdisciplinaridade as escolas terão presente que:

I - a Interdisciplinaridade, nas suas mais variadas formas, partirá do princípio de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de negação, de complementação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos;

II - o ensino deve ir além da descrição e procurar constituir nos alunos a capacidade de analisar, explicar, prever e intervir, objetivos que são mais facilmente alcançáveis se as disciplinas, integradas em áreas de conhecimento, puderem contribuir, cada uma com sua especificidade, para o estudo comum de problemas concretos, ou para o desenvolvimento de projetos de investigação e/ou de ação;

III - as disciplinas escolares são recortes das áreas de conhecimentos que representam, carregam sempre um grau de arbitrariedade e não esgotam isoladamente a realidade dos fatos

físicos e sociais, devendo buscar entre si interações que permitam aos alunos a compreensão mais ampla da realidade;

IV - a aprendizagem é decisiva para o desenvolvimento dos alunos, e por esta razão as disciplinas devem ser didaticamente solidárias para atingir esse objetivo, de modo que disciplinas diferentes estimulem competências comuns, e cada disciplina contribua para a constituição de diferentes capacidades, sendo indispensável buscar a complementaridade entre as disciplinas a fim de facilitar aos alunos um desenvolvimento intelectual, social e

afetivo mais completo e integrado;

V - a característica do ensino escolar, tal como indicada no inciso anterior, amplia significativamente a responsabilidade da escola para a constituição de identidades que integram conhecimentos, competências e

valores que permitam o exercício pleno da cidadania e a inserção flexível no mundo do trabalho.

Art. 9º Na observância da Contextualização as escolas terão presente que:

I - na situação de ensino e aprendizagem, o conhecimento é transposto da situação em que foi criado, inventado ou produzido, e por causa desta transposição didática deve ser relacionado com a prática ou a experiência do aluno a fim de adquirir significado;

II - a relação entre teoria e prática requer a concretização dos conteúdos curriculares em situações mais próximas e familiares do aluno, nas quais se incluem as do trabalho e do exercício da cidadania;

III - a aplicação de conhecimentos constituídos na escola às situações da vida cotidiana e da experiência espontânea permite seu entendimento, crítica e revisão.

Art. 10 A base nacional comum dos currículos do ensino médio será organizada em áreas de conhecimento, a saber:

I - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, objetivando a constituição de competências e habilidades que permitam ao educando:

a) Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

b) Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e

suas manifestações específicas.

- c) Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- d) Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.
- e) Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.
- f) Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem solucionar.
- g) Entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias.
- h) Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.
- i) Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

II - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, objetivando a constituição de habilidades e competências que permitam ao educando:

- a) Compreender as ciências como construções humanas, entendendo como elas se desenvolvem por acumulação, continuidade ou ruptura de paradigmas, relacionando o desenvolvimento científico com a transformação da sociedade.
- b) Entender e aplicar métodos e procedimentos próprios das ciências naturais.
- c) Identificar variáveis relevantes e selecionar os procedimentos necessários para a produção, análise e interpretação de resultados de processos ou experimentos científicos e tecnológicos.

- d) Compreender o caráter aleatório e não determinístico dos fenômenos naturais e sociais e utilizar instrumentos adequados para medidas, determinação de amostras e cálculo de probabilidades.
- e) Identificar, analisar e aplicar conhecimentos sobre valores de variáveis, representados em gráficos, diagramas ou expressões algébricas, realizando previsão de tendências, extrapolações e interpolações e interpretações.
- f) Analisar qualitativamente dados quantitativos representados gráfica ou algebricamente relacionados a contextos sócio-econômicos, científicos ou cotidianos
- g) Apropriar-se dos conhecimentos da física, da química e da biologia e aplicar esses conhecimentos para explicar o funcionamento do mundo natural, planejar, executar e avaliar ações de intervenção na realidade natural.
- h) Identificar, representar e utilizar o conhecimento geométrico para o aperfeiçoamento da leitura, da compreensão e da ação sobre a realidade.
- i) Entender a relação entre o desenvolvimento das ciências naturais e o desenvolvimento tecnológico e associar as diferentes tecnologias aos problemas que se propuseram e propõem solucionar.
- j) Entender o impacto das tecnologias associadas às ciências naturais na sua vida pessoal, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.
- l) Aplicar as tecnologias associadas às ciências naturais na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.
- m) Compreender conceitos, procedimentos e estratégias matemáticas e aplicá-las a situações diversas no contexto das ciências, da tecnologia e das atividades cotidianas.

III - Ciências Humanas e suas Tecnologias, objetivando a constituição de competências e habilidades que permitam ao educando:

- a) Compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e dos outros.
- b) Compreender a sociedade, sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nelas intervêm, como produtos da ação humana; a si mesmo como agente social; e os processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.

- c) Compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos.
- d) Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as às práticas dos diferentes grupos e atores sociais, aos princípios que regulam a convivência em sociedade, aos direitos e deveres da cidadania, à justiça e à distribuição dos benefícios econômicos.
- e) Traduzir os conhecimentos sobre a pessoa, a sociedade, a economia, as práticas sociais e culturais em condutas de indagação, análise, problematização e protagonismo diante de situações novas, problemas ou questões da vida pessoal, social, política, econômica e cultural.
- f) Entender os princípios das tecnologias associadas ao conhecimento do indivíduo, da sociedade e da cultura, entre as quais as de planejamento, organização, gestão, trabalho de equipe, e associá-las aos problemas que se propõem resolver.
- g) Entender o impacto das tecnologias associadas às ciências humanas sobre sua vida pessoal, os processos de produção, o desenvolvimento do conhecimento e a vida social.
- h) Entender a importância das tecnologias contemporâneas de comunicação e informação para o planejamento, gestão, organização, fortalecimento do trabalho de equipe.
- i) Aplicar as tecnologias das ciências humanas e sociais na escola, no trabalho e outros contextos relevantes para sua vida.

§ 1º A base nacional comum dos currículos do ensino médio deverá contemplar as três áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a interdisciplinaridade e a contextualização.

§ 2º As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para:

- a) Educação Física e Arte, como componentes curriculares obrigatórios;
- b) Conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania.
- c)

Artigo 11 Na base nacional comum e na parte diversificada será observado que:

- I - as definições doutrinárias sobre os fundamentos axiológicos e os princípios pedagógicos que integram as DCNEM aplicar-se-ão a ambas;

II - a parte diversificada deverá ser organicamente integrada com a base nacional comum, por contextualização e por complementação, diversificação, enriquecimento, desdobramento, entre outras formas de integração;

III - a base nacional comum deverá compreender, pelo menos, 75% (setenta e cinco por cento) do tempo mínimo de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, estabelecido pela lei como carga horária para o ensino médio;

IV - além da carga mínima de 2.400 horas, as escolas terão, em suas propostas pedagógicas, liberdade de organização curricular, independentemente de distinção entre base nacional comum e parte diversificada;

V - a língua estrangeira moderna, tanto a obrigatória quanto as optativas, serão incluídas no cômputo da carga horária da parte diversificada.

Artigo 12 Não haverá dissociação entre a formação geral e a preparação básica para o trabalho, nem esta última se confundirá com a formação profissional.

§ 1º A preparação básica para o trabalho deverá estar presente tanto na base nacional comum como na parte diversificada.

§ 2º O ensino médio, atendida a formação geral, incluindo a preparação básica para o trabalho, poderá preparar para o exercício de profissões técnicas, por articulação com a educação profissional, mantida a independência entre os cursos.

Artigo 13 Estudos concluídos no ensino médio, tanto da base nacional comum quanto da parte diversificada, poderão ser aproveitados para a obtenção de uma habilitação profissional, em cursos realizados concomitante ou seqüencialmente, até o limite de 25% (vinte e cinco por cento) do tempo mínimo legalmente estabelecido como carga horária para o ensino médio.

Parágrafo único. Estudos estritamente profissionalizantes, independentemente de serem feitos na mesma escola ou em outra escola ou instituição, de forma concomitante ou posterior ao ensino médio, deverão ser realizados em carga horária adicional às 2.400 horas (duas mil e quatrocentas) horas mínimas previstas na lei.

Artigo 14 Caberá, respectivamente, aos órgãos normativos e executivos dos sistemas de ensino o estabelecimento de normas complementares e políticas educacionais, considerando as peculiaridades regionais ou locais, observadas as disposições destas diretrizes.

Parágrafo único. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino deverão regulamentar o aproveitamento de estudos realizados e de conhecimentos constituídos tanto na experiência escolar como na extra-escolar.

Artigo 15 Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação e revoga as disposições em contrário.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET
Presidente da Câmara de Educação Básica

ANEXO 2 - PNBE 2009

Programa Nacional Biblioteca da Escola 2009 - Obras Selecionadas

Ensino Fundamental - Acervo 1

Título	Autor	Editora
A bolsa amarela	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
A ilha de Nim	Wendy Orr	Brinque Book Editora de Livros
A luz é como água	Gabriel Garcia Marquez	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
A peleja do violeiro magrilim com a formosa princesa Jezebel	Fabio Sombra da Silva	Editora Lê Ltda.
A Turma do Pererê - As Manias do Tininim	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo S.A.
A vaca voadora	Edy Maria Dutra da Costa Lima - Michele Iacocca -	Global Editora e Distribuidora Ltda.
A volta ao mundo em oitenta dias	Fernando Nuno Rodrigues	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
A volta da Graúna	Henfil	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Ajuricaba	Marcio G.B. Souza	Instituto Callis
Antes do depois	Bartolomeu Campos de Queirós	Manati Produções Editoriais Ltda.
Antologia poética	Manuel Bandeira	Editora Nova Fronteira Sa
As fabulosas histórias de Merlin e do rei Artur	Gilles Massardier - Benjamin Bachelier	Companhia Editora Nacional
As narrativas preferidas de um contador de histórias	Ilan Brenman e Fernando Vilela de Moura Silva	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
Aventuras de Alice no país das maravilhas	Jorge Alberto Furtado - Liziane Kugland de Souza	Editora Objetiva Ltda.
Bárbara e Alvarenga	Nelson Alves da Cruz	Cosac & Naify Edições Ltda.
Bem do seu tamanho	Ana Maria Martins Machado - Mariana Medeiros Massarani	Salamandra Editorial Ltda.
Bichário - poemas	Otoniel Santos Pereira	Livraria e Papelaria Saraiva S.A.
Bichos tipográficos	Guilherme Mansur Barbosa	Editora Dubolsinho Ltda.
Bom dia camaradas	Ondiaki	Agir Editora Ltda.

Burle Marx	Carla Caruso	Editora Moderna Ltda.
Confidências, confusões... E garotas	Gustavo Pereira Reis	Editora Prumo Ltda.
Contos da selva	Wilson Alves Bezerra	Editora Iluminuras Ltda.
Contos de Shakespeare	Paulo Mendes Campos	Pixel Media Comunicação Ltda.

Contos de um reino perdido	François Place - Erik L'homme	Edições SM Ltda.
Contos e fábulas	Mario Laranjeira	Editora Iluminuras Ltda.
Contos e lendas da Ilíada	Jean Martin	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Contos e lendas do tempo das pirâmides	Christian Jacq	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Coração roubado	Orlando Ribeiro Pedroso Jr. - Edmundo Donato	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Cordel em arte e versos	Moreira de Acopiara	Duna Duetto Editora Ltda.
D. João carioca	Lilia Moritz Schwarcz - João Spacca de Oliveira	Editora Schwarcz Ltda.
Deus segundo Laerte	Laerte Coutinho	Olho D'água Comércio e Serviços Editoriais Ltda.
Diário de um adolescente hipocondríaco	Aidan Macfarlane - Ann Mcpherson	Editora 34 Ltda.
Dom Miguel - rei de Portugal	Roberto Athayde	Agir Editora Ltda.
Dom Quixote de La Mancha	Jose Ribamar Ferreira	Editora Revan Ltda.
É proibido comer a grama	Silvana Piroli	Editora Leitura Ltda.
Em busca de um sonho	Walcyr Rodrigues Carrasco - Marina Maymi Watanabe Nakada	Uno Educação Ltda.
Frankenstein	Leonardo do Amaral Chianca	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
Guerra dentro da gente	Paulo Leminski	Editora Scipione S.A.
Guilherme Tell	Friedrich Shiller - Barbara Kindermann	Companhia Editora Nacional
Histórias de Mukashi: Contos Populares do Japão	Lúcia Hiratsuka	Elementar Publicações E Editora Ltda.
Histórias do mundo que se foi (e outras histórias)	Cyro Pereira de Mattos	Livraria e Papelaria Saraiva S.A.
Histórias dos Sugpiaq, um povo do Alasca	Mélisande Luthringer - Caroline Nardi Gilletta - Claire Merleau-Ponty	Comboio de Corda Editora Ltda.

Histórias maravilhosas de povos felizes	José Salmo Dansa de Alencar - Júlio Emílio Braz	Edições Escala Educacional Sa
Insônia	Marcelo Carneiro da Cunha Moreira	Editora Projeto Ltda.
Jogo de Adivinhar Bicho Invisível	Bernardo de Mendonça	Graphia Projetos de Comunicação Ltda.
Jogo do Pensamento	Thais Quintella de Linhares - Vivina de Assis Viana Mansur	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Jornada pelo Rio Mar	Eva Ibbotson	Editora Rocco Ltda.
Kachtanka	Esslinger Verlag J.F. Scriber GmbH - Rubens Figueiredo - Anton Tschechow	Cosac & Naify Edições Ltda.
Livro das Perguntas	Jose de Ribamar Ferreira - Vicente Ferrer Azcoiti (Isidro Ferrer) - Pablo Neruda	Cosac & Naify Edições Ltda.

Mais comédias para ler na escola	Luis Fernando Verissimo	Editora Objetiva Ltda.
Malcriadas	Ionit Ziberman Mitnik - Ma. José Silveira Rios Peixoto da Silveira Lindoso	Edições SM Ltda.
Melhores contos Moacyr Scliar	Moacyr Scliar	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Memórias da Emília	Monteiro Lobato	Editora Globo S.A.
Memórias de um cabo de vassouras	Orígenes Lessa	Pixel Media Comunicação Ltda.
Meninos, eu conto	Antonio Torres da Cruz	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Mesmo a noite sem luar tem lua	Lourenço Diaféria	Jinkings Editores Associados Ltda. Me
Meu livro de cordel	Cora Coralina	Gaudi Editorial Ltda.
Mundo de sombras	Ivanir Alves Calado	Editora Record Ltda.
Murugawa	Osias Glória de Oliveira	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Na Terra dos Gorilas	Rogério Andrade Barbosa	Melhoramentos de São Paulo Livrarias Ltda.
Nem tudo começa com um beijo	Pedro Souza Pereira - Jorge Araújo	Agir Editora Ltda.
Nenhum peixe aonde ir	Janice Nadeau - Marie-Francine Hébert	Edições SM Ltda.
O almirante louco	Carlos Felipe Moisés - Odilon Pires de Almeida Moraes - Fernando Pessoa	Comboio de Corda Editora Ltda.

O aprendiz de feiticeiro	Mario de Miranda Quintana	Editora Globo S.A.
O caneco de prata	João Carlos Marinho - Erika Verzutti Fonseca	Global Editora e Distribuidora Ltda.
O jardim secreto	Frances Hodgson Burnett - Ana Maria Martins Machado	Editora 34 Ltda.
O livro de Aladim	Malba Tahan (Júlio César de Mello E Souza)	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
O mágico de verdade	Gustavo Bernardo Galvão Krause	JPA Ltda.
O Mário que não é de Andrade	Luciana Sandroni - João Spacca de Oliveira	Editora Claro Enigma Ltda.
O mistério da terceira meia	Rosana Fernandes Calixto Rios	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
O segredo da nuvem	Ignácio de Loyola Brandão - Marcelo Cipis	Global Editora e Distribuidora Ltda.
O turbante da sabedoria e outras histórias de Nasrudim	Ilan Brenman - Samuel Jacoby Casal	Comboio de Corda Editora Ltda.
O velho e mar	Ernest Hemingway	Editora Bertrand Brasil Ltda.
Odisseia as aventuras de Ulisses	Maria Lucia Oberg Ribeiro	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Oliver twist	Charles Dickens - John Malam	Companhia Editora Nacional
Operação resgate na Jordânia: o segredo do deserto	Luciana Savaget Teixeira Leite	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
Os miseráveis em cordel	Antonio Clevisson Viana Lima	Editora Nova Alexandria Ltda.
Outras novas histórias antigas.	Rosane Pamplona	Brinque Book Editora de Livros
Palmas para João Cristiano	Ana Maria Martins Machado	Editora Mercuryo Ltda.
Papos de anjo	Sylvia Orthof	Editora Best Seller Ltda.
Pindorama	Marilda Castanha	Cosac & Naify Edições Ltda.
Pintando poesia - poemas inspirados em telas de José Sorrenti	Neusa Sorrenti	Autêntica Editora Ltda.
Primeiras lições de amor	Elias José	Saraiva S.A. Livreiros Editores
Quatro dias de rebelião	Joel Rufino Dos Santos	Jose Olympio Editora Ltda.

Roda sinhá	Diva Dorothy Safe de A. Carneiro	Autêntica Editora Ltda.
Romeu e Julieta, MacBeth, Henrique V, Sonhos de uma noite de verão e Júlio César de Shakespeare	Geraldine Mccaughrean	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Saga animal	Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira	Editora Hedra Ltda.
Será o benedito	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes - Carlos Augusto Andrade Camargo	Cosac & Naify Edições Ltda.
Sociedade da Caveira de Cristal	Andréa Fátima Dos Santos	Editora Scipione S.A.
Sonhos em Amarelo	Luiz Antônio Farah de Aguiar	Editora Melhoramentos Ltda.
Teiniaguá - A princesa moura encantada	José Carlos Dussarrat Riter	Editora Scipione S.A.
Tiro no escuro	Rita Espeschit	Editora Lê Ltda.
Treze noites de terror	Luiz Roberto Guedes	Editora do Brasil Sa
Tumbu	Mauricio Altenfelder de Cresci Paraguassu - Marconi Leal - Daiverson Santana de Souza (Dave Santana)	Editora 34 Ltda.
Um canudinho para dois	Éric Sanvoisin	Martins Editora Livraria Ltda.
Uma rede para iemanjá	Antonio Callado	Frente Editora Ltda.
Viagem pelo brasil em 52 histórias	Gonzalo Ivar Cárcamo Luna - Silvana Salerno Rodrigues	Editora Schwarcz Ltda.
Você sabe assobiar ?	Ulf Stark - João Lin	Callis Editora Ltda.
Vou te contar, meu camarada	Lucas França - Glaucia Maria de Lemos Leal	Editora Dimensão Ltda.
Zumbi	Carla Caruso	Instituto Callis

Ensino Fundamental - Acervo 2

Título	Autor	Editora
12 horas de terror	Mauricio Altenfelder de Cresci Paraguassu - Daiverson Santana de Souza - Edmundo Donato	Gaudi Editorial Ltda.
13 dos melhores contos da mitologia	Flávio Alves Moreira da Costa	Ediouro Publicações de Passatempos E Multimídia Ltda.
50 Fábulas da China fabulosa	Márcia Schmaltz - Sérgio Capparelli	Newtec Editores Ltda.
70 historinhas	Carlos Drummond de Andrade	Editora Best Seller Ltda.
A alma do urso	Gustavo Bernardo Galvão Krause	Livraria e Papelaria Saraiva S.A.
A árvore que canta, o pássaro que fala e a fonte que rejuvenesce	Marie-Therese Kowalczyk	Brinque Book Editora de Livros

A bola que rola	Ronaldo Guimarães - Ronald Claver Camargo - Maria Clara Arreguy Maia - Marcelo Gomes Dolabela - Luís Angelo da Silva Giffoni - Leonardo Antunes Cunha - Flávio Costa Berutti - Fernando Rocha Brant - Cláudio Francisco Martins Teixeira - Antônio de Pádua Barreto Carvalho - Ana Paula de Andrade Azevedo Von Kruger	RHJ Livros Ltda.
A caverna dos titãs	Ivanir Alves Calado	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
A filha do Fabricante de Fogos de Artifício	Philip Pullman	Editora Bertrand Brasil Ltda.
A história do mundo em quadrinhos - A Europa Medieval e os invasores do Oriente	Larry Gonick	Blocker Comercial Ltda.
A insônia do vampiro	Ivan José de Azevedo Fontes	Editora Abril Sa
A invenção de Hugo Cabret	Brian Selznick	Edições SM Ltda.
A Maldição de Horrendo	Anna Fienberg - Kimberly Bulcken Root	Brinque Book Editora de Livros
A megera domada em cordel	Marcus Haurelio Fernandes Faria	Editora Nova Alexandria Ltda.
A moeda do Imperador	Joao Pontes	Alis Editora Ltda.
A última viagem do navio fantasma	Gabriel Garcia Marquez	Editora Record Ltda.
A vaca e o hipogrifo	Mario de Miranda Quintana	Editora Globo S.A.
Ainda uma vez - adeus!	Ivana Versiani Galery - Sandra Maria Bianchi Zavagli	Editora Dubolsinho Ltda.
Antologia de contos folclóricos	Herberto Salles	Agir Editora Ltda.
As crônicas marcianas	Ray Bradbury	Editora Globo S.A.
Assassinato na biblioteca	Helena Maria Gomes	JPA Ltda.
Asterix nos jogos olímpicos	René Goscinny - Albert Uderzo	Editora Record Ltda.

Autobiografia de um Super-Herói	Alexandre Barbosa de Souza	Editora Hedra Ltda.
Bateu bobeira e outros babados	Alcy Linares Deamo - Fanny Abramovich	Uno Educação Ltda.
Benjamim, O Filho da Felicidade	Marcelo Pinto Pacheco - Heloisa Pires Lima -	Editora FTD S.A.
Beto, o analfabeto	Sebastião Geraldo Nunes - Antônio César Drummond Amorim	Editora Dubolsinho Ltda.
Codinome Duda	Marcelo Carneiro da Cunha Moreira	Editora Projeto Ltda.
Confissões de um vira-lata	Orígenes Lessa	Ediouro Publicações de Passatempos E Multimídia Ltda.

Contos contidos	Maria Lúcia Pio Simões Silva Araújo	RHJ Livros Ltda.
Contos mágicos Persas	Fernando José Alves	Editora Aquariana Ltda.
Corda bamba	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
Destino em aberto	Marisa Lajolo	Editora Ática S.A.
Deuses, Heróis e Monstros	Carmen Seganfredo - Eduardo Uchôa - A. S. Franchini - Ana Mariza Filipouski	Newtec Editores Ltda.
Dirceu e Marília	Nelson Alves da Cruz	Cosac & Naify Edições Ltda.
Do outro lado tem segredos	Jose Augusto Brandão Estellita Lins - Ana Maria Martins Machado	Editora Nova Fronteira Sa
Eleguá	Carolina Fernandes da Cunha Cerqueira da Silva	Edições SM Ltda.
Eu vi mamãe nascer	Luiz Fernando de Souza Emediato	Geração Editorial Ltda.
Ex-estranho, o	Alice Ruiz Schneronk	Editora Iluminuras Ltda.
Ficção - histórias para o prazer da leitura	Miguel Sanches Neto	Editora Leitura Ltda.
Figurinha carimbada	Márcio Antônio de Araújo	A Girafa Editora Ltda.
Forrobodó no forró	Elias José	Editora Mercury Ltda.
Frenesi - Histórias de duplo terror	Heloisa Santos de Seixas	Editora Prumo Ltda.
História da Velha Totônia	Jose Lins do Rego	Jose Olympio Editora Ltda.
Histórias de Alexandre	Graciliano Ramos	Editora Record Ltda.

Histórias dos maori, um povo da Oceania	Joëlle Jolivet - Cécile Mozziconacci - Claire Merleau-Ponty	Comboio de Corda Editora Ltda.
Histórias extraordinárias	Clarice Lispector - Edgar Allan Poe	Ediouro Publicações Sa
Histórias que eu vivi e gosto de contar	Daniel Monteiro Costa - Rosângela Maria de Queiroz Bezerra	Callis Editora Ltda.
Histórias tecidas em seda	Lúcia Hiratsuka	Cortez Editora E Livraria Ltda.
Kafka e a boneca viajante	Jordi Sierra I Fabra	Martins Editora Livraria Ltda.
Leonardo desde Vinci	Rubens Matuck - Nilson Moulin	Cortez Editora E Livraria Ltda.
Luiz gama	Myriam de Castro Lima Fraga	Instituto Callis
Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos	Celso Sisto	Pia Sociedade de São Paulo
Malasaventura - Safadeza do Malasartes	Pedro Bandeira de Luna Filho - Roberto Negreiro	Uno Educação Ltda.
Maluquinho Por Arte - Histórias em que a Turma Pinta e Borda	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo S.A.
Marley e eu	John Grogan	Ediouro Publicações de Lazer E Cultura Ltda.
Medéia: o amor louco	Victor Tavares Pereira - Luiz de Alvarenga Galdino - Eurípides	Editora FTD S.A.
Meu pai não mora mais aqui	José Carlos Dussarrat Riter	Editora Biruta Ltda.

Minhas rimas de cordel	Valdeck Costa de Oliveira - Regina de Fátima Drozina Ferreira - César Tadeu Obeid	Uno Educação Ltda.
Moby Dick	Herman Melville - Sophie Furse	Companhia Editora Nacional
O Agito de Pilar no Egito	Flavia Lins e Silva	Jorge Zahar Editor Ltda.
O BGA: o bom gigante amigo	Roald Dahl	Editora 34 Ltda.
O Fantasma do Tarrafal	Jean - Yves Loude - Maria Emília Palha Faria	Alis Editora Ltda.
O matador	Silvana Pirolí	Editora Leitura Ltda.
O menino do dedo verde	Maurice Druon	Jose Olympio Editora Ltda.
O Picapau Amarelo	Monteiro Lobato	Editora Globo S.A.
O segredo das tranças e outras histórias africanas	Rogério Andrade Barbosa	Editora Scipione S.A.

O segredo do colecionador	Ana Cristina Massa	Editora Biruta Ltda.
O Vendedor de Judas	Tércia Montenegro Lemos - Francisco Heleno Lima Araújo	Fundação Demócrito Rocha
Os gatos	Danielle Goldstein - Marie-Hélène Delval	Editora Melhoramentos Ltda.
Os miseráveis	Paulo Ricardo Dantas Xavier - Victor Hugo - Pág. da Cultura Ag. Lit. Ideias Sobre Linhas Ltda. - TLAT Produções Artísticas Ltda. - Walcir Rodrigues Carrasco	Editora FTD S.A.
Os restos mortais	Fernando Sabino	Editora Ática S.A.
Os títeres de porrete e outras peças	Ronald Polito de Oliveira - Federico García Lorca - Vadim Nikitin	Comboio de Corda Editora Ltda.
P.S. beijei	José Carlos Lollo - Mariana Verissimo - Adriana Franco de Abreu Falcão	Richmond Educação Ltda.
Perdido no ciberespaço	Jose Augusto Brandão Estellita Lins - Leonardo Antunes Cunha	Larousse do Brasil Participações Ltda.
Peter Pan	Ana Maria Martins Machado	Salamandra Editorial Ltda.
Pluto ou um deus chamado dinheiro	Anna Flora Ferraz de Camargo Coelho - Aristófanés	Editora 34 Ltda.
Pode me beijar se quiser	Ivan Angelo	Editora Ática S.A.
Poemas para crianças - Fernando Pessoa	Alexei Bueno Finato	Martins Editora Livraria Ltda.
Procurando assombração e outras histórias	Márcia Batista	Livraria e Papelaria Saraiva S.A.
Quatro histórias de ladrão	Paulo Mendes Campos	Agir Editora Ltda.
Quem me dera ser feliz	Júlio Emilio Braz	Editora do Brasil Sa
Raimundo - Cidadão do mundo	Fábio Yabu	Editora Original Ltda.
Reis, Viajantes e Vampiros	Lia Fonseca de Carvalho Neiva	Editora Bertrand Brasil Ltda.
Romance da Onça Dragona	Bernardo de Mendonça	Graphia Projetos de Comunicação Ltda.
Sete histórias	César Landucci - Luiz Junqueira Vilela	Editora Gaia Ltda.
Sobre voos	Laura Beatriz de Oliveira Leite de Almeida - Lázaro Simões Neto	Manole Ltda.
Sundjata o príncipe leão	Rogério Andrade Barbosa	Ediouro Publicações de Lazer E Cultura Ltda.

Suriá a garota do circo	Laerte Coutinho	Devir Livraria Ltda.
Tecedor de palavras	Ilka Brunhilde Gallo Laurito - Humberto Ak'bal	Melhoramentos de São Paulo Livrarias Ltda.
Transplante de menina	Tatiana Belinky Gouveia	Uno Educação Ltda.
Triste fim de policarpo quaresma	Lima Barreto - Lailson de Holanda Cavalcante	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
Um dálmata descontrolado	Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira	Editora Hedra Ltda.
Um Estudo em Vermelho	Antonio Carlos Vilela Dos Reis	Editora FTD S.A.
Um menino invisível	José Marcelo Rodrigues Freire	Mazza Edições Ltda.
Uma história de amor	Carlos Heitor Cony	Ediouro Gráfica E Editora Sa
Viagens de Gulliver	Clarice Lispector - Jonathan Swift	JPA Ltda.
Vila boa de Goiaz	Cora Coralina	Editora Gaia Ltda.
Vinte mil léguas submarinas	Pág. da Cultura Ag. Lit. Ideias Sobre Linhas Ltda. - TLAT Produções Artísticas Ltda. - Júlio Verne - Walcir Rodrigues Carrasco - Laurent Nicolas Cardon	Editora FTD S.A.
Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro	Laurent Corvaisier - Catherine Gendrin	Edições SM Ltda.
Zé beleza	Terezinha	Pixel Media Comunicação Ltda.

Ensino Fundamental - Acervo 3

Título	Autor	Editora
10 Pãezinhos - Meu coração não sei por quê.	Gabriel Carvalho	Via Lettera Editora E Livraria Ltda.
A ambição de Macbeth e a maldade feminina	Josimar Fernandes de Oliveira - Arievaldo Viana	Cortez Editora E Livraria Ltda.
A casa da madrinha	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
A cinza das horas	Manuel Bandeira	Frente Editora Ltda.
A estranha máquina extraviada	Jose Jacinto Veiga	Editora Bertrand Brasil Ltda.
A Mala de Hana	Renata Siqueira Tufano Ho - Karen Levine	Editora Melhoramentos Ltda.

A prosa do mundo	João Spacca - Eduardo Okuno - Paulo Portella Filho - Moacyr J. Scliar - Orlando Ribeiro Pedroso Jr. - Cecília Meireles - Alexandre Camanho - José Castello - Ignácio de Loyola Brandão - Luiz Junqueira Vilela - Gil Fuser - Rachel de Queiroz - Sírio José Braz Cançado Filho - Carlos Drummond de Andrade - Mauricio Negro Silveira - Caio Fernando Abreu - Mário Quintana	Editora Gaia Ltda.
Adeus, Ponta do meu Nariz!	Marcos Maffei	Editora Hedra Ltda.
Agbalá	Marilda Castanha	Cosac & Naify Edições Ltda.
Alexandre o grande	Dominique Joly	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Amigos secretos	Ana Maria Machado	Editora Abril S.A.
Ana Pedro	Miguel Jorge	Editora Mercuryo Ltda.
Anabela procura e acha mais do que procura	João Monteiro Vieira de Melo - Flávia Savary Jaguaribe do Nascimento	Editora Dimensão Ltda.
Antologia poética	Ledo Ivo	Ediouro Publicações Sa
Arte e ciência de roubar galinha	João Ubaldo Ribeiro	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
As aventuras de Pinóquio	Aurea Marin Burocchi	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Assassinato na Literatura Infantil	Camila de Arruda Mesquita - João Carlos Marinho -	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Asterix e a volta às aulas	René Goscinny - Albert Uderzo	Editora Record Ltda.
Cabelos de fogo, olhos de água	Maria Ângela Haddad Villas - Isalino Silva de Albergaria - Ângela Leite de Castilho Souza	Cortez Editora E Livraria Ltda.
Chica e João	Nelson Alves da Cruz	Cosac & Naify Edições Ltda.
Chico o caminhador	Ana Raquel Máximo Pereira - Fernando Rocha Brant	Editora Lê Ltda.

Cobra-grande, histórias da Amazônia	Sean Taylor - Fernando Vilela	Edições SM Ltda.
Contos de Mirábilis	Édimo de Almeida Pereira	Mazza Edições Ltda.
Contos e lendas afro-brasileiros - a criação do mundo	José Reginaldo Prandi - Joana Lira	Editora Schwarcz Ltda.
Contos e lendas da Odisseia	Jean Martin	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Contos e lendas de Macau	Alain Corbel - Alice Vieira	Edições SM Ltda.
Cultura da terra	Ricardo José Duff Azevedo	Editora Moderna Ltda.
De punhos cerrados	Pedro Bandeira de Luna Filho	JPA Ltda.
Diário de um apaixonado - Sintomas de um bem incurável	Fabício Carpi Nejar	Editora Mercuryo Ltda.
Eneida as aventuras de Enéias	José Arrabal Fernandes Filho	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Estórias da casa velha da ponte	Cora Coralina	Editora Gaia Ltda.
Estrela-de-rabo e outras histórias doidas	Nilma Lacerda	Frente Editora Ltda.
Eu passarinho	Mario Quintana	Editora Ática S.A.
Eu, robô	Isaac Asimov	Ediouro Publicações Sa
Fausto	Barbara Kindermann - Johann Wolfgang Von Goethe	Companhia Editora Nacional
Febeapá 123	Sérgio Porto -	Agir Editora Ltda.
Fernando pessoa: o amor bate à porta	Elias José	Pia Sociedade de São Paulo
Fita verde no cabelo	Roger Mello - João Guimarães Rosa	Editora Nova Fronteira Sa
Guerreiros da Vida	Marcia Kupstas	Editora Melhoramentos Ltda.
História da avó	Burleigh Mutén	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Histórias aumentadas conforme são contadas	Mário Cláudio de Mendonça	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Histórias do Japão	José Arrabal Fernandes Filho	Editora Fundação Peirópolis Ltda.

Histórias dos Jawi, um povo da Tailândia	Peggy Adam - Pierre Le Roux - Claire Merleau-Ponty	Comboio de Corda Editora Ltda.
Histórias que a menina serpente contou	Tatiana Mões Spinelli - Ilma Maria Vieira - Fábio Cardoso Dos Santos	Cortez Editora E Livraria Ltda.
Jack Farrell e a serpente emplumada	Mauro Teixeira Liz	LGE Editora Ltda.
Janelas e tempo	Teruko Fujino Oda	Escrituras Editora E Distribuidora de Livros Ltda.
Jogo duro	Robson Alves de Araújo - Lia Zatz	In Pacto Comércio de Revistas Ltda.
Ladrões de histórias	João Luiz Anzanello Carrascoza	Saraiva S.A. Livreiros Editores
Leonardo e a invenção mortal	Robert J. Harris	Editora Rocco Ltda.
Letras finais	Luis Dill	Artes e Ofícios Editora
Limeriques das causas e efeitos	Tatiana Belinky - Andrés Alejandro Sandoval Rodríguez	Editora 34 Ltda.
Luana adolescente, lua crescente	Sylvia Orthof	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
Luluzinha vai às compras	John Stanley	Devir Livraria Ltda.
Matilda	Roald Dahl	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Memórias de um menino que se tornou estrangeiro	Joubert José Lancha - Marcos César de Freitas	Cortez Editora E Livraria Ltda.
Minha tia me contou	Marina Colasanti	Editora Melhoramentos Ltda.
Ninguém sabe o que é um poema	Ricardo Azevedo	Editora Abril S.A.
Níquel náusea tédio no chiqueiro	Fernando Gonsales	Devir Livraria Ltda.
No começo de tudo	Domingos Pellegrini	Editora Nova Alexandria Ltda.

O beijo no asfalto - graphic novel	Gabriel de Góes Amadeu - Nelson Falcão Rodrigues - Arnaldo Allemand Branco	Editora Nova Fronteira Sa
O Brasil das placas - Viagem por um país ao pé da letra	José Eduardo Camargo e L. Soares	Editora Original Ltda.
O cão dos Baskervilles	Antonio Carlos Vilela dos Reis	Melhoramentos de São Paulo Livrarias Ltda.
O capeta Carybé	Hector Júlio Páride Bernabó - Jorge Amado	Berlendis Editores Ltda.

O chupa-tinta	Éric Sanvoisin	Martins Editora Livraria Ltda.
O Colombo de Chelem e outras histórias judaicas	Sophie Dutertre - Ben Zimet	Comboio de Corda Editora Ltda.
O corcunda de Notre Damme em cordel	Joao Gomes de Sa	Editora Nova Alexandria Ltda.
O enigma das Amazonas	Pedro Yugo Sano Mani - Luiz de Alvarenga Galdino	Edições Escala Educacional S.A.
O herói e a feiticeira	Renato Alarcão - Lia Neiva	Editora Nova Fronteira Sa
O Imperador Amarelo - Fábulas, lendas e ensinamentos dos antigos mestres chineses	Janaina Muhrieger Tokitaka - Heloisa Braz de Oliveira Prieto	Editora Moderna Ltda.
O livro da selva- as histórias de Mowgli	Rudyard Kipling - Gonzalo Ivar Cárcamo - Bruno Berlendis de Carvalho	Berlendis Editores Ltda.
O Melhor Time do Mundo	Daniel Oliveira Bueno - Jorge Alberto Sussekind Viveiros de Castro	Cosac & Naify Edições Ltda.
O menino que vendia palavras	Ignacio de Loyola Brandão	Editora Objetiva Ltda.
O mundo é pra ser voado	Vivina de Assis Viana Mansur	Editora Scipione S.A.
O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas	Luciana Justiniani Hees - Adilson Martins	Pallas Editora E Distribuidora Ltda.
O príncipe feliz e outros contos	Paulo Mendes Campos - Oscar Wilde	Ediouro Publicações Sa
O rapto do garoto de ouro	Rogério de Jesus - Edmundo Donato	Global Editora e Distribuidora Ltda.
O reencontro	Fred Uhlman	Editora Planeta do Brasil Ltda.
O santo e a porca	Ariano Vilar Suassuna	José Olympio Editora
O segredo (mas jura que não conta pra ninguém?)	Orlando Ribeiro Pedroso Júnior - Christiane Araújo Gribel	Salamandra Editorial Ltda.
O tesouro do quilombo	Marco Aurélio Silva Salles de Aragão - Angelo Barbosa Monteiro Machado	Lacerda Editores Ltda.
O visconde partido ao meio	Italo Calvino	Editora Schwarcz Ltda.
Os melhores contos de cães e gatos	Flávio Moreira da Costa	Ediouro Publicações de Lazer E Cultura Ltda.
Pai que voa	Maria Paula Dufour - Mário César Goulart Duarte	In Pacto Comércio de Revistas Ltda.
Pais filhos e outros bichos	Raul Drewnick	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.

Para Conhecer Chica da Silva	Anita Correia Lima de Almeida - Lucia Grinberg - Keila Grinberg	Jorge Zahar Editor Ltda.
Pra você eu conto	Moacyr Jaime Scliar	Saraiva S.A. Livreiros Editores
Santos Dumont	Fernando Pedro Alves Jorge	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
Sei por ouvir dizer	Bartolomeu Campos de Queirós	Edelbra Indústria Gráfica E Editora
Soul Love -À Noite o Céu é Perfeito !	Jeferson Luis Camargo - Lynda Waterhouse	Editora Melhoramentos Ltda.
Tudos	Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho	Editora Iluminuras Ltda.
Um Estudo em Vermelho	Antonio Carlos Vilela Dos Reis	Editora Melhoramentos Ltda.
Uma colcha muito curta	Sérgio Capparelli - Ana Gruszynski	Newtec Editores Ltda.
Uma floresta de histórias	Helen Cann - Rina Singh	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Uma voz do outro mundo	Angelo Hermeto Abi-Saber - Margarida de Aguiar Patriota	Editora Dimensão
Uólace e João Victor	Rosa Amanda Strausz	Editora Objetiva Ltda.
Ururau, praga e pica-pau	Celso Sisto Silva	Editora Scipione S.A.
Verso e Reverso. O outro lado das histórias.	Marie-Therese Kowalczyk - Rosane Límoli Paim Pamplona	Brinque Book Editora de Livros
Viagem ao Centro da Terra	Walcir Rodrigues Carrasco - Pág. da Cultura Ag. Lit. Ideias Sobre Linhas Ltda. - TLAT Produções Artísticas Ltda. - Laurent Nicolas Cardon - Júlio Verne	Editora FTD S.A.
Viagem ao Céu	Monteiro Lobato	Editora Globo S.A.
Zôo imaginário	Sérgio de Castro Pinto	Escrituras Editora E Distribuidora de Livros Ltda.

Ensino Médio - Acervo 1

Título	Autor	Editora
30 Crônicas escolhidas	Solomba Books - Manuel Bandeira	Cosac & Naify Edições Ltda.

À beira do corpo	Andre do Carmo Seffrin	Editora Leitura Ltda.
A face horrível	Ivan Angelo	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
A guerra dos mundos	Herbert George Wells	Editora Objetiva Ltda.
A lista de Schindler	Thomas Keneally	Editora Best Seller Ltda.
A menina que roubava livros	Marcus Suzak	Editora Intrínseca
A pena e a lei	Romero de Andrade Lima	Agir Editora Ltda.

A tulipa negra	Alexandre Camanho - Francisco de Assis Balthar Peixoto de Vasconcellos - Alexandre Dumas	Editora FTD S.A.
Amar, verbo intransitivo	Mario de Andrade	Agir Editora Ltda.
Ana e a margem do rio	Godofredo de Oliveira Neto	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Antologia da poesia barroca brasileira	Emerson Tim	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
Antologia do conto brasileiro - do Romantismo ao Modernismo	Douglas Tufano (Organizador)	Editora Moderna Ltda.
Antologia poética	Carlos Drummond de Andrade	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Argo e seu dono	Italo Svevo - Liliana Laganá	Berlendis Editores Ltda.
Arthur e os minimoys	Luc Besson	Martins Editora Livraria Ltda.
As aventuras de El Cid Campeador	José Arrabal Fernandes Filho - Daniel de Araujo Pinto	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
As cem melhores crônicas brasileiras	Joaquim Ferreira Dos Santos	Editora Objetiva Ltda.
Barões e Escravos do Café	Flavia Lins E Silva	Jorge Zahar Editor Ltda.
Bebo chá enquanto os patos grasnam	Leida Lusmar Rodrigues Botelho	Mazza Edições Ltda.
Boca do inferno	Ana Maria Nobrega Miranda	Editora Claro Enigma Ltda.
Cadernos negros 30 - contos afro-brasileiros	Kayodê - Esmeralda Ribeiro	Quilombhoje Literatura
Castro Alves	Alberto da Costa e Silva	Editora Claro Enigma Ltda.
Ciranda de pedra	Lygia Fagundes Telles	Editora Prumo Ltda.

Com o diabo no corpo. O baile do conde d' Orgel	Raymond Radiguet	Contraponto Editora Ltda.
Contos brasileiros de futebol	Cyro de Mattos	LGE Editora Ltda.
Contos cruéis	Rinaldo Nunes Fernandes	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Contos de aventuras e magia das mil e uma noites	Vilma Maria da Silva	Landy Livraria Editora E Distr. Ltda.
Contos tradicionais do Brasil	Luís da Câmara Cascudo	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Conversa com Fernando Pessoa	Carlos Felipe Moisés	Editora Ática S.A.
Cordel - Patativa do Assaré	Antonio Gonçalves da Silva	Editora Hedra Ltda.
D. Pedro II	José Murilo de Carvalho	Editora Claro Enigma Ltda.
Destino: Transilvânia	Regina Drummond	Editora Scipione S.A.
Dia de São nunca a tarde	Roberto Drummond	Geração Editorial Ltda.
Dois irmãos	Milton Assis Hatoum	Editora Schwarcz Ltda.

DOMÍNIO PÚBLICO - Literatura em quadrinhos	André Huchi Dib - Christiano Mascaro Gonçalves da Silva - Lydia Gomes de Barros - Eloar Guazzelli Filho - Júlio Bandeira de Mello Cavani Rosas - Samuel Jacoby Casal - Mário Hélio Gomes de Lima - Jarbas Dom	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
Dona Mimma	Luigi Pirandello - Bruno Berlendis de Carvalho	Berlendis Editores Ltda.
Édipo rei	Sófocles	Editora Bertrand Brasil Ltda.
Entre a seca e a garoa	Ricardo de Medeiros Ramos	Editora Abril Sa
Era no tempo do rei	Ruy Castro	Editora Objetiva
Essa terra	Antonio Torres da Cruz	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Estação Carandiru	Dráuzio Varella	Editora Schwarcz Ltda.
Este seu olhar	Alcione Araújo - Ivan Ângelo - Regina Zilberman - Nélida Piñon - Walcir Rodrigues Carrasco - Domingos Pellegrini Júnior - Luiz Junqueira Vilela - Jane Fraga Tutikian - Antonio Carlos Mangueira Viana - Luiz	Editora Moderna Ltda.

	Fernando Veríssimo	
Felicidade clandestina	Profit Projetos Culturais Ltda.. - Clarice Lispector	Editora Rocco Ltda.
Go	Nick Farewell	Via Lettera Editora E Livraria Ltda.
Grande sertão: veredas	João Guimarães Rosa	Editora Nova Fronteira Sa
Histórias de família	Luis Vilela	Editora Nova Alexandria Ltda.
Histórias de imigrantes	João do Rio - Lima Barreto - Antônio de Alcântara Machado - Nelson Luiz Garcia de Oliveira - Luiz Junqueira Vilela - Ivana de Arruda Leite - Moacyr Jaime Scliar - Mário de Andrade	Editora Scipione S.A.
Humilhados e ofendidos	Klara Gourianova - Fiódor Dostoievski	Editora Nova Alexandria Ltda.
Ilusões perdidas	Leila de Aguiar Costa	Editora Estação Liberdade Ltda.
Jorge de lima - poesia completa	Jorge de Lima	Editora Nova Fronteira Sa
Juca e Joyce - Memórias da neta de Monteiro Lobato	Marcia Mascarenhas de Rezende Camargo	Editora Moderna Ltda.
Judas Iscariotes	Leonid Andreiév - Henrique Losinsky Alves	Editora Claridade Ltda.
Macau	Paulo Fernando Henriques Britto	Editora Claro Enigma Ltda.
Mastigando humanos: um romance psicodélico	Marco Túlio Dos Reis - Santiago Nazarian de Faria	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
Melhores contos Marcos Rey	Edmundo Donato	Editora Gaia Ltda.
Melhores poemas cora coralina	Cora Coralina	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Menino de engenho	Jose Lins do Rego	Jose Olympio Editora Ltda.

Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar (E outras crônicas)	Moacyr Scliar	Newtec Editores Ltda.
Muito longe de casa	Cecília Giannetti - Ishmael Beah	Ediouro Publicações Sa

Muito romântico	Toni Brandão	Blocker Comercial Ltda.
Noites agradáveis - contos renascentistas italianos	Renata Maria Parreira Cordeiro	Landy Livraria Editora E Distr. Ltda.
Nove noites	Bernardo Teixeira de Carvalho -	Editora Claro Enigma Ltda.
O amanuense Belmiro	João Cyro Versiani Dos Anjos	Editora Globo S.A.
O baile da despedida	Josué Montello	Frente Editora Ltda.
O crime mais cruel	Miriam Backheuser Mambrini	Bom Texto Editora E Produtora de Arte Ltda.
O diário de Anne Frank	Anne Frank	Editora Best Seller Ltda.
O forte	Sófocles	Editora Bertrand Brasil Ltda.
O grito da selva	Jack London	Companhia Editora Nacional
O Médico e o Monstro	Robert Louis Stevenson	Editora Melhoramentos Ltda.
O outro pé da sereia	Mia Couto	Editora Schwarcz Ltda.
O sobrevivente	Tova Sender - Aleksander Henryk Laks	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
O sonhador	Will Eisner	Devir Livraria Ltda.
O trono no morro	José J. Veiga	Editora Abril Sa
O Vendedor de Passados	José Eduardo Agualusa	Pinto e Zincone Editora Ltda.
Olga	Fernando Morais	Editora Schwarcz Ltda.
Os rios turvos	Luzilá Gonçalves Licari Ferreira	Editora Rocco Ltda.
Os sofrimentos do jovem Werther	Erlon José Paschoal	Editora Estação Liberdade Ltda.
Os sonhos não envelhecem	Marcio Hilton Fragoso Borges	Geração Editorial Ltda.
Para viver um grande amor	Vinicius de Moraes	Editora Schwarcz Ltda.
Poemas 1913-1956	Paulo César Lima de Souza - Bertolt Brecht	Editora 34 Ltda.
Poesia e prosa selecionadas	Paulo Vizioli - William Blake	Editora Nova Alexandria Ltda.
Por um simples pedaço de cerâmica	Linda Sue Park	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Reflexos do baile	Antonio Callado	Frente Editora Ltda.

Romeu e Julieta	Barbara Kindermann - William Shakespeare	Autêntica Editora Ltda.
Sargento Getúlio	João Ubaldo Ribeiro	Editora Objetiva Ltda.
Sehaypóri - O livro sagrado do povo SaterêMawé	Ozias Glória de Oliveira	Editora Fundação Peirópolis Ltda.
Slam	Nick Hornby	Editora Rocco Ltda.
Solombra	Cecilia Meireles	Vida Melhor Editora Sa
Sonhos fantásticos	Colin Thompson	Brinque Book Editora de Livros
Tarás Bulba	Nivaldo Dos Santos - Nikolai Gógol	Editora 34 Ltda.
Terra vermelha	Domingos Pellegrini	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Tia Júlia e o escrevinhador	Mario Vargas Llosa	Editora Objetiva Ltda.
Tratado geral das grandezas do ínfimo	Manoel Wenceslau Leite de Barros	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Três cavalos	Renata Lucia Bottini - Erri de Luca	Berlendis Editores Ltda.
Certo capitão Rodrigo	Erico Verissimo	Editora Schwarcz Ltda.
Um pé de milho	Rubem Braga	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Vestido de noiva	Nelson Rodrigues	Frente Editora Ltda.
Vida é Sonho, A	Renata Pallottini	Editora Hedra Ltda.
Villa-Lobos, o aprendiz de feiticeiro	José de Jesus Louzeiro	Ediouro Publicações de Passatempos E Multimídia Ltda.
Violência e paixão	Fernando Bonassi	Editora Scipione S.A.

Ensino Médio - Acervo 2

Título	Autor	Editora
A caravela dos insensatos - Uma viagem pela renascença	Paulo Novaes	Ediouro Publicações de Lazer E Cultura
A casca da serpente	Jose Jacinto Veiga	Editora Bertrand Brasil Ltda.
A dama do velho Chico	Carlos Bastos Barbosa	Bom Texto Editora E Produtora de Arte Ltda.
A hora da estrela	Clarice Lispector	Editora Rocco Ltda.
A infância	Maksim Gorki - Rubens Figueiredo	Cosac & Naify Edições Ltda.
A maldição da moleira	Ana Cristina Araujo Ayer de Oliveira	A Girafa Editora Ltda.

A metamorfose	Franz Kafka	Editora Melhoramentos Ltda.
A senhora das savanas	Hilton Marques	Ediouro Publicações Sa
A trégua	Mario Benedetti	Editora Objetiva Ltda.
Adeus conto de fadas	Leonardo da Silva Brasiliense Junior	Viveiros de Castro Editora Ltda.
Adolfo caminha	Cláudia Regina Albuquerque E Souza	Fundação Demócrito Rocha
Alice: edição comentada	Norton - Lewis Carroll	Jorge Zahar Editor Ltda.
Almádena	Mariana Ianeli Aquino	Editora Iluminuras Ltda.
Antologia da poesia árcade brasileira	Pablo Simpson Kilzer Amorim	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
Antologia de contos brasileiros contemporâneos	Julieta de Godoy Ladeira (Organizadora)	Editora Moderna Ltda.
As aves	Aristófanos - Antonio Medina Rodrigues - Anna Flora Ferraz de Camargo Coelho	Editora 34 Ltda.
As comédias de Antônio José, o Judeu	Paulo Roberto Pereira	Martins Editora Livraria Ltda.
As mais belas lendas da idade média	Georges Huisman - Marcelle Huisman - Laurence Camiglieri	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Bailes - soul, samba-rock, hip hop e identidade em São Paulo	Kayodê - Esmeralda Ribeiro	Quilombohoje Literatura
Bandoleira	Jose Carlos Magdalena	Letras Jurídicas

Bar Don Juan	Antonio Callado	Lacerda Editores Ltda.
Bom dia, tristeza	Françoise Sagan	Editora Best Seller Ltda.
Cartas a um jovem poeta	Pedro Sússekind - Rainer Maria Rilke	Newtec Editores Ltda.
Cem melhores crônicas	Mario Alberto Campos de Moraes Prata	Editora Planeta do Brasil Ltda.
Conto do inverno, o	José Roberto Basto O'Shea	Editora Iluminuras Ltda.
Contos antológicos de Domingos Pellegrini	Domingos Pellegrini	Editora Nova Alexandria Ltda.
Contos antológicos de Silviano Santiago	Silviano Santiago	Editora Nova Alexandria Ltda.
Dois amigos e um chato	Sérgio Marcos Rangel Porto	Editora Moderna Ltda.
Dôra, Doralina	Rachel de Queiroz	Jose Olympio Editora Ltda.
Duas viagens ao Brasil	Angel Bojadsen - Eduardo Bueno - Hans Staden	Newtec Editores Ltda.

Édipo, o maldito	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes - Marie-Thérèse Davidson	Edições SM Ltda.
Folhas de relva	Rodrigo Garcia Lopes	Editora Iluminuras Ltda.
Fumaça e Espelhos	Neil Gaiman	Via Lettera Editora E Livraria Ltda.
Gothica - contos juvenis de Gustave Flaubert	Gustave Flaubert - Raquel Seixas de Almeida Prado	Berlendis Editores Ltda.
Guerra e paz	Silvana Salerno Rodrigues - Liev Tolstói	Editora Claro Enigma Ltda.
Hilda furacão	Roberto Francis Drummond	Geração Editorial Ltda.
História de um primeiro amor	Rosa Maria Shettino Raposo - Antônio César Drummond Amorim	In Pacto Comércio de Revistas Ltda.
Histórias de futebol	João Luis Anzanello Carrascoza - Edy Maria Dutra Costa Lima - Luiz Junqueira Vilela - Marcelino Juvêncio Freire - José Henrique Pilão Félix - Antônio de Alcântara Machado - Fernando Bonassi - Bruno Gonçalves Zeni - João Antonio Ferreira Filho	Editora Scipione S.A.
Ilíada: a guerra de Tróia	Menelaos Stephanides	Odysseus Editora
Infância	Graciliano Ramos	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Invenção e memória	Lygia Fagundes Telles	Editora Prumo Ltda.
Júlia	Roberto Gomes	Editora Leitura Ltda.
Leituras de escritor	Moacyr Scliar	Comboio de Corda Editora Ltda.
Lendas de exu	Adilson Martinss	Pallas Editora E Distribuidora Ltda.
Lis no peito - um livro que pede perdão	Jorge Miguel Marinhos	Editora Biruta Ltda.
Lord Jim	Julietta Cupertino s	Editora Revan Ltda.
Maíra	Darcy Ribeiro	Editora Record Ltda.
Manual Prático de Levitação	José Eduardo Agualusa	Pinto E Zincone Editora Ltda.
Mar absoluto, retrato natural	Cecilia Meireles	Frente Editora Ltda.

Mar morto	Jorge Amado	Editora Schwarcz Ltda.
Marquesa de santos - ficção em doze contos	Vera Maria Ribeiro Vinhães - Vera Moll - Esther Regina Largman - Clóvis Bulcão de Moraes - Marília Mota Silva - Heloísa Maranhão - Marco Antonio Muniz Lima - Carlos Rodolfo Vacanni da Motta Rezende - Maria J	Bom Texto Editora E Produtora de Arte Ltda.
Melhores poemas José Paulo Paes	José Paulo Paes da Silva	Gaudi Editorial Ltda.

Memórias do subsolo	Boris Schnaiderman - Fiódor Dostoievski	Editora 34 Ltda.
Memórias Inventadas - A terceira infância	Manoel de Barros	Editora Planeta do Brasil Ltda.
Meu querido canibal	Antônio Torres	Editora Record Ltda.
Minhas histórias dos outros	Zuenir Ventura	Editora Planeta do Brasil Ltda.
Morte e vida Severina	João Cabral de Melo Neto	Editora Objetiva Ltda.
Noites do sertão	João Guimarães Rosa	Frente Editora Ltda.
O alienista	Joaquim Maria Machado de Assis	Agir Editora Ltda.
O anel dos Nibelungos	Carmen Alenice Seganfredo - Ademilson Souza Franchini	Artes E Ofícios Editora Ltda.
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues	Lacerda Editores Ltda.
O centauro no jardim	Moacyr Scliar	Editora Claro Enigma Ltda.
O coração disparado	Adélia Luzia Prado de Freitas	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
O fiel e a pedra	Osman Lins	Editora Claro Enigma Ltda.
O guardião de memórias	Kim Edwards	Editora Sextante Ltda.
O inventor de jogos	Pablo de Santis	A Girafa Editora Ltda.
O livro dos abraços	Eric Nepomuceno - Eduardo Galeano	Newtec Editores Ltda.
O mundo de Sofia	Jostein Gaarder	Editora Schwarcz Ltda.
O pagador de promessas	Alfredo Dias Gomes	Editora Bertrand Brasil Ltda.
O pai Goriot	Marina Appenzeller	Editora Estação Liberdade Ltda.
O pescador de latinhas	Carlos Herculano de Oliveira Lopes	Editora Best Seller Ltda.
O senhor do anéis	J. R. R. Tolkien	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
O silêncio da chuva	Luiz Alfredo Garcia-Roza	Editora Claro Enigma Ltda.
O último dia de um condenado	Joana Canêdo de Barros	Editora Estação Liberdade Ltda.
Olhai os lírios do campo	Erico Verissimo	Editora Schwarcz Ltda.
Onze Noites em Jerusalém	Pedro Paixão	Pinto E Zincone Editora Ltda.
Orlando Villas Bôas: História e Causos	Orlando Villas Bôas	Editora FTD S.A.

Os 7 falcões	Marcio Hilton Fragoso Borges	Geração Editorial Ltda.
Os cem melhores poemas brasileiros do século	Jose Neumann Pinto	Geração Editorial Ltda.
Os melhores contos fantásticos	Flávio Moreira da Costa	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
Os tambores de são Luís	Josué Montello	Lacerda Editores Ltda.
Pau brasil	José Oswald de Souza Andrade	Editores Globo S.A.
Peixe grande	Daniel Wallace	Editores Rocco Ltda.
Pequeno dicionário de percevejos	Nelson Luiz Garcia de Oliveira	Lamparina Editora Ltda.
Quase memória	Carlos Heitor Cony	Editores Objetiva Ltda.
Quem me dera ser onda	Manuel Rui	Pinto E Zincone Editora Ltda.
Quem tem medo de vampiro?	Dalton Trevisan	Editores Ática S.A.
Sombra severa	Raimundo Carrero de Barros Filho	Editores Iluminuras Ltda.
Teresa que esperava as uvas	Monique Revillion Dinato	Geração Editorial Ltda.
Terra Papagalli	Marcus Aurelius Pimenta - José Roberto Torero Fernandes	Editores Objetiva Ltda.
Terras de palavras	Fernanda Felisberto da Silva	Pallas Editora E Distribuidora Ltda.
Território de sonhos	Roseana Murray	JPA Ltda.
Um contrato com deus	Will Eisner	Devir Livraria Ltda.
Um livro de horas	Ângela Maria Cardoso Lago - Emily Dickinson	Editores Scipione S.A.
Um Molière imaginário	Rejane Dias Dos Santos	Autêntica Editora Ltda.
Uma armadilha para Ifigênia	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes - Évelyne Brisou-Pellen	Edições SM Ltda.
Vaqueiros e cantadores	Luís da Câmara Cascudo	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Vila dos Confins	Mario Palmério	Jose Olympio Editora Ltda.
Vinicius de Moraes - poesia completa e prosa	Vinicius de Moraes	Lacerda Editores Ltda.
Vou-me embora pra Pasárgada	Manuel Bandeira	Jose Olympio Editora Ltda.

Ensino Médio - Acervo 3

Título	Autor	Editora
1968: eles só queriam mudar o mundo	Ernesto Soto - Regina Zappa	Jorge Zahar Editor Ltda.
A bela senhora Seidenman	Henryk Siewierski	Editora Estação Liberdade Ltda.
A comédia dos anjos	Adriana Falcão	Editora Planeta do Brasil Ltda.
A dama do cachorrinho	Boris Schnaiderman - A. P. Tchekhov	Editora 34 Ltda.
A força da vida	Will Eisner	Devir Livraria Ltda.
A máquina de ser	João Gilberto Noll	Frente Editora Ltda.
A morada do ser	Marina Colasanti	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
A morte e a morte de Quincas Berro d'água	Jorge Amado	Editora Schwarcz Ltda.
A trilogia tebana	Mário da Gama Kury - Sófocles	Jorge Zahar Editor Ltda.
Agosto	José Rubem Fonseca	Editora Schwarcz Ltda.
Água viva	Paulo Gurgel Valente - Clarice Lispector	Editora Prumo Ltda.
Aldeota	Cid Saboia de Carvalho	Fundação Demócrito Rocha
Alguns poemas	José Odilon Barboza de Lira de Vasconcelos	Editora Iluminuras Ltda.
Amazonas, Pátria da Água	Thiago de Mello	Editora Bertrand Brasil Ltda.
Amor à brasileira	Guido Fidélis - Caio Porfírio de Castro Carneiro	LGE Editora Ltda.
Anarquistas, graças a deus	Zélia Gattai Amado	Editora Record Ltda.
Anjo negro	Nelson Falcão Rodrigues	Códice Comércio Distribuição e Casa Editorial Ltda.
Antologia da crônica brasileira - de Machado de Assis a Lourenço Diaféria	Douglas Tufano - Machado de Assis - Olavo Bilac - Lima Barreto - Carlos Drummond de Andrade - Luis Martins - Rachel de Queiroz -	Editora Moderna Ltda.

	Paulo Mendes Campos - Fernando Sabino - Carlos Eduardo Novaes - Lourenço Diaféria	
Antologia da poesia simbolista e decadente brasileira	Francine Ricieri	IBEP Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda.
Ariadne contra o minotauro	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes - Marie-Odile Hartmann	Edições SM Ltda.
Ariano Suassuna	Juliana Pimentel Lins - Adriana Pimentel Victor	Jorge Zahar Editor Ltda.
Arthur e a guerra dos dois mundos	Luc Besson	Martins Editora Livraria Ltda.
As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet	Sheila Moura Hue - Anthony Knivet	Jorge Zahar Editor Ltda.
As Lágrimas do Assassino	Anne-Laure Bondoux - Marcos Marcionilo	Editores Melhoramentos Ltda.
As meninas	Lygia Fagundes Telles	Editores Rocco Ltda.
Assassinatos na rua Morgue e outras histórias	Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira	Saraiva S.A. Livrários Editores
Aula de inglês	Lygia Bojunga Nunes	Editores Casa Lygia Bojunga
Belvedere	Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal)	Cosac & Naify Edições Ltda.
Catimbó, cana caiana, xenheném	Ascenso Ferreira	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Cem anos de solidão	Gabriel Garcia Marquez	Editores Record Ltda.
Cinco balas contra a América	Jorge Manuel Soares Araújo (Jorge Araújo) Pedro Manuel Fonseca de Sousa Pereira -	Editores 34 Ltda.
Como viver eternamente	Sally Nicholls	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Contos Árabes para Jovens de todos os lugares	Maria Luisa Soriano	Alis Editora Ltda.
Contos de Belkin	Klara Gourianova - Aleksander Puskin	Editores Nova Alexandria Ltda.
Contos para crianças impossíveis	Alexandre Barbosa de Souza - Jacques Prévert - Fernando Vilela de Moura Silva	Cosac & Naify Edições Ltda.
Cordel - Minelvino Francisco Silva	Messias Francisco da Silva	Editores Hedra Ltda.
Crime e castigo	Paulo Azevedo Bezerra - Fiódor Dostoievski	Editores 34 Ltda.

De min já nem se lembra	Lenise Pinheiro - Luiz Fernando Ruffato de Souza	Richmond Educação Ltda.
Delicado abismo da loucura, o	Raimundo Carrero de Barros Filho	Editora Iluminuras Ltda.
Don Juan	Celina Diaféria	Editora Hedra Ltda.
Equador	Miguel Sousa Tavares	Editora Nova Fronteira Sa
Eu sou um gato	Jefferson José Teixeira	Editora Estação Liberdade Ltda.
Famílias terrivelmente felizes	Marçal Aquino	Cosac & Naify Edições Ltda.
Felicidade e outros contos	Julietta Cupertino	Editora Revan Ltda.
Ferreira Gullar - poesia e prosa completa	José de Ribamar Ferreira	Lacerda Editores Ltda.
Fora da ordem e do Progresso	Simone de Souza Pereira - Luiz Fernando Ruffato de Souza	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
Gênese africana - contos, mitos e lendas da África	Alberto Vasconcellos da Costa e Silva	Landy Livraria Editora e Distr. Ltda.
Gianfrancesco Guarnieri - crônicas 1964	Gianfrancesco Guarnieri	Xama VM Editora e Gráfica Ltda.
Hamlet	Millôr Fernandes - William Shakespeare	Newtec Editores Ltda.
História dos Treze (Ferragus, A duquesa de Langeais, A menina dos olhos de ouro)	Ilana Heineberg	Newtec Editores Ltda.
Histórias para ex-crianças	Fernand Ramos Alphen	Via Lettera Editora e Livraria Ltda.
Hobbit	J. R. R. Tolkien	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Inconfidências mineiras	Sonia Sant'anna Silva Pinheiro	Jorge Zahar Editor Ltda.
Indícios flutuantes (poemas)	Marina Tsvetáieva - Aurora Fornoni Bernardini	Martins Editora Livraria Ltda.
Invenções da Idade Média	Eulama - Chiara Frugoni	Jorge Zahar Editor Ltda.
Irmãos pretos	Lisa Tetzner - Hannes Binder	Edições SM Ltda.
Leão-de-chácara	João Antônio Ferreira Filho	Cosac & Naify Edições Ltda.
Lendas brasileiras centro oeste e sul	José Arrabal Fernandes Filho	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Lisbela e o Prisioneiro	Osman Lins	Editora Planeta do Brasil Ltda.

Livro das ignoranças	Manoel Wenceslau Leite de Barros	Editora Best Seller Ltda.
Madame Bovary	Gustave Flaubert - Fulvia M. L. Moretto	Editora Nova Alexandria Ltda.
Melhores crônicas Ignácio de Loyola Brandão	Ignácio de Loyola Brandão	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Melhores crônicas Rachel de Queiroz	Rachel de Queiroz	Gaudi Editorial Ltda.
Melhores histórias da mitologia nórdica	Carmen Alenice Seganfredo - Ademilson Souza Franchini	Artes E Ofícios Editora Ltda.
Melhores poemas Manuel bandeira	Manuel Bandeira	Editora Gaia Ltda.

Nação crioula	José Eduardo Agualusa	Pinto E Zincone Editora Ltda.
Negrinha	Monteiro Lobato	Editora Globo S.A.
O cavaleiro inexistente	Italo Calvino	Editora Schwarcz Ltda.
O conto da ilha desconhecida	José Saramago	Editora Schwarcz Ltda.
O fazedor de velhos	Adrienne Izabelle Dos Santos Gallinari - Rodrigo Lacerda	Cosac & Naify Edições Ltda.
O gol é necessário	Paulo Mendes Campos	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
O império do sol	J. G. Ballard	Editora Best Seller Ltda.
O menino do pijama listrado	John Boyne	Editora Schwarcz Ltda.
O mulo	Darcy Ribeiro	Editora Leitura Ltda.
O príncipe maldito	Mary Lucy Murray Del Priore	Editora Objetiva Ltda.
O Sr. Pip	Lloyd Jones	Editora Rocco Ltda.
O triste fim do pequeno menino ostra e outras histórias	Tim Burton	A Girafa Editora Ltda.
O velho Deus	Luigi Pirandello - Bruno Berlendis de Carvalho	Berlendis Editores Ltda.
O vestido	Carlos Herculano de Oliveira Lopes	Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.
O voo da guará vermelha	Maria Valéria Rezende	Editora Objetiva Ltda.
Ópera dos mortos	Autran Dourado	Editora Prumo Ltda.
Os cavaleiros de Platiplanto	Jose Jacinto Veiga	Editora Bertrand Brasil Ltda.
Os cus de judas	António Lobo Antunes	Editora Objetiva Ltda.

Os filhos de Candinha	Mario de Andrade	Agir Editora Ltda.
Os melhores contos brasileiros de ficção científica	Roberto de Sousa Causo	Devir Livraria Ltda.
Os Meninos da Rua Paulo	Solomba Books - Ferenc Molnár	Cosac & Naify Edições Ltda.
Os ratos	Dyonelio Machado	Editora Planeta do Brasil Ltda.
Pai patrão/ recanto	Liliana Laganá - Gavino Ledda	Berlendis Editores Ltda.
Poemas dos becos de Goiás	Cora Coralina	Gaudi Editorial Ltda.
Poemas negros	Jorge de Lima	Dist. Record de Serv. de Imprensa S.A.
Poesia de poesia portuguesa, século XVI Camões entre seus contemporâneos	Sheila M	Viveiros de Castro Editora Ltda.
Primeiras estórias	João Guimarães Rosa	Lacerda Editores Ltda.
Quarup	Antonio Callado	Editora Nova Fronteira Sa
Romanceiro da Inconfidência	Cecilia Meireles	Editora Nova Fronteira Sa
Sherlock Holmes – Edição Definitiva – Comentada e Ilustrada	Arthur Conan Doyle - Comentários de Leslie S. Klinger - Intr. de John Le Carré	Jorge Zahar Editor Ltda.
Tarsila por Tarsila	Tarsila do Amaral	Editora Rideel Ltda.
Tempo de descabelar & outras crônicas cabeludas	Sebastião Geraldo Nunes - Rita de Cássia Espescht	Editora Dubolsinho Ltda.
Um trem chamado desejo	Luís Alberto de Abreu	Autêntica Editora Ltda.
Vésperas	Adriana Brasília Lunardi	Editora Prumo Ltda.
Zorro	Isabel Allende	Editora Bertrand Brasil Ltda.

ANEXO 3 – PNBE 2011

Programa Nacional Biblioteca da Escola 2011 - Obras Selecionadas

Anos finais do Ensino Fundamental - Acervo 1

Título	Autor	Editora
Num reino cor de burro quando foge	Maria Amália Bava de Camargo - Ionit Zilberman	A Girafa Editora
O rei que virou lenda	Claudicélio Rodrigues da Silva - Eloar Guazelli Filho	A Girafa Editora
A toalha vermelha	Fernando Vilela de Moura Silva	Brinque Book
Bernardo e a princesa de cristal	Flávia Reis	Callis Editora
Beowulf	Welwyn Wilton Katz - Laszlo Gal - Marcos Araújo Bagno	Comboio de Corda Editora
Marcelino pedregulho	Mario Sergio Conti - Jean Jacques Sempé	Cosac & Naify
Sinais do mar	Ana Maria Machado	Cosac & Naify
O príncipe triste	Lilia Moritz Schwarcz - Rui de Oliveira	DCL Difusão Cultural do Livro
Viagens de Gulliver	Jonathan Swift - Fernando Nuno - Rogerio de Souza Coelho	DCL Difusão Cultural do Livro
Br.com.saci	Antonio de Pádua Brandão	Dibra Editora e Distribuidora de Livros
O investigador de sótãos	Emerson Henrique Gomes Machado - Jackson Costa Oliveira	Duna Dueto Editora
Gauguin e as cores dos trópicos	Paula Vermeersch - Bérénice Capatti - Daniella Vignoli - Octavia Mônaco	Edições SM
Mzungu	Meja Mwangi	Edições SM
O cavaleiro azul e outras peças	Maria Clara Machado	Ediouro
O curioso caso de Benjamin Burton	F.Scott Fitzgerald - Nunzio Defilippis - Christina Weir - Kevin Cornell	Ediouro
O diário de Susie	Aidan Macfarlane - Ann Mcpherson - John Astrop - Rubens Figueiredo	Editores 34
Vendem-se unicórnios	Ana Cristina Araujo Ayer de Oliveira	Editores Abril
A princesa que enganou a morte	Sonia Salerno Forjaz	Editores Aquariana

Contos africanos dos países de língua portuguesa	Luis Bernardo Honwana - Albertino Bragança - Nelson João Pedro Saúte - Antonio Emilio Leite Couto - Maria Odete da Costa Soares Semedo - Henrique Teixeira de Sousa - Ndalú de Almeida - Boaventura Cardoso - José Eduardo Agualusa Alves da Cunha - Luandino Vieira	Editora Ática
O guarani	Luiz Gê - José de Alencar - Ivan José de Azevedo Fontes	Editora Ática
Novas lendas orientais	Júlio César de Mello e Souza - Thais Linhares	Editora Best Seller
A bailarina fantasma	Socorro Edite Oliveira Acioli de Alencar	Editora Biruta
A megera domada	Walcyr Rodrigues Carrasco - William Shakespeare	Editora FTD
Eros e Psiquê	Apuleio - José de Ribamar Ferreira	Editora FTD
25 anos do menino maluquinho	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo
Histórias de tia Nastácia	Monteiro Lobato	Editora Globo
O flautista do manto malhado em Hamelin	Alípio Correia de Franca Neto - Robert Browning	Editora Iluminuras
O ladrão de raios (the lightning thief)	Rick Riordan	Editora Intrínseca
Com o pé na estrada	Mauricio Veneza da Silva	Editora Lê
Contos e lendas de um vale encantado	Ricardo Jose Duff Azevedo	Editora Novo Continente
A busca	Lies Schippers - Eric Heuvel - Ruud Van Der Rol	Editora Schwarcz
Noel	Nelson Alves da Cruz	Editora Scipione
A metamorfose do Lívio	Liana de Camargo Leão	Elementar Publicações e Editora
As aventuras extraordinárias de Júlio	Márcia Das Dores Leite	Escala Empresa de Comunicação Integrada
A máquina do tempo	Lewis Helfand - Rajesh Nagulakonda	Farol Literário
Operação buraco de minhoca	Laura Maria Castro de Bergallo	Farol Literário

Causos de assombramento em quadrinhos	Mauricio Ricardo Pereira	Frase Efeito Estúdio Editorial
Contos tradicionais do Brasil para jovens	Josimar Fernandes de Oliveira - Luís da Câmara Cascudo	Global Editora

Tique-tique nervoso	Lia Zatz - Adriana Maria Diniz Leão	In Pacto Comércio de Revistas
Palavras mágicas	Rosana Fernandes Calixto Rios - Mariana Medeiros Massarani	Studio Nobel
Contos dos meninos índios	Monica Barbosa Haibara - Hernâni Donato	Melhoramentos
Erinlé, o caçador	Adilson Antonio Martins - Luciana Justiniani Hees	Pallas Editora
Histórias do avô - histórias de deuses e heróis de várias culturas	Burleigh Mutén - Luís Marcos Sander	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
As loucas aventuras do barão de Munchausen	Heloisa Braz de Oliveira Prieto - Rudolph Erich Raspe - Heloisa Braz de Oliveira Prieto - Laerte Coutinho	Richmond Educação
O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta	Joel Rufino Dos Santos - Weberson Rodrigues Santiago	Richmond Educação
Sabe de uma coisa?	Vivina de Assis Viana Mansur	Saraiva e Siciliano
O colecionador de manhãs	Walter Moreira Santos	Saraiva
Poesia matemática	Mariana Newlands - Millôr Fernandes	Singular Editora
Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro	Bartolomeu Campos de Queirós - Luiz Eduardo Albini Baptista	Uno Educação
O pagador de promessas	Dias Gomes - Eloar Guazelli Filho	Vida Melhor Editora

Anos finais do Ensino Fundamental - Acervo 2

Título	Autor	Editora
Marieta tem um dilema	Martine Murray	A Girafa Editora
Um verso a cada passo - a poesia na estrada real	Ângela Leite de Souza	Autêntica Editora

A mulher que subiu ao céu	Celia Cristina da Silva - Rogerio de Souza Coelho	Aymar Edioes
As quatro estaoes e outros haicais	Maso Simizo	Aymar Edioes
Ilíada	Bruno Berlendis de Carvalho - Andrés Alejandro Sandoval Rodriguez - Homero	Berlendis Editores
Navio das cores	Lasar Segall - Moacyr Scliar	Berlendis Editores

A biblioteca mágica de Bibbi Bokken	Jostein Gaarder - Klaus Hagerup	Boa Viagem Distribuidora de Livros
As 14 pérolas da ndia	Ionit Zilberman - Ilan Brenman	Brinque Book
Diomira e o coronel Carrero	Ivana Arruda Leite - Sérgio Fernandes Luiz	Brinque Book
Poesia de cada dia	Rosana Fernandes Calixto Rios	Colégio Claretiano Assoc. Benef. Editora
O mistério do fundo do pote	Elias Kruglianski - Gonzalo Ivar Carcamo Luna	Comboio de Corda Editora
As aventuras de Huckle Berry Finn	Tom Ratliff	Companhia Editora Nacional
Aventuras de Pedro Malasartes	Nelson Albiss	Cortez
Palmares a luta pela liberdade	Eduardo Vetillo	Cortez
Mestre Lisboa. O aleijadinho	Nelson Alves da Cruz	DCL Difusão Cultural do Livro
O mão de veludo	Eliana Sanches Hernandes Martins	Dibra Editora e Distribuidora de Livros
Minhas assombraoes	Ângela Lago	Edelbra Gráfica
A bruxinha que era boa e outras peças	Maria Clara Machado	Ediouro
A botija	Flávio Castellan - Fabrício Lopez - Clotilde Santa Cruz Tavares	Editora 34
Mãe d'gua	Roberto Cruz - Maria Laura Santos Bacellar	Editora Abril
Dona feia	Ricardo Kotscho	Editora Casa Amarela
O gato malhado e a andorinha sinh	Jorge Amado - Carybé	Editora Claro Enigma

O moço do correio e a moça da casa de tijolinho	Ricardo Jose Duff Azevedo	Editora do Brasil
O fantasma da ópera	Gaston Leroux - Margarida de Aguiar Patriota	Editora FTD
Crianças do Brasil	José Santos Matos	Editora Fundação Peirópolis
Vaqueiros e cantadores para jovens	Luís da Câmara Cascudo - Josimar Fernandes de Oliveira	Editora Gaia

Diário da Julieta: as histórias mais secretas da menina maluquinha	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo
O corsário negro	Emilio Salgari - Maria Luiza Guarita Fernandes Rocha	Editora Iluminuras
Pra pegar bagre de dia é preciso sujar a agua (historias de pescaria)	Wander Pirolí	Editora Leitura
Histórias para não dormir	Pedro Bandeira de Luna Filho - Edgar Allan Poe - W.W. Jacobs - Lygia Fagundes Telles - H.P. Lovecraft - Machado de Assis - Horácio Quiroga - Hector Hugh Munro - Ernani Fornari - Humberto de Campos	Editora Novo Continente
Bárbara debaixo da chuva	Nilma Gonçalves Lacerda - Mauricio Veneza da Silva	Record
Diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente	Ellen Forney - Sherman Alexie - Maria Alice Máximo	Record
Fernando pessoa, o menino da sua mãe	Amélia Pinto Pais - Mariana Newlands	Editora Schwarcz
O príncipe medroso e outros contos africanos	Pilar Millan - Anna Soler-Pont	Editora Schwarcz
Masterpiece	Elise Broach	Editora Tecmedd
Ouvindo pedras	Luis Augusto Campelo Dill	Escala Empresa de Comunicação Integrada
Robinson Crusóé	Naresh Kumar - Dan Johnson	Farol Literário
Histórias de arrepiar	Regina Zélia Savernini Drummond	Giz Editorial e Livraria

Turmas do prédio da rua e do bairro	Leonardo Antunes Cunha - Flávio José Vargas Pinheiro	In Pacto Comércio de Revistas
Asa-de-prata	Kenneth Oppel - Ivanir Alves Calado	José Olympio Editora
Lenora	Heloisa Braz de Oliveira Prieto	JPA
Gotham Sampa city	Paulo Renato Miranda Moriconi - Carlos Eduardo Ribeiro Zugaib	Melhoramentos
A sétima noite de verão	Janaína Muhringer Tokitaka	Mr Bens Editora
Tenho um abraço para te dar	João Proteti	Mr Cornacchia Livraria e Editora
Peanuts completo - 1950 a 1952	Charles M. Schulz	Newtec Editores

Bidu 50 anos	Maurício Araújo de Sousa	Panini Brasil
O menino que desejava se tornar um ser humano	Jorn Riel - Christel Espie - Maria Luiza Newlands Silveira	Richmond Educação
Ponte para Terabítia	Katherine Paterson - Ana Maria Machado	Salamandra Editorial
O triste fim de Policarpo Quaresma (graphic novel)	Lima Barreto - Edgar Luis Vasques da Silva - Flávio Braga	Singular Editora
Beijo na boca	Ivan José de Azevedo Fontes - Andréia de Resende Barreto Vianna	Uno Educação

Anos finais do Ensino Fundamental - Acervo 3

Título	Autor	Editora
Contos e lendas de cidades e mundos desaparecidos	Anne Jonas - Sylvie Serprix	A Página Distribuidora de Livros
Coração de tinta	Cornelia Funke	A Página Distribuidora de Livros
Pedro Malazarte e a arara gigante	Jorge Furtado	Artes e Ofícios Editora
Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos	Andre da Loba - Eucanãa de Nazareno Ferraz	Boa Viagem Distribuidora de Livros
Como viver para sempre	Colin Thompson	Brinque Book

A princesa vampira	Jonas Ribeiro Gonçalves da Silva	Colégio Claretiano Assoc. Benef. Editora
O mercador de Veneza	Leonardo Do Amaral Chianca - Sergio Martinez Vazquez	DCL Difusão Cultural do Livro
Deu no jornal	Moacyr Scliar	Edelbra Gráfica
O contador de histórias	Saki - Alba Marina Rivera - Marcos Araújo Bagno	Edições SM
O dom	Chen Jiang Hong - Susie Morgenstern - Antonio de Pádua Fernandes Bueno	Edições SM
Robin Hood - a lenda de um foragido	Artur Fujita - Marcos Araújo Bagno - Tony Lee - Sam Hart	Edições SM
Uma história de amor sem palavras	Rui de Oliveira	Ediouro

A menina e o vento e outras peças	Maria Clara Machado	Ediouro
James e o pêssego gigante	Quentin Blake - Roald Dahl - Angela Mariani Bittencourt	Editora 34
Alma de fogo	Mario Sérgio de Albuquerque Teixeira	Editora Ática
Quilombo Orum Aiê	André Diniz Fernandes	Editora Best Seller
Nunca serei um super herói	Antonio Santa Ana	Editora Dimensão
O mundo de Buster	Flávio José Vargas Pinheiro - Bjarne Reuter	Editora Dimensão
Você já escutou o silêncio?	Sebastião Geraldo Nunes - Alexandre Spinelli Ferreira	Editora Dubolsinho
Alice no país da poesia	Elias José	Editora Fundação Peirópolis
Do seu coração partido	Marina Colasanti	Editora Gaia
Lendas brasileiras	Claudia Scatamacchia - Luís da Câmara Cascudo	Editora Gaia
Maluquinho por futebol: as histórias mais malucas sobre a maior paixão do Brasil	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo
A lenda do cavaleiro sem cabeça e Rip Van Winkle	Celso Mauro Paciornik - Washington Irving	Editora Iluminuras

Memórias de um sargento de milícias	Ivan José de Azevedo Fontes - Manuel Antônio de Almeida - Rodrigo Rosa	Editora Novo Continente
Vida e paixão de Pandonar, o cruel	Joao Ubaldo Ribeiro - Mariana Newlands	Objetiva
A história de Clarice	Anna Claudia de Moraes Ramos - Tatiana Sperhacke	Editora Projeto
Viagem ao redor de Felipe	Jose Carlos Dussarrat Riter - Tatiana Sperhacke	Editora Projeto
O aniversário de Asterix e Obelix - o livro de ouro	René Goscinny - Gilson Dimenstein Koatz - Albert Uderzo	Record
A grande história de Alexandre	Valério Massimo Manfredi - Mario Fondelli	Editora Rocco
Chuva de letras	Luis Alberto Ferreira Brandão Santos	Editora Scipione
Nyangara Chena - a cobra curandeira	Rogério Andrade Barbosa	Editora Scipione
Memórias de um corsário	Heloisa Braz de Oliveira Prieto	Editora UDP

Os herdeiros do lobo	Nelson Alves da Cruz	Editora UDP
Eu e os outros pioneiros da aviação	Gustavo Scotto Piqueira	Escala Empresa de Comunicação Integrada
Letras perdidas	Luis Augusto Campelo Dill	Escala Empresa de Comunicação Integrada
Moby Dick	Lance Stahlberg - Lalit Kumar Singh	Farol Literário
O rei do manacá	André Muniz de Moura - Alexandre Cesário de Abreu	Frase Efeito Estúdio Editorial
Comparsas do riso	Bernardo de Mendonça	Graphia Projetos de Comunicação
Odisseia	Edy Maria Dutra da Costa Lima	IBEP Gráfica
Os natos em deus a louca no mundo	Alberto Júlio Junqueira Guimarães Araújo	IBEP
Histórias de (in)tolerância	Gila Eitelberg Azevedo	Larousse do Brasil
Omo-oba: histórias de princesas	Kiusam Regina de Oliveira	Mazza Edições

Viagem à lua de canoa	Hugo Afonso de Almeida Souza	Nanquin Editorial
Msp 50 Mauricio de Sousa por 50 artistas	Maurício Araújo de Sousa	Panini Brasil
A filha da vendedora de crisântemos	Stela Maris Rezende de Paiva	Pia Sociedade de São Paulo
O vento nos salgueiros	Ivan Angelo - Kenneth Grahame - Ana Maria Machado	Richmond Educação
Monte Verità	Gustavo Bernardo Galvão Krause	Sociedade Literária Edições
Luz da lua	Bartolomeu Campos de Queirós - Henriqueta Lisboa	Uno Educação
O colapso dos bibelôs	Klayton Inácio da Cruz - Thiago Daniel Arruda Cruz - Ana Cristina Araujo Ayer de Oliveira - Weberson Rodrigues Santiago	Uno Educação

Ensino Médio - Acervo 1

Título	Autor	Editora
Companhia Três Marias	Maria Amália Bava de Camargo	A Girafa Editora
Dias e dias	Ana Maria N. Miranda	A Página Distribuidora de Livros
Do coração de Telmah	Luis Augusto Campelo Dill	Artes e Ofícios Editora
Whatever	Leonardo da Silva Brasiliense Junior	Artes e Ofícios Editora
Um homem é um homem	Paulo José	Autêntica Editora
Carta ao pai	Modesto Carone - Franz Kafka	Boa Viagem Distribuidora de Livros
Zoom	Istvan Banyai	Brinque Book
7 contos crus	Ricardo Gómez Gil - Juan Ramón Alonso - Paloma Vidal	Comboio de Corda Editora
Leituras de escritor - Ana Maria Machado	Ana Maria Machado - Thais Marinaccio Guimarães Beltrame	Comboio de Corda Editora
Navios negreiros	Castro Alves - Priscila Loyde Gomes Figueiredo - Luiz Sérgio Repa - Heirinch Heine - Mauricio Negro	Comboio de Corda

	Silveira	Editora
Alice no país das maravilhas	Luiz Zerbini - Lewis Carrol - Nicolau Sevcenko	Cosac & Naify
Estas estórias	João Guimarães Rosa	Ediouro
Felicidade conjugal	Boris Schnaiderman - Lev Tolstói	Editora 34
Uma noite em cinco atos	Alberto Alexandre Martins - Evandro Carlos Jardim	Editora 34
Além do ponto e outros contos	Caio Fernando Abreu	Editora Ática
Os 13 porquês	Jay Asher	Editora Ática
Feia - a história real de uma infância sem amor	Constance Briscoe	Editora Bertrand Brasil
50 crônicas escolhidas	Rubem Braga	Editora Best Seller
Contos plausíveis	Carlos Drummond de Andrade	Editora Best Seller
1984	George Orwell	Editora Claro Enigma

Caminhos cruzados	Erico Verissimo	Editora Claro Enigma
Crônicas para ler na escola	Carlos Heitor Cony	Editora Fontanar
Dois em um	Alice Ruiz	Editora Iluminuras
O campeonato	Flávio Martins Carneiro	Editora Lendo e Aprendendo
Escondendo Edith uma história real	Kathy Kacer - Renata Siqueira Tufano Ho	Melhoramentos
Machado de Assis fotógrafo do invisível o escritor, sua vida e sua época em crônicas e imagens	Hélio Guimarães - Vladimir de Abreu Sacchetta	Editora Moderna
O albatroz azul	Joao Ubaldo Ribeiro	Editora Nova Fronteira
JOÃO CABRAL de MELO NETO - poemas PARA LER NA ESCOLA	Joao Cabral de Melo Neto	Objetiva
Os espiões	Luis Fernando Verissimo	Objetiva
A solidão dos números primos	Paolo Giordano - Yadyr Augusto Figueiredo	Editora Rocco

Bartleby, o escriturário	Pedro Domingos Valladares Sabino - Fernando Sabino - Herman Melville - Luis de Lima	Editora Rocco
O barão nas árvores	Italo Calvino	Editora Schwarcz
Traçados diversos - uma antologia de poesia contemporânea	Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho - Ruy Afonso Proença - Bruna Beber - Fabiano Antonio Calixto - Ricardo José Aleixo de Brito - Fabio Weintraub - Ricardo de Carvalho Duarte - Fabrício Crepaldi Corsaletti - Heitor Ferraz Mello - Antonio Cícero Correia Lima - Annita Costa Malufe - Fernando Augusto Magalhães Paixão - Donizete Galvão de Souza - Adilson Miguel	Editora Scipione
A volta do Fradim	Henfil	Geração Editorial
Papisa Joana	Paulo Schmidt - Donna Woolfolk Cross	Geração Editorial
Necronauta - volume 1: o soldado assombrado e outras histórias	Danilo Beyruth	HQ Maniacs Editora
Caninos brancos	Jack London - Monteiro Lobato	IBEP
Jacala, o crocodilo	Rudyard Kipling - Monteiro Lobato	IBEP
A estrela sobe	Marques Rebelo	José Olympio Editora
A morte da porta estandarte	Aníbal Machado	José Olympio Editora

O pêndulo do relógio	Charles Kiefer	Manole
O médico e o monstro	Mauro Cascioli - Robert Louis Stevenson - Marcos Marcionilo	Melhoramentos
Contos mais que mínimos	Heloisa Santos de Seixas	Mr Bens Editora
Limão rosa	Flora Maria Loureiro Figueiredo	Novo Século Livraria Editora
Por parte de pai	Bartolomeu Campos de Queirós	RHJ Livros
Duas vidas, dois destinos	Katherine Paterson - Ana Maria Machado	Salamandra Editorial
Robinson Crusóé	Christophe Gaultier - Daniel Defoe	Salamandra Editorial

A bela e a fera	Clarice Lispector - Paulo Gurgel Valente - Profit Projetos E Consultoria Ltda.	Sociedade Literária Edições
O planalto e a estepe	Artur Pestana Dos Santos	Texto Editores
Sangue de lobo	Rosana Fernandes Calixto Rios	Universo Livros

Ensino Médio - Acervo 2

Título	Autor	Editora
Mãos de cavalo	Daniel Galera	A Página Distribuidora de Livros
O que é isso, companheiro?	Fernando Gabeira	A Página Distribuidora de Livros
Pequenos milagres	Maurício Arruda Mendonça E Paulo de Moraes	Autêntica Editora
A cidade ilhada	Milton Hatoum	Boa Viagem Distribuidora de Livros
A majestade do Xingu	Moacyr Scliar	Boa Viagem Distribuidora de Livros
Histórias extraordinárias	Edgar Allan Poe - Jose Paulo Paes	Boa Viagem Distribuidora de Livros
Retalhos	Craig Thompson	Boa Viagem Distribuidora de Livros

Leituras de escritor - Luís Ruffato	Luiz Ruffato - Mariana Rodriguez Zanetti	Comboio de Corda Editora
O arminho dorme	Nilma Gonçalves Lacerda - Xosé A. Neira Cruz	Comboio de Corda Editora
Crisântemo amarelo	Sérsi Bardari	Cortez
O guarani	José de Alencar - Walter Vetillo	Cortez
Apresentação da poesia brasileira	Manuel Bandeira	Cosac & Naify
O fabricante de ilusões	Elias José	Record
O gato sou eu	Fernando Sabino	Record

Oráculos de maio	Adélia Luzia Prado de Freitas	Record
Contos de Belazarte	Mário de Andrade	Ediouro
Ave, palavra	João Guimarães Rosa	Ediouro
O selvagem da ópera	Rubem Fonseca	Ediouro
A divina comédia	Italo Eugenio Mauro - Dante Alighieri	Editora 34
Duas narrativas fantásticas: a dócil e o sonho de um homem ridículo	Fiódor Dostoiévski - Vadim Nikitin	Editora 34
O cortiço	Aluísio Azevedo - Rodrigo Rosa - Ivan José de Azevedo Fontes	Editora Ática
Os melhores contos	Fernando Sabino	Editora Best Seller
Querida	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
Livro de sonetos	Vinicius de Moraes	Editora Claro Enigma
A maravilhosa semente de pera & outras fábulas populares de todo o mundo	Sebastião Geraldo Nunes - Israel Jelin	Editora Dubolsinho
Ignácio de Loyola Brandão - crônicas para ler na escola	Ignácio de Loyola Brandão	Editora Fontanar
Para sempre (evermore)	Alyson Noël	Editora Intrínseca
Partilha de sombra	Walmir Ayala - André Do Carmo Seffrin	Editora Leitura

O homem da areia	E.T.A Hoffmann - Fernando Sabino - Pedro Domingos Valladares Sabino - Bem-Te-Vi Filmes E Projetos Literários Ltda.	Editora Lendo e Aprendendo
Esmeralda	Esmeralda Do Carmo Ortiz	Editora Novo Continente
Histórias de carnaval	João Do Rio - Adilson Miguel - Clarice Lispector - Machado de Assis - Marques Rebelo - Lima Barreto - Raul Pompéia	Editora Novo Continente
Três histórias fantásticas	Luiz Junqueira Vilela	Editora Novo Continente
Primavera num espelho partido	Mário Benedetti	Objetiva

Nossa pátria, nossa língua	Ricardo Ramos - Ignácio de Loyola Brandão - Luis Fernando Verissimo - Domingos Pellegrini Junior - Marcelo Duarte - Carmen Lucia da Silva Campos - Carlos Alberto Libânio Christo - Nilson Joaquim da Silva - Ruy Castro - Walcyr Rodrigues Carrasco - Joao Luiz Anzanello Carrascoza - Artur Azevedo - Machado de Assis - Ivan José de Azevedo Fontes - Rachel de Queiroz - Moacyr Scliar - Andre Guilherme Falcao Laurentino - Raul Drewnick	Editora Original
O mundo	Juan José Millás	Editora Planeta
A rosa do povo	Carlos Drummond de Andrade	Record
As cidades invisíveis	Italo Calvino	Editora Schwarcz
O pirotécnico Zacarias	Murilo Rubião	Editora Schwarcz
Seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles	Editora Schwarcz
Kafka e a marca do corvo	Jeanette Beatriz Rozsavolgyi	Geração de Comunicação Integrada
A farsa da boa preguiça	Ariano Suassuna - Zélia de Andrade Lima Suassuna	José Olympio Editora
Chapadão do bugre	Mário Palmério	José Olympio Editora
Fogo morto	Jose Lins Do Rego - Santa Rosa	José Olympio Editora
O diário de Mary Berg	Mary Berg - S.L. Shneiderman - Susan Lee Pentlin	Manole
Cartas ao cão	Tatiana Busto Garcia	Milfolhas Produção Editorial
Demolidor o homem sem medo	Frank Miller e John Romita Jr	Panini Brasil

Romeu e Julieta	Jose Arrabal Fernandes Filho	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
-----------------	------------------------------	-----------------------------------

Um doce aroma de morte	Guillermo Arriaga	Pinto e Zincone Editora
No presente	Marcio Grillo El-Jaick	Summus Editorial
Monodrama	Carlos Eduardo Barbosa de Azevedo	Viveiros de Castro Editora

Ensino Médio - Acervo 3

Título	Autor	Editora
As namoradas do meu pai	Silvana Tavano	A Girafa Editora
Céu de origamis	Luiz Alfredo Garcia-Roza	A Página Distribuidora de Livros
Estive em Lisboa e lembrei de você	Luiz Ruffato	A Página Distribuidora de Livros
A vida que ninguém vê	Eliane Cristina Brum	Arquipélago Editorial
Inventário de segredos	Socorro Acioli	Editores Biruta
Textos de rua	Eduardo Moreira e Eid Ribeiro	Autêntica Editora
O cobrador que lia Heidegger	Samir Thomaz	Aymarã Edições
Minha vida de menina	Helena Morley	Boa Viagem Distribuidora de Livros
Av. Paulista	Carla Caffé	Cosac & Naify
Leituras de escritor - Moacyr Scliar	Moacyr Scliar - Fernanda Salinas Talavera	Comboio de Corda Editora
Tantã	Marie-Aude Murail - Rita Jover Faleiros - Daniel Bueno	Comboio de Corda Editora
Os brasileiros	Andre Toral	Conrad Editora

Os melhores contos brasileiros de todos os tempos	Flávio Moreira da Costa	Ediouro
Tutaméia (terceiras estórias)	João Guimarães Rosa	Ediouro

Te dou a lua amanhã	Jorge Miguel Marinho	Editora Ática
Eu, Christiane f., 13 anos, drogada, prostituída...	Horst Riech - Kai Herman	Editora Bertrand Brasil
Quem matou o livro policial?	Luiz Antonio Aguiar (Luiz Antonio Farah Aguiar)	Editora Best Seller
A vida sem graça de Charllyno Peruca	Gustavo Scotto Piqueira	Editora Biruta
Para uma menina com uma flor	Vinicius de Moraes	Editora Claro Enigma
Tenda dos milagres	Jorge Amado	Editora Claro Enigma
O espalhador de passarinhos & outras crônicas	Humberto Azeredo Furquim Werneck - Sebastião Geraldo Nunes	Editora Dubolsinho
Copo vazio	Menalton João Braff	Editora FTD
Fahrenheit 451	Ray Bradbury	Editora Globo
Histórias para ler sem pressa	Mamede Mustafa Jarouche	Editora Globo
O jovem lê e faz teatro	Gabriela Coellho Rabelo Amadeu	Editora Mercuryo
A escola das facas e auto do frade	Joao Cabral de Melo Neto	Objetiva
A guerra do fim do mundo	Mario Vargas Llosa	Objetiva
João Ubaldo ribeiro - contos e crônicas para ler na escola	Joao Ubaldo Ribeiro	Objetiva
São Bernardo	Graciliano Ramos	Record
Antes do baile verde	Lygia Fagundes Telles	Editora Schwarcz
Leite derramado	Chico Buarque de Hollanda	Editora Schwarcz
Persépolis	Marjane Satrapi	Editora Schwarcz
Babel hotel	Nelson Luiz Garcia de Oliveira	Editora Scipione
Grafias urbanas - antologia de contos contemporâneos	Rodrigo Lacerda - Marcelino Juvêncio Freire - Joao Luiz Anzanello Carrascoza - Adilson Miguel - Simone Paulino Dos Santos - Bruno Gonçalves Zeni - Miguel Sanches Neto - Verônica Antonine Stigger - Fernando Bonassi - Ivana Arruda Leite - Reginaldo Ferreira da Silva	Editora Scipione
Zoo	Nestablo Ramos Neto	HQ Maniacs Editora

Retrato de Portinari	Paulo Crisóstomo Watson Callado - Teresa Carla Watson Callado - João Candido Portinari - Antonio Callado (Antonio Carlos Callado)	Jorge Zahar
Um alpendre, uma rede, um açude	Rachel de Queiroz - Francisco Ciro Fernandes	José Olympio Editora
O unitário - a história de um médico perseguido pela inquisição	Pedro Puech Leão	JPA
O bilhete premiado	Paulo Henrique Caetano Galvão	Marcelo Duarte Comunicações
Meus contos africanos	Nelson Mandela	Martins Editora Livraria
Entre a espada e a rosa	Marina Colasanti	Melhoramentos
Einstein: o reformulador do universo	Cassio Leite Vieira	Odysseus Editora
Frankenstein	Mary Shelley - Marion Mousse	Salamandra Editorial
Desenho mudo	Gustavo Bernardo Galvão Krause	Saraiva
Orgulho e preconceito	Paulo Mendes Campos - Jane Austen	Singular Editora
O clube dos suicidas	Bem-Te-Vi Filmes E Projetos Literários Ltda. - Fernando Sabino - Pedro Domingos Valladares Sabino - Robert Louis Stevenson	Sociedade Literária Edições
O morro dos ventos uivantes	Emily Brontë	Texto Editores
Jogo duplo	Ana Maria Machado - Sílio Boccanera	Uno Educação
Histórias que os jornais não contam	Moacyr Scliar	Vida Melhor Editora
Poesias completas	Mario de Andrade	Vida Melhor Editora

ANEXO 4 - PNBE 2013

Programa Nacional Biblioteca na Escola 2013

Acervo 1 - Anos finais do Ensino Fundamental		
Título	Autor	Editora
A chave do tamanho	Monteiro Lobato - Paulo Borges	Editora Távola
A filha das sombras	Caio Riter	Edelbra
A gata do rio Nilo	Lia Neiva - Thais Linhares	Editora Globo

A ilha do tesouro	R. L. Stevenson - Cassius Medauar - Andrew Harrar - Richard Kohlrus	Farol Literário
A invenção de Hugo Cabret	Brian Selznick - Marcos Bagno	Edições SM
A lenda do preguiçoso e outras histórias	Giba Pedroza - Angelo Abu	Cortez
A mocinha do mercado central	Stela Maris Rezende de Paiva - Laurent Nicolas Cardon	Editora Globo
A pedra na praça	Tatiana Mariz - Ana Sofia Mariz - Gonzalo Carcamo	Rovelle
A trágica escolha de Lupicínio João	Maria Jose Silveira - Kako	Editora Scipione
Anita Garibaldi a estrela da tempestade	Heloisa Prieto	Sociedade Literária
Antologia de contos folclóricos	Herberto Sales - Marcio de Castro	Ediouro
Aquiltune e as histórias da África	Ana Cristina Massa	Editora Gaivota
As aventuras de Max e seu olho submarino	Luigi Amara - Fabio Weintraub - Jonathan Farr	Editora UDP
As aventuras de Tom Sawyer	Mark Twain - Luiz Antonio Farah de Aguiar - Kerem Freitas	Editora Melhoramentos
As margens da alegria	João Guimarães Rosa - Nelson Alves da Cruz	Editora Nova Fronteira
As melhores histórias das mil e uma noites	Carlos Heitor Cony	Ediouro
Aventuras de Alice no subterrâneo	Lewis Carroll - Adriana Medeiros Peliano - Myriam Correa de Araújo Ávila	Abril Educação

Charles Darwin: o segredo da evolução	Martin Bonfil Oliveira - David Lara - Ronald Polito	Editora Miguilim
Comandante Hussi	Jorge Araújo - Pedro Sousa Pereira	Editora 34
Diário do outro	Ronald Claver	Saraiva
Dom casmurro	Machado De Assis - Ivan Jaf - Rodrigo Rosa	Editora Ática
Duelo	David Grossman - Cárcamo - George Schlesinger	Editora Claro Enigma

Era uma vez à meia-noite	Rogério Andrade Barbosa - Rosana Rios - Pedro Bandeira - Leo Cunha - Luiz Antonio Aguiar	Editora Best Seller
Fala comigo, pai!	Júlio Emílio Braz - Mauricio Negro	Rovelle
Fritt- Flacc	Júlio Verne - Renata Calmon - Alexandre Camanho	Editora Pulo do Gato
Furundum! Canções e cores de carinho com a vida	Carlos Rodrigues Brandão - Rubens Matuck	Editora Autores Associados
Histórias arrepiantes de criançasprodígio	Linda Quilt - Luciano Vieira Machado	Editora Schwarcz
Jogo da memória	Laura Bergallo - Martha Werneck	Stamppa
Lendas do deserto	Malba Tahan - Luciana Martins Frazão	Verus Editora
Nem eu nem outro	Suzana Montoro - Adams Carvalho	Editora Moitará
Nina	David Ausloos - Walter Carlos Costa	Comboio de Corda Editora
No lugar do coração	Sonia Junqueira- Anna Maria Göbel	Callis Editora
O cara	Philippe Barbeau - Marcos Bagno - Fabienne Cinquin	Editora UDP
O caso do elefante dourado	Eliane Ganem	Verus Editora
O chamado do monstro	Patrick Ness - Siobhan Dowd - Jim Kay - Antonio Carlos Silveira Xerxenesky	Editora Ática
O desaparecimento de Katharina Linden	Helen Grant	Editora Bertrand Brasil
O diário de Dan	Dan Kirchner	Editora Planeta
O enigma de Iracema	Rosana Rios	Escala
O fantasma de Canterville	Oscar Wilde - Bráulio Tavares - Romero Cavalcanti	Casa da Palavra
O gênio do crime	João Carlos Marinho	Global Editora
O homão e o menininho	Luís Cunha Pimentel	Abacatte Editorial

O leão da noite estrelada	Ricardo Azevedo	Saraiva e Siciliano
O livreiro do alemão	Otávio Junior	Marcelo Duarte Comunicações

O livro negro de Thomas Kyd	Sheila Hue - Alexandre Camanho	Editora FTD
O menino que queria voar	Índigo	Escala
O mundo de Camila	Márcia Azevedo do Canto - Manoel de Souza Leão Veiga Filho	Editora Projeto
O ônibus de rosa	Fabrizio Silei - Maurizio Quarello - Maurício Santana Dias	Edições SM
Os heróis do tsunami	Fernando Vilela	Brinque Book
Os passarinhos e outros bichos	Estevão Ribeiro	Kroll Tudrey e Yacubian
Os pequenos verdes e outras histórias	Hans Christian Andersen - Kristin Lie Garrubo - Lisbeth Zwerger	Berlendis Editores
Parque de impressões	Eloésio Paulo - Sebastião Nunes	Editora Dubolsinho
Pó de parede	Carol Bensimon	Editora Dublinense
Robin Hood	Louis Rhead - Tatiana Belinky	Manole
Sortes de Villamor	Nilma Gonçalves Lacerda	Editora Scipione
Tem um morcego no meu pombal	Moisés Liporage - Júlio Carvalho	Cata-Sonho Editora
Tibúrfi! O álbum de poesia do Tibúrcio	Jonas Ribeiro - Dino Bernardi Jr	Brinque Book
Todos os contos do lápis surdo	Ramiro S Osorio	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Viagem ao centro da terra	Júlio Verne - Soud - Fernando Nuno	Universo Livros
Viagem numa peneira	Edward Lear - Dirce Waltrick do Amarante	Editora Iluminuras
William Shakespeare e seus atos dramáticos (mortos de fama)	Andrew Donkin - Eduardo Brandão - Clive Goddard	Editora Claro Enigma

Acervo 2 - Anos finais do Ensino Fundamental

Título	Autor	Editora
1001 fantasmas	Heloisa Prieto	A Página Distribuidora de Livros

A escrava Isaura	Ivan Jaf - Bernardo Guimarães - Eloar Guazzelli Filho	Editora Anglo
------------------	---	---------------

A família Pântano 4 - Aparências	Colin Thompson - Índigo	Brinque Book
A língua de fora	Juvenal Batella de Oliveira	Vieira e Lent Casa Editorial
A primeira vez que vi meu pai	Márcia das Dores Leite	Artes e Ofícios
A reforma da natureza	Monteiro Lobato - Paulo Borges	Editora Távola
A roda do vento	Nélida Piñon - Maurício Veneza	Record
A tatuagem - reconto do povo Luo	Rogério Andrade Barbosa - Mauricio Negro	Editora Gaivota
A vida naquela hora	Joao Luiz Anzanello Carrascoza	Editora Scipione
Adolescente poesia	Sylvia Orthof	Rovelle
Amanhã você vai entender	Rebecca Stead - Flávia Souto Maior	Editora Intrínseca
Anne de Green Gables	L.M. Montgomery - Maria do Carmo Zanini - Renée Eve Levie	Martins Editora
Antes que o mundo acabe	Marcelo Carneiro da Cunha	Editora Projeto
As mil e uma noites	Ferreira Gullar	Editora Revan
Cara senhora minha avó	Elisabeth Brami - Ana Carolina Oliveira	Editora Dimensão
Chifre em cabeça de cavalo	Luiz Raul Machado - Ana Freitas Machado	Editora Nova Fronteira
Com certeza tenho amor	Marina Colasanti	Gaudi Editorial
Contos clássicos de vampiro	Bruno Lins Da Costa Borges - Marta Chiarelli de Miranda	Hedra Educação
Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi - Pedro Rafael	A Página Distribuidora de Livros
Desenhos de guerra e de amor	Flavio de Souza	Pearson Education do Brasil
Diário de Biloca	Edson Gabriel Garcia	Saraiva
Dom quixote em cordel	Antonio Klevisson Viana	Manole
É fogo!	Celso Gutfreind	In Pacto
Enquanto aurora: momentos de uma infância brasileira	Margarida de Aguiar Patriota	Viveiros de Castro Editora
Estação dos bichos	Alice Ruiz - Camila Jabur - Fê	Editora Iluminuras

Evocação	Marcia Kupstas - Adams Teixeira de Carvalho	Editora Ática
Fotografando Verger	Ângela Lühning - Maria Eugênia	Editora Claro Enigma
Gatos guerreiros - na floresta	Erin Hunter - Marilena Moraes	Martins Fontes
Histórias para jovens de todas as idades	Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni - Allan Rabelo de Moraes	Editora Nova Fronteira
Lã de vidro: diálogos poéticos	Andre Moura	Morales Perlingeiro Editora
Lampião na cabeça	Luciana Sandroni - André Neves	Editora Rocco
Livro de recados	Paulinho Assunção	In Pacto
Mary Shelley: o mistério da imortalidade	Elena Guiochins - Rodrigo Villela - Alejandro Magallanes	Base Editorial
Meu coração é tua casa	Federico Garcia Lorca - Jaime Prades - Pádua Fernandes	Comboio de Corda Editora
Mil coisas podem acontecer	Jacobo Fernández Serrano - Luiz Reyes Gil	Autêntica
Moça Lua e outras lendas	Walmir Ayala - Simone Bragança R. Matias	Ediouro
O burrinho pedrês	João Guimarães Rosa	Ediouro
O chute que a bola levou	Ricardo Azevedo - Marcelo Cipis	Editora Moderna
O doente imaginário	Molière - Marília Toledo - Laerte	Editora 34
O flautista de Hamelin	Robert Browning - Antonella Toffolo - Marcos Bagno	Edições SM
O gato do xeique e outras lendas	Malba Tahan - Lucas	Ediouro
O mar e os sonhos	Roseana Murray	Abacatte Editorial
O outro passo da dança	Jose Carlos Dussarrat Riter	Artes e Ofícios
O pássaro de fogo contos populares da Rússia	Alexander Afanássiev - Denise Regina de Sales - Nikolai Trochtchinski Chmelev	Berlendis Editores
O príncipe Teiú e outros contos	Marcus Haurelio Fernandes Faria	Editora Aquariana

O que a terra está falando	Ilan Brenman	Edelbra
Ordem, sem lugar, sem rir, sem falar	Leusa Regina Araujo Esteves - Nelson Provazi	Editora Scipione
Os livros que devoraram meu pai	Afonso Cruz - Mariana Newlands	Texto Editores
Os noivos	Alessandro Manzoni - Eliana Aguiar - Umberto Eco	Editora Record

Pescador de ilusões	Marcelo Fontes Nascimento Viana Sant'Ana - Wesley Rodrigues de Oliveira	Barba Negra Produção Cultural
Poesia de bicicleta	Sergio Capparelli - Ana Gruszynski	Newtec Editores
Quarto de despejo - diário de uma favelada	Carolina Maria de Jesus - Vinicius Rossignol Felipe	Abril Educação
Quebra-nozes e Camundongo Rei	E.T.A Hoffmann - Nelson Provazi - Bruno Berlendis de Carvalho	Berlendis Editores
Sangue de dragão - palco de paixões	Flávia Savary - Rogério Borges	Editora FTD
Sangue fresco	João Carlos Marinho	Gaudi Editorial
Sete histórias de pescaria do seu vivinho	Fábio Sombra da Silva - João Marcos Parreira Mendonça	Abacatte Editorial
Signo de câncer	Silvana Maria Bernardes de Menezes	Editora Lê
Tá falando grego?	Ricardo Hofstetter	Sociedade Literária
Três anjos mulatos do brasil	Rui de Oliveira	Editora FTD
Um sonho no caroço do abacate	Moacyr Scliar	Global Editora

Acervo 3 - Anos finais do Ensino Fundamental

Título	Autor	Editora
A caminho de casa	Ana Tortosa - Márcia Leite - Esperanza León	O Jogo de Amarelinha Serviços Editoriais
A criação das criaturas	Tacus	Edições SM
A distância das coisas	Flávio Carneiro - Andrés Sandoval	Edições SM
À esquerda, à direita	Jimmy Liao - Lin Jun - Cong Tangtang	Editora Moitará
A fábrica de robôs	Karel Tchapek - Vera Machac	Hedra Educação

A jornada	Erin E. Moulton	NC Editora
A princesa flutuante	George Macdonald - Luciano Vieira Machado - Mercè López	O Jogo de Amarelinha Serviços Editoriais
A turma do Pererê coisas do coração	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo Livros
A vaca na selva	Edy Maria Dutra da Costa Lima	Gaudi Editorial

A volta às aulas do pequeno Nicolau	René Goscinny - Jean-Jacques Sempé - Pedro Karp Vasquez	Editora Rocco
Ana e Pedro - cartas	Vivina de Assis Viana - Ronald Claver	Saraiva e Siciliano
As memórias de Eugênia	Marcos Bagno - Miguel Bezerra	Posigraf
Atrás do paraíso	Ivan Jaf	José Olympio Editora
Coraline	Neil Gaiman - Dave McKean	Editora Rocco
Desculpe a nossa falha	Ricardo Ramos - Alexandre de Matos Rocha	Abril Educação
Domingo para sempre e outras histórias sobre nunca mais	Celso Gutfreind	Artes e Ofícios
Emil e os detetives	Erich Kästner - Ângela Cristina de Salles Mendonça - Walter Trier	Editora Rocco
Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha	Miguel de Cervantes - Sergio Molina - Angeles Durini - Federico Jeanmaire	Martins Fontes
Era uma vez Esopo	Katia Canton - Debora Muszkat - Gabriel Veiga Jardim - Sonia Guggisberg - Tiago Judas - Victor Lema Riqué	DCL Difusão Cultural do Livro
Espetinho de gafanhoto, nem pensar!	Daniela Chindler - Suppa	Editora Rocco
Fantástica fábrica de chocolate	Roald Dahl - Dulce Costa - Quentin Blake	Martins Fontes
Histórias de bichos	Heitor Cony - Clarice Lispector - Dalton Trevisan - Franz Kafka - Ivan Angelo - Luiz Vilela - Marques Rebelo - Murilo Rubião - Oscar Wilde - Virginia Woolf - João	Editora Ática

	Alphonsus de Guimaraens - Marina Colasanti - Eloar Guazzelli Filho - Miguel Torga - Maria Aparecida Viana Schtine Pereira - Marcelo Backes - Carlos Silveira Mendes Rosa - Leonardo Froes	
Histórias de mistério	Lygia Fagundes Telles - Eloar Guazzelli	Editora Schwarcz
Isso ninguém me tira	Ana Maria Machado - Maria Eugenia Longo Cabello Campos	Editora Ática
Jacques Cousteau: o mar, outro mundo	Manola Rius Caso - Marcos Bagno - Alejandro Magallanes	Editora Miguilim
Justino, o retirante	Odette de Barros Mott	Saraiva e Siciliano
Kamazú	Carla Caruso	Colégio Claretiano Assoc. Beneficente Editora

Maroca e Deolindo e outros personagens em festas	André Luís Neves da Fonseca	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Médico à força	Molière - Ronald Polito - Enrique Lorenzo	Edições SM
Menino do mato	Manoel de Barros	Texto Editores
Menino perplexo	Israel Mendes	Editora Dublinense
Moby Dick	Herman Melville - Fouca Dabli - Carlos Frederico Barrere Martin - Jame'S Prunit	Editora Moitará
Ninguém me entende nessa casa! Crônicas e casos	Leo Cunha - Rogério Soud	Editora FTD
No longe dos Gerais	Nelson Alves da Cruz	Cosac & Naify
No reino da pontuação	Christian Morgenstern - Andrea Emilia Knecht - Rathna Ramanathan	Berlendis Editores
O diário de Gian Burrasca	Luigi Bertelli - Reginaldo Francisco	Editora Gutenberg
O fantasma de Canterville	San Michael Wilson - Nina Basilio	Companhia Editora Nacional
O Golem do Bom Retiro	Mário Teixeira - Renato Alarcão	Editora UDP

O Guarani	Carlos Gomes - Antonio Scalvini - Rosana Rios - Juliano José de Oliveira	Editora Scipione
O livro dos dragões	Marcos Maffei Jordan	Editora Hedra
O livro selvagem	Juan Villoro - Antônio Xerxenesky	A Página Distribuidora de Livros
O Minotauro	Monteiro Lobato - Odilon Alfredo Pires De Almeida Moraes	Editora Távola
O mistério do 5 Estrelas	Marcos Rey	Gaudi Editorial
O negrinho do pastoreio	André Diniz	Editora Adler
O nome da fera	Celso Gutfreind	Editora Dimensão
O pintor que pintou o sete	Fernando Sabino	Berlendis Editores
O quinze	Rachel de Queiroz - Shiko	Editora Ática
O senhor dos ladrões	Cornelia Funke - Sonali Bertuol	A Página Distribuidora de Livros
O tempo escapou do relógio e outros poemas	Marcos Bagno - Marilda Castanha	Editora Piá
Orixás: do Orum ao Ayê	Alexandre Miranda Silva	NBL Editora
Os gêmeos do Popol Vuh	Jorge Luján - Heitor Ferraz Mello - Saúl Oscar Rojas	Editora UDP
Pão feito em casa - três jovens. Uma receita. Alguns segredos.	Rosana Rios	Edições Besourobox
Pluft, o fantasminha e outras peças	Maria Clara Machado	Editora Nova Fronteira
Poetrix	José de Castro - Santuzza Affonseca	Signo Editora
Raul Taburin	Jean Jacques Sempé - Mario Sergio Conti	Cosac & Naify
Se a memória não me falha	Sylvia Orthof - Tato	Vida Melhor Editora
Tristão e Isolda	Helena Maria Gomes - Renato Amaral Alarcão	Berlendis Editores
Um certo livro de areia	Adriano Bitarães Netto	Saraiva e Siciliano
Um na estrada	Caio Riter - Amanda Granzini	Editora Melhoramentos
Você é livre!	Dominique Torres - Maria Valéria Rezende	Autêntica

Acervo 1 - Ensino Médio		
Título	Autor	Editadora
13 contos de medos e arrepios	Almir Correia	Nova América Editora
50 poemas e um prefácio interessantíssimo	Mário de Andrade - Gika	Editadora Nova Fronteira
A chegada	Shaun Tan	Edições SM
A espada e o novelo	Dionísio Jacob	Comboio de Corda Editora
A estrutura da bolha de sabão - contos	Lygia Fagundes Telles	Editadora Schwarcz
A filha do escritor	Gustavo Bernardo Galvão Krause	Vida Melhor Editora
A ilha	Flávio Carneiro	JPA
A janela de esquina do meu primo	E.T.A Hoffmann - Maria Aparecida Barbosa - Daniel Bueno	Cosac & Naify
A morena da estação	Ignácio de Loyola Brandão	Editadora Moderna
A ostra e o bode	Carlos Herculano Lopes	Cameron Editora
A outra volta do parafuso	Henry James - Paulo Henriques Britto	Pearson Education do Brasil

A poesia do nome	Maria Viana	Frase Efeito
Anjos da Umbria	Sergio Maranhão	Nova América Editora
Balé do pato	Paulo Mendes Campos - Fábio de Aguiar Whitaker Costa - Marcelo Pacheco	Abril Educação
Branca como o leite, vermelha como o sangue	Alessandro D'avenia	Editadora Bertrand Brasil
Cala a boca e me beija	Alcione Araújo	Verus Editora

Caninos antologia do vampiro literário	Dom Augustin Calmet - Ossenfelder - August Bürger - Goethe - Samuel Taylor Coleridge - Lord Byron - John William Polidori - Charles Nodier - E.T.A Hoffmann - Ernst Raupach - Prosper Mérimée - Nikolai Gógol - James Malcolm Rymer - Heirinch Heine - Charles Baudelaire - Joseph Sheridan Le Fanu - Leopold von Sacher-Masoch - Guy de Maupassant - Bram Stoker - Luigi Capuana - Bruno Berlendis de Carvalho - Maurício Santana Dias - Denise Regina de Sales - Maria Lucia Cavalcanti de Albuquerque Cumo - Alexandre Morales - Renata Lucia Bottini - Erick Ramalho de Souza Lima - Cristina de Almeida Prado - Sérgio de Carvalho Pachá - Claudia Beck Abeling Szabo - José Ribamar Ferreira - Leonardo Froes - Ivo Barroso	Berlendis Editores
Carteira de identidade	Roseana Murray	Editora Lê
Chica Sinhá	Carlos Alberto de Carvalho	Universo dos Livros Editora
Confissões de Minas	Carlos Drummond De Andrade	Cosac & Naify
Contos antológicos de Roniwalter Jotobá	Roniwalter Jotobá	Editora Nova Alexandria
Contos de piratas	Arthur Conan Doyle - Eduardo San Martin	Editora Hedra
Contos de terror e mistério	Edgar Allan Poe - Telma Guimarães	Editora do Brasil
Contrafeito	Juliano Ribas	Editora Terceiro Nome
Correio do tempo	Mario Benedetti - Rubia Prates Goldoni	Editora Objetiva
Em alguma parte alguma	Ferreira Gullar	José Olympio Editora
Em trânsito	Alberto Martins	A Página Distribuidora de Livros
Então você quer ser escritor?	Miguel Sanches Neto	Verus Editora

Éramos seis	Maria José Dupré	Abril Educação
Escrevendo no escuro	Patrícia Melo	Editora Lendo e Aprendendo
Esse inferno vai acabar	Humberto Werneck	Arquipélago Editorial
Essencial Franz Kafka	Franz Kafka - Modesto Carone	Pearson Education do Brasil
Eu fui a melhor amiga de Jane Austen	Cora Harrison - Dilma Machado - Susan Hellard	Editora Rocco
Graphic chillers: o médico e o monstro	Robert Louis Stevenson - Luciana Garcia - Jason Ho	Editora Prumo
Infância	Ana Maria Machado	Editora Fontanar
Instruções para salvar o mundo	Rosa Montero - Celina Portocarrero	Ediouro
João do rio, uma antologia	Luis Martins	José Olympio Editora
Lavoura arcaica	Raduan Nassar	Editora Schwarcz
Leonardinho - memórias do primeiro malandro brasileiro	Walter Pax - Vicente Castro	Saraiva
Lumes - uma antologia de haikais	Pedro Xisto	Berlendis Editores
Magma	João Guimarães Rosa - Poty	Singular Editora
Mar de histórias: fim de século	Aurélio Buarque de Holanda - Paulo Ronai	Ediouro
Minha guerra alheia	Marina Colasanti	Record
Murilo Rubião - obra completa	Murilo Rubião	Editora Schwarcz
Nietzsche em HQ	Michel Onfray - Alcida Brant - Maximilien le Roy	Singular Editora
O dom do crime	Marco Lucchesi	Record
O Eternauta	Héctor G. Oesterheld - Francisco Solano López - Rubia Prates Goldoni - Sérgio Molina	Martins Editora
O Homem que venceu Auschwitz: uma história real sobre a 2ª Grande Guerra	Denis Avey - Rob Broomby - Vania Maria Cury	Editora Gol

O mágico de oz	L. Frank Baum - Santiago Nazarian de Faria	Barba Negra Produção Cultural
----------------	--	----------------------------------

O trono da rainha jinga	Alberto Mussa	Verus Editora
Os pastores da noite	Jorge Amado	Editora Claro Enigma
Os vizinhos morrem nos romances	Sergio Aguirre - Juliane Matarelli	Editora Dimensão
Otelo	Jozz	Editora Nemo
Paisagem	Lygia Bojunga	Editora Casa Lygia Bojunga
Poemas de ouvido	Renato da Rocha Silveira	Dumará
Poemas, sonetos e baladas e pátria minha	Vinicius de Moraes	Editora Claro Enigma
Shazam!	Jorge Viveiros de Castro	Viveiros de Castro Editora
Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos	José Candido de Carvalho	José Olympio Editora
Uma ilha no oceano	Annika Thor - Monica Goldschmidt	Editora Record
Víctor Jara: não à ditadura	Bruno Doucey - Rodrigo Villela	Edições SM

Acervo 2 - Ensino Médio

Título	Autor	Editora
10 anos com Mafalda	Quino - Monica Stahel	Martins Fontes
80 anos de poesia	Mario Quintana	Editora Objetiva
A cidade transparente	Ana Alonso - Javier Pelegrín - Marcos Bagno - Pere Ginard	Editora Pulo do Gato
A duração do dia	Adélia Prado	Record
A elegância do ouriço	Muriel Barbery - Rosa Freire D' Aguiar	Pearson Education do Brasil
A madona de cedro	Antonio Callado	Vida Melhor Editora
A morte de Ivan Ilyich	Leon Tolstói - Boris Schnaiderman	Editora 34
A revolução dos bichos	George Orwell - Heitor Aquino Ferreira	Editora Claro Enigma

A terceira margem do rio em graphic novel	João Guimarães Rosa - Maria Helena Rouanet – Thais dos Anjos	Ediouro
A vendedora de fósforos	Adriana Brasília Lunardi	Editora Rocco

As filhas sem nome	Xinram - Caroline Chang	Boa Viagem
As melhores histórias de Fernando Sabino	Fernando Sabino	Editora Best Seller
Cenas de cinema -- conto em gotas	Luís Cunha Pimentel	Myrrha Comunicação
Chamado selvagem	Jack London - Clarice Lispector	Ediouro
Ciranda de nós	Maria Carolina Maia	Grua Livros
Clarice na cabeceira contos	Clarice Lispector - Teresa Montero	Editora Lendo e Aprendendo
Contos de amor	Rubem Fonseca	Vida Melhor Editora
Contos de horror - histórias para (não) ler à noite	Martha Argel - Rosana Rios - Samuel Casal	Universo Livros
Contos húngaros	Paulo Schiller	Hedra Educação
Contos novos	Mário de Andrade	Ediouro
Dez anos e nove meses	Fred Paronuzz - Rita Jover Faleiros - Heitor Ferraz Mello - Camila Nassif - Andrés Sandoval	Comboio de Corda Editora
Esse nosso português: crônicas sobre língua, linguagem e literatura	Joao Ubaldo Ribeiro	Ediouro
Eu e o silêncio do meu pai	Caio Riter	Editora Biruta
Foi na primavera	Ângela Nanneti - Maurício Santana Dias - Roberto Innocenti	Editora UDP
Frankenstein em quadrinhos de Mary Sherley	Mary Shelley - Taisa Borges	Editora Peirópolis
Fúria nórdica	Ademilson Franchini - Carmen Seganfredo	Artes e Ofícios
Gargântua	François Rabelais - Christian Poslaniec - Cristina Murachco - Ludovic Debeurme Ondjaki	Editora Moitará
Há prendisajens com o xão		Pallas Editora

Hamlet	William Shakespeare - Richard Appignanesi - Alexei Bueno - Emma Vieceli	Editora Record
Mar de histórias: o realismo	Paulo Ronai - Aurélio Buarque de Holanda	Editora Nova Fronteira

Micrômegas - uma história filosófica	Voltaire-Maria Valéria Rezende	Autêntica
Minha vida com Boris a comovente história do cão que mudou a vida de sua dona e do Brasil	Thays Martinez	Editora Globo Livros
Moacyr Scliar - contos e crônicas para ler na escola	Moacyr Scliar	Editora Objetiva
N.D.A.	Arnaldo Antunes	Editora Iluminuras
Na colônia penal	Franz Kafka - Sylvain Ricard - Carol Bensimon - Maël	Pearson Education do Brasil
Nação crioula	José Eduardo Agualusa	Língua Geral Livros
Nadando contra a morte	Lourenço Cazarré	Saraiva e Siciliano
Nós passaremos em branco	Luis Henrique Pellanda	Arquipélago Editorial
O bem-amado	Dias Gomes	Ediouro
O filho eterno	Cristóvão Tezza	Verus Editora
O retrato de Dorian Gray	Oscar Wilde - Clarice Lispector	Editora Nova Fronteira
Onde as árvores cantam	Laura Gallego Garcia - Renato Alarcão - Paloma Vidal	Comboio de Corda Editora
Órfãos do Eldorado	Milton Hatoum	Boa Viagem
Os 39 degraus	John Buchan - Tiago Novaes Lima	Alaúde Editorial
Os góticos	Luiz Antonio Farah de Aguiar - Daniel Luiz de Toledo Piza - Pedro Bandeira - Luiz Raul Machado - Claudia Beck Abeling Szabo - Domingos Demasi - Luiz Antonio	Editora Melhoramentos

	Farah de Aguiar - Margaret Reis Sobral Seabra - Sandra Regina Paredes Pina da Cunha	
Os papéis de Lucas - pequeno inventário de um adolescente	Júlio Emílio Braz	Editora do Brasil

Páginas do futuro - contos brasileiros de ficção científica	Luiz Brás - Fábio Fernandes- Ademir Assunção - Fausto Fawcett - Rubem Fonseca - Finisia Fideli - Joaqui Manuel de Macedo- Ataíde Tartari - Jerônimo Monteiro - Romero Cavalcanti - Rachel de Queiroz - Oswald Beresford - André Carneiro - Bráulio Tavares	Casa da Palavra
Poemas escolhidos	Ferreira Gullar - Walmir Felix Ayala	Ediouro
Poesia africana de língua portuguesa: antologia	Maria Alexandre Dáskalos - Livia Apa - Arlindo Barbeitos	Vida Melhor Editora
Primeiras leituras	Paulo Mendes Campos	Editora Schwarcz
Segredos de amor, namoro e paixão	Rogério Andrade Barbosa - Rosana Rios - Pedro Bandeira - Leo Cunha - Luiz Antonio Aguiar	Cameron Editora
Sete diásporas íntimas	Lande Onawale	Mazza Edições
Sísifo desce a montanha	Affonso Romano de Sant' Anna	Sociedade Literária
Sombras no asfalto	Luís Dill	A Página Distribuidora de Livros
Terras do sem-fim	Jorge Amado	Editora Claro Enigma
Texturaafro	Adão Ventura	Editora Lê
Três sombras	Cyril Pedrosa - Carolina Bensimon	Editora Claro Enigma
Três terrores	Leo Cunha	Saraiva e Siciliano
Trucas	Juan Gedovius	Lemos Editorial
Vagalovnis	Antonio Barreto	Editora Gutenberg

Acervo 3 - Ensino Médio		
Título	Autor	Editora
A ilha do tesouro	Robert Louis Stevenson - David Chauvel - Luciano Vieira Machado - Jean Luc Simon - Fred Simon	Salamandra
A legião negra	Oswaldo Antonio Faustino	Summus Editorial
A sociedade literária e a torta de casca de batata	Mary Ann Shaffer - Annie Barrows - Léa Maria Sussekind Viveiros de Castro	Editora Rocco
A tempestade	William Shakespeare - Helô Beraldo	Editora Lafonte
Alice de a a z	Adriano Messias	RHJ Livros

As 17 cores do branco	Luiz Raul Machado - Ana Freitas Machado	Record
As aventuras de Pinóquio	Carlo Collodi - Ivo Barroso - Alexandre Julio de Oliveira Cerveny	Cosac & Naify
As centenárias e Maria de caritó	Newton Moreno	Editora Terceiro Nome
Aventuras de menino	Mitsuru Adachi - Adriana Kazue Sada	Newtec Editores
Bananas podres	Ferreira Gullar	Casa da Palavra
Cachorro velho	Teresa Cárdenas - Joana Angélica D'Ávila Melo	Pallas Editora
Cidades mortas	Monteiro Lobato	Editora Globo Livros
Coletivo 21: antologia	Adriano Macedo	Autêntica
Contos de mistérios e assombros	Nelson Albissú - Mirella Spinelli	Cortez
Contos de Tchekhov	Tchekhov - Ronaldo Antonelli	Escala
Contos obscuros de Edgar Allan Poe	Edgar Allan Poe - Bráulio Tavares - Romero Cavalcanti	Casa da Palavra
Crônicas para jovens de amor e amizade	Clarice Lispector - Pedro Karp Vasquez	Editores Lendo e Aprendendo
Desmundo	Ana Miranda	A Página Distribuidora de Livros
Domínio público 2	Esopo - Bram Stoker - Richard Middleton - João Monteiro Vieira de Melo - Isaac	DCL Difusão Cultural do Livro

	Emmanuelovich Babel - Guy de Maupassant - Heinrich Von Kleist - Mário Helio - Samuel Casal - Christiano Mascaro - Fernando Lopes - João Lin - Gabriel Góes	
Esquimó	Fabrizio Corsaletti	A Página Distribuidora de Livros
Fábulas entortadas	Israel Jelin - Sebastião Nunes	Editora Dubolsinho
Haroun e o mar de histórias	Salman Rushdie - Isa Mara Lando	Boa Viagem
Incidente em Antares	Érico Verissimo	Editora Claro Enigma
Longas cartas para ninguém	Júlio Emílio Braz	Rovelle
Marcelo Rubens Paiva - crônicas para ler na escola	Marcelo Rubens Paiva	Editora Objetiva
Melhores crônicas Manuel Bandeira	Manuel Bandeira	Global Editora

Melhores poemas Mário Quintana	Mário Quintana - Fausto Cunha	Global Editora
Memórias do cárcere	Graciliano Ramos	Cameron Editora
No Urubuquaquá, no Pinhém	João Guimarães Rosa	Ediouro
O ateneu	Raul Pompeia	Abril Educação
O baú do tio Quim	Luiz Antonio Aguiar	Editora Biruta
O capote e outras histórias	Nikolai Gógol - Paulo Bezerra	Editora 34
O enterro prematuro	Edgar Allan Poe - Andrea Mateus	Publicações Mercuryo Novo Tempo
O gosto do apfelstrudel	Gustavo Bernardo	Stampa
O homem invisível	H. G. Wells - Bráulio Tavares	Editora Objetiva
O lenhador - Catulo da Paixão Cearense	Catulo da Paixão Cearense - Chico dos Bonecos - Manu Maltez	Editora Peirópolis

O nobre sequestrador	Antônio Torres	Cameron Editora
O segundo tempo	Michel Laub	Boa Viagem
O último voo do flamingo	Mia Couto	Editora Schwarcz
O Uruguai - da obra de Basílio da Gama	Luiz Galdino - Daniel de Araujo Pinto	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
O vale de solombra	Eustáquio Gomes	Geração Editorial
Os repórteres clandestinos	Kathy Kacer - Barbara Menezes de Azevedo Belamoglie	Callis Editora
Páginas de sombra - contos fantásticos brasileiros	Lygia Fagundes Telles - Murilo Rubião - Machado de Assis - Coelho Neto - Humberto de Campos - Rubens Figueiredo - Aluísio Azevedo - Romero Cavalcanti - André Carneiro - Carlos Drummond de Andrade - Heloisa Seixas - Bráulio Tavares	Casa da Palavra
País sem chapéu	Dany Laferrière - Heloisa Moreira	Editora 34
Pauliceia desvairada	Mário de Andrade	Ediouro
Pequenas epifanias	Caio Fernando Abreu	Ediouro
Poe - a vida brilhante e sombria de um gênio	Jordi Sierra I Fabra - José Rubens Siqueira Madureira - Alberto Vázquez	Editora Ática
Poemas minimalistas	Simone Pedersen	RHJ Livros
Poemas reunidos	Geraldo Carneiro	Vida Melhor Editora
Poesia é não	Estrela Ruiz Leminski	Editora Iluminuras
Poesia faz pensar	Tomás Antonio Gonzaga – Augusto dos Anjos - Luís de Camões - Cruz e Sousa - Bocage - Fernando Pessoa - Carlos Drummond de Andrade - Cesário Verde - Mario de Andrade - João Cabral de Melo Neto - Gonçalves Dias - Castro Alves - Renata Pallottini - Fagundes Varela - Sá de Miranda - Álvares de Azevedo - Vinicius de Moraes - Olavo Bilac - Antero de Quental - Carlos Felipe Moisés - Rafael Cabalheiro Sica	Editora Ática

Recado de primavera	Rubem Braga	Verus Editora
Retratos narrados	Adriano Bitarães Netto - Rodrigo Rosa	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Sentimento do mundo	Carlos Drummond de Andrade	Editora Schwarcz
Terra vermelha, rio amarelo: uma história da revolução cultural	Ange Zhang - Cláudio Figueiredo	Edições SM
Três amigas	Marcia Kupstas	Saraiva e Siciliano
Uma coisa de cada vez	André Resende	Cubzac Editora
Uma janela em Copacabana	Luiz Alfredo Garcia-Roza	Editora Claro Enigma
Ventania	Alcione Araújo	Record
Vermelho amargo	Bartolomeu Campos de Queirós	Cosac & Naify